PATRÍSTICA

CIPRIANO DE CARTAGO

Obras Completas II



PAULUS

PATRÍSTICA

CIPRIANO DE CARTAGO

Obras Completas II



PAULUS

CIPRIANO DE CARTAGO

OBRAS COMPLETAS II

PAULUS

Obras completas ii

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Apresentação

O corpus epistolar de Cipriano de Cartago

Cipriano de Cartago - Epistolário

Epístolas de difícil datação - Epístolas de 1 a 4

Epístolas escritas entre a primavera de 250 e a primavera de 251 - Epístolas de 5 a 43

Epístolas escritas entre a primavera de 251 e a primavera de 254 - Epístolas de 44 a 66

Epístolas escritas entre o final de 254 e o outono de 256/257 - Epístolas de 67 - 75

Últimas epístolas - outono de 258 - Epístolas de 76 a 81

Coleção

Ficha Catalográfica

Notas

Landmarks

Copyright Page

Title Page

Part

Table of Contents

Preface

Introduction

Part

Chapter

Chapter

Chapter

Chapter

Chapter

Colophon

Footnotes

Cover

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como "Padres da Igreja", ou "santos Padres", e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção "Sources Chrétiennes", hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de "voltar às fontes" do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as "fontes" do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra,

suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo "patrologia" designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por "patrística" se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão "teologia patrística" para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da "teologia bíblica", da "teologia escolástica", da "teologia simbólica" e da "teologia especulativa". Finalmente, "Padre ou Pai da Igreja" se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como "Pai da Igreja" quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os "Pais da Igreja" são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina,

os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. […] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

O corpus epistolar de Cipriano de Cartago

Heres Drian de O. Freitas

Se as fontes literárias do século III, para a compreensão do referido período, são escassas,[1] essa escassez, no que diz respeito à história do cristianismo desse mesmo século, é mais sentida, e seria ainda mais, se não fosse pelo corpus das cartas de Cipriano de Cartago.[2]

Da atual coleção, constante de 81 missivas,[3] nem todas são de Cipriano, mas se conservaram entre as suas: dezesseis são de outros remetentes – e até mesmo para outros destinatários – e seis são sinodais, ou conciliares,[4] que certamente refletem mente e estilo cipriânicos. As quase sessenta cartas restantes, de autoria do santo bispo mártir de Cartago, somadas às anteriores, não perfazem, contudo, o total de epístolas por ele escritas – ou mesmo recebidas. O corpus das cartas de Cipriano de que dispomos é incompleto.

Embora o bispo cartaginês mantivesse cópias de cartas enviadas e recebidas,[5] em algumas das que se conservaram há referências ao conteúdo de missivas que não coincide com o das que chegaram até nós. Algumas delas, portanto, perderam-se;[6] e é difícil dizer exatamente quantas sejam,[7] pois não é preciso que uma epístola contenha, necessariamente, referência a outra.

Além disso, a coleção das cartas, como a temos hoje, provavelmente não foi feita pelo próprio Cipriano, nem com o bispo cartaginês ainda em vida, nem de modo sistemático[8] – o que parece atestado pela tradição manuscrita,[9] que indica sua formação mais tardia, mesmo se não muito, mas que poderia seguir certa organização da coleção, talvez realizada pelo próprio santo[10] e por aqueles que usavam suas cartas como documentação relativa às decisões conciliares.[11] Mas o fato de Cipriano ter sido coroado com o martírio pode ter despertado maior interesse na conservação de seus textos. Independentemente, porém, de como quer que se tenha dado sua formação, esse corpus é importantíssimo.

A coleção das epístolas cipriânicas, com efeito, diz, por exemplo, algo da ação de imperadores (Décio, Gallo, Valeriano) sobre os quais a documentação é exígua; situa-nos num quadro de motivações e comportamentos distintos por parte dos cristãos, nas mais diferentes posições, durante e depois das perseguições sofridas; mostra-nos discussões e decisões em relação às disciplinas penitencial e sacramental, à ortodoxia e à comunhão, à heresia e ao cisma; ilumina-nos quanto ao ambiente eclesiástico-social geral de então e apresenta-nos a mentalidade religiosa, administrativa e exegética não só de Cipriano, mas também – muito provavelmente – daqueles que compartilhavam com ele do ofício episcopal.[12]

Isso não se aplica somente à África: Cipriano corresponde-se com a Espanha, [13] a Gália,[14] a Capadócia,[15] Roma.[16] Assim, este corpus oferece mais que informação local, que ele supera em muito, e evidencia a comunhão eclesial na unidade da fé. Isso explica por que muitas das cartas aí contidas nasceram, entre outros elementos particulares, destinadas a, por exemplo, partilhar situações experimentadas pela comunidade, a comunicar a respeito de decisões tomadas ou a manifestar apoio, a circular, portanto. Sua maioria é, então, evidentemente pública.[17]

Essa prática, particularmente quanto ao apoio de uma comunidade a outra, pode ter ajudado na conservação da coleção que temos, mas também pode ter contribuído para o desaparecimento de algumas das cartas que não se conservaram. Por exemplo, Cipriano recomenda ao bispo de Roma, Cornélio, que suprima, devido a sua linguagem, cartas do cismático Novaciano,[18] mas não as suas.[19] Isso sugere que já tivesse havido a supressão de alguma carta cipriânica,[20] mesmo se não por iniciativa de Cornélio, uma vez que ambos andavam bastante de acordo um com o outro – e, talvez por isso, aquele pôde lamentar-se com esse último pela leitura de uma carta que o difamava em Roma. [21] Mas o que explica o fato de Cipriano, pouco mais tarde, não fazer circular uma réplica com a posição de Estêvão,[22] sucessor de Cornélio na Sé romana, quanto ao (re)batismo: desafeto, a dificuldade da matéria em causa ou algo que – ainda – nos escapa? Em todo caso, parece certo que os pósteros, tanto quanto o santo bispo de Cartago e seus contemporâneos, selecionaram cartas de Cipriano por sentimentos e interesses diversos, como Agostinho de Hipona se lamentará de os donatistas se apegarem somente aos textos de encorajamento ao martírio e favoráveis ao rebatismo.[23]

Datação e temas

Ainda que nem sempre tenhamos a datação precisa de cada carta – não era costume que se mencionasse local, dia, mês e ano –, a coleção é bastante bem situável no tempo. Primeiramente porque, sem cartas de cunho propriamente pessoal,[24] ela é eminentemente, como se diria hoje, pastoral, e cobre somente o arco do decênio do episcopado de Cipriano, 248/249-258 – um arco de tempo bastante restrito para a datação de documentação antiga, diga-se. Disso decorre o que nos permite situá-las – salvo algumas exceções[25] – em um quadro de tempo geralmente mais preciso, pois a coleção parece disposta cronologicamente, mesmo se não em exata sequência,[26] em quatro grandes blocos correspondentes a questões pontualmente afrontadas no referido decênio.

O primeiro bloco compreende as ep. 5-43, datáveis entre a primavera de 250 e a primavera do ano seguinte, escritas durante o "retiro" de Cipriano de sua sede devido à perseguição de Décio. Essa série de missivas lida fundamentalmente com duas questões importantes: os lapsos[27] e, mais para o fim do referido período, o cisma de Felicíssimo, em Cartago.[28] Mas há também indicações práticas e disciplinares ao clero, nomeações, exortações aos confessores,[29] e a justificativa, diante do colégio presbiteral de Roma,[30] de seu "retiro".[31]

O segundo bloco é o das ep. 44-66, epístolas escritas da primavera de 251 à eleição de Estêvão como bispo de Roma (primavera de 254). Essas cartas ocupam-se basicamente do cisma de Novaciano, em Roma, sob o pontificado de Cornélio, sem ignorar, ainda, o comportamento dos apóstatas, tanto leigos como clérigos.[32]

As ep. 67-75 compõem o terceiro bloco das missivas escritas durante o papado de Estêvão (final de 254 – outono de 256/257) e – com uma exceção[33] – tratam da controvérsia batismal, a questão do (re)batismo: é valido o batismo administrado por apóstatas, recebido na apostasia?

O quarto bloco datável é o das ep. 76-81. Essas cartas foram escritas durante a perseguição (outono de 258) de Valeriano, para animar os cristãos condenados, [34] informar sobre a repressão estatal[35] e, por fim, justificar seu novo "retiro",[36] antes da captura, condenação e martírio.

Há um quinto e último bloco, menor, porém de datação não fácil: ep. 1-4 (esta

última sobre o syneîsaktismo), 62 (sobre o resgate de cristãos sequestrados) e 63 (contra o uso da água no lugar do vinho na celebração eucarística). Os estudiosos situam-nas diversamente ao longo do decênio do episcopado de Cipriano.[37] Em geral, essas missivas também tratam de questões específicas, mas aparentemente isoladas, sem qualquer relação com as perseguições ou questões essenciais dos quatro blocos cronológicos. Não há acenos a circunstâncias temporais, e Cipriano parece dispor de fácil acesso a seu conselho de presbíteros, além de manifestar-se de sua cathedra com liberdade, de modo a facilmente poder reunir-se com outros bispos, o que provavelmente aconteceu em momentos distintos.

As cartas de Cipriano, contudo, não são somente material de estudo para historiadores, por ser constantemente revisitado particularmente devido às suas questões de cronologia.[38] Tampouco se reduzem a documentação histórica somente.[39] Com suas limitações, o bispo mártir de Cartago faz-se ver como mente conciliar, moderada, consciente do ofício episcopal.

Ainda que na disputa com Estêvão de Roma acerca do (re)batismo pese certa tradição local e delimitadas interpretações acerca de uma questão ainda incipiente para a Igreja como um todo,[40] nas discussões acerca da readmissão dos lapsos, por exemplo, que ocupam praticamente metade do epistolário,[41] é pouquíssimo o assunto sobre o qual Cipriano decide sozinho, preferindo que o concernente à Igreja como um todo seja amplamente tratado por toda a comunidade eclesial,[42] sem tender aos extremos que, muito velozmente, buscam impor-se: o do laxismo de quem oferece perdão indistintamente e o rigorismo de quem absolutamente não o oferece. É a cauta e ponderada posição de quem, à frente da comunidade, sabe-se responsável – no mais profundo senso do termo – pelos seus, atento à realidade que enfrentam, sem perder de vista o referencial pelo qual é posto à frente dessa mesma comunidade: o Cristo salvador do Evangelho e depósito da fé.

Moderação, cautela, ponderação e atenção ao referencial que, se podem exprimir a personalidade de Cipriano, não apontam exclusivamente sua pessoa, mas o que deve ser o bispo, o pastor,[43] e o próprio fiel: alguém que não se subtrai aos eventos. Antes, com a Escritura sempre dispositiva, esses pedem sua manifestação decidida, ordenada, ortodoxa e caridosa. Com efeito, mesmo à distância de sua sede, o bispo não se esquece daqueles que passam por necessidades materiais[44] ou espirituais, como os próprios lapsos, e lembra que não devem deixar de ser atendidos, nem mesmo em meio à perseguição –

ocasião do testemunho efetivo da própria fé em cada dimensão da vida.

Assim, testemunhar Cristo, antes de tudo nas mais simples realidades cotidianas, implica assumir o próprio tempo como oportunidade de abertura para a eternidade – e ver os céus abertos, atestam-no os textos cipriânicos sobre a confissão e o martírio –, sem perder de vista a unidade do corpo, que para aí ruma imitando sua Cabeça.

A Igreja, portanto, não é, em tal contexto, senhora triunfante da moral, mas povo que, perseguindo e combatendo os próprios interesses, submete-se a Cristo para que seja ele a brilhar na opacidade de nosso pecado. Nisso aparece a valentia do cristão, soldado destemido que não se subtrai ao escárnio e à morte diante do mundo que o condena, porque combate primeiramente consigo mesmo, mas combate armado tão somente da invencibilidade divina. Só assim o fiel testemunha Cristo para o mundo e o vence, pois Cristo mesmo vence no fiel.

Cipriano de Cartago

Epistolário

epístolas de difícil datação

Epístola 1

Cipriano aos presbíteros, aos diáconos e ao povo que estão estabelecidos em Furnos,[1] saudação.

1,1 Ficamos gravemente abalados, caríssimos irmãos, tanto eu como meus colegas que se faziam presentes, além dos nossos presbíteros, que tomavam assento junto a nós, quando viemos ao conhecimento de que nosso irmão Gemínio Víctor, estando para deixar este mundo, teria nomeado o presbítero Gemínio Faustino[2] curador de seu testamento.[3] Ora, já há algum tempo, foi estatuído, num concílio de bispos, que ninguém há de nomear, dentre os clérigos e ministros de Deus, um tutor ou curador de seu testamento, porque todos e cada um dos que foram honrados com o divino sacerdócio e constituídos no ministério clerical não hão de servir senão ao altar e aos sacrifícios, dispondo de tempo para dedicar-se às preces e orações. Com efeito, está escrito: "Ninguém que se tenha engajado no exército de Deus se deixa envolver pelas importunações da vida civil, a fim de agradar àquele que o arregimentou".[4]

1,2 Tendo-se dito isso com relação a todos, com quanta maior razão não deverão manter-se livres das importunações e dos laços do mundo os que, ocupados com as coisas divinas e espirituais, não podem afastar-se da igreja e dispor de tempo para dedicar-se a afazeres terrenos e mundanos? Os levitas, na antiga lei, conservaram a imagem dessa ordenação e desse sacro dever. Assim, quando as onze tribos dividiram a terra e repartiram as possessões, a de Levi, que dedicava seu tempo ao santuário, ao altar e aos divinos ministérios, nada recebera daquela porção oriunda da divisão; e, enquanto as outras cultivavam a terra, ela só tributava culto a Deus e recebia das outras tribos, para seu sustento e subsistência, o dízimo dos

frutos que nasciam.[5] Tudo isso era feito por divina autoridade e disposição, a fim de que os que se entretinham com as divinas ações não fossem delas removidos para qualquer outra ocupação, nem obrigados a pensar em assuntos seculares ou a ocupar-se deles. Essa norma e esse modelo se conservam, agora, entre os membros do clero, a fim de que os que são promovidos na Igreja do Senhor à ordenação clerical não venham a ser removidos em momento algum da divina administração, nem enredados pelas importunações e negócios seculares, mas tomando como que os dízimos dos frutos, em honra dos irmãos que caritativamente lhos oferecem, não se afastem do altar, nem dos sacrifícios, servindo dia e noite às realidades celestes e espirituais.

2,1 Por isso, os bispos antecessores nossos, considerando piedosamente tudo isso e provendo salutarmente, dispuseram que nenhum irmão, ao morrer, nomeasse um clérigo para tutela ou curatela e que, se alguém fizesse isso, não fosse o sacrifício por ele oferecido, nem celebrado por ocasião de sua morte;[6] e que não merecesse menção de seu nome na oração sacerdotal junto ao altar de Deus quem tenha querido afastar do altar os ministros e sacerdotes.

2,2 Portanto, já que, contra a normativa promulgada há pouco,[7] em concílio, pelos sacerdotes, Víctor ousou constituir o presbítero Gemínio Faustino como seu curador, não há motivo para que se faça entre vós oferenda alguma por ocasião de sua morte ou se oficie prece alguma em seu nome, de modo que o decreto dos sacerdotes, exarado com piedade e conveniência, seja observado por nós, e se dê, ao mesmo tempo, também a outros irmãos um exemplo. Não aconteça que alguém mais faça descer os sacerdotes e ministros de Deus, dedicados a seu altar e à Igreja, no nível das importunações seculares.[8] Com efeito, poderá ser observado de agora em diante o preceito de não se fazer mais isso com relação à pessoa dos clérigos, se o ato agora cometido receber a devida punição. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 2

Cipriano ao irmão Eucrácio,[9] saudação.

1,1 Em nome da tua amizade e do respeito mútuo, julgaste que devias consultar-me, irmão caríssimo, sobre o meu parecer acerca de se certo histrião, que junto a vós persevera ainda na infâmia de sua mesma arte,[10] qual mestre e doutor incumbido não de instruir os jovens, mas de levá-los à perdição, e de ensinar a outrem o que ele próprio erradamente aprendeu, deve ser admitido à comunhão conosco.[11]

1,2 Penso que não condiz com a majestade divina, nem com a disciplina evangélica, conspurcar o bom nome e a honra da Igreja por contágio tão torpe e infame. De fato, uma vez que se proibia, na lei,[12] que um homem envergasse trajes femininos e o que isso fizesse se considerava maldito, quanto maior não será o pecado quando alguém não apenas se reveste com trajes femininos, mas também representa o gestual torpe, delicado e feminino, conforme o ensinamento de uma arte impudica?

2,1 E não se escuse quem quer que seja se tiver deixado de representar no teatro, mas continua a ensinar isso a outras pessoas. Não parece tê-lo deixado quem se faz substituir e, no único lugar que ocupava, coloca vários outros, ao instruir e ensinar contra o ensinamento de Deus, sobre como degradar um varão em mulher, como transformar o sexo por arte e como agradar ao diabo, que corrompe a obra divina por meio dos delitos de um corpo corrupto e efeminado.

2,2 Se tal pessoa argumentar que passará penúria e a necessidade da pobreza, sua carência poderá ser amparada junto daqueles outros que se sustentam com alimentos recebidos da Igreja, caso se contente com manjares frugais e honestos, e não pense que há de ser indenizado com um salário para deixar de pecar, quando, ao fazer isso, a si próprio se ajuda, não a nós. De resto, por mais que ganhe quanto quiser, fazendo o que faz, que tipo de ganho é o de quem arrebata os homens do convívio de Abraão, de Isaac e de Jacó[13] e os conduz, mal e perniciosamente saciados no mundo, aos suplícios da eterna fome e sede?

2,3 Por isso, quanto puderes, convida-o a sair dessa depravação e infâmia e a ingressar no caminho da inocência e na esperança da vida, a satisfazer-se

com o que recebe da Igreja e que é parco, por certo, mas salutar. Se a Igreja não tem aí o suficiente para fornecer alimentos a quem se acha em dificuldade, ele poderá vir até nós, receber aqui o que for necessário ao seu sustento e vestuário e, em vez de dedicar-se a ensinar a outros, fora da Igreja, o que leva à morte, poderá aprender ele próprio, na Igreja, o que conduz à salvação. Desejo, filho caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 3

Cipriano ao irmão Rogaciano,[14]saudação.

1,1 Ficamos grave e dolorosamente sentidos, irmão caríssimo, tanto eu como meus colegas que estavam presentes, quando se leu a tua carta,[15] por meio da qual te lamentaste do teu diácono, pelo fato de ter-te exasperado com suas ofensas e injúrias, esquecido como estava, quer do teu estado sacerdotal, quer do ofício e ministério que ele próprio detém. Por tua parte, procedeste de modo honrado com respeito a nós e condizente com a tua acostumada humildade, ao teres preferido elevar a nós o teu lamento quando tinhas o poder, pela força espiritual do episcopado e pela autoridade da cátedra,[16] de puni-lo imediatamente, certo de que nós, teus colegas, teríamos por medida adequadamente tomada o que quer que fizesses com relação ao teu diácono infamador da potestade sacerdotal, e contando, ainda, com preceitos divinos acerca de tais homens, pois diz o Senhor Deus no Deuteronômio: "O homem que agir com soberba, não obedecendo ao sacerdote [...], nem ao juiz, tal homem deverá ser morto [...]; e ouvindo, todo o povo temerá e nunca mais agirá impiamente".[17]

1,2 E para que saibamos que essa palavra de Deus foi emanada da verdadeira e suprema majestade, para honrar e vingar os seus sacerdotes, quando, contra o sacerdote Aarão, três dos ministros − Coré, Datã e Abiram − ousaram ensoberbecer-se, erguer a cerviz e equiparar-se a quem os presidia, receberam eles imediatamente a pena de sua audácia sacrílega, engolidos e devorados por uma fenda que se abriu na terra.[18] Aliás, não só eles, mas também os outros duzentos e cinquenta que se lhes associaram

naquela ousadia acabaram consumidos pelo fogo que prorrompeu do Senhor, para que fossem reconhecidos os sacerdotes de Deus por obra daquele que faz com que sejam vingados. Também no livro dos Reis,[19] quando o sacerdote Samuel era desprezado pelo povo judeu por causa da sua idade, como tu foste agora desprezado, o Senhor exclamou irado: "Não é a ti que eles rejeitam, mas é a mim que eles rejeitam!". E, para puni-los, levantou contra eles o rei Saul,[20] que os afligiria com pesadas injúrias e, com todo tipo de humilhações e penas, pisotearia e oprimiria aquele povo soberbo, a fim de que o sacerdote desprezado fosse vingado do soberbo povo por obra de uma divina retaliação.

2,1 Mas também Salomão, consolidado no Espírito Santo, atesta e ensina em que consistem a autoridade e a potestade sacerdotal, dizendo: "De toda a tua alma, teme a Deus e venera os seus sacerdotes";[21] e outra vez: "Teme a Deus de toda a tua alma e honra os sacerdotes dele".[22] Desses preceitos bem se recordava o bem-aventurado apóstolo Paulo, conforme o que lemos nos Atos dos Apóstolos, pois, quando lhe foi dito: "Tu insultas o sumo sacerdote de Deus?", ele respondeu: "Não sabia, irmãos, que este é o sumo sacerdote. Pois está escrito: 'Não amaldiçoarás o chefe do teu povo'".[23]

2,2 Do mesmo modo, o próprio Jesus Cristo Senhor nosso, rei, juiz e Deus nosso, observou, até o dia da paixão, a honra devida aos pontífices e sacerdotes, por mais que eles não guardassem temor a Deus nem reconhecessem o Cristo. Com efeito, quando purificou o leproso, disse-lhe: "Vai mostrar-te ao sacerdote e apresenta a oferta prescrita".[24] Com essa humildade, com a qual nos ensinou a sermos humildes também, dava ainda o nome de sacerdote a um homem que, como ele mesmo bem sabia, era sacrílego. Mais uma vez, durante a paixão, quando, ao levar uma bofetada, foi-lhe dito: "Assim respondes ao sumo sacerdote?", ele nada disse de ofensivo com respeito à pessoa do pontífice, mas apenas defendeu a própria inocência, dizendo: "Se falei mal, testemunha sobre o mal; mas, se falei bem, por que me bates?".[25] Todas essas coisas foram feitas por ele de forma humilde e paciente, para que dispuséssemos de um exemplo de humildade e de paciência. Ensinou, pois, a honrar legítima e completamente os verdadeiros sacerdotes, enquanto ele próprio assim se mostrava com relação aos falsos.

3,1 Os diáconos devem lembrar, por sua vez, que o Senhor escolheu os apóstolos, ou seja, os bispos e os prelados, e, depois da ascensão do Senhor

aos céus, é que os apóstolos estabeleceram para si os ministros do seu episcopado e da Igreja. Se nós, portanto, pudermos ousar cometer alguma coisa contra Deus, que nos constituiu bispos, então poderão também os diáconos ousar contra nós que os estabelecemos.

3,2 Convém, pois, que o diácono sobre o qual escreves faça penitência de sua audácia, reconheça a honra do sacerdote e dê satisfação, com total humildade, ao bispo que lhe é superior. Assim se dá, com efeito, início às heresias e se engendram também as tendências cismáticas dos que pensam mal,[26] a saber, ao se comprazerem em si e ao desprezarem, com soberba inchação, o seu prelado. Assim se toma distância da Igreja, assim se erige fora dela um altar profano, assim se cria rebelião contra a paz de Cristo e contra a disposição e a unidade, realidades queridas por Deus.

3,3 Se ele, porém, continuar a exasperar-te com suas ofensas e provocações, usarás para com ele da potestade do teu cargo, quer depondo-o, quer mantendo-o afastado. Ora, se o apóstolo Paulo, escrevendo a Timóteo, afirmou: "Que ninguém despreze tua jovem idade",[27] como não te será dito, e com mais razão, por parte dos teus colegas: "Que ninguém despreze a tua velhice"?

3,4 E já que escreveste que alguém se associou ao referido diácono teu, tornando-se partícipe da soberba e da audácia dele, também a este, bem como a quaisquer outros que se mostrarem tais, agindo igualmente contra o sacerdote de Deus, poderás reprimir ou afastar; a menos que, como exortamos e admoestamos, compreendam, antes, que pecaram, reparem o mal cometido e admitam que mantenhamos nossa determinação. Mais desejamos vencer as ofensas e injúrias de cada um, por meio de uma clemente paciência, do que puni-las, valendo-nos da prerrogativa sacerdotal. Faço votos, irmão caríssimo, de que sempre estejas bem.

Epístola 4

Cipriano, Cecílio, Víctor, Sedato e Tértulo,[28] com os presbíteros que se faziam presentes, ao irmão Pompônio,[29] saudação.

1,1 Lemos tua carta, irmão caríssimo, que enviaste por meio de nosso irmão Pacônio,[30] na qual pedias instantemente que te respondêssemos com o nosso parecer acerca das virgens que, tendo uma vez declarado que permaneceriam no seu próprio estado de vida e guardariam firmemente a continência, revelaram-se, depois, como mulheres que já partilharam do mesmo leito com homens, um dos quais, tu nos dizes, é um diácono; e afirmas ainda que as que abertamente confessaram ter dormido com varões asseveram permanecer íntegras.[31]

1,2 Visto que desejaste nosso parecer acerca da matéria, deves saber que não nos afastamos das tradições evangélicas e apostólicas, para nos podermos ocupar de nossos irmãos e irmãs com constância e fortaleza, e para que a disciplina eclesiástica seja observada em tudo o que concerne à utilidade e à salvação, tendo o Senhor afirmado: "E vos darei pastores conforme o meu coração, que vos apascentarão com a disciplina".[32] E ainda está escrito: "Desgraçado é quem despreza a disciplina".[33] Nos Salmos, o Espírito Santo também admoesta e instrui, dizendo: "Mantende a disciplina para que não se irrite o Senhor e pereçais pelo caminho, pois depressa se acende a sua ira sobre vós".[34]

2,1 Em primeiro lugar, portanto, irmão caríssimo, não há de ser outra a nossa preocupação, quer sejamos prelados, quer sejamos fiéis, senão que nós, que tememos a Deus, conservemos os preceitos divinos com toda a observância da disciplina e não toleremos que nossos irmãos errem, nem que vivam ao seu alvitre, conforme o próprio capricho. Pelo contrário, devemos ajudar a cada um, fielmente, no caminho da vida e não podemos aceitar que virgens coabitem com homens − e não digo apenas que não durmam juntos, mas que nem sequer vivam juntos, quando uma sexualidade desprovida de força moral e uma idade ainda incontinente precisam ser refreadas e regidas por nós a cada momento, a fim de não dar ocasião ao diabo, que arma ciladas[35] em seu desejo de prejudicar, conforme diz o Apóstolo: "Nem deis lugar ao diabo".[36]

2,2 A embarcação precisa desvencilhar-se, com toda a vigilância, dos lugares perigosos, para não se despedaçar entre escolhos e rochedos. Deve-se tirar rapidamente a bagagem do incêndio, antes que, em lhe sobrevindo as chamas, acabe toda queimada. Ninguém está seguro por muito tempo se

permanece próximo ao perigo. Nem poderá escapar do diabo o servo de Deus que se enredou nos laços diabólicos. Intervenha-se imediatamente contra essas pessoas, para que se separem enquanto ainda puderem separar-se inocentemente, pois não poderão dividir-se com a nossa intervenção aqueles que já estiverem ligados pelo vínculo da consciência.

2,3 Enfim, quão graves são as ruínas de muitos, que vemos originar-se daí! Presenciamos, com suma dor em nossa alma, que várias virgens se corrompem por meio de tais uniões ilícitas e perigosas. Ora, se elas se consagraram pela fé em Cristo, que perseverem, pois, pudicas e castas, sem qualquer invencionice, e esperem, fortes e estáveis, o prêmio da virgindade; se, todavia, não querem ou não podem perseverar, melhor é que se casem do que virem a precipitar-se no fogo por conta de seus delitos.[37] E, por certo, que não deem ocasião alguma de escândalo aos irmãos e às irmãs, pois está escrito: "Se um alimento é ocasião de escândalo para meu irmão, não comerei carne, a fim de não escandalizar o irmão".[38]

3,1 E não venha a pensar alguma dessas em defender-se com a escusa de que poderia examinar-se e provar-se que continua virgem, quando até mesmo a mão e o olho dos obstetras amiúde se enganam. Mesmo se for constatado que continua virgem naquela parte por meio da qual uma mulher pode sê-lo de fato, ela poderia, contudo, ter pecado com outra parte do corpo, igualmente passível de corromper-se, mas não de ser examinada. Em todo caso, quanta infâmia e quanto pecado não manifestam já as ações de se deitarem juntos na mesma cama, abraçarem-se, trocarem confidências e beijos, e o torpe e ignóbil ato de dormirem os dois juntos?

3,2 Se um marido, ao chegar, visse sua mulher deitada com outro, não ficaria, por acaso, indignado, não ficaria revoltado e, talvez, pela dor do ciúme, não sacaria da espada? Por que dizer mais? Cristo, nosso Senhor e juiz, quando vê sua virgem, que lhe foi consagrada e destinada à sua santidade,[39] deitada com outro, como não se indignará, como não se irritará? E que castigos infligirá a tais uniões sacrílegas?

3,3 Devemos empenhar-nos e tomar precauções, com todo tipo de conselhos, no sentido de que cada um dos irmãos consiga escapar da sua espada espiritual e do vindouro dia do Juízo. E se convém que todos em absoluto mantenham a disciplina, é de direito divino que os prelados e os diáconos cuidem especialmente disso, brindando aos outros um exemplo e um

testemunho a partir de seu modo de viver e de seus costumes. Mas como podem velar pela integridade e pela continência, se neles mesmos é que começa o que deita a perder, e se deles é que provêm os ensinamentos viciosos?

4,1 Por esse motivo, irmão caríssimo, agiste sábia e vigorosamente, afastando o diácono que pernoitou amiúde com a virgem, mas também os outros que costumavam dormir com virgens. Se fizerem penitência por essa união ilícita, separando-se definitivamente [delas], e se as virgens forem, nesse meio tempo, diligentemente examinadas pelos obstetras, constatando-se que permanecem virgens, reintegrados ambos à comunhão, sejam readmitidos à Igreja. Faça-se-lhes, porém, a seguinte ameaça: se as virgens voltarem a relacionar-se com o mesmo homem, ou a morar com ele na mesma casa e sob o mesmo teto, ambos serão banidos com a censura mais severa e não se readmitirão facilmente à Igreja depois disso. Se, porém, for constatado que algumas das virgens já foram corrompidas, façam penitência completa, pois a que cometeu esse pecado é uma adúltera − e não com relação a um marido, mas com relação a Cristo −, e, então, ranscorrido o tempo justo, depois de feita a confissão,[40] retornem à Igreja.

4,2 Caso perseverem obstinadamente e não se separem um do outro, saibam que, com essa obstinação impudica, nunca poderão ser readmitidos por nós à Igreja, para não começarem, com seus pecados, a dar exemplo a outros, levando-os à ruína. Nem pensem que lhes está assegurada a vida ou a salvação se não quiserem obedecer aos bispos e aos sacerdotes, tendo dito o Senhor no Deuteronômio: "O homem que agir com soberba, não obedecendo ao sacerdote nem ao juiz, tal homem deverá ser morto. E, ouvindo, todo o povo temerá e nunca mais agirá impiamente".[41] Deus mandou que fossem mortos os que não fizessem caso dos seus sacerdotes, os que não obedecessem aos juízes constituídos por ele de tempos em tempos.

4,3 E, então, morriam pela espada quando ainda permanecia neles a marca da circuncisão carnal; agora, porém, que começou a vigorar entre os fiéis servos de Deus a circuncisão espiritual,[42] os que se comportam de forma tão soberba e contumaz são mortos pela espada espiritual ao serem expulsos da Igreja. Com efeito, não podem viver fora dela, pois única é a casa de Deus,[43] e não pode haver salvação para quem quer que seja, a não ser na Igreja. A Escritura divina atesta, por outro lado, que os indisciplinados perecem ao não ouvirem os preceitos salutares e ao não fazerem caso deles,

ao dizer: “O indisciplinado não ama quem o corrige. Quem odeia a correção morrerá ignominiosamente”.[44]

5,1 Empenha-te, pois, para que os indisciplinados não se consumam e pereçam; irmão caríssimo, dirige a comunidade, quanto puderes, com salutares admoestações e presta auxílio a cada um em vista da sua salvação. Árduo e estreito é o caminho pelo qual progredimos em direção à vida,[45] mas sublime e grandioso será seu fruto quando tivermos chegado à glória. “Os que uma vez se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus”,[46] procurem agradar em tudo a Deus e não ofendam os sacerdotes de Deus nem a Igreja do Senhor com o escândalo da sua própria depravação.

5,2 E se parece que atualmente os contristamos, mantenhamos, todavia, a nossa salutar persuasão, sabendo que também o Apóstolo disse: “Dizendo-vos a verdade, tornei-me vosso inimigo?”.[47] Pois, se passarem a fazer caso do que lhes dizemos, teremos ganhado os nossos irmãos, formando-os igualmente para a salvação e para a consideração por meio da nossa palavra. Se, porém, algum dos perversos não quiser obedecer, sigamos o exemplo do mesmo Apóstolo, dizendo: “Se eu quisesse agradar aos homens, não seria servo de Cristo”.[48] Se não pudermos persuadir alguns, levando-os a agradar a Cristo, dever nosso é, por certo, agradar a Cristo, nosso Senhor e Deus, observando os seus preceitos. Desejamos, irmão caríssimo e saudosíssimo, que estejas sempre bem no Senhor.

epístolas escritas entre a primavera de 250 e a primavera de 251

Epístola 5

Cipriano aos caríssimos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1,1 Saúdo-vos são e salvo, pela graça de Deus, irmãos caríssimos, alegre por ter sabido que tudo está bem também com respeito a vós. E visto que não me é permitido fazer-me presente, dada a condição do lugar, peço-vos, em nome da fé e da religião, que exerçais aí tanto as vossas funções como as minhas, a fim de que nada falte, quer em relação à disciplina, quer em relação à diligência.[1]

1,2 Quanto às despesas necessárias tanto ao sustento daqueles que, tendo confessado o Senhor com voz gloriosa, foram postos na prisão, como dos que se afadigam, pobres e indigentes, perseverando, contudo, no Senhor, peço que nada venha a faltar. Qualquer quantia que aí se puder arrecadar seja colocada na mão do clero, por causa dessas situações, a fim de que mais pessoas tenham de onde tirar para socorrer as necessidades e tribulações de cada um.[2]

2,1 Peço, ainda, que vossa prudência e vossa solicitude não deixem de zelar pela paz. Ainda que irmãos, movidos por sua caridade, desejem encontrar e visitar os bons confessores, que uma divina consideração tornou ilustres já nos gloriosos inícios da perseguição, penso que isso se deva fazer de modo cauteloso, sem aglomerações nem multidões que se apresentem de uma vez, para que não se provoque hostilidade com tal comportamento, e não se lhes negue o acesso. Enquanto, insaciáveis, queremos muito, acabamos perdendo tudo.

2,2 Cuidai, pois, também e provede que, com moderação, possa transcorrer

bem ao abrigo de qualquer ameaça também isto, a saber, que os presbíteros que oferecem aí o sacrifício junto aos confessores se alternem e compareçam levando consigo um só diácono de cada vez, pois também a mudança de pessoas e a alternância dos que se apresentam diminui a ocasião de animosidade. Em tudo, com efeito, devemos permanecer mansos e humildes, [3] como convém a servos de Deus, devotar-nos às necessidades do momento, velar pela paz e atender ao povo.[4] Desejo, irmãos caríssimos e saudosíssimos, que sempre estejais bem e vos recordeis de nós. Saudai a comunidade toda. Saúda-vos o diácono Víctor,[5] saúdam-vos os que se acham comigo.[6] Passai bem.

Epístola 6

Cipriano a Sérgio, Rogaciano[7] e demais confessores, saudação perpétua no Senhor.

1,1 Saúdo-vos, irmãos caríssimos, desejando fruir, eu mesmo, da vossa presença, se a condição do lugar me permitisse ir até vós. O que poderia ocorrer-me de mais desejável e de mais prazenteiro do que estar agora junto a vós, para que me estreitásseis com essas mãos que, puras, inocentes e observantes da fé do Senhor, rejeitaram as sacrílegas deferências? O que me aconteceria de mais jucundo e sublime do que ser beijado agora por vossa boca, que confessou o Senhor com gloriosa voz, do que ser também contemplado pessoalmente pelos vossos olhos, que se mostraram, uma vez desprezado o mundo, dignos de contemplar a Deus?

1,2 Como, porém, não me é dada a possibilidade de participar dessa alegria, envio-vos ao ouvido e à vista esta carta que faz as minhas vezes, com a qual me congratulo convosco e, igualmente, vos exorto a que persevereis fortes e constantes na confissão da glória celeste e a que, tendo entrado no caminho da graça do Senhor, prossigais na virtude espiritual até receberdes a coroa, tendo, como protetor e como guia, o Senhor, que disse: “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.[8] Ó cárcere ditoso, que a vossa presença iluminou![9] Ó bem-aventurado cárcere, que envia ao

céu os homens de Deus! Ó trevas mais reluzentes do que o próprio sol, e mais claras do que essa luz do mundo, em meio às quais se erguem agora templos de Deus e os vossos membros, pelas divinas confissões, se santificam!

2,1 Nada mais passe agora por vossos corações e vossas mentes a não ser os divinos preceitos, a não ser os mandamentos celestes, com os quais o Espírito Santo sempre nos animou a tolerar os sofrimentos. Ninguém pense na morte, mas na imortalidade; nem numa pena temporária, mas na glória sempiterna, pois está escrito: "É preciosa aos olhos de Deus a morte dos seus justos".[10] E também: "Sacrifício a Deus é um espírito contrito: um coração contrito e humilhado Deus não despreza".[11] E, ainda, na passagem em que a Escritura divina fala acerca dos tormentos que consagram os mártires de Deus, santificando-os pela própria provação do sofrimento: "Se aos olhos humanos pareciam cumprir uma pena, a sua esperança estava cheia de imortalidade; por um pequeno castigo, receberão grandes favores, porque Deus os submeteu à prova e os achou dignos de si. Examinou-os como ouro no crisol e aceitou-os como holocausto perfeito. No tempo de sua visita, resplandecerão [...]. Julgarão as nações, dominarão os povos e reinará o Senhor deles para sempre".[12]

2,2 Quando pensais, portanto, que haveis de julgar e de reinar com o Cristo Senhor, é forçoso que exulteis e calqueis aos pés os suplícios presentes com o gáudio das realidades futuras, sabendo que, desde o início do mundo, está estabelecido que a justiça se afadigue, em meio ao secular embate, ao constatardes que, logo na mais remota origem, o justo Abel foi morto[13] e, daí em diante, também os justos que, quer como profetas, quer como apóstolos, foram enviados.[14] Para todos esses, o Senhor constituiu, igualmente, em si mesmo um exemplo, ensinando que ao seu Reino não chegarão senão aqueles que tiverem seguido pelo seu caminho, ao dizer: "Quem ama a sua vida neste mundo vai perdê-la, e quem odeia a sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna".[15] E também: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena".[16] Paulo ensina-nos, ainda, haja vista que desejamos alcançar as promessas do Senhor, que temos de imitar o Senhor em tudo. "Somos" − diz ele − "filhos de Deus. E, se somos filhos, somos também herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, na condição tal de sofrermos com ele para também com ele sermos glorificados".[17] Acrescentou igualmente uma comparação do tempo

presente com a glória futura, dizendo: “Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós”.[18] Ao pensarmos nessa glória de intensa luz, convém-nos tolerar todos os sofrimentos e perseguições, pois, ainda que sejam muitos os sofrimentos dos justos, de todos eles são libertados os que confiam em Deus.[19]

3,1 [Saúdo] também as ditosas mulheres que estão convosco, estabelecidas na mesma glória da confissão, que, conservando a fé do Senhor e tornadas, assim, mais fortes do que seu próprio sexo, fizeram-se, não só elas mesmas, próximas da coroa, mas deram também exemplo, com sua constância, a outras mulheres. E para que nada faltasse à glória do vosso número, e não só ambos os sexos, como também todas as idades estivessem ao vosso lado numa condição de honra, a divina misericórdia associou a vós também crianças nessa gloriosa confissão, mostrando-nos algo como o que outrora fizeram os ilustres meninos Ananias, Azarias e Misael,[20] diante dos quais, quando lançados na fornalha, o fogo cessou, e aos quais deram as chamas refrigério, estando ao lado deles o Senhor, a demonstrar que o ardor da geena nada poderia fazer contra os seus confessores e mártires, e que os que em Deus cressem, permaneceriam sempre incólumes e firmes em tudo.

3,2 E peço que considereis com muita diligência, em prol de vossa piedade, a fé que havia naqueles jovens e que os pôde fazer dignos de Deus. Preparados, com efeito, para tudo, tal como nós todos devemos estar, dizem ao rei: “Ó rei Nabucodonosor, não há necessidade alguma de replicar-te neste assunto. Se assim for, o nosso Deus, a quem servimos, tem o poder de livrar-nos da fornalha acesa e nos livrará também, ó rei, da tua mão. Mas se ele não o fizer, fica sabendo, ó rei, que não servimos aos teus deuses, nem adoramos a estátua de ouro que levantaste”.[21] Crendo e, em virtude de sua fé, sabendo que podiam ser também libertados do presente suplício, não quiseram, contudo, jactanciar-se nem reclamar direitos para si e, por isso, disseram: “mas se ele não o fizer”, para que a força da confissão não se tornasse menor em lhe faltando o testemunho do sofrimento. Acrescentaram que Deus pode fazer tudo, mas não confiaram como se quisessem ser libertados no presente, e sim pensando naquela glória de eterna liberdade e segurança.

4 Conservando também nós essa fé, meditando, dia e noite, com nosso coração dirigido a Deus, e dispostos a desprezar as realidades presentes, pensemos tão somente nas futuras, no fruto do eterno Reino, no abraço e no

beijo do Senhor,[22] na presença de Deus: assim, seguireis em tudo o presbítero Rogaciano,[23] glorioso ancião que vos abriu, com sua piedosa coragem e pela divina misericórdia, o caminho para a glória do nosso tempo; e que, com o nosso irmão Felicíssimo, homem sempre calmo e sóbrio,[24] resistindo ao ímpeto de um povo violento, preparou-vos primeiro um asilo na prisão e, como aquele que vos marca o lugar, caminha agora adiante de vós. Suplicamos ao Senhor, com assíduas orações, que isso chegue a bom termo também para vós e que, chegando os primeiros passos à perfeição, ele leve os que fez confessar a serem coroados também. Desejo que vós, irmãos caríssimos e beatíssimos, estejais sempre bem no Senhor e chegueis à glória da celeste coroa.

Epístola 7

Cipriano aos caríssimos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1 Saúdo-vos, irmãos caríssimos, são e salvo pela graça de Deus e desejando ir, o mais rapidamente possível, a ver-vos, para satisfazer assim a um desejo que é meu e vosso, bem como de todos os irmãos. Convém, contudo, que zelemos pela paz comum e, por enquanto, ainda que vos faltemos para aborrecimento de nosso espírito, que a nossa presença não provoque a hostilidade e a violência dos pagãos e, assim, venhamos a ser autores do rompimento da paz, nós que, mais do que todos, devemos zelar por ela. Quando, portanto, me escreverdes, estando já as coisas em seu devido lugar, dizendo que devo ir ou, antes disso, o Senhor dignar-se mostrar que o devo fazer, então irei até vós. Onde eu estaria melhor e mais feliz do que no lugar em que Deus quis que eu acolhesse a fé e fosse honrado com a dignidade episcopal?

2 Peço que cuideis com toda a diligência das viúvas, dos enfermos e de todos os pobres.[25] E também que ofereçais aos peregrinos, caso se encontrem em necessidade, uma quantia tomada do montante que me é próprio e que confiei a Rogaciano, nosso irmão no presbiterado.[26] Temendo que dito montante, talvez, já se tenha exaurido, enviei-lhe, por meio do acólito

Narico,[27] outra quantia, a fim de que se preste socorro ainda mais generosa e prontamente aos necessitados. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 8[28]

1,1 Por intermédio do subdiácono Cremêncio,[29] que veio a nós de vossa parte, incumbido de missão particular, soubemos que o bendito papa[30] Cipriano retirou-se e julgamos que tenha agido corretamente, haja vista tratar-se de pessoa insigne, e uma vez que é iminente a luta que Deus permitiu que ocorresse no mundo por defrontar-se o adversário com os seus servidores, e que ele quer manifestar dito certame também aos anjos e aos homens, para que quem vencer seja coroado[31] e sobre quem for vencido recaia, por sua vez, a sentença que nos foi revelada. E já que custodiar o rebanho incumbe a nós, que parecemos estar à frente e fazemos as vezes de pastores,[32] se formos encontrados negligentes no desempenho dessa missão, dir-se-nos-á o que também foi dito a nossos antecessores, prelados tão negligentes que eram, a saber, que não buscamos a ovelha perdida, não reconduzimos a desgarrada, não tratamos da que sofreu fratura, mas que, enquanto isso, nos alimentávamos com seu leite e nos vestíamos com sua lã.[33]

1,2 Por fim, também o próprio Senhor, cumprindo o que fora escrito na lei e nos profetas, ensina dizendo: "Eu sou o bom pastor, que dou a minha vida pelas minhas ovelhas. O mercenário, porém, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as dispersa".[34] E disse ainda a Simão: "'Tu me amas?' Ele respondeu: 'Amo'. Jesus lhe disse: 'Apascenta as minhas ovelhas'".[35] Ora, sabemos que essa palavra não lhe foi dirigida senão depois que ele se tinha retirado e que os outros discípulos tinham agido de forma semelhante.

2,1 Não queremos, pois, irmãos diletíssimos, que sejais tidos na conta de mercenários, mas sim na de bons pastores. Sabeis, além disso, que um perigo não pequeno vos ameaça se não exortardes os nossos irmãos a permanecerem firmes na fé,[36] pois, ao se deixarem arrastar à idolatria, a comunidade cristã ver-se-ia destruída pela raiz.

2,2 E não apenas vos exortamos por meio de palavras, mas podereis aprender de diversas pessoas que, de nossa parte, foram até vós, que, com o auxílio de Deus, nós tudo fizemos e tudo fazemos, com toda a solicitude e mesmo em meio ao perigo do século, tendo mais ante os olhos o temor de Deus e as penas perpétuas, do que o temor dos homens e uma injúria passageira, sem abandonar a comunidade, mas exortando-a a permanecer firme na fé e preparada, caso deva acompanhar o Senhor.[37]

2,3 Chegamos até mesmo a chamar de volta alguns que já subiam [ao altar] a executar o ato para o qual se viam compelidos. A Igreja está fortemente firme na fé, por mais que alguns, levados pelo próprio terror, tenham desmoronado − quer por serem pessoas insignes, quer por terem sido tomados pelo temor dos homens. Não os abandonamos tampouco depois, quando, por certo, ficaram separados de nós, mas os encorajamos e exortamos a que façam penitência, na esperança de receberem a indulgência daquele que a pode conceder. Não venha a acontecer que, abandonados por nós, acabem num estado ainda pior.

3,1 Vede, pois, irmãos, que também vós deveis agir assim, de modo que até aqueles que caíram, uma vez endireitados os seus ânimos por obra da vossa exortação, possam vir a confessar caso sejam presos outra vez e, destarte, corrigir o primeiro erro. Com relação a outras coisas que vos incumbem, e que também vos expomos, no caso de aqueles que caíram nessa tentação virem a ser acometidos por uma enfermidade, se fizerem penitência e desejarem a comunhão, esta, certamente, deve ser-lhes dada: quer sejam viúvas, quer sofram tribulações que não lhes permitam apresentar-se pessoalmente, quer ainda estejam encarcerados ou tenham sido forçados a abandonar o próprio domicílio, devem ter quem lhes ministre. Tampouco os catecúmenos acometidos por enfermidade sejam enganados por qualquer dilação, mas que se lhes venha em auxílio.

3,2 Acima de tudo isso, se os corpos dos mártires e de outros não forem sepultados, grande é o perigo que ameaça aqueles a quem dita função incumbe. Portanto, cada um de vós que, em qualquer ocasião, levar a cabo tal obra, será estimado, e disso estamos seguros, como servo bom,[38] para que quem foi fiel no pouco seja estabelecido sobre o governo de dez cidades. Faça, pois, Deus, que tudo concede aos que nele esperam, que todos nós sejamos encontrados na prática fiel dessas obras.

3,3 Saúdam-vos os irmãos que estão presos, os presbíteros e toda a Igreja que vela com máxima solicitude por todos os que invocam o nome do Senhor. Também nós vos pedimos, por nossa vez, que vos recordeis de nós.

3,4 Sabei, por outro lado, que Bassiano[39] já chegou até nós. E pedimos a vós, que tendes zelo por Deus, que transmitais uma cópia desta carta a todos os que puderdes, conforme as ocasiões se vos apresentarem favoráveis, ou então que lhes escrevais vós mesmos, ou que lhes envieis um mensageiro, a fim de que permaneçam fortes e inabaláveis na fé. Desejamos, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 9

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos estabelecidos em Roma, saudação.

1,1 Tendo-nos chegado, irmãos caríssimos, o incerto rumor acerca do passamento do bom varão, colega meu, e enquanto nosso dúbio parecer hesitava em dar-lhe crédito, recebi de vós uma carta, a mim enviada pelo subdiácono Cremêncio,[40] por meio da qual se me informava mui pormenorizadamente acerca da sua gloriosa partida,[41] e muito exultei por ter ele alcançado, como recompensa da integridade da sua administração, uma consumação igualmente honrada.

1,2 Quanto a isso, congratulo-me bastante também convosco por celebrardes a sua memória com um testemunho tão solene e tão ilustre, a ponto de fazer-nos conhecer quão glorioso é para vós tudo o que diz respeito à memória do prelado, e de ainda dar-nos nele um exemplo de fé e de virtude.[42] Pois, quão daninha é a influência da ruína de um prelado sobre a queda dos que o seguem! Pelo contrário, como é útil e salutar quando um bispo se oferece, pela firmeza de sua fé, como exemplo a ser imitado!

2,1 Li também outra carta, em que não se expressam de modo claro nem o seu remetente nem o destinatário. Uma vez que, em dita carta, a escrita, o

assunto e até a forma do papiro me moveram a suspeitar que algo de seu verdadeiro teor tenha sido suprimido ou modificado, reenviei-a a vós tal como a recebi, a fim de que reconheçais se se trata mesmo daquela que destes ao subdiácono Cremêncio para que ma trouxesse.[43]

2,2 É, de fato, algo extremamente grave que o verdadeiro teor da epístola clerical tenha sido corrompido por algum tipo de mentira ou de fraude. Para que o possamos comprovar, reconhecei se a escrita e a assinatura são vossas e reescrevei-nos com a confirmação da verdade.[44] Desejo que vós, irmãos caríssimos, sempre estejais bem.

Epístola 10

Cipriano aos mártires e confessores de nosso Senhor Jesus Cristo, saudação perpétua em Deus Pai.

1,1 Exulto alegre e congratulo-me convosco, fortíssimos e beatíssimos irmãos, ao tomar conhecimento de vossa fé e de vossa coragem, nas quais se gloria a mãe Igreja.[45] Gloriou-se ela também, por certo, quando foi infligida, recentemente, ante uma firme confissão, a pena que exilou os confessores de Cristo. A confissão atual, porém, é tanto maior e mais ilustre em honra, quanto mais forte ante o sofrimento. Cresceu a luta, cresceu também a glória dos que lutam. E não voltastes atrás ante a batalha por causa do medo dos tormentos, mas, pelos próprios tormentos, fostes mais instigados à luta e avançastes, fortes e estáveis, em direção à peleja do maior certame com uma resoluta devoção.

1,2 Vim a saber que alguns de vós já foram coroados, que outros, por sua vez, já estão próximos da coroa da vitória, e que todos os que se acham encarcerados, qual exército glorioso, estão animados de semelhante impulso de coragem para lutar, como devem ser os soldados de Cristo, lotados no acampamento divino, para que as seduções não enganem a incorrupta firmeza de sua fé, as ameaças não amedrontem, as torturas e os tormentos não abatam. Pois é maior aquele que está em nós do que quem está neste

mundo,[46] e a pena terrena não tem mais poder para abater do que tem a divina proteção para soerguer. Isso se demonstrou com o glorioso certame dos irmãos que, feitos guias para que outros vencessem os tormentos, deram um exemplo de coragem e de fé, tendo enfrentado a peleja até que a peleja sucumbisse vencida.

2,1 Com que louvores eu vos elogiaria, fortíssimos irmãos? Com que discurso encomiástico exaltaria a fortaleza de vosso peito e a perseverança da vossa fé? Tolerastes duríssimo processo até chegar à consumação da glória, e não cedestes ante os suplícios, mas, antes, os suplícios cederam ante vós. O fim das dores, que não foi dado pelos tormentos, veio por meio das coroas. A mais pesada carnificina por tanto tempo prolongada não serviu para fazer cair uma fé que estava firme, mas para enviar ao Senhor mais depressa os homens de Deus.

2,2 A multidão que o presenciava viu admirada aquele celeste e espiritual certame de Deus, aquela batalha de Cristo, em que os seus servos permaneceram firmes, com uma voz livre, uma mente incorrupta, uma coragem divina, despojados, por certo, de armas seculares, mas munidos com as da fé. Ficaram de pé os torturados demonstrando ter mais força que os seus torturadores, seus membros perfurados e dilacerados venceram os perfurocortantes instrumentos de suplício. O tormento longamente repetido não pôde superar uma inexpugnável fé, mesmo quando, desfeita nos servos de Deus a juntura das vísceras, já não se lhes torturavam os membros, e sim suas feridas. Corria o sangue que extinguiria o incêndio da perseguição, que, gloriosamente derramado, apagaria as chamas e labaredas da geena.

2,3 Que espetáculo foi aquele para o Senhor! Quão sublime, quão grande, quão agradável aos olhos de Deus pela fidelidade e pela devoção de seu soldado, tal como está escrito nos Salmos, em que nos fala e, igualmente, nos admoesta o Espírito Santo, dizendo: “Preciosa é aos olhos de Deus a morte dos seus justos!”.[47] Preciosa é essa morte, que comprou a imortalidade pelo preço do seu sangue e recebeu de Deus a coroa pela consumação de sua coragem.

3 Quão feliz esteve ali o Cristo! Como pelejou de bom grado nesses servos seus, e como venceu, qual protetor da fé, aquele que dá aos que creem tanto quanto creem estes receber.[48] Esteve presente na luta deles, ergueu os combatentes e proclamadores do seu nome, corroborou-os, animou-os.

Quem por nós venceu a morte uma vez, vence-a em nós sempre. “Quando vos entregarem” − ele diz −, “não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós”.[49]

4,1 O combate recente deu-nos a prova disso. Uma voz cheia do Espírito Santo prorrompeu da boca dos mártires quando o beatíssimo Mapálico, em meio aos tormentos, dizia ao procônsul: “Amanhã, verás um combate”. E o que ele disse em testemunho de sua fé e de sua coragem, o Senhor levou a cumprimento. O combate celeste realizou-se, e o servo de Deus, no certame do combate previsto, foi coroado.[50]

4,2 Foi esse o combate que, antes, o profeta Isaías prenunciou, dizendo: “Parece-vos pouco o fatigardes os homens, e quereis fatigar também a meu Deus?”. E para mostrar que tal combate haveria de ocorrer, acrescentou: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel”.[51] Esse é o combate da nossa fé, pela qual combatemos, pela qual vencemos e pela qual somos coroados.

4,3 Esse é o combate que também nos descreve o bem-aventurado apóstolo Paulo, e em que convém que corramos para chegar à glória da coroa. “Não sabeis” − diz − “que aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio? Correi, portanto, de maneira a consegui-lo. Os atletas se abstêm de tudo; eles, para ganharem uma coroa perecível; nós, porém, para ganharmos uma coroa imperecível”.[52] Do mesmo modo, ao descrever o seu próprio combate, prevendo que ele mesmo seria dali a pouco um sacrifício para o Senhor, diz: “Quanto a mim, já fui oferecido em libação e chegou o tempo de minha partida. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça que me dará o Senhor, justo Juiz, naquele dia; e não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor a sua vinda”.[53] Esse mesmo combate, portanto, prenunciado pelos profetas, levado a efeito pelo Senhor[54] e enfrentado pelos apóstolos, foi novamente anunciado por Mapálico, em seu próprio nome e no de seus colegas, ao procônsul. E sua voz fiel não falhou ao anunciá-lo, pois ele apresentou, de fato, a luta com que se comprometera e recebeu a palma merecida.

4,4 Desejo que imiteis agora esse beatíssimo mártir e os demais participantes do mesmo combate, seus companheiros estáveis na fé, sofridos

nas penas e vencedores na querela, assim como aos outros também e, igualmente, exorto-vos a fazê-lo. Destarte, aqueles que foram unidos pelo vínculo da confissão e pelo asilo do cárcere virão a unir-se, do mesmo modo, pela consumação da coragem e pela coroa celeste, a fim de enxugardes com vossa alegria as lágrimas da mãe Igreja, que chora a queda e a perda de muitos,[55] e de consolidardes também, com o estímulo do vosso exemplo, a firmeza dos outros que permanecem de pé. Se a batalha vos chamar, se o dia do vosso certame chegar, lutai fortemente, combatei com constância, sabendo que combateis sob os olhos do Senhor que se faz presente, e que vos aproximais, pela confissão do seu nome, à sua mesma glória. Ele não apenas nos observa quais servos seus, mas luta também em nós, ele mesmo combate: no certame da nossa luta, ele mesmo coroa e é coroado.[56]

5,1 Se a paz for restabelecida, por misericórdia do Senhor, antes do dia do vosso certame, permanecerá, contudo, vossa vontade íntegra e vossa gloriosa consciência. Que ninguém dentre vós se entristeça por se considerar menor do que aqueles que, por suportar com coragem os tormentos, foram ao Senhor, antes de vós, por um caminho glorioso, tendo vencido e calcado aos pés o mundo. O Senhor perscruta os rins e os corações,[57] penetra os segredos e vê o que está escondido. Para que se mereça receber dele uma coroa, basta o testemunho do Único que há de julgar.

5,2 Ambas as coisas, portanto, irmãos caríssimos, são sublimes e igualmente ilustres, a saber, a primeira delas, que é a mais segura, é aproximar-se do Senhor pela consumação da vitória; a outra, mais suave, é florescer na estima da Igreja, tendo recebido a licença depois que se obteve a glória. Ó bem-aventurada Igreja nossa, iluminada por essa grande honra da divina misericórdia, e resplandecente, em nossos tempos, pelo glorioso sangue dos mártires! Antes era branca, nas obras dos irmãos, mas fez-se agora purpúrea no sangue dos mártires. Que entre suas flores não faltem os lírios, nem as rosas. Que cada um lute aspirando à amplíssima dignidade de ambas as honras. Recebam-se coroas, quer brancas, relativas às boas obras; quer purpúreas, decorrentes da paixão. No acampamento celeste, tanto o tempo de paz[58] como o dos combates têm suas próprias flores, com as quais o soldado de Cristo é coroado por causa da glória alcançada. Desejo que vós, fortíssimos e beatíssimos irmãos, sempre estejais bem no Senhor e de nós vos recordeis. Passai bem.

Epístola 11

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1,1 Embora eu saiba, irmãos caríssimos, que, pelo temor que cada um de nós deve a Deus, vós vos ocupais aí também com assíduas orações e fervorosas preces, admoesto, todavia, a vossa piedosa solicitude a que aplaquemos a Deus, suplicando-lhe não apenas com a voz, mas que também gemamos com jejuns, com lágrimas e com todo tipo de rogo.

1,2 Deve-se entender, pois, e reconhecer que a tão tempestuosa devastação dessa tribulação, que assolou em grande parte o nosso rebanho e que continua a assolá-lo, foi ocasionada por nossos pecados, na medida em que não conservamos o caminho do Senhor, nem observamos os mandamentos celestes que nos foram dados para a nossa salvação. Nosso Senhor fez a vontade do Pai, e nós não fazemos a vontade de Deus,[59] preocupados que estamos com o patrimônio e com o lucro,[60] seguindo a soberba, perdendo tempo em rivalidade e dissensão, negligenciando a simplicidade e a fé, renunciando ao mundo só com as palavras, não com os atos, comprazendo cada um só a si mesmo e desagradando a todos.[61] Somos açoitados, então, e o merecemos, pois está escrito: "Aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor, mas não se preparou conforme a vontade dele, será açoitado muitas vezes".[62]

1,3 Que pragas, pois, e que açoites não merecemos, quando nem os confessores, que deveriam ser para os demais um exemplo de bons costumes, conservam a disciplina? Por isso, enquanto a jactância presunçosa e desavergonhada pela própria confissão exaltava insolentemente alguns deles, vieram os tormentos, e tormentos que parecem não ter fim, sem chegar a uma condenação que os faça cessar, sem obter a consolação da morte, tormentos que não levam facilmente à coroa, mas que, quanto mais torturam, mais fazem renegar, a menos que, por divina misericórdia, alguém venha a ser arrebatado à mesma tortura e triunfe alcançando a glória, não com o termo do suplício, mas pela velocidade com que morre.

2,1 Sofremos essas coisas por delito e merecimento nosso, tal como advertiu a divina censura, dizendo: “Se abandonarem minha lei e não andarem conforme as minhas normas, se profanarem meus estatutos e não guardarem meus mandamentos, eu punirei sua revolta com a vara e sua falta com golpes”.[63] Nós, que não agradamos a Deus com boas obras, nem fazemos reparação pelos nossos pecados, sentimos, pois, o peso da vara e dos golpes.

2,2 Roguemos, do mais profundo do coração e com todo o nosso espírito, a misericórdia de Deus, pois ele próprio acrescentou: “sem deles retirar, porém, a minha misericórdia”.[64] Peçamos, e receberemos.[65] Mesmo que haja demora e tardança em recebê-la, visto que gravemente o ofendemos, batamos à sua porta; pois a quem bater abrir-se-lhe-á, se agora baterem nossas preces, nossos gemidos e nossas lágrimas, coisas nas quais convém insistir e perseverar, e se nossa oração for unânime.

3,1 Ora, o que mais me persuadiu e impeliu a escrever-vos esta carta, deveis sabê-lo, foi que, numa visão que o Senhor se dignou de revelar-nos,[66] tenha sido dito: “Pedi e recebereis”. Então, foi mandado ao povo que assistia que rezasse por algumas pessoas determinadas. Como eram, porém, dissonantes aquelas vozes, e não estavam de acordo aquelas vontades, isso desagradou muitíssimo àquele que dissera: “Pedi e recebereis”, que houvesse tanta discrepância no povo e não um único e simples consenso, uma harmoniosa concórdia entre os irmãos, por mais que tenha sido escrito: “Deus faz habitar os unânimes na casa”,[67] que leiamos, nos Atos dos Apóstolos: “A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma”,[68] e que o Senhor tenha mandado de viva voz: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei”,[69] e ainda: “Eu vos digo que, se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus”.[70] Se dois unânimes podem tanto, o que não poderá a unanimidade de todos?

3,2 O que aconteceria se houvesse acordo entre todos os irmãos, segundo aquela paz que o Senhor nos deu?[71] Há muito tempo, já teríamos impetrado da divina misericórdia tudo aquilo que pedimos, e não estaríamos tão longamente a debater-nos em meio ao que põe em perigo a nossa fé e a nossa salvação; antes, estes males nem teriam atingido os irmãos se a comunidade estivesse animada na busca da unidade.

4,1 Outra visão também me foi mostrada. Apareceu-me um pai de família sentado, com um jovem sentado à sua direita. Esse jovem se achava atormentado, algo indignado, e sentava-se um pouco triste, apoiando o queixo na mão e ostentando um rosto sombrio. Outro, sentado à esquerda do pai, tinha nas mãos uma rede, que ameaçava jogar sobre todos os que o circundavam, para prendê-los. Como aquele que presenciou a cena tivesse ficado admirado, foi-lhe dito que o jovem sentado à direita estava triste daquele jeito e indignado porque seus preceitos não eram observados. Aquele outro, por sua vez, sentado à esquerda, exultava pela oportunidade de receber do pai de família o poder de fazer o mal.

4,2 Isso me foi mostrado bem antes que a tempestade da devastação tivesse início. Vemos hoje cumprido o que então fora representado: com efeito, enquanto desprezamos os preceitos do Senhor, enquanto não guardamos os salutares mandamentos da lei que nos foi dada, o inimigo recebe o poder de fazer o mal, de capturar com um laço de rede quem está menos armado, menos preparado para opor-lhe resistência.

5,1 Oremos insistentemente e gemamos em assíduas preces. Pois não faz muito tempo que também por isto fomos censurados numa visão − deveis sabê-lo, irmãos caríssimos: por cochilarmos em nossas preces e não orarmos vigilantes.[72] E Deus, por certo, que ama a quem corrige, corrige para emendar e emenda para conservar.[73] Sacudamos, pois, e quebremos as cadeias do sono. Oremos, então, com insistência e vigilância, como ordena o apóstolo Paulo, ao dizer: "Perseverai na oração, vigilantes".[74] Pois tampouco os apóstolos deixaram de rezar dia e noite, e o Senhor mesmo, mestre da disciplina e exemplo para nós, orou frequente e vigilantemente, conforme lemos no Evangelho: "Foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus".[75]

5,2 E, por certo, ao orar, orava ele por nós, porque ele próprio não era pecador, mas carregava sobre si os nossos pecados.[76] Intercedia até mesmo por nós, como lemos noutra passagem: "Eis que satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça".[77] Se, por nós e pelos nossos pecados, ele tanto se afadiga, vela e reza, quanto mais devemos nós insistir nas orações e rezar, rogando, em primeiro lugar, ao próprio Senhor e, então, por meio dele, oferecendo uma reparação a Deus Pai?

5,3 Nós temos um advogado e um intercessor pelos nossos pecados,[78] Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor, desde que agora nos arrependamos de ter pecado no passado e, confessando e reconhecendo as faltas com as quais ofendemos a Deus no presente, pelo menos prometamos caminhar, daqui para a frente, nos seus caminhos e respeitar os seus preceitos. O Pai nos corrige, mas também nos sustentará, se nos mantivermos firmes na fé e, apesar das perseguições e das angústias, aderirmos solidamente ao seu Cristo, conforme está escrito: "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?".[79] Nada disso pode separar dele os que creem, nada pode arrancar os que se acham unidos ao seu corpo e ao seu sangue. Esta perseguição é um exame e uma análise do nosso peito. Deus quis sacudir-nos e experimentar-nos, tal como sempre experimentou os seus, sem jamais faltar, alguma vez, aos que creem um auxílio em meio às provações.

6,1 Por fim, por sua bondade para conosco, o Senhor se dignou de mandar dizer ao menor – porque réu de diversos pecados e indigno da sua misericórdia – dos seus servos: "Dize-lhes" − afirmou − "ser certo que a paz há de vir. O fato de que, por enquanto, demore um pouco é devido a que ainda falta que alguns sejam provados".

6,2 Mas somos também nós admoestados pelos divinos favores à frugalidade no comer e à sobriedade no beber, a fim de que a sedução do mundo não enfraqueça um peito já sublimado pelo vigor celeste, nem o espírito, ao encontrar-se pesado por lautos banquetes, vele menos nas súplicas da oração.

7,1 Não podia eu omitir, nem conservar apenas para mim, em minha própria consciência, nenhuma dessas coisas pelas quais cada um de nós pode vir a ser tanto instruído, como orientado. Nem vós mesmos guardeis esta epístola oculta convosco, mas dai-a aos irmãos para que se leia. De fato, bloquear a mensagem com que o Senhor se dignou admoestar-nos e instruir-nos é comportamento de quem não quer admoestar nem instruir o seu irmão.

7,2 Saibam todos que somos provados pelo Senhor e não decaiam daquela fé, com que nele cremos uma vez, por causa do embate da atual tribulação. Reconhecendo, cada um, os seus próprios pecados, deixe, pelo menos agora, a maneira de viver do homem velho.[80] Pois "quem põe a mão no arado e

olha para trás não é apto para o Reino de Deus”.[81] Em suma, a mulher de Ló que, uma vez libertada, olhou para trás contrariando o preceito recebido, acabou perdendo o que conseguira.[82] Olhemos não para o que ficou atrás, em cuja direção o diabo nos quer fazer voltar; mas para o que está à nossa frente, para o que Cristo nos chama. Ergamos os olhos ao céu e não nos engane a terra com seus passatempos e atrativos.

7,3 Ore cada um a Deus, não apenas por si mesmo, mas por todos os irmãos, tal como o Senhor nos ensinou a rezar, ao não confiar uma prece privada a cada um de nós, mas mandando que rezássemos por todos com uma oração comum, uma prece concorde. Se o Senhor observar que mantemos uma atitude humilde e serena, que permanecemos unidos entre nós, que guardamos o respeito pela manifestação da sua ira e que fomos corrigidos e emendados pela presente tribulação, conservar-nos-á protegidos das vexações do inimigo. Se a disciplina precedeu, seguir-se-á, igualmente, o perdão.

8 Nós, enquanto isso, supliquemos ao Senhor, sem deixar de pedir e, com fé, de receber o que pedimos, na unanimidade e na simplicidade de coração, em meio às lágrimas e aos gemidos, como convém que rezem os que o fazem entre as quedas dos que choram e o restante dos que têm medo de cair, entre o numeroso contingente dos que desfalecem e o exíguo grupo dos que ainda estão de pé. Roguemos que a paz seja restabelecida quanto antes, que sejamos socorridos em nossos esconderijos e nos riscos que corremos, que se cumpram as coisas que o Senhor se dignou revelar aos seus servos: a restauração da sua Igreja, a segurança da nossa salvação, a tranquilidade depois das chuvas, a luz depois das trevas, a plácida calmaria depois das procelas e turbilhões, os piedosos auxílios do paterno amor e os acostumados prodígios da divina majestade, com que se há de conter a blasfêmia dos perseguidores e de reformar a penitência dos que caíram, e de que se há de gloriar a forte e estável confiança dos que perseveram. Desejo que vós, irmãos caríssimos, sempre estejais bem.

Epístola 12

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1,1 Embora eu saiba, irmãos caríssimos, que já vos tenho admoestado com frequência por minhas cartas,[83] e que toda a diligência tem sido prestada assim aos que confessastes o Senhor com gloriosa voz e fostes encarcerados, torno repetidamente a dirigir-me a vós, para que não faltem cuidados àqueles aos quais nada falta com relação à glória.[84] Quisera que as condições do lugar e da minha posição hierárquica me permitissem agora fazer-me presente: eu levaria a cabo prontamente e de bom grado todos os obséquios do amor fraterno, por intermédio de meu solene ministério, em favor dos nossos fortíssimos irmãos. Mas, que a vossa diligência torne presente o meu ofício e faça tudo aquilo que convém fazer em favor dos que a divina misericórdia honrou com tais méritos de fé e de valor.

1,2 Que se demonstre atenção e o mais compadecido cuidado também pelos corpos de todos aqueles que, conquanto não tenham sido torturados, partem no cárcere através da gloriosa passagem da morte. Não é menor sua coragem, nem sua honra, de modo que eles também se devem agregar ao número dos bem-aventurados mártires. Na medida de suas possibilidades, sofreram eles tudo aquilo para o qual estavam preparados e dispostos. Quem se ofereceu aos tormentos e à morte, sob os olhos de Deus, sofreu tudo aquilo que ele dispôs que sofresse. Com efeito, alguém assim não se subtraiu aos tormentos, mas os tormentos é que lhe faltaram, conforme está escrito: "Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de meu Pai" − diz o Senhor.[85] Eles se declararam. "Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo" − diz o Senhor.[86] Eles perseveraram, e até o fim portaram os incorruptos e imaculados méritos de suas virtudes. E ainda está escrito: "Mostra-te fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida".[87] Eles perseveraram fiéis, estáveis e inexpugnáveis até a morte. Quando ao encontro da nossa vontade e da nossa confissão vem o termo da morte, em meio ao cárcere e às cadeias, confirma-se a glória de mártir.

2,1 Tomai nota, em suma, também dos dias em que eles morrem, para que possamos celebrar sua comemoração entre as memórias dos mártires; não obstante o nosso irmão Tértulo,[88] fidelíssimo e devotíssimo, para além da solicitude e do cuidado que presta aos irmãos em todo obséquio de boa obra,

em que tampouco falta o que concerne ao cuidado com o corpo, tenha escrito e continue a escrever-me e a indicar-me os dias em que nossos bem-aventurados irmãos passaram, no cárcere, à gloriosa imortalidade pela porta da morte, e por nós sejam celebrados aqui, em comemoração deles, as oblações e os sacrifícios que havemos de celebrar, o mais breve possível, com a ajuda do Senhor, junto convosco.

2,2 Não falte tampouco a vossa diligência nem o vosso cuidado com relação aos pobres, conforme amiúde vos escrevi, principalmente com respeito àqueles que, firmes na fé e militando conosco vigorosamente, não abandonaram o acampamento de Cristo. A eles, por certo, maior afeição e maior cuidado de nossa parte se há de demonstrar agora, uma vez que, ao não terem sido vencidos pela pobreza, nem abatidos pela tempestade da perseguição, enquanto servem fielmente ao Senhor, deram também aos outros pobres um exemplo de fé. Desejo, irmãos caríssimos e saudosíssimos, que estejais sempre bem e vos recordeis de nós. Saudai a comunidade em meu nome. Passai bem.

Epístola 13

Cipriano ao presbítero Rogaciano[89] e aos outros irmãos confessores, saudação.

1 Há muito tempo, irmãos caríssimos e fortíssimos, eu vos enviara uma carta[90] na qual me congratulava, em palavras exultantes, com a vossa fé e a vossa coragem, e mesmo agora a nossa palavra não se expressa de outra forma, senão, sobretudo, louvando amiúde e com espírito alegre a glória do vosso nome. Qual dos meus desejos pode, então, ser maior e melhor do que o de ver o rebanho de Cristo iluminado pela honra da vossa confissão? Como convém que todos os irmãos se alegrem nisso, cabe ao bispo uma porção maior no regozijo comum: a glória da Igreja é, com efeito, glória do prelado.[91] Assim como grande é a nossa dor por aqueles que a tempestade inimiga logrou prostrar, alegramo-nos também por vós, a quem o diabo não pôde vencer!

2,1 Exortamo-vos, contudo, em nome da nossa fé comum, em nome da verdadeira e simples caridade do nosso coração para convosco, a que, tendo vencido o adversário nesse primeiro embate, conserveis a vossa glória com uma forte e perseverante coragem. Ainda nos encontramos no mundo, ainda em meio ao campo de batalha, combatendo cotidianamente por nossa vida. Deve-se trabalhar para que, depois desses inícios, tenha lugar também o crescimento e se consume em vós o que já, em tão felizes rudimentos, começastes a ser. É pouco que tenhais podido conseguir alguma coisa. Mais importante é que possais conservar o que conseguistes, pois a própria fé e o renascimento espiritual vivificam a alma não apenas por terem sido aceitos, mas por terem sido conservados. Não é a conquista dessas realidades que guardam o homem para Deus, mas sim a sua consumação.

2,2 O Senhor ensina-nos isso com o seu magistério, dizendo: "Eis que estás curado; não peques mais, para que não te suceda algo ainda pior".[92] Pensai que ele o diz também ao seu confessor: "Eis que te tornaste confessor; não peques mais, para que não te suceda algo ainda pior". Salomão, em suma, Saul e outros muitos, enquanto caminharam pelas sendas do Senhor, puderam conservar a graça que lhes fora dada; uma vez que deles se afastou a disciplina do Senhor, abandonou-os também a graça.[93]

3,1 Havemos de perseverar no árduo e estreito caminho do louvor e da glória[94] e, porque a serenidade, a humildade e a tranquilidade dos bons costumes são coisas que convêm a todos os cristãos, segundo a palavra do Deus que não dirige os olhos senão ao humilde, ao sereno e ao que treme ante as suas palavras,[95] importa que os confessores as observem ainda mais, pois vos fizestes modelo para os outros irmãos: a vida e as obras de todos eles devem sentir-se interpeladas pelos vossos costumes.

3,2 Assim como os judeus se afastaram de Deus, e por causa deles o nome de Deus é blasfemado entre as nações,[96] pelo contrário, são caros a Deus aqueles por cuja vida bem ordenada o nome de Deus é engrandecido com um louvável testemunho, tal como está escrito, tendo-o o Senhor previsto e dito: "Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus".[97] O apóstolo Paulo diz: "Brilhai como astros no mundo".[98] E Pedro exorta de forma semelhante: "Como a estrangeiros e viajantes neste mundo" − diz ele −, "exorto-vos a que vos abstenhais dos desejos carnais que promovem guerra

contra a alma. Seja bom o vosso comportamento entre os gentios, para que, mesmo que falem mal de vós, como se fôsseis malfeitores, vendo as vossas boas obras glorifiquem a Deus".[99] A maior parte de vós, por certo, observa tudo isso, o que é motivo de alegria para mim: formada por gente que, tornada melhor pela honra da própria confissão, empenha-se em custodiar e guardar a sua glória cultivando bons e serenos costumes.

4,1 Ouço, porém, que alguns dentre vós mancham o vosso grupo e destroem, com seu comportamento depravado, o louvor devido a um excelente nome. Vós mesmos, dado que sois apreciadores e custódios do louvor que vos cabe, deveis repreender, pressionar e corrigir tais pessoas. Quão grande falta se comete contra a honra do vosso nome quando um de vós leva vida de ébrio ou de dissoluto, quando outro retorna à pátria de que foi exilado e, uma vez capturado, vem a morrer, não como cristão, mas como um criminoso comum![100]

4,2 Ouço que alguns se incham de orgulho e se intumescem, quando está escrito: "Não te ensoberbeças, mas teme, porque se Deus não poupou os ramos naturais, nem a ti poupará".[101] Nosso Senhor, como ovelha que é levada ao matadouro e como cordeiro mudo ante os tosquiadores, não abriu a boca.[102] "Não fui rebelde" − diz ele −, "não recuei. Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces às mãos. Não ocultei o rosto à injúria dos escarros".[103]

4,3 E alguém que agora vive por ele e nele[104] ousa presumir de si e ensoberbecer-se, sem lembrar-se dos atos que ele realizou, nem dos preceitos que nos deu, quer diretamente, quer por meio dos seus apóstolos? Ora, "se o servo não é maior do que o Senhor",[105] os que o seguem hão de imitar os seus passos, humildes, tranquilos e silenciosos, pois quanto mais inferior se fizer alguém, mais elevado se torna, como diz o Senhor: "Aquele que no vosso meio for o menor, esse será grande".[106]

5,1 E que direi daquilo, que há de parecer-vos coisa detestável e que chegou a nosso conhecimento produzindo em nós grande gemido e acerba dor, a saber, não falta quem macule, por um concúbito torpe e infame, membros que são templo de Deus,[107] ainda mais santificados e embelezados depois da confissão, unindo seus promíscuos leitos ao de mulheres. Conquanto sua consciência esteja livre de delito impuro, só isso já constitui um grave pecado, porque, com o escândalo que dão, origina-se um exemplo que leva à

ruína de outros.

5,2 Não convém, tampouco, que haja entre vós contendas nem invejas,[108] visto que o Senhor nos deixou a sua paz,[109] como está escrito: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo. Mas se vos mordeis e vos devorais reciprocamente, cuidado, não aconteça que vos elimineis uns aos outros". [110] Abstende-vos, pois, eu vos peço, de injúrias e de maldições, pois os que amaldiçoam não herdarão o Reino de Deus[111] e a língua que confessou a Cristo tem de ser guardada incólume e pura em sua honra. Quem fala, pois, o que é bom e justo, conforme o preceito de Cristo, confessa a Cristo todos os dias.

5,3 Já renunciáramos ao mundo[112] quando fomos batizados; mas, agora, renunciamos verdadeiramente ao mundo quando somos tentados, quando somos provados por Deus e, deixando tudo o que é nosso, seguimos o Senhor e vivemos, permanecendo firmes na sua fé e no seu temor.

6 Fortaleçamo-nos uns aos outros com recíprocas exortações e progridamos cada vez mais no Senhor, para que, quando, por sua misericórdia, vier a proporcionar-nos a paz que prometeu,[113] regressemos novos e completamente transformados à Igreja e, uma vez corrigidos em tudo e mudados para melhor, sejamos recebidos, quer por nossos irmãos, quer pelos próprios pagãos. Assim sendo, os que se tinham admirado antes com a glória da nossa coragem, admirem-se já agora com a disciplina dos nossos costumes.

7 Ainda que eu tenha escrito já ao nosso clero,[114] não faz muito tempo, enquanto ainda estáveis no cárcere, e o faça agora outra vez, para que se vos dê o que for necessário no tocante ao vosso vestuário ou ao vosso alimento, enviei-vos eu mesmo, da quantia que me é própria e que trazia comigo, duzentos e cinquenta sestércios, além dos outros duzentos e cinquenta que enviara há pouco. Também Víctor, que fora leitor e é diácono,[115] e está comigo, enviou-vos cento e setenta e cinco sestércios. Alegro-me, por outro lado, ao saber que vários irmãos nossos acorrem à porfia e socorrem as vossas necessidades com suas ofertas. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 14

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1,1 Quisera, por certo, irmãos caríssimos, saudar com minha carta a todo o nosso clero íntegro e incólume. Mas, porque a nefasta tempestade que prostrou grande parte do nosso povo acrescentou as nossas dores ao abalar também, com sua devastação, uma porção do clero, oramos a Deus, pedindo-lhe que pelo menos a vós que, sabemos, perseverais na fé e na coragem, possamos continuar a saudar, firmes também doravante, por obra da divina misericórdia.

1,2 E conquanto as circunstâncias exijam que eu me apresse em ir até vós, em primeiro lugar, pelo desejo que tenho de ver-vos − o maior dentre os meus desejos –, mas também para que pudéssemos tratar juntos aqueles assuntos que a utilidade comum requer no tocante ao governo da Igreja e aperfeiçoar o que se tiver tratado à luz do parecer de muitos, pareceu-me melhor, contudo, que guarde ainda, por enquanto, o esconderijo e a tranquilidade com vistas a outras utilidades que dizem respeito à paz e à salvação de todos nós, utilidades essas que vos serão expostas por nosso caríssimo irmão Tértulo,[116] que, tendo servido mui devotamente às obras divinas noutros assuntos com sua dedicação, foi também autor do parecer de que eu me mantenha resguardado e comedido, e não me apresente temerariamente em público, sobretudo naquele lugar em que por tantas vezes fora procurado e perseguido.

2,1 Confiando, pois, no vosso afeto e na vossa piedade por mim bem conhecidos, exorto-vos por meio desta carta, encarregando-vos de que, ali onde a vossa presença não for minimamente ocasião de antipatia nem representar perigo para vós, façais as minhas vezes com relação àquilo que a administração religiosa exigir. Tenha-se, entretanto, quanto e como for possível, cuidado para com os pobres,[117] mas para com aqueles que, perseverando numa fé inabalável, não abandonaram o rebanho de Cristo, de modo que se lhes dê, para que sua penúria seja remediada, uma quantia por intermédio da vossa diligência. Não venha, assim, a necessidade a

ocasionar aos que por ela passam o que não acarretou a tempestade aos que mantiveram a fé.

2,2 Dê-se também a mais dedicada atenção aos gloriosos confessores. Embora eu saiba que muitos deles já têm sido ajudados pelo favor e pelo afeto dos irmãos, se houver algum deles passando necessidade de vestuário ou mesmo de sustento econômico, como eu já vos escrevera antes[118] quando estavam ainda no cárcere, ofereça-se a eles tudo o que lhes for necessário, contanto que saibam, ou que sejam por vós instruídos e aprendam que, de acordo com o magistério das Escrituras, a disciplina eclesiástica estabelece que eles devam manter-se numa atitude humilde, modesta e tranquila, a fim de conservarem a honra do seu nome e, assim, os que foram gloriosos pela voz venham a sê-lo, igualmente, pelos costumes e se tornem dignos de, conquistando em tudo o favor do Senhor, chegar à celeste coroa quando da consumação do louvor que lhes cabe. Resta por fazer muito mais do que parece feito, pois está escrito: "Antes da morte, não beatifiques ninguém",[119] e também: "Mostra-te fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida".[120] E o Senhor diz ainda: "Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo".[121]

2,3 Imitem o Senhor que, no próprio tempo da paixão, mais humilde se mostrou, e não mais soberbo. Com efeito, foi então que lavou os pés dos seus apóstolos, dizendo: "Se, portanto, eu − que sou Mestre e Senhor − vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais".[122] Sigam do mesmo modo os exemplos do apóstolo Paulo que, depois das prisões frequentemente repetidas, depois dos açoites, depois do ataque de animais ferozes, permaneceu manso e humilde em tudo.[123] Nem sequer depois de ter sido levado ao terceiro céu[124] assumiu em momento algum uma atitude insolente, dizendo, pelo contrário: "Não recebemos de graça o pão que comemos; antes, no esforço e na fadiga, de noite e de dia, trabalhamos para não sermos pesados a nenhum de vós".[125]

3,1 Peço-vos que comuniqueis cada uma dessas coisas aos nossos irmãos. E porque quem se humilhar será exaltado,[126] é tempo de que temam um adversário ainda mais ameaçador, que ataca a quem está mais forte, pois, feito mais agressivo pelo fato mesmo de ter sido vencido, esforça-se para superar a quem o superou. O Senhor fará com que eu também vá logo vê-los, saudá-los e que possa dispor, com minha exortação, os espíritos deles a

conservar a glória que possuem.

3,2 Sofro, pois, quando ouço que alguns andam por aí de modo ímprobo e insolente, perdendo o tempo com futilidades e com discórdias, conspurcando os membros de Cristo,[127] e que já confessaram a Cristo, por concúbitos ilícitos; que alguns não se podem governar nem pelos diáconos, nem pelos presbíteros; quando ouço, porém, que procedem de tal modo que se mancha a honrada glória dos muitos e bons confessores pelos costumes depravados e maus de uns poucos, que deveriam, na verdade, temer que, uma vez condenados pelo testemunho e julgamento daqueles, venham a ser separados da sua sociedade. O glorioso e verdadeiro confessor é, enfim, aquele de quem a Igreja não se envergonha depois, mas se gloria.

4 Com relação àquilo, porém, que me escreveram os nossos irmãos presbíteros Donato, Fortunato, Novato e Górdio,[128] nada pude responder sozinho, pois estabeleci, desde os primórdios do meu episcopado, que sobre nada emitiria privadamente um parecer sem o vosso conselho e sem o consentimento do meu povo. Quando eu puder ir a vós, por mercê de Deus, então sim trataremos em comum, como a honra mútua o exige, acerca daquilo que se fez ou se há de fazer.[129] Desejo, irmãos caríssimos e saudosíssimos, que vós estejais sempre bem e vos recordeis de mim. Saudai muito, de minha parte, os irmãos, se é que algum deles está convosco, e exortai-os a que se lembrem de nós. Passai bem.

Epístola 15

Cipriano aos caríssimos irmãos mártires e confessores,[130] saudação.

1,1 A solicitude da nossa condição e o temor de Deus impelem-nos,[131] fortíssimos e beatíssimos mártires, a admoestar-vos com nossa carta, a fim de que a lei e a disciplina[132] do Senhor sejam observadas por aqueles mesmos por quem é guardada tão devota e vigorosamente a fé do Senhor. De fato, se convém que todos os soldados de Cristo guardem os preceitos de seu Imperador, convém ainda mais que vós, que vos fizestes para outros um

exemplo, tanto de coragem como de temor de Deus, obedeçais aos preceitos dele.

1,2 E eu tinha pensado que os presbíteros e diáconos que aí se fazem presentes vos exortavam e instruíam plenamente acerca da lei do Evangelho, tal como no passado sempre se fez sob os nossos predecessores; pensei que os diáconos, indo ao cárcere, dirigiam as aspirações dos mártires com seus conselhos e valendo-se dos preceitos das Escrituras. Mas venho a saber agora, com grandíssima dor da alma, que não só não se ofereciam ali os divinos preceitos, como também que sois, antes, impedidos de cumpri-los; que aquelas resoluções que tomais prudentemente diante de Deus e honradamente diante do sacerdote de Deus são anuladas por certos presbíteros que não consideram o temor de Deus nem a honra do bispo. Depois de me terdes dirigido uma carta na qual suplicastes que se examinassem as vossas aspirações e se desse a paz a alguns dos caídos, uma vez que tivesse cessado a perseguição e que nós tivéssemos começado a reunir-nos com o clero, ajuntando-nos novamente, aqueles homens, contra a lei evangélica e contra também a vossa honrada petição, antes da penitência cumprida, antes da confissão de tão grave e detestado pecado, antes da imposição de mãos por parte do bispo e do clero em sinal de reconciliação, ousam oferecer a Eucaristia pelos que caíram e ministrar-lha, isto é, profanar o santo corpo do Senhor, quando está escrito: "Todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor".[133]

2,1 Pode-se nisso perdoar àqueles que caíram. Qual é, com efeito, o morto que não tem pressa de ser vivificado? Quem há que não se apresse em encaminhar-se para a sua própria salvação? Mas cabe aos prelados guardar o preceito e instruir os apressados ou ignorantes. Não se convertam em carnífices os que devem ser pastores das ovelhas, pois conceder o que há de redundar em destruição é enganar. Não é dessa maneira que se ergue um caído, pelo contrário, por meio da ofensa que se faz a Deus, ele acaba impelido ainda para a ruína.

2,2 Que esses tais pelo menos aprendam de vós o que deveriam ter ensinado. Que vossas petições e vossos desejos respeitem o bispo, e esperem o tempo oportuno e pacífico para dar a paz aos que vos pedem. É preciso que a mãe antes receba do Senhor a paz, e só então que se discuta, de acordo com os vossos desejos, acerca da paz dos filhos.

3,1 E já que ouço, fortíssimos e caríssimos irmãos, que sois importunados pelo atrevimento de alguns e que vossa discrição vem sofrendo violência, peço-vos, com as preces de que sou capaz, que, recordando-vos do Evangelho e considerando em que coisas os mártires, vossos predecessores, cederam no passado, pondereis, vós também, solícita e cautelosamente, os desejos dos que vos pedem. Como amigos do Senhor e pessoas que, com ele, haveis de julgar no futuro,[134] averigueis a atitude, as obras e os méritos de cada um, e penseis também nos tipos de pecado e nas condições em que foram cometidos. Não aconteça que, caso seja alguma coisa prometida por vós ou realizada por nós de forma abrupta e indigna, nossa Igreja comece a ter de que envergonhar-se, até mesmo diante dos pagãos.

3,2 Somos frequentemente visitados e castigados por Deus, exortados a que os mandamentos do Senhor permaneçam incorruptos e inviolados. Sei que tampouco aí, junto a vós, deixa de acontecer que a divina censura a muitos de vós instrua na disciplina da Igreja. Isso se fará se moderardes com um espírito de piedosa contemplação o que se vos pede, procurando discernir e reprimir aqueles que, no acesso aos vossos benefícios, ou são obsequiados, por fazerem acepção de pessoas,[135] ou procuram nisso um comércio de ilícita negociação.

4 Escrevi cartas sobre tais coisas tanto ao clero como ao povo, e prescrevi que ambas vos fossem lidas.[136] Mas, por precaução vossa, deveis reformar e emendar aquele escrito, de modo a designardes nominalmente aqueles a quem desejais que se dê a paz. Ouço de alguns, com efeito, que se fazem libelos que dizem: "comungue ele com os seus", mas que nunca foram escritos pelos mártires. Um pedido incerto e vago como esse pode levar a que aumente a hostilidade para conosco com o passar do tempo. Quando se diz "ele com os seus", fica claro que se trata de uma expressão ampla e, desse modo, podem ser-nos apresentadas vinte ou trinta pessoas, ou até mais, que se asseverariam parentes, achegados, libertos ou gente da casa de quem recebeu o libelo. Por isso, peço que designeis nominalmente, no libelo, os que vós mesmos já vistes, que conheceis, cuja penitência vedes que está próxima da satisfação, e, assim, nos dirijais uma carta em conformidade com a fé e a disciplina. Desejo, irmãos fortíssimos e diletíssimos, que sempre estejais bem no Senhor e vos recordeis de nós. Passai bem.

Epístola 16

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1,1 Conservei por muito tempo a minha paciência, irmãos caríssimos, como se nosso modesto silêncio servisse para manter a paz. Uma vez, porém, que a imoderada e abrupta presunção de alguns pretende perturbar com sua temeridade quer a honra dos mártires, quer a discrição dos confessores, quer a tranquilidade de todo o povo, não mais convém calar doravante, a fim de que uma excessiva taciturnidade nossa não leve a uma situação de perigo tanto para nós como para o povo.

1,2 Como não devemos temer o perigo de ofender o Senhor, quando alguns dos presbíteros, sem recordar-se do Evangelho nem da posição que ocupam, sem pensar tampouco no futuro juízo do Senhor, nem no bispo que, atualmente, lhes é superior − coisa que jamais se passou sob qualquer dos nossos predecessores −, reclamam para si todas as prerrogativas, numa atitude franca de ofensa e de desprezo com respeito ao prelado?

2,1 Oxalá reclamassem tudo para si numa situação em que não se visse arruinada a salvação dos nossos irmãos! Eu poderia até não fazer caso das ofensas feitas ao nosso episcopado e tolerá-las, como sempre, aliás, tem sido o meu proceder, mas não é agora ocasião de não fazer caso, quando nossa comunidade é enganada por alguns de vós que, ao desejarem ser aplaudidos por restituir a salvação sem razão, prejudicam ainda mais os que caíram.

2,2 Sabem, com efeito, ser grande demais o pecado que a perseguição levou a cometer aqueles próprios que o cometeram, tendo-nos dito o Senhor, nosso Juiz: "Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de meu Pai que está nos céus. Aquele, porém, que me renegar diante dos homens, também o renegarei".[137] E ainda: "Tudo será perdoado aos filhos dos homens e todas as blasfêmias que tiverem proferido. Aquele, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo jamais será perdoado: é culpado de pecado eterno".[138] O bem-aventurado Apóstolo também diz: "Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios. Não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa

dos demônios”.[139]

2,3 Quem esconde tais coisas de nossos irmãos engana pessoas miseráveis. São, assim, seduzidos os que poderiam fazer uma penitência verdadeira com a qual reparar, por meio de suas preces e boas obras, o agravo feito a Deus Pai misericordioso, e arruínam-se ainda mais; caem ainda mais os que poderiam erguer-se. Ora, quando se trata de pecados menores, submetem-se os pecadores à penitência por um tempo justo, conforme a ordem da disciplina, eles são admitidos à confissão e, pela imposição das mãos do bispo e do clero, é-lhes restituído o direito de comungar. Agora, porém, num tempo cruel, quando ainda persiste a perseguição e não foi restituída a paz à Igreja, admitem-se pecadores à comunhão e se faz a oblação em seu nome. Sem que tenham feito penitência, sem que tenham confessado, sem que por parte do bispo e do clero a mão lhes tenha sido imposta, a Eucaristia lhes é dada, apesar de estar escrito: “Quem comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor”.[140]

3,1 Mas, agora, não são tidos na conta de réus os que não observam a lei da Escritura. Réus são os que presidem e não sugerem aos irmãos que, instruídos pelos prelados, procedam em tudo com temor de Deus, observando o que por ele foi dado e prescrito.

3,2 Expõem ainda os bem-aventurados mártires à hostilidade e confrontam os gloriosos servos de Deus com o sacerdote de Deus, pois aqueles, reconhecedores da posição que ocupamos, tendo-me dirigido uma carta[141] e pedido então que seu desejo fosse examinado e a paz fosse dada, depois que a nossa própria mãe tivesse recebido a paz de parte do Senhor e a divina proteção nos tivesse feito regressar à sua Igreja, o que fizeram estes homens? Passando por cima da honra que os bem-aventurados mártires e confessores guardam a nosso respeito, desprezando a lei do Senhor e o escrúpulo que os mesmos mártires e confessores recomendam que se tenha, antes mesmo de ter acabado o terror da perseguição, antes do nosso regresso, e quase antes da própria morte dos mártires, comungam com os que caíram e oferecem por eles, ministrando-lhes a Eucaristia. Mesmo que os mártires, movidos quiçá pelo ímpeto da glória e sem prestar a devida atenção na Escritura, desejassem algo que ultrapassa a lei do Senhor, deveriam ser admoestados por presbíteros e diáconos que os instruíssem, tal como sempre se fez no passado.

4,1 E assim a censura divina não deixa de corrigir-nos nem de noite nem de dia. Além das visões noturnas, também durante o dia chega à maturidade entre nós, por obra do Espírito Santo, a idade inocente das crianças que, em estado de êxtase, pode contemplar com os olhos, pode ouvir e falar aquelas coisas com as quais o Senhor se digna admoestar-nos e instruir-nos. Ouvireis tudo isso quando o Senhor, que mandou que me retirasse,[142] fizer com que eu regresse ao vosso meio.

4,2 Enquanto isso, saibam certos homens temerários, incautos e emproados que há entre vós, que não pensam no homem nem temem a Deus,[143] que, se perseverarem nesse comportamento, usarei para com eles daquela sanção[144] de que me manda fazer uso o Senhor, de modo que sejam proibidos por ora de oferecer até que, quando, com a permissão do Senhor, nós nos tivermos recolhido ao seio da mãe Igreja, venham render contas do seu proceder diante de nós, dos próprios confessores e de todo o povo. Acerca disso, escrevi cartas tanto aos mártires e aos confessores como ao povo, e determinei que ambas vos fossem lidas. Desejo, irmãos caríssimos e saudosíssimos, que vós estejais sempre bem no Senhor e vos recordeis de nós. Passai bem.

Epístola 17

Cipriano aos irmãos do povo,[145] saudação.

1,1 Compreendo pessoalmente, irmãos caríssimos, que vos lamenteis e que sofrais pela ruína dos nossos irmãos, pois também eu, junto convosco, por cada um deles igualmente me lamento e sofro, compadecendo-me e sentindo o que o bem-aventurado Apóstolo diz: “Quem fraqueja sem que eu também me sinta fraco? Quem tropeça sem que eu também fique febril?”.[146] E aquilo que também pôs na sua Epístola, dizendo: “Se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria”.[147] Compadeço-me, pois, e condoo-me dos nossos irmãos caídos e prostrados pela violência da perseguição, que, arrastando consigo uma parte das nossas entranhas,

ocasionaram dor semelhante em nós com suas chagas, para as quais a divina misericórdia é poderosa em proporcionar um remédio.

1,2 Não penso, contudo, que se deva cair em precipitações, nem empreender qualquer iniciativa incauta e açodadamente, para não provocar, de modo ainda mais grave, uma ofensa à divina indignação, na medida em que se usurpa temerariamente a reconciliação. Os bem-aventurados mártires enviaram-nos uma carta em favor de alguns deles, pedindo-nos que fossem examinados os seus desejos. Quando a paz nos for a todos restituída pelo Senhor e tivermos regressado à Igreja, cada caso será examinado na vossa presença e contando com o vosso parecer.

2,1 Ouço, porém, que alguns dos presbíteros, sem lembrar-se do Evangelho nem levar em conta o que os mártires já nos escreveram, nem prestar ao bispo a honra devida ao seu sacerdócio e à sua cátedra, já entraram em comunhão com os caídos e oferecem por eles, ministrando-lhes a Eucaristia, quando seria necessário chegar a isso de modo gradual. Pois, se no caso dos pecados menores, que não se cometem diretamente contra Deus, faz-se penitência por um tempo justo e prescreve-se que se faça a confissão, sendo examinada ainda a vida do penitente, e ninguém pode ser admitido à comunhão antes que lhe tenha sido imposta a mão, primeiro, por parte do bispo e do clero, quanto mais conveniente não será, em se tratando desses pecados tão graves e extremos, observar tudo cauta e moderadamente, conforme a disciplina do Senhor?

2,2 A respeito disso, por certo, os presbíteros e diáconos deveriam ter exortado os nossos, a fim de cuidar das ovelhas que lhes foram encomendadas, instruindo-as, pelo divino magistério, a seguir o caminho da salvação que se há de implorar. Por minha parte, conheço tanto a serenidade como o temor do nosso povo: todos teriam perseverado em agradar a Deus e na súplica, se alguns dos presbíteros, pensando em agradar-lhes, não os tivessem enganado.[148]

3,1 Guiai, pelo menos, a cada um de vós em particular e acalmai os espíritos dos caídos, com vosso conselho e moderação, conforme os divinos preceitos. Ninguém colhe, em tempo ainda inoportuno, frutos verdes. Ninguém lança de novo ao alto-mar a sua embarcação avariada e esburacada pelas ondas, antes de consertá-la diligentemente. Ninguém se apressa em tomar e em vestir uma túnica rasgada antes de vê-la restaurada por um artesão perito e

de recebê-la limpa de um lavadeiro.

3,2 Suplico que ouçam pacientemente o nosso conselho, que esperem o nosso regresso, a fim de que, quando formos até vós, por misericórdia de Deus, possamos examinar os desejos e as cartas dos bem-aventurados mártires, tendo-se convocado para isso diversos irmãos no episcopado, conforme a disciplina do Senhor, na presença dos confessores e contando também com o vosso parecer.[149] Já escrevi cartas sobre essas coisas, tanto ao clero como aos mártires e confessores,[150] e determinei que ambas vos fossem lidas. Desejo, irmãos caríssimos e saudosíssimos, que estejais sempre bem no Senhor e vos recordeis de nós. Passai bem.

Epístola 18

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1,1 Admiro-me de que vós, irmãos caríssimos, nada tenhais respondido às muitas epístolas que amiúde vos tenho enviado,[151] uma vez que o interesse e a necessidade de nossa comunidade só se administrarão adequadamente caso pudermos, por vós instruídos, aperfeiçoar o nosso parecer acerca do que deve ser feito.

1,2 Por outro lado, porque vejo que a oportunidade de ir até vós ainda não se deu, e já começou o verão, que é tempo de graves e constantes doenças, penso que se deve acorrer aos nossos irmãos, a fim de que os que receberam libelos dos mártires e podem ser ajudados pela prerrogativa deles junto a Deus, caso estejam acometidos de alguma moléstia ou do risco de doença, na presença de qualquer presbítero, mesmo sem esperar a nossa, ou, caso não se possa encontrar um presbítero e for situação urgente, até na presença de um diácono, possam fazer a confissão do seu pecado e, tendo-lhes sido imposta a mão em sinal de reconciliação, se encaminhem para o Senhor com aquela paz que os mártires, na carta que nos enviaram, desejaram se lhes desse.[152]

2,1 Confortai também, com a vossa presença, a outra parte do povo que caiu, reanimai-os com a vossa consolação para que não deixem de crer, nem de confiar na misericórdia do Senhor. Pois não serão abandonados pelo cuidado e pelo auxílio do Senhor os que tiverem perseverado mansos e humildes, os que tiverem verdadeiramente feito penitência, dedicados às boas obras, a ponto de não serem auxiliados com o divino remédio.

2,2 Vossa vigilância não falte tampouco em relação aos ouvintes, caso se encontrem eles em perigo e na iminência de morrer, de modo que a misericórdia do Senhor não seja negada aos que implorarem a graça divina. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem e vos recordeis de nós. Saudai a comunidade toda em meu nome, exortando a que se recordem todos de nós. Passai bem.

Epístola 19

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1 Li vossa carta,[153] irmãos caríssimos, em que escrevestes dizendo que vossa salutar moderação não falta aos nossos irmãos e que, deixada de lado a pressa temerária, oferecem a Deus uma piedosa paciência a fim de que, quando outra vez nos reunirmos, pela sua misericórdia, possamos tratar de todas as situações conforme a disciplina eclesiástica, tendo em conta, sobretudo, o que está escrito: "Recorda-te de onde caíste e faze penitência". [154] Faz penitência quem, lembrando-se do divino preceito com mansidão e paciência,[155] e obedecendo aos sacerdotes de Deus, adquire méritos diante do Senhor por meio de seus atos de submissão e de suas obras justas.

2,1 Todavia, declarastes que há alguns imoderados que insistem em que se receba apressadamente a comunhão, e desejastes ter de mim, em tal assunto, um parecer sobre como deveis agir. Ora, creio ter escrito bastante sobre isso na última carta que vos enviei. Os que receberam libelo dos mártires e podem contar com a intercessão deles ante o Senhor por seus pecados, caso acometidos de alguma doença ou na iminência de morte, uma

vez feita a confissão e tendo-lhes sido imposta a mão por vossa parte em sinal de reconciliação, devem encaminhar-se ao Senhor com aquela paz que os mártires lhes prometeram. Os outros, por sua vez, que, sem ter recebido qualquer libelo dos mártires, criam hostilidade, como se trata de questão que não diz respeito a poucos, nem a uma só Igreja, nem a uma só província, mas ao mundo todo, esperem antes que se restaure, pelo favor do Senhor, a pública paz da própria Igreja.

2,2 Isto é, pois, o que convém à moderação, à disciplina e à própria vida de todos nós, a saber, que, uma vez reunidos os prelados e o clero, na presença também do povo dos que permanecem firmes, aos quais se deve honra por causa de sua fé e de seu temor, possamos dispor acerca de tudo no respeito ao parecer comum.

2,3 De resto, quão desrespeitoso é e quão prejudicial também àqueles mesmos que se apressam que enquanto os exilados, banidos de sua pátria e despojados de todos os seus bens, ainda não regressaram à Igreja, alguns dos caídos venham antes dos próprios confessores e se precipitem em entrar nela! É certo que os que estão por demais apressados tenham em seu poder o que pedem, quando o próprio tempo presente se encarrega de dar-lhes mais do que pedem. A guerra ainda se trava e o combate é promovido todos os dias. Se de verdade e firmemente se arrependem do que cometeram e prevalece neles o ardor da fé, caso não possam adiar mais, podem vir a ser coroados. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem e vos recordeis de nós. Saudai a comunidade toda em meu nome, admoestando a que se recordem de nós. Passai bem.

Epístola 20

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos estabelecidos em Roma, saudação.

1,1 Como vim a saber, irmãos caríssimos, que vos foi narrado o que tenho feito e o que faço por aqui de uma forma não de todo precisa, nem de todo

verídica, considerei necessário escrever-vos esta carta, com a qual se vos prestam contas dos nossos atos, bem como da nossa disciplina e da nossa diligência.[156]

1,2 Com efeito, tal como nos instruem os mandamentos do Senhor,[157] assim que foi deflagrado o primeiro ímpeto da perturbação,[158] quando o povo, com violento clamor, reclamava amiúde a minha pessoa, retirei-me por um tempo, pensando não tanto em minha própria salvação quanto na pública tranquilidade dos irmãos, a fim de que, através de uma indiscreta presença nossa, não se inflamasse ainda mais a agitação que tinha começado. Fisicamente ausente, não deixei, porém, de fazer-me presente em espírito,[159] com minhas ações e admoestações, nem de velar por nossos irmãos, segundo os preceitos do Senhor, naquilo que podia com minha escassa capacidade.

2,1 E do que tenho feito vos falam as epístolas, em número de treze, que fiz chegar a vós em diversas ocasiões, nas quais se vê que não faltaram o aconselhamento ao clero,[160] nem a exortação aos confessores,[161] nem a repreensão aos exilados,[162] quando esta se fez necessária, nem nossa palavra persuasiva a toda a comunidade[163] para que, com sua prece, suplicasse a misericórdia de Deus, à medida que, conforme a lei da fé e o temor de Deus, nossa exígua capacidade o pôde conseguir com a ajuda do Senhor.

2,2 Desde então, todavia, também vieram os tormentos[164] e nossa palavra chegou quer aos nossos irmãos já torturados, quer aos que estavam presos à espera da tortura,[165] no intuito de corroborá-los e confortá-los. Do mesmo modo, quando fiquei sabendo que aqueles que macularam as próprias mãos e a boca com sacrílegos contatos, ou poluíram não menos a consciência com nefandos libelos, iam aqui e ali aos mártires, que corrompiam também os confessores com uma súplica inoportuna e complacente, e que se lhes davam todos os dias, sem qualquer discernimento e exame de cada caso, milhares de libelos contrários à lei do Evangelho, escrevi uma carta com a qual, através do meu conselho, reconduzi os mártires e confessores, quanto podia, aos preceitos do Senhor.[166]

2,3 Tampouco aos presbíteros e diáconos faltou o vigoroso exercício do sacerdócio. Os que, menos lembrados da disciplina e tomados de temerário açodamento, tinham começado já a comungar com os caídos, foram

contidos pela nossa intervenção. Compusemos, quanto pudemos, o ânimo do próprio povo e o instruímos para que observasse a disciplina eclesiástica.

3,1 Depois disso, quando alguns dos caídos, quer por sua espontânea vontade, quer por obra de algum audaz incitador, passaram a exigências ousadas,[167] desejando extorquir de mártires e confessores, até com violência, a paz que lhes fora prometida, também escrevi cartas, por duas vezes,[168] acerca disso ao clero e mandei que lhes fossem lidas, tentando mitigar, por enquanto e de algum modo, a violência deles ao permitir que, caso alguém que tivesse recebido um libelo dos mártires entrasse em perigo de morte, pudesse encaminhar-se para o Senhor, uma vez feita a confissão e imposta sobre ele a mão em sinal de reconciliação, com a paz que os mártires lhe prometeram. E nisso não inventei uma lei, nem me constituí temerariamente como autoridade.

3,2 Como parecia que se devia guardar a devida honra aos mártires e, ao mesmo tempo, reprimir o ímpeto daqueles que tudo pretendiam perturbar, e como, além disso, tinha lido a vossa carta que fizéreis chegar aqui, não havia muito, por meio do subdiácono Cremêncio,[169] determinando que aqueles que, depois da queda, fossem tomados pela enfermidade e, cumprido o rito da penitência, desejassem comungar fossem atendidos, pensei que isso devia vigorar, apoiado em vossa sentença, a fim de que nosso agir, que há de ser coeso e concordar em tudo, em nada discrepasse. Sem dúvida, no tocante às causas dos outros, mesmo que tenham recebido libelo dos mártires, determinei que esperassem e que se reservassem para tratar-se em nossa presença, quando, tendo-nos sido dada a paz por obra do Senhor, os diversos prelados tivermos começado a reunir e pudermos dispor acerca de cada coisa e reformá-la, tendo-vos comunicado também o nosso parecer. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 21

Celerino[170] a Luciano.[171]

1,1 Quando me pus a escrever-te, meu senhor e irmão, alegrei-me e experimentei-me triste. Alegrei-me por ter ouvido que foste levado a juízo pelo nome de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e que, ante os magistrados deste mundo, tu confessaste o nome dele. Triste, porém, eu fiquei, pois, desde o tempo em que te acompanhei,[172] nunca mais pude receber uma carta tua. E ainda estendeu-se agora sobre mim tristeza dupla, pois eu sabia que Montano, nosso irmão comum, havia de vir a mim de junto de ti, no cárcere, mas não me manifestaste, por meio dele, coisa alguma acerca de tua saúde nem do que se passa ao teu redor. Isso costuma acontecer, porém, com os servos de Deus, principalmente com aqueles que foram escolhidos para a confissão de Cristo.

1,2 Sei, com efeito, que qualquer um já não dá atenção às realidades do século porque espera a coroa celeste. Eu disse que talvez te tivesses esquecido de escrever-me. E então, mesmo estando num lugar tão abaixo de ti, oxalá possa pelo menos ser chamado teu irmão, e seja digno de ouvir-me chamado de Celerino, ainda que também eu tenha estado em tão gloriosa confissão e me lembrasse então dos meus irmãos mais velhos, tendo-lhes feito recordar, com minhas cartas,[173] que seu antigo amor ainda estava comigo e com os meus.

1,3 Peço ao Senhor, contudo, caríssimo, que tenhas sido lavado por aquele sangue santo, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, antes que minha carta chegue a ti neste mundo; ou então, caso tenha chegado, que me respondas. E assim te coroe aquele cujo nome confessaste. Creio, pois, mesmo sem que nos tenhamos visto mais neste mundo, que nos abraçaremos mutuamente na presença de Cristo no mundo que há de vir. Pede que também eu seja digno de ser coroado convosco.

2,1 Deves saber, no entanto, que estou passando por uma grande tribulação e, como se estivesses presente junto a mim, lembro-me dia e noite do amor antigo. Só Deus sabe. Peço então que acedas ao meu desejo e te entristeças pela morte de minha irmã, que decaiu de Cristo na presente devastação. Ela, de fato, sacrificou e magoou a nosso Senhor, o que nos parece claro. Por causa dos atos dela, a chorar dia e noite no dia da alegria da Páscoa, passei um lacrimoso dia no cilício e na cinza,[174] e tenho passado assim até hoje, até que o auxílio de nosso Senhor Jesus Cristo e a piedade, por meio de ti ou por aqueles meus senhores que forem coroados, a quem hás de suplicar, venham em socorro de tão nefando naufrágio.

2,2 Lembrei-me, pois, de teu amor de outros tempos para que te aflijas por nossas irmãs, que tu bem conheces, a saber, Numéria e Cândida, ante cujo pecado nós devemos velar, já que elas nos têm por irmãos. De fato, de acordo com a penitência e as boas obras que fazem em favor dos colegas nossos que vieram exilados donde estais, dos quais ouvirás acerca do que elas fazem, creio que Cristo há de perdoar-lhes uma vez que vós, mártires seus, lho peçais.

3,1 Ouvi ainda que foste encarregado do ministério dos gloriosos confessores. Oh! Feliz de ti! Vê cumprido o que desejaste sempre, ou melhor, enquanto dormias sobre a terra.[175] Desejaste ser conduzido ao cárcere pelo nome de Cristo, coisa que agora te acontece, tal como está escrito: "Que te dê o Senhor o que teu coração deseja".[176] E agora, verifiquei-o, foste feito superintendente de Deus sobre os que estão nessa condição, ou seja, ministro.[177]

3,2 Rogo, assim, meu senhor, e suplico por nosso Senhor Jesus Cristo que te dirijas aos outros colegas teus, irmãos teus e senhores meus, e peças a quem quer que dentre vós for coroado primeiro, que remita tal pecado a essas nossas irmãs Numéria e Cândida. Pois quanto a essa Etecusa, tenho-a sempre mencionado − e Deus nos é testemunha − porque distribuiu alguns presentes para não ter de sacrificar, mas parece que apenas subiu até Três Fortunas[178] e dali tornou a descer. Sei, portanto, que ela não sacrificou. Quando se soube do caso delas, os prelados ordenaram que permanecessem por enquanto em tal situação até que se constituísse um bispo,[179] mas, na medida em que, por meio de vossas santas orações e petições, confiamos que tudo nos obtereis em seu favor por serdes os amigos e as testemunhas de Jesus Cristo.

4,1 Peço, então, caríssimo senhor Luciano, que te lembres de mim e acedas a meu pedido. Assim como te entregou Cristo aquela santa coroa não apenas na confissão, mas também na vida de santidade, em que sempre andaste e em que te fizeste exemplo e testemunha para os santos, peço que assim também o comuniques a todos os confessores teus irmãos, senhores meus, a fim de que se receba de vós o auxílio esperado. Pois deves sabê-lo, meu irmão e senhor, que não peço sozinho por elas, mas unido a Estácio, a Severiano e a todos os confessores que vieram para cá de vossa parte, a cujo encontro elas desceram ao porto, acompanhando-os, depois, pela cidade, pois têm servido a sessenta e cinco deles e, até hoje, em tudo os têm

auxiliado. Todos estão, pois, em favor delas.

4,2 Não devo, porém, molestar mais o teu santo coração, pois sei que ages movido pela boa vontade. Saúda-te Macário,[180] que se alegra com tua confissão gloriosa, bem como com a de todos os irmãos, com suas irmãs, Cornélia e Emérita, e Saturnino, que lutou, ele próprio, com o demônio e confessou também, intrepidamente, o nome de Cristo, tal como ali confessou com força no suplício dos ganchos, assim também roga e suplica muitíssimo por aqui. Saúdam-te os teus irmãos Calpúrnio e Maria, bem como todos os santos irmãos. Deves saber que também escrevi uma carta a meus senhores, teus irmãos, e peço que te dignes de lê-la para eles.[181]

Epístola 22

Um colega em Cristo, se eu for digno de assim chamar-me, a meu senhor Celerino, saudação.

1,1 Recebi tua carta,[182] meu senhor e irmão diletíssimo, na qual tanto me comoveste, a ponto de eu quase desterrar, por essa comoção, a tão grande alegria que senti ao ler uma carta que desejava havia bastante tempo. Nela te dignaste de recordar-me, e exultei ao lê-la pelo benefício de tua grande humildade, pois, ao escreveres, me dizias: "oxalá possa pelo menos ser chamado teu irmão", ou seja, irmão de um homem como eu, que confessei com temor o nome de Deus em meio a pessoas mais fracas. Tu, porém, por vontade de Deus, não apenas confessaste, mas aterrorizaste a serpente maior, o precursor do Anticristo,[183] com aquela voz e aquelas palavras divinas com que, eu sei, confessam os que amam a fé e zelam pela disciplina de Cristo, na qual, sei também, viveste com alegria e ávida vivacidade.

1,2 Agora, pois, caríssimo, que já hás de ser contado entre os mártires, quiseste comover-nos com tua carta em que nos deste a conhecer a situação de nossas irmãs, pedindo que, em favor delas, oxalá fosse possível que as recordássemos, uma vez que não chegaram a cometer tão grande crime, e nos entregássemos às lágrimas em favor de tão grande benefício, como

agora o fazemos.

2,1 Deveste saber o que se passou com relação a nós. Quando o bem-aventurado mártir Paulo[184] ainda se encontrava no corpo, chamou-me e disse: "Luciano, na presença de Cristo, eu te digo que, se alguém vier a pedir-te a paz depois da minha partida, hás de dá-la em meu nome". Mas também todos nós, os que o Senhor se dignou de fazer passar por tão grande tribulação, num consenso de todos, a todos enviamos cartas de paz.[185] Vês, pois, irmão, que, em casos tão gerais, conviemos no que Paulo me mandou fazer em particular, e desde antes da presente tribulação, no tempo em que se nos condenou, conforme o preceito do imperador, à morte de fome e de sede, e fomos encerrados em duas celas, de forma tal que isso não ocorria nem por fome, nem por sede. Pelo peso da nossa aflição, contudo, ninguém podia suportar a luz do fogo que tão intolerável se fizera. Agora, por fim, fomos estabelecidos na plena luz.

2,2 Por isso, irmão caríssimo, saúda Numéria e Cândida segundo o preceito de Paulo e dos outros mártires, cujos nomes eu cito a seguir: de Basso, que foi colocado no cofre de penhores;[186] de Mapálico, que está submetido a inquérito;[187] e de Fortúnio, que está na prisão. Paulo, depois do inquérito, bem como Fortunata, Vitorino, Víctor, Herênio, Crédula, Hereda, Donato, Firmo, Venusto, Fruto, Júlia, Marcial e Aristão são os que, querendo-o Deus, morreram de fome na prisão,[188] e dos quais, dentro de alguns dias, ouvireis que nos havemos de tornar companheiros. Com efeito, oito dias antes que te escrevesse, fomos presos novamente. E antes desse período, ao longo de cinco dias, recebemos um pouco de pão e água em quantidades medidas. Peço então, irmão, que, assim como aqui, quando o Senhor tiver começado a dar a paz à sua Igreja, conforme o preceito de Paulo e o nosso discurso, uma vez que a causa tiver sido exposta ante o bispo e a confissão tenha sido feita, tenham paz[189] não apenas elas, mas todas as que sabes gozarem do nosso afeto.

3,1 Saúdam-vos todos os meus colegas. Saudai, por vossa parte, os confessores do Senhor que estão aí convosco, cujos nomes mencionaste, entre os quais, Saturnino e seus companheiros, que é também colega meu, e Máris, Coleta e Emérita, Calpúrnio e Maria, Sabina, Espesina, e as irmãs Januária, Dativa e Donata.

3,2 Saudamos, com todos os que são seus, Saturo, Bassiano[190] e todo o

clero, Urânio, Aleixo, Quintiano, Colônica, e dirijo-me também a todos cujos nomes eu não escrevi por estar muito cansado. Razão pela qual me devem desculpar. Desejo que vós, Aleixo, Getúlico, os ourives e as irmãs, estejais bem. Saúdam-vos minhas irmãs Januária e Sofia, que vos encomendo.

Epístola 23

Todos os confessores ao papa[191] Cipriano, saudação.

Deves saber que todos nós demos a paz àqueles cuja conduta posterior ao delito cometido foi julgada por ti aceitável[192] e quiséramos que, por teu intermédio, também os outros bispos cheguem ao conhecimento de nossa forma de proceder. Desejamos que tenhas paz com os santos mártires. Luciano escreveu isto, em presença de um exorcista e de um leitor e de parte do clero.

Epístola 24

Caldônio[193] a Cipriano e aos irmãos presbíteros estabelecidos em Cartago, saudação.

1 A necessidade do momento leva a que não demos a paz de forma temerária. Convinha, porém, que vos escrevêssemos acerca de alguns que, depois de terem sacrificado, ao serem tentados outra vez, receberam a condenação de banimento. Parece-me que tais pessoas expiaram o primeiro pecado, na medida em que deixam suas casas e bens, e seguem a Cristo fazendo penitência.[194] Assim sendo, Félix, que servia ao presbitério sob Décimo e que era próximo a mim nas cadeias − razão pela qual conheço

muito bem o mencionado Félix −, e Vitória, sua esposa, além de Lúcio, todos fiéis, foram banidos e abandonaram seus bens, agora retidos pelo fisco. Ainda sob a mesma perseguição, uma mulher chamada Bona que, arrastada pelo marido a sacrificar,[195] não comprometeu a própria consciência − uma vez que, segurando-lhe as mãos, foram outros os que sacrificaram, a ponto de ela começar a dizer contra eles: "Não o fiz, vós o fizestes" −, foi, ela também, banida.

2 Ora, como todos eles me pediam a paz, dizendo: "Recuperamos a fé que tínhamos perdido e, fazendo penitência, confessamos publicamente a Cristo", ainda que me parecesse que deviam receber a paz, enviei o caso à vossa deliberação para não aparentar que presumo temerariamente de alguma coisa. Se for de vosso agrado, escrevei-nos o que tiverdes deliberado em comum. Saudai os nossos, vós que também o sois. Desejo, felicíssimos, que estejais bem.

Epístola 25

Cipriano ao irmão Caldônio,[196] saudação.

1 Recebemos tua carta,[197] irmão caríssimo, bastante sóbria e transbordante de fé e de integridade. E não nos admiramos de que alguém como tu, exercitado e perito nas Escrituras do Senhor,[198] aja em tudo de forma cautelosa e prudente.[199] Pensaste corretamente com respeito à paz que se há de dar aos nossos irmãos que, com uma penitência verdadeira e a glória da confissão do Senhor, já a deram a si mesmos, justificados que foram pelas mesmas palavras com as quais se tinham condenado antes.[200] Tendo, pois, purificado todo delito e destruído toda mancha anterior, ao assisti-los o Senhor com uma posterior coragem, não devem mais jazer prostrados sob o domínio do diabo os que se soergueram, banidos e despojados de todos os seus bens, e passaram a ficar de pé com Cristo.

2 E oxalá também os outros que fazem penitência depois da queda se reformassem assim, voltando à sua prístina condição! Para que saibas como

temos disposto acerca dos que estão agora a pressionar e a extorquir inoportuna e temerariamente a paz, enviei-te um volume com cinco epístolas no total, que enderecei ao clero, ao povo e também aos mártires e confessores.[201] Tais epístolas têm sido enviadas e já agradaram a diversos colegas nossos; eles nos responderam que também estão firmes conosco, no mesmo parecer, conforme a fé católica. Transmite-o, tu igualmente, aos colegas nossos que puderes, de modo que se tenha único proceder e único consenso da parte de todos, de acordo com os preceitos do Senhor. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 26

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1 O Senhor falou, dizendo: "Sobre quem estão voltados os meus olhos, senão para o humilde e para o tranquilo, para aquele que treme diante das minhas palavras?".[202] E já que todos nós devemos ser assim, mais o devem ser aqueles que hão de ocupar-se numa verdadeira penitência e total humildade para que, após uma grave queda, possam conquistar o favor do Senhor. Li, por outro lado, a carta de todos os confessores,[203] carta que eles quiseram, por meu intermédio, levar ao conhecimento de todos os colegas e em que dizem ter chegado a paz dada por eles a todos "cuja conduta posterior ao delito cometido nos pareceu aceitável".

2 Como tal matéria diz respeito ao parecer e à decisão de todos nós, não ouso julgá-la eu sozinho, tomando como meu um assunto comum. Então, que por enquanto se aja com base na carta que ultimamente vos escrevi[204] e cuja cópia já enviei também a muitos colegas, os quais escreveram[205] longamente dizendo que lhes agradou o que dispusemos e que não se há de abandonar esse modo de proceder até que, quando a paz nos for restituída pelo Senhor, possamos reunir-nos e examinar as situações de cada um.

3 Para que conheçais também o que me escreveu o meu colega Caldônio e o

que eu lhe respondi, ajuntei à minha carta uma cópia de ambas as epístolas. [206]

4 Peço que leiais tudo aos nossos irmãos, a fim de que cada vez mais se disponham a viver na paciência e não acrescentem ainda um novo pecado ao primeiro, ao não permitirem que sirvamos ao Evangelho, nem que examinemos as situações deles à luz da carta de todos os confessores. Desejo, irmãos caríssimos, que vós estejais bem e vos recordeis de nós. Saudai toda a comunidade.

Epístola 27

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos estabelecidos em Roma, saudação.

1,1 Depois que vos escrevemos uma carta,[207] irmãos caríssimos, na qual vos expusemos a nossa forma de proceder e vos prestamos conta da nossa disciplina e da nossa diligência, por pequena que ela seja, ocorreu um fato que não pôde ser mantido fora do vosso conhecimento. Com efeito, nosso irmão Luciano que é, ele próprio, um dos confessores, ardente na fé por certo, e robusto na virtude, mas bem menos fundamentado na doutrina do Senhor, empreendeu algumas ações de forma inábil, constituindo-se a si mesmo como autoridade já há um bom tempo, de modo que por sua mão se dessem libelos escritos a uma multidão em nome de Paulo.[208] Enquanto isso, o mártir Mapálico,[209] cauto e discreto, bem lembrado da lei e da disciplina, não escreveu carta alguma contra o Evangelho, mas, movido tão somente pela piedade doméstica, encarregou que se desse a paz à sua irmã e à sua mãe, que tinham caído. Tampouco Saturnino, passados os tormentos e enquanto estava ainda no cárcere, enviou alguma carta desse tipo.

1,2 Luciano, por sua vez, não apenas distribuiu, por todos os lados, libelos escritos por ele próprio em nome de Paulo quando este ainda estava no cárcere, mas continuou a fazer a mesma coisa, mesmo depois da morte do mártir e em nome dele, alegando que isso lhe fora mandado por Paulo, mas

ignorando que se há de obedecer mais ao Senhor do que ao companheiro de serviço.[210] Muitos libelos também foram dados, escritos pela mão do mesmo Luciano, em nome do adolescente Aurélio,[211] que sofrera tormentos, pois não sabia escrever.

2,1 Para que essa atitude fosse, de algum modo, combatida, escrevi-lhes as cartas que vos transmiti numa epístola anterior,[212] em que não deixei de pedir que se guardasse a regra da lei do Senhor e do Evangelho, nem de persuadi-los a isso. Depois dessas cartas, como se algo se pudesse fazer de forma mais moderada e comedida, o mesmo Luciano escreveu uma epístola em nome de todos os confessores,[213] por meio da qual se desfaziam quase todos os laços da fé, o temor de Deus, o mandamento do Senhor, a santidade e a firmeza do Evangelho. Escreveu, pois, em nome dos confessores, que eles deram a paz a todos, e que [queria que], por meu intermédio, essa forma de proceder fosse levada ao conhecimento dos outros bispos. Dessa epístola eu vos enviei uma cópia.

2,2 Acrescentou-se ao texto, claramente, que se tratava de pessoas "cuja conduta posterior ao delito cometido foi julgada aceitável". Ora, isso tornou maior a animosidade contra nós, pois, quando começamos a ouvir e a investigar cada causa, parecemos negar em muitas delas o que todos agora se jactam de ter recebido de mártires e de confessores.

3,1 Por fim, tinha-se já a origem da presente revolta. Com efeito, em algumas cidades da nossa província, a fúria da multidão voltou-se contra os prelados, coagindo-os a que lhe dessem sem mais tardança a paz que, como repetidamente gritavam, lhes teria sido dada uma vez por todos os mártires e confessores, enquanto se achavam aterrorizados e submetidos os menos fortes para resistir por coragem de espírito e robustez de fé.

3,2 Também junto a nós, certos perturbadores, que mal podiam ser governados por nós no passado e que esperavam por nossa sentença, começaram a inflamar-se mais por meio da referida carta, como que por alguns fachos acesos, e a extorquir a paz que lhes fora dada. Enviei-vos uma cópia das cartas que escrevi ao clero a respeito disso.[214] Mas também do que me escreveu o meu colega Caldônio, do alto da sua integridade e da sua fé, e do que eu lhe respondi:[215] fiz-vos chegar ambos os escritos para que vos fossem lidos. Enviei-vos ainda cópias da epístola que Celerino, confessor bom e robusto, escrevera ao mesmo confessor Luciano e, igualmente, do que

Luciano lhe respondeu,[216] para saberdes que nossa diligência não descansa ante tudo isso e para chegardes a conhecer, à luz da própria verdade, quão moderado, quão cauteloso e respeitoso na humildade e no temor que é peculiar à nossa forma de viver é o confessor Celerino, e que Luciano, por outro lado, com relação ao conhecimento da doutrina do Senhor, como eu disse, é pouco fundamentado e, com relação à animosidade promovida contra a nossa honra, imodesto em sua leviandade.

3,3 Pois, tendo o Senhor dito que todas as gentes fossem lavadas em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo[217] e que, no batismo, os pecados passados fossem perdoados,[218] aquele, ignorando o preceito e a lei, recomenda que se dê a paz em nome de Paulo e alega que tal coisa lhe fora ordenada pelo mártir, como constatareis na carta do mesmo Luciano a Celerino, sem considerar que não são os mártires que fazem o Evangelho, mas que é pelo Evangelho que os mártires se fazem. Até o apóstolo Paulo, que o Senhor disse ter constituído como instrumento escolhido por ele,[219] escreveu em sua epístola: "Admiro-me de que tão depressa abandoneis aquele que vos chamou pela graça de Cristo, e passeis a outro Evangelho. Não que haja outro, mas há alguns que vos estão perturbando e querendo corromper o Evangelho de Cristo. Entretanto, se alguém − ainda que nós mesmos ou um anjo do céu − vos anunciar um Evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema. Como já vo-lo dissemos, volto a dizê-lo agora: se alguém vos anunciar um Evangelho diferente do que recebestes, seja anátema".[220]

4 Oportunamente, porém, chegaram de forma inesperada tanto a vossa carta que recebi, endereçada ao clero, como a que os bem-aventurados confessores Moisés, Máximo, Nicóstrato e outros enviaram a Saturnino, Aurélio e outros,[221] que contêm o pleno vigor e a robusta disciplina da lei do Senhor. Vossa palavra em muito ajudou a nós, que aqui nos afadigamos e lutamos, com todas as forças da fé, contra o ímpeto da animosidade, levando-nos a obter um proveito divinamente inspirado, ao nos declarardes, antes mesmo que tivesse chegado a vós a última carta que vos enviei, que, de acordo com a lei do Evangelho, o vosso parecer também se conforma firme e unanimemente com o nosso. Desejo, irmãos caríssimos e saudosíssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 28

Cipriano aos presbíteros Moisés e Máximo e aos outros confessores,[222] diletíssimos irmãos, saudação.

1,1 Já faz tempo que conhecia de ouvir falar, fortíssimos e beatíssimos irmãos, a glória da vossa fé e da vossa coragem, e alegrei-me bastante, congratulando-me deveras por vos ter preparado a divina misericórdia para alcançar a coroa de nosso Senhor pela confissão do seu nome. Pois, tendo-vos tornado guias e chefes, conduzistes os estandartes da milícia celeste à batalha do nosso tempo. Vós impregnastes com vossas virtudes o certame espiritual que Deus quis que agora se travasse. Vós quebrastes os primeiros ímpetos de uma guerra que surgia com inamovível fortaleza e inconcussa estabilidade. Nasceram daí os felizes inícios da luta, começaram daí os auspícios da vitória.

1,2 Sucedeu então que martírios foram consumados. Aquele, porém, que, precedendo na refrega, se tornou um exemplo de coragem para os irmãos, partilha com os mártires de uma honra comum. Tendes entregado, de fato, coroas trançadas por vossa mão e ministrastes aos irmãos do cálice da salvação.

2,1 Aos gloriosos exórdios da confissão e aos auspícios de uma milícia vencedora, acrescentou-se o ininterrupto curso da disciplina que vislumbramos pelo vigor de vossa carta, enviada agora por vós aos vossos colegas, unidos a vós na confissão do Senhor, com a solícita exortação a que se guardem, com estável e forte observância, os santos preceitos do Evangelho e os vitais mandamentos que uma vez nos foram entregues. Eis aí outro grau sublime da vossa glória; eis, ainda, um segundo motivo, unido à confissão, de alcançardes o divino favor: além de permanecerdes de pé, com passo firme, na linha de frente duma batalha que tenta atacar o Evangelho, repelis também, com a força da fé, as ímpias mãos que solapam os preceitos do Senhor; além de terdes oferecido antes os inícios das virtudes, ofereceis agora também as lições dos costumes.

2,2 Depois da ressurreição, ao enviar os apóstolos, o Senhor ordena,

dizendo: “Todo o poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei”.[223] E o apóstolo João, bem lembrado dessa incumbência, põe mais tarde em sua epístola: “Por isto” − diz ele − “sabemos que o conhecemos: se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz que o conhece, mas não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele”.[224]

2,3 Aconselhais a que esses preceitos sejam guardados, observais os divinos e celestes mandamentos. Isto significa ser confessor do Senhor, isto significa ser mártir de Cristo, a saber, guardar a inviolada e sólida firmeza de sua palavra com respeito a tudo; e não tornar-se mártir pelo Senhor e tentar destruir os preceitos do Senhor. Fazer uso contra ele da dignidade que ele mesmo te deu;[225] rebelar-te, de alguma forma, valendo-se das armas dele recebidas, isso é querer confessar Cristo negando o Evangelho de Cristo.[226]

2,4 Alegro-me, pois, convosco, fortíssimos e fidelíssimos irmãos, e assim como me congratulo pelos mártires que aí foram honrados pela glória da sua coragem, congratulo-me igualmente também por vós, pela coroa da disciplina do Senhor. O Senhor derramou a sua misericórdia em múltiplos modos de largueza; distribuiu, numa variedade copiosa, os louvores e glórias espirituais dos bons soldados. Nós também somos participantes da vossa honra e consideramos como nossa a vossa glória, pois tão grande felicidade abrilhantou os nossos tempos, que aconteceu de vermos, na nossa idade, servos de Deus que passaram pela prova e soldados de Cristo que foram coroados. Desejo que vós, fortíssimos e beatíssimos irmãos, estejais sempre bem e vos recordeis de nós.

Epístola 29

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1 A fim de que nada se ocultasse ao vosso conhecimento, irmãos caríssimos, enviei-vos cópia de ambas as epístolas − da que me foi escrita e do que eu respondi;[227] e penso que o teor da resposta que dei não vos desagrade. Mas devi também tornar-vos conhecido com minha carta a que enviei, por uma urgente razão, ao clero estabelecido na Urbe.[228] E como me foi necessário escrever por intermédio de clérigos, e eu sei, por outro lado, que muitos dos nossos não se encontram em sua sede, e que os poucos que aí estão mal bastam para o ministério da cotidiana administração, precisei ordenar outros novos para que o fizessem.[229]

2 Sabei, pois, que ordenei Sáturo[230] como leitor e o confessor Optato como subdiácono. Já havia algum tempo que ambos, por uma deliberação comum, tinham sido por nós admitidos ao clero, a saber, desde quando, no dia da Páscoa, demos a leitura, vez ou outra, a Sáturo, ou desde quando, mais recentemente, examinamos com diligência os leitores na companhia dos presbíteros-mestres e constituímos Optato entre os leitores dos mestres de catecúmenos, depois de examinarmos se teriam eles todas as qualidades requeridas àqueles que para o clero se preparavam. Nada novo, portanto, foi feito por mim na vossa ausência; deu-se seguimento, porém, ante uma situação de urgente necessidade, ao que já principiara havia tempo, por comum deliberação de todos nós. Desejo, irmãos caríssimos, que vós sempre estejais bem e vos recordeis de nós. Saudai a comunidade. Passai bem.

Epístola 30[231]

Os presbíteros e diáconos estabelecidos em Roma ao papa Cipriano, saudação.

1,1 Ainda que um espírito bem consciente de si mesmo, que se sustenta na força da disciplina evangélica e se tornou testemunha veraz no que concerne aos celestes decretos, costume contentar-se com ter apenas a Deus como juiz e não fique a pedir louvores nem a temer acusações de outrem, são, contudo, merecedores de duplo louvor os que, sabendo que devem prestar contas da própria consciência a Deus, o único Juiz, desejam, contudo, que seus atos

sejam aprovados também por seus próprios irmãos.

1,2 E isso, irmão Cipriano, não é admirável que faças, pois, por tua modéstia e inato zelo, não nos quiseste ter apenas como juízes, mas como participantes, a fim de que obtivéssemos louvor contigo em teus atos, ao aprovarmos o teu procedimento, e pudéssemos ser tidos na conta de co-herdeiros dos teus bons conselhos, na medida em que somos os seus fiadores. Cremos que todos nós trabalhamos na mesma direção, em que nos reconhecemos unidos pelo mesmo parecer acerca do que se há de censurar e disciplinar.

2,1 O que pode haver, com efeito, de mais conveniente em tempos de paz e de mais necessário em meio à guerra, do que guardar a devida severidade do divino vigor? Quem a isso renuncia, erra necessariamente em meio ao instável curso das coisas e se vê jogado de um lado para outro pelas variadas e incertas tempestades das terrenas incumbências. Como se o timão dos conselhos lhe tivesse escapado das mãos, permite que a nau da salvação eclesiástica se choque com os escolhos, de modo que fica claro não ser possível prover a essa salvação, a menos que os que trabalham contra ela venham a ser repelidos como vagas adversas e que se observe a sempre preservada razão de sua disciplina, como salutar timão em meio à tempestade.

2,2 Esse propósito não foi há pouco planejado por nós, nem nos sobrevieram agora tais repentinas ajudas contra os ímprobos, mas uma severidade que é antiga entre nós, uma fé antiga, uma disciplina antiga, como se lê, pois não proferiu o Apóstolo tantos louvores a nosso respeito, ao dizer: “porque a vossa fé é celebrada em todo o mundo”,[232] senão porque já então, a partir daqueles tempos, esse rigor tinha derivado das raízes da fé, e é um grandíssimo crime que se tenha alguém tornado indigno de tais louvores e de tais glórias! De fato, menos vergonhoso é nunca ter chegado a um apregoamento de louvor, do que do fastígio do louvor ter decaído. Menos criminoso é não ter sido honrado por um bom testemunho, do que ter perdido a honra dos bons testemunhos. Menos prejudicial é ter jazido ignóbil sem qualquer preconização, sem qualquer louvor de virtudes, do que, exerdado da fé, ter perdido os louvores conquistados. As palavras proferidas, portanto, em honra à glória de alguém, a menos que se conservem por meio de um trabalho atento e solícito, enchem de orgulho e conduzem à odiosidade de um crime muito grande.

3,1 E não dizemos isso falsamente, tal como demonstra nossa carta anterior, [233] em que vos indicamos o nosso parecer mediante uma clara exposição, não só contra aqueles que se revelaram infiéis mediante o ilícito reconhecimento público de infames libelos,[234] como se por meio disso parecessem escapar aos laços do diabo os que se acham enredados, e não menos do que se tivessem subido às nefandas aras, retidos por aquilo mesmo que declararam; como também contra os que os adquiriram, mesmo sem que estivessem presentes ali onde tais libelos se fizeram, uma vez que se fizeram certamente presentes ao ordenar que assim se escrevessem. Não está imune de delito quem obteve que se fizesse isso por meio de súplicas, como tampouco está livre de crime aquele com cujo consentimento é publicamente incriminado, ainda que por algo que não cometeu. Uma vez que se sabe que todo o mistério da fé se dispensa na confissão do nome de Cristo, quem anda atrás de falazes enganos para desculpar-se já o negou, e quem quer parecer que satisfez a editos ou a leis que se propõem contra o Evangelho, por isso mesmo já obedeceu àquilo a que desejou em aparência obedecer.

3,2 De modo semelhante, mostramos nossa fé e nosso comum parecer também contra aqueles que macularam suas mãos e sua boca com os sacrifícios ilícitos, tendo estado, eles próprios, maculados antes em suas mentes, a partir das quais foram manchadas igualmente suas mãos e sua boca.

3,3 Longe da Igreja romana, portanto, renunciar ao seu vigor com tão profana facilidade e dissolver os vínculos da severidade aniquilando a majestade da fé, de modo que, num tempo em que não apenas jazem, mas ainda caem os destroços dos irmãos que sucumbiram, não se apliquem os excessivamente açodados remédios das comunhões, que por certo não favorecem,[235] e não se inflijam feridas novas, por uma falsa misericórdia, às antigas feridas da transgressão, para que se possam os miseráveis salvar, também pela penitência, de uma derrocada ainda maior. Quando, pois, se poderá proceder à medicina da indulgência, se o próprio médico, interrompendo a penitência, se mostrar indulgente para com a ameaça, se tão somente se limitar a cobrir a chaga, não deixando que as necessárias mezinhas do tempo promovam a cicatrização? Ora, isso não é curar, mas, se quisermos dizer com todas as letras, é matar.

4 De resto, também de parte dos confessores, encarcerados até agora pela

dignidade de sua confissão e cuja fé já uma vez os coroou gloriosamente na confissão, quando do evangélico certame, dispões de uma carta que está de acordo com a nossa,[236] na qual eles afirmaram a severidade da disciplina evangélica e fizeram retroceder as petições ilícitas em nome da honra da Igreja. Se não tivessem agido assim, com relativa facilidade, não se repariariam facilmente os destroços da disciplina evangélica, sobretudo quando a ninguém mais conviria tanto salvaguardar com ilibada dignidade o teor do vigor evangélico, do que àqueles que se entregaram aos desvairados para serem atormentados e dilacerados pelo Evangelho, para não perder, com razão, a honra do martírio ao quererem ser, na ocasião do martírio, prevaricadores do Evangelho. Pois aquele que não guardar o que tem nas condições em que o possui, violando essas mesmas condições, acabará perdendo o que possui.[237]

5,1 A esta altura, devemos tributar-te e tributamos-te as maiores e mais copiosas graças por teres iluminado com tua carta[238] as trevas do seu cárcere, por teres ido a eles na forma em que pudeste fazê-lo, por teres revigorado os seus espíritos já robustos por sua fé e confissão com tuas exortações e carta, porque, tendo-lhes acompanhado os êxitos com louvores condignos, inflamaste-os no desejo muito mais ardente da glória celeste, porque impulsionaste os dispostos; porque, com a força de tua palavra, animaste os que haveriam de vencer, tal como cremos e desejamos, de modo que em seu martírio, conquanto isso pareça provir totalmente da fé dos confessores e da divina misericórdia, parecem ter-se eles tornado, de alguma maneira, teus devedores.

5,2 Mas para que este discurso retome o ponto de que parece ter partido, encontrarás aqui uma cópia das cartas que enviamos à Sicília;[239] por mais que nos constrinja a necessidade maior de diferir tal assunto, uma vez que, desde o passamento do varão Fabiano, de nobilíssima memória, em decorrência das dificuldades dos fatos e dos tempos, ainda não nos foi constituído um bispo que possa moderar tudo isso e examinar, com autoridade e prudência, a situação dos que caíram.

5,3 Agrada-nos, não obstante, o que em matéria tão relevante tu mesmo determinaste, a saber: que, em primeiro lugar, se deve esperar a paz da Igreja e, então, seja tratada a questão dos caídos, uma vez feito o cotejo de pareceres com bispos, presbíteros, diáconos e confessores, contando-se, igualmente, com a presença dos leigos.[240] Parece-nos, pois, absolutamente

odioso e oneroso que por muitos não seja examinado o que por muitos se vê que foi cometido, e que se dite por parte de um só a sentença quando se sabe que tão grande crime apareceu difuso em muitos, razão pela qual tampouco pode existir um veredito definitivo que não se tenha originado do consenso da maioria.

5,4 Vê que quase todo o mundo foi devastado e, por todo lado, jazem os restos e as ruínas dos que foram abatidos, por isso deve ser procurado consenso tão grande quanto mais extensamente se vê que o delito se propagou.[241] Que a medicina não seja menor do que a ferida, não sejam os remédios menores do que as ruínas. Como os que ruíram vieram abaixo por terem sido excessivamente incautos numa cega temeridade, assim, por outro lado, os que se esforçam para recompor a situação hão de valer-se de toda a moderação dos pareceres, para que não venha a ser julgado por todos sem efeito o que não foi feito como se deveria fazer.

6,1 Num único e mesmo sentir, portanto, com as mesmas preces e lágrimas, tanto nós, que parecemos até agora ter escapado às destruições deste tempo, como aqueles que dão impressão de ter incorrido nesses flagelos do tempo, suplicando à divina majestade, imploremos a paz para a nação eclesiástica. Elevando desejos sinceros de uns pelos outros, ajudemo-nos, guardemo-nos e fortifiquemo-nos mutuamente.

6,2 Oremos pelos caídos, para que se ergam; oremos pelos que estão de pé, para que não venham a ser tentados a ponto de sucumbirem na destruição; oremos para que os que relatam ter caído, reconhecendo a magnitude de seu delito, entendam que não devem desejar medicina momentânea nem açodada. Oremos para que os efeitos da indulgência para com os caídos sejam seguidos de perto pela penitência, de modo que, uma vez compreendida a gravidade de seu pecado, eles queiram prestar-nos por enquanto o obséquio de sua paciência e não perturbem o ainda vacilante estado atual da Igreja, dando mostras de inflamar contra nós uma perseguição interna, para que não seja acrescentado ao cúmulo de seus crimes o fato de terem permanecido também desassossegados.

6,3 A discrição convém principalmente àqueles em cujos delitos se condena um espírito indiscreto. Batam à porta,[242] mas não, por certo, para deitá-la abaixo. Aproximem-se do limiar da Igreja, mas não, certamente, para ir além dele. Vigiem às portas da fortaleza celeste, mas armados com aquela

modéstia[243] pela qual reconhecem terem sido desertores. Façam ressoar a trombeta das suas preces, mas que com ela não clangorejem um som bélico. Armem-se, pois, com os dardos da modéstia e retomem o escudo da fé que abandonaram ao negá-la por medo da morte,[244] mas que se armem, pelo menos agora, contra o diabo inimigo e não se imaginem armados contra a Igreja que sofre por sua queda. Em muito lhes aproveitará uma súplica modesta, uma discreta imploração, uma necessária humildade, uma paciência não ociosa. Enviem as próprias lágrimas quais mensageiros de suas dores, empreguem a advocacia de um prolongado gemido que lhes nasça do mais profundo do peito, ao experimentarem a dor e a vergonha pelo pecado cometido.

7,1 Aliás, se ficam horrorizados com a magnitude da desonra perpetrada, se tratam com mão verdadeiramente médica a chaga letal de seu peito e de sua consciência e os profundos recônditos de uma sinuosa ferida, que se envergonhem até mesmo de pedir, e só não o deixem de fazer porque não pedir o auxílio da paz seria colocar-se de novo em situação de grande perigo e vergonha. Mas que tudo isso seja feito no âmbito do sacramento, observado um moderado intervalo de tempo a regular a própria súplica, e que a imploração seja humilde e a prece se mostre submissa, pois também aquele que pede deve dobrar-se, e não instigar. Como se deve contemplar a divina clemência, deve-se contemplar igualmente o divino juízo, pois como está escrito: "Eu te perdoei toda a tua dívida porque me rogaste",[245] assim também se lê: "Aquele que me renegar diante dos homens, também eu o renegarei diante do meu Pai que está nos céus e de seus anjos".[246]

7,2 Pois Deus não é apenas indulgente, mas é também exator de seus preceitos, e um exator, por certo, diligente. Do mesmo modo que convida ao banquete, lança fora da assembleia dos santos, de mãos e pés atados, quem não possui a veste nupcial.[247] Preparou o céu, mas preparou também o tártaro.[248] Preparou os refrigérios, mas preparou igualmente os eternos suplícios. Preparou a luz inacessível,[249] mas também a vasta e eterna escuridão de uma noite perpétua.

8 Tratando de guardar aqui, por algum tempo, a moderação desse equilíbrio e em conjunto com muitos outros bispos, tanto os vizinhos a nós como os que vêm até nós, além dos que foram expulsos de outras províncias situadas a grande distância pelo ardor da presente perseguição, nós pensamos que em nada se há de inovar até que se nos constitua um bispo,

mas acreditamos que se deve equilibrar a moderada atenção prestada aos caídos, a fim de que, neste meio tempo, enquanto se aguarda que um bispo nos seja dado por Deus, se mantenha em suspenso a causa dos que podem tolerar a demora de uma dilação. No tocante, porém, àqueles cuja urgente iminência do fim de sua vida não pode tolerar uma dilação, uma vez cumprida a penitência e manifestada a frequente detestação dos seus atos, se, por meio de lágrimas, de gemidos e de prantos, derem sinais de um espírito lamentoso e verdadeiramente penitente, e caso não persista qualquer esperança de viver conforme o homem, só então hão de ser socorridos de modo cauto e solícito, pois o próprio Deus é quem sabe o que há de fazer de tais pessoas e de que maneira há de avaliar em relação a elas os pesos do seu juízo. A nós, porém, cabe evitar escrupulosamente tanto que homens ímprobos louvem nossa propensa facilidade, como que os verdadeiramente penitentes acusem, por assim dizer, nossa dura crueldade. Desejamos que tu, beatíssimo e gloriosíssimo papa, sempre estejas bem no Senhor e te recordes de nós.

Epístola 31[250]

Os presbíteros Moisés e Máximo e os confessores Nicóstrato, Rufino e os outros, que com eles estão,[251] ao papa Cipriano, saudação.

1,1 Entre as várias e múltiplas dores em meio às quais estamos constituídos, irmão, por causa das presentes ruínas de muitos e em quase todo o orbe, sobreveio-nos uma especial consolação, pois, ao recebermos tua carta,[252] erguemo-nos e recebemos alívios para as aflições de um espírito lamentoso. Donde já podemos entender que a graça da divina providência talvez nos tenha querido manter encerrados por tanto tempo nas cadeias do cárcere não por outro motivo senão para que, mais vigorosamente instruídos e animados por tua carta, pudéssemos chegar com um desejo mais disposto à coroa que nos foi destinada.

1,2 Com efeito, tua carta resplandeceu aos nossos olhos como a bonança em meio à tempestade, como a desejada tranquilidade em meio a um mar

agitado, o descanso em meio aos trabalhos, a saúde em meio aos perigos e dores, a cândida e refulgente luz em meio às mais densas trevas. Assim sendo, com espírito sedento, bebemo-la inteiramente; com um faminto anseio, recebemo-la; a fim de, uma vez bem alimentados e refeitos com ela, regozijarmo-nos ante o certame do inimigo.

1,3 O Senhor te recompensará por essa tua caridade e te restituirá o devido fruto dessa obra tão boa. Pois quem exortou não é menos digno da coroa do que quem também sofreu; e quem ensinou não é menos digno de louvor do que quem também levou a cumprimento o que aprendeu. Não há de ser menos honrado quem admoestou do que quem seguiu a exortação, senão porque, algumas vezes, redunda em benefício daquele que instruiu um cabedal de glória maior do que o recebido por quem se submeteu qual discípulo disposto a acolher a instrução. Este não teria sido capaz, talvez, de levar a cabo a ação, se aquele não o tivesse ensinado.

2,1 Recebemos, então, irmão Cipriano − dizemo-lo outra vez −, grandes alegrias, grandes consolações, grandes alívios, sobretudo porque descreveste com gloriosos e condignos louvores, não digo as gloriosas mortes dos mártires, mas a sua imortalidade. Desenlaces tais haviam de celebrar-se mesmo com palavras tão elevadas, de modo que os fatos narrados alcançassem uma expressão que estivesse à altura do que ocorreu. A partir da tua carta, vimos os gloriosos triunfos dos mártires, seguimo-los, por assim dizer, com os nossos olhos, enquanto eles buscavam o céu, e contemplamo-los uma vez estabelecidos entre os anjos, as potestades e as dominações celestes.

2,2 Mas ouvimos também, como que com os nossos ouvidos, o Senhor a dar o prometido testemunho deles diante de seu Pai.[253] Isso é, portanto, o que também nos eleva o espírito a cada dia, inflamando-nos a alcançar tais postos de tão alta dignidade.

3 Ora, o que de mais glorioso, o que de mais feliz poderia acontecer, por divina misericórdia, a qualquer um dos homens, do que confessar intrépido o Senhor Deus em meio aos próprios carrascos; do que, em meio aos vários e refinados tormentos infligidos por um encolerizado poder secular, e mesmo tendo seu corpo torturado, atormentado e dilacerado, com espírito livre, ainda que a ponto de deixá-lo, confessar o Cristo, Filho de Deus; do que, uma vez abandonado este mundo, ter procurado o céu; do que,

deixados para trás os homens, enfileirar-se entre os anjos; do que, uma vez destruídos todos os impedimentos seculares, comparecer livre na presença de Deus; do que reter o Reino celeste sem mais diferimentos; do que ter sido feito colega de paixão com Cristo e em nome de Cristo; do que ter sido feito juiz por divina misericórdia de seu Juiz; do que ter obtido uma imaculada consciência com a confissão do nome; do que não ter obedecido a leis humanas e sacrílegas contrárias à fé; do que ter testemunhado publicamente a verdade; do que ter subjugado a própria morte, que por todos é temida; do que ter conseguido a imortalidade por meio da própria morte; do que ter superado os tormentos por meio dos próprios tormentos, dilacerado e torturado por todo tipo de instrumentos de crueldade; do que ter resistido com a força do espírito a todas as dores de um corpo despedaçado; do que não ter tido horror a seu próprio sangue que escorria; do que ter começado a amar os seus tormentos a partir da fé; do que considerar ter vivido a perda da própria vida?

4,1 A essa peleja nos anima o Senhor como que com a trombeta do seu Evangelho, dizendo-nos: "Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim. E aquele que ama sua vida mais do que a mim não é digno de mim. Aquele que não toma a sua cruz e não me segue não é digno de mim".[254] E ainda: "Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem [...]. Alegrai-vos e exultai [...], pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós".[255] E: "Sereis conduzidos à presença de governadores e reis [...]. O irmão entregará o irmão à morte e o pai entregará o filho... Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo".[256]

4,2 E também: "Ao vencedor concederei sentar-se comigo no meu trono, assim como eu também venci e estou sentado com meu Pai em seu trono".[257] O Apóstolo diz, igualmente: "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Segundo está escrito: 'Por sua causa somos postos à morte o dia todo, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro'. Mas, em tudo isso, somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou".[258]

5,1 Ao lermos tais palavras e outras como essas, que foram coligidas no Evangelho, possamos sentir como que tochas colocadas a nossos pés a inflamar-nos a fé com a voz do Senhor e, então, não só já não tememos os

inimigos da verdade, mas também os provocamos; e, pelo fato mesmo de não termos sido derrotados, já vencemos os inimigos de Deus e subjugamos as infames leis que contrariam a verdade. E, se ainda não derramamos o sangue, ninguém julgue como clemência esse tempo da nossa dilação, que nos serve de obstáculo, que se constitui como impedimento da glória, que adia o céu, que nos impede de chegar à gloriosa presença de Deus. Num certame como esse, pois, numa peleja como essa em que a fé combate, verdadeira clemência é que os mártires não tenham tido de esperar.

5,2 Pede, portanto, caríssimo Cipriano, que o Senhor, com a sua graça, nos arme e ilumine mais e mais a cada dia, muito rica e liberalmente, e que nos consolide e fortaleça com a força do seu poder, a fim de que, por meio dele, qual excelente Imperador, ele conduza os seus soldados, que até agora exercitou e experimentou no acampamento do cárcere, ao campo do certame proposto. Ofereça-nos os divinos armamentos, aqueles dardos que não conhecem a derrota, a "couraça da justiça" que jamais costuma rasgar-se, o "escudo da fé", que não pode ser perfurado, [o "elmo da salvação", que não pode ser quebrado], a "espada do Espírito", que não está acostumada a partir-se.[259] Ora, a quem mais nós devemos encarregar de pedir isso por nós, senão a um tão glorioso bispo, de modo que, assim, as vítimas destinadas ao sacrifício obtenham o auxílio de um sacerdote?

6,1 Eis outro motivo de alegria para nós: não faltaste ao ofício do teu episcopado, por mais que te tenhas afastado temporariamente dos irmãos, dadas as circunstâncias do momento; pelo contrário, corroboraste amiúde os confessores com tua correspondência,[260] ofereceste as necessárias quantias oriundas de tuas justas ocupações,[261] em tudo te mostraste, de algum modo, sempre presente, e, em parte alguma do teu ofício, claudicaste, de uma forma ou de outra, qual se fosses um desertor.[262]

6,2 Não podemos, porém, calar o fato de nos teres levado mais fortemente a experimentar alegria ainda maior, fato esse que proclamamos com todo o testemunho da nossa voz. Percebemos que, com a devida censura, repreendeste dignamente aqueles que, sem lembrar-se dos próprios pecados, tentaram extorquir a paz dos presbíteros, quando da tua ausência, com uma pressurosa e irrefletida avidez,[263] e aqueles que, sem respeito ao Evangelho, fizeram dom do que é santo, das pérolas do Senhor,[264] com benévola facilidade, quando um delito tão grande e disseminado por quase todo o orbe, com uma tão incrível capacidade de devastação, não havia de

tratar-se senão, como tu mesmo escreves, cauta e moderadamente,[265] uma vez consultados todos os bispos, presbíteros, diáconos, confessores e na presença dos próprios leigos, para que, como afirmas em tua carta, ao querermos recompor inoportunamente essas ruínas, não nos ocorra preparar outras ainda maiores.[266]

6,3 A que será, então, reduzido o divino temor se tão facilmente se conceder o perdão aos pecadores? Certamente, o espírito dessas pessoas há de ser auxiliado, nutrido para alcançar o tempo da sua maturidade, e instruído, a partir das Escrituras, pelo fato de terem cometido pecado tão enorme e maior do que todos. E não fiquem animados por serem muitos; antes, sejam ainda mais reprimidos, precisamente por não serem poucos. O insolente número de pecadores jamais costumou atenuar em nada o delito, mas sim a discrição, a modéstia, a penitência, a disciplina, a humildade, a submissão, o ter esperado de um juízo alheio sobre si, o ter acatado uma sentença alheia sobre o próprio ato.

6,4 Tudo isso é o que comprova o arrependimento, tudo isso é que leva a cicatrizar a ferida que foi feita, é que ergue os escombros de um espírito prostrado e o eleva, é que arrefece o ardente vapor exalado de estuantes delitos e o leva a extinguir-se. Não dará o médico aos doentes o que é próprio de corpos sadios, pois, com alimentos inadequados, não só não reprimiria a devastação de um convulsionado estado de saúde, mas, ao contrário, levá-la-ia a agravar-se; ou, em outras palavras, para que não pareça estender-se por um tempo mais longo, com a indigestão do que se ingeriu por impaciência, o que teria podido curar-se bem mais rápido com um atenuante jejum.

7,1 As mãos inquinadas por um ímpio sacrifício hão de ser lavadas, portanto, com as boas obras; a miserável boca maculada por um infame alimento há de ser purificada com palavras que demonstrem verdadeiro arrependimento; e, no recesso de um coração fiel, o espírito há de renovar-se e recuperar-se. Ouçam-se os frequentes gemidos dos penitentes e os fiéis derramem, por sua parte, lágrimas de seus olhos, a fim de que aqueles mesmos olhos que fitaram perversamente os ídolos destruam o que haviam cometido de forma ilícita através de prantos que prestem a Deus uma conveniente reparação.

7,2 A impaciência não é necessária nas doenças. Os enfermos dão combate à

sua dor e esperam, por fim, alcançar a cura, caso superem a dor com a tolerância. Não é, de fato, confiável a cicatriz que um médico apressado suturou rapidamente, e seu processo de cura ver-se-á interrompido a cada nova queda, se não lhe forem ministrados fielmente os remédios que lhe vêm da própria lentidão. Rapidamente, ajuntamos, a chama tornar-se-á outra vez um incêndio, a menos que se apague a matéria de todo o fogo até a sua última centelha. Assim sendo, e com razão, saibam tais homens que mais se cuida deles com a própria demora e os mais confiáveis remédios se lhes ministram a partir das necessárias dilações.

8,1 De resto, em que momento os que confessam o Cristo serão recolhidos à custódia de um imundo cárcere, se não houver risco algum para a fé dos que o negaram? Em que momento serão cingidos, em nome de Deus, pelo abraço das cadeias, se não ficarem excomungados os que renegaram da confissão de Deus? Em que momento os detentos exporão suas gloriosas almas, se os que abandonaram a fé não sentirem a magnitude dos perigos que correm e dos seus delitos?

8,2 Se eles manifestarem uma excessiva impaciência, se reclamarem a intolerável precipitação da sua comunhão, lançarão tão somente vãos e lamentosos gritos, gritos odiosos, que nada poderão contra a verdade, oriundos de uma boca petulante e desenfreada, visto que lhes foi possível reter em seu poder o que agora são levados a implorar por uma necessidade imposta conforme a sua vontade. Com efeito, a fé que pôde confessar a Cristo, pôde ser mantida também por Cristo na comunhão. Desejamos, beatíssimo e gloriosíssimo papa, que sempre estejas bem no Senhor e te recordes de nós.

Epístola 32

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1 Para que tomeis conhecimento, irmãos caríssimos, da carta que enderecei ao clero estabelecido em Roma e daquilo que eles me responderam, bem

como do que os presbíteros Moisés e Máximo, os diáconos Nicóstrato e Rufino e os outros confessores que com eles se acham detidos responderam, igualmente, à minha carta, enviei-vos cópias[267] para que vos sejam lidas. Cuidai, quanto puderdes e segundo a vossa diligência, que tanto os nossos próprios escritos como as respostas que recebemos sejam do conhecimento dos nossos irmãos.

2 Mas, se, dentre os forasteiros, estiverem presentes bispos, colegas meus, presbíteros ou diáconos, ou se vierem a aparecer,[268] que tudo isso lhes seja transmitido por vós. Caso queiram eles transcrever cópias das epístolas para levar aos seus, que recebam a permissão de fazê-lo. Encarreguei também ao nosso irmão, o leitor Sáturo,[269] que desse a quem o desejasse, na medida do possível, a permissão de fazer as transcrições, para que se observe por todos, enquanto isso, no que concerne à recomposição da estabilidade das igrejas, um único e seguro consenso.[270]

3 Com respeito ao restante dos assuntos que se deverão tratar, tal como já escrevi a diversos bispos, colegas meus,[271] trataremos ainda, de forma mais ampla, numa assembleia comum, quando, por permissão do Senhor, tivermos começado a reunir-nos outra vez. Desejo, irmãos caríssimos e saudosíssimos, que vós sempre estejais bem. Saudai a comunidade. Passai bem.

Epístola 33[272]

1,1 Nosso Senhor, cujos preceitos devemos temer e observar, estabelecendo a honra do bispo e o propósito da sua Igreja, fala no Evangelho e diz a Pedro: "Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não a vencerão. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus".[273] Daí decorre a ordenação dos bispos e a organização da Igreja ao longo dos tempos e através das sucessões, de modo que, acima dos bispos, a Igreja se constitua e todos os seus atos sejam governados por meio dos mesmos prelados.

1,2 Tendo sido isso fundado sobre uma lei divina, admiro-me de que alguns, com uma audaz temeridade, tenham querido escrever-me, enviando cartas

em nome da Igreja,[274] quando a Igreja está constituída no bispo, no clero e em todos os fiéis que perseveram na fé. Longe da misericórdia do Senhor, portanto, e de seu poder invicto que se afirme ser Igreja o contingente dos caídos,[275] uma vez que está escrito: "Deus não é de mortos, mas sim de vivos".[276] Desejamos, por certo, que sejam todos vivificados e suplicamos, com nossas preces e gemidos, que sejam reintegrados a seu prístino estado. Se, porém, alguns dos caídos pretendem ser Igreja e que a Igreja esteja junto a eles e neles, o que resta senão rogarmos a eles que se dignem admitir-nos à Igreja? Convém, pois, que permaneçam submissos, tranquilos e discretos aqueles que, recordando-se de seu delito, devem oferecer a Deus uma justa reparação, e não que enviem cartas em nome da Igreja, máxime quando sabem que são eles que escrevem à Igreja.

2,1 Escreveram-me, pois, recentemente, alguns dos caídos, humildes, mansos, trêmulos e temerosos de Deus,[277] que sempre trabalharam gloriosa e grandemente na Igreja e jamais reivindicaram méritos diante do Senhor, sabendo que ele disse: "Quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: 'Somos simples servos, fizemos apenas o que devíamos fazer'".[278] Pensando nessas palavras, e ainda que tenham recebido libelo dos mártires, a fim de que sua reparação possa ser bem aceita diante do Senhor, escreveram-me suplicantes reconhecendo o próprio delito e manifestando um sincero arrependimento, não para apressar-se temerária ou inoportunamente a conseguir a paz, mas dispostos a esperar a nossa presença, dizendo também que a própria paz há de ser-lhes ainda mais doce se a receberem diante de nós. O Senhor, que se dignou mostrar o quanto merecem, servos como esses, receber de sua bondade, é testemunha de quanto me congratulei com eles.

2,2 Como não faz muito tempo que recebi aquela carta e tendo, agora, lido a que me enviastes num outro sentido,[279] peço que manifesteis claramente o que desejais e, quem quer que sejais vós que enviastes agora esta última carta, que escrevais vossos nomes e me envieis o libelo com os nomes de cada um, de modo que eu saiba com antecedência a quem devo responder. Então responderei a cada situação que escrevestes, conforme a nossa limitação de lugar e de movimentos.[280] Desejo, irmãos, que estejais bem e vos comporteis de modo sossegado e tranquilo conforme a disciplina do Senhor. Passai bem.

Epístola 34

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, saudação.

1 Agistes de forma íntegra e respeitando a disciplina, irmãos caríssimos, ao terdes decidido que, conforme o parecer dos meus colegas que se achavam presentes, não se havia de dar a comunhão a Gaio, presbítero didense,[281] e a seu diácono. Eles foram, de fato, surpreendidos frequentemente em seus perversos erros, ao se manterem em comunhão com os caídos e oferecerem as oblações deles. Ainda que, mais de uma vez, de acordo com o que me escrevestes,[282] tenham sido admoestados por meus colegas a não fazê-lo, persistiram pertinazmente em sua presunção e audácia, seduzindo alguns irmãos do nosso povo. Desejamos, por nosso lado, oferecer-lhes ajuda para seu completo proveito, tendo em vista a sua salvação, não com uma atitude de adulação corrupta, mas numa fé sincera. Assim sendo, que supliquem a Deus com um arrependimento verdadeiro, cheio de gemido e de dor, pois está escrito: "Recorda-te de onde caíste, converte-te",[283] e também fala a divina Escritura: "Assim diz o Senhor: 'Quando gemeres convertido, então te salvarás e saberás onde estiveste'".[284]

2,1 Mas como podem gemer e fazer penitência aqueles cujos gemidos e lágrimas se veem interrompidos por alguns dos presbíteros que julgam temerariamente dever-se comungar com eles, ignorando o que está escrito: "Os que vos chamam felizes precipitam-vos no erro e perturbam o caminho dos vossos pés"?[285]

2,2 Os nossos saudáveis e verdadeiros conselhos, com razão, nada conseguem porque a verdade salutar se vê impedida por adulações e carícias perniciosas. Assim, o espírito lânguido e doentio dos caídos padece o mesmo que corporalmente padecem, também amiúde, os doentes e mazelados, a saber, enquanto rejeitam enojados, como se amargos fossem, os alimentos sadios e as bebidas proveitosas, apetecem aquilo que os deleita, aparentando ser algo suave. Não fazem senão prejudicar, destarte, a si mesmos e ocasionar a própria morte por indisciplina e intemperança. A verdadeira mezinha do especialista não contribui para a saúde, enquanto

engana o doce sortilégio do sedutor.

3,1 Não vos afasteis, pois, das melhores orientações, valendo-vos fiel e salutarmente da ajuda de minhas cartas. Lede, por outro lado, essas mesmas cartas[286] a meus colegas, se houver alguns deles presentes entre vós ou se vierem a chegar, para que, unânimes e concordes, mantenhamos um salutar parecer com vistas a tratar e a curar as feridas dos caídos, havendo de tratar de modo mais amplo de todos os assuntos quando tivermos começado, pela misericórdia do Senhor, a reunir-nos.

3,2 Enquanto isso, se algum dos nossos presbíteros, ou dos diáconos, ou ainda dos peregrinos ousar, imoderado e precipitado, dar a comunhão aos caídos antes da nossa sentença, que seja afastado da nossa comunhão, havendo de prestar contas de sua temeridade diante de todos nós, quando nos tivermos reunido, segundo a permissão do Senhor.

4,1 Desejastes também que eu escrevesse o meu parecer acerca dos subdiáconos Filomeno e Fortunato, bem como do acólito Favorino, que se retiraram por um tempo e agora retornaram.[287] Não penso que deva dar sozinho uma opinião sobre o caso, quando ainda muitos do clero se encontram ausentes e não pensaram em retomar o seu posto, nem ao menos muito tarde, pois uma questão como essa, com respeito a cada um deles, há de ser tratada e examinada mais amplamente, não apenas com meus colegas, mas também com o próprio povo. Com ponderada moderação, há de ser sopesado e decidido um assunto que, no futuro, pode constituir um exemplo de como agir com relação aos ministros da Igreja.

4,2 Enquanto isso, que se abstenham apenas da divisão mensal,[288] não como se estivessem privados do ministério eclesiástico, mas apenas esperando comparecer à nossa presença, na medida em que tudo permanece como está. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem. Saudai a toda a comunidade. Passai bem.

Epístola 35

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos estabelecidos em Roma,

saudação.

1 Tanto a dileção comum como a razão reclamam, irmãos caríssimos, que nada se subtraia ao vosso conhecimento daquelas coisas que se passam entre nós, de modo que haja para nós um parecer comum acerca do que interessa à administração eclesiástica. Ora, depois que vos escrevi a carta que enviei por meio do leitor Sáturo e do subdiácono Optato,[289] nossos irmãos, sobre a conspirada temeridade de alguns caídos que rejeitam fazer penitência e reparar diante de Deus o seu pecado, escreveram-me uma carta não para pedir que se lhes desse a paz, mas presumindo que já lhes teria sido dada, uma vez que, dizem, Paulo teria dado a paz a todos,[290] tal como lereis na carta deles mesmos, cuja cópia vos enviei.[291]

2 Ao mesmo tempo, para que tenhais conhecimento do que eu, entretanto, brevemente lhes respondi e da carta que, depois, enviei ao clero, mandei-vos cópia disso também.[292] Se, doravante, a temeridade deles não for contida nem pelas minhas cartas, nem pelas vossas, e não se conformar aos conselhos que lhes foram dados para a sua própria salvação, faremos o que, de acordo com o Evangelho, o Senhor nos manda fazer. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem. Passai bem.

Epístola 36[293]

Os presbíteros e diáconos estabelecidos em Roma ao papa Cipriano, saudação.

1,1 Tendo lido, irmão caríssimo, a tua carta,[294] que enviaste pelo subdiácono Fortunato,[295] fomos tomados por dupla dor e ficamos perplexos numa dupla aflição, pois enquanto não se dá a ti descanso algum em meio às tantas dificuldades causadas pela perseguição, percebemos, por outro lado, que a petulância imoderada dos irmãos caídos estendeu-se até a perigosa temeridade das palavras.

1,2 Por mais que essas coisas que mencionamos nos aflijam gravemente o espírito, o teu vigor e a tua severidade, empregada de acordo com a disciplina evangélica, mitigam a pesada carga da nossa dor, na medida em que, enquanto reprimes justamente a improbidade de alguns, apontas pela exortação à penitência o caminho legítimo da salvação.[296] Admiramo-nos bastante, por certo, com que esses tais, com tanta urgência, tanta intempestividade e tanta precocidade, em se tratando de um pecado tão enorme, de um delito de tão grandes proporções, tenham querido precipitar-se até o ponto de não apenas pedir, mas de reivindicar a paz para si, e ainda mais, de dizer que já a têm no céu.

1,3 Ora, se a têm, por que pedem o que já têm? Se, por outro lado, pelo fato mesmo de a pedirem se comprova que não a têm, por que não acatam o parecer daqueles aos quais pensaram haver de se pedir a paz que eles, por certo, não têm? Pois, se acham que têm a prerrogativa da comunhão, que de qualquer outra parte lhes veio, tentem compará-la com o Evangelho, para que tenha, assim, firme vigor de lei, caso não dissone da lei evangélica. De resto, como poderá dar a comunhão evangélica um decreto que se vê contrário à verdade evangélica? Visto que, em suma, toda prerrogativa que diz respeito à concessão de uma graça não pode discrepar daquele a quem deseja estar associada, quem discrepa daquele a quem se pretende associado perde necessariamente a graça e o privilégio de dita associação.

2,1 Que eles vejam bem o que pretendem fazer com relação a isso. Pois, se eles dizem que o Evangelho estabelece, certamente, uma coisa, e que os mártires, por outro lado, decretaram outra, ao oporem os mártires contra o Evangelho, expõem-se ao perigo por ambos os flancos.[297] Parece, com efeito, que a majestade do Evangelho já foi quebrantada e jaz prostrada, caso tenha podido ver-se superada pela novidade do decreto de outrem, e que a coroa gloriosa da confissão foi arrancada da cabeça dos mártires, caso se constate que eles não a obtiveram pela observância do Evangelho, a partir da qual se constituem os mártires. Com razão, tão mais capaz do que ninguém de nada decretar contra o Evangelho é quem se afadiga para obter o nome de mártir de acordo com o Evangelho.

2,2 Quiséramos acrescentar, além disso, outra coisa. Se os mártires não se constituem como tais senão porque conservam, ao não sacrificar, a paz da Igreja até chegar à efusão do próprio sangue para não perderem a salvação, perdendo a paz, vencidos pelo tormento da dor, como é que pensam que há

de dar-se aquela salvação que eles, caso tivessem sacrificado, julgaram que não mais teriam, a quem diz que sacrificou, quando devem observar com relação a outros a mesma lei que parecem ter seguido antes com relação a si?

2,3 Nesse caso, percebemos que alegaram contra si próprios o mesmo que pensaram servir à sua própria defesa. Ora, se os mártires pensaram que a paz havia de ser dada àqueles, por que eles próprios não a deram? Por que julgaram − como dizem eles próprios − que tais pessoas deveriam remeter-se ao bispo? Quem manda fazer alguma coisa pode, por certo, fazer aquilo que manda. Como entendemos, porém, ou melhor, como a própria realidade fala e grita por si, os santíssimos mártires pensaram que se haveria de fazer um equilibrado emprego tanto da modéstia, como da verdade. De fato, porque eram pressionados por muitos, pensaram, enquanto os remetiam ao bispo, prover à própria discrição, a fim de não serem mais perturbados, e estimaram, por outro lado, que se havia de conservar ilibada a sinceridade da lei evangélica, enquanto eles próprios não lhes davam a comunhão.

3,1 Por tua parte, irmão, nunca desistas de moderar em nome da tua caridade os espíritos dos caídos, nem de oferecer o remédio aos que se desviam da verdade, por mais que o espírito doente costume rejeitar o zelo dos que o medicam, pois é recente a ferida dos caídos e, até não faz muito tempo, tratava-se de uma chaga que se desenvolvia em tumor. Por isso, estamos certos de que, uma vez transcorrido um intervalo de tempo mais longo e acalmado esse ímpeto, eles amarão ter de esperar para receber um remédio eficaz, contanto que já não se façam presentes aqueles que os instigam ao próprio perigo e, instruindo-os perversamente, exigem que, em vez dos salutares remédios da dilação, se lhes administrem os funestos venenos de uma precipitada comunhão.

3,2 Não cremos, pois, que, sem a instigação de alguns, teriam ousado todos reivindicar, de forma tão petulante, a paz para si.[298] Conhecemos a fé da Igreja cartaginesa, conhecemos a sua instrução, conhecemos a sua humildade. Por isso, ficamos também estupefatos ao notarmos certas coisas mui duramente lançadas contra ti por meio de uma epístola,[299] pois amiúde experimentamos o vosso amor mútuo e a vossa caridade através de muitos exemplos de afeição recíproca que tendes entre vós.

3,3 É tempo, portanto, de os caídos fazerem penitência pelo pecado, para

demonstrarem a sua dor, para darem mostras de discrição, humildade e modéstia,[300] para atraírem a si, com sua submissão, a clemência de Deus, e invocarem sobre si, com a devida honra prestada ao sacerdote de Deus, a divina misericórdia. Como teria sido melhor sua carta se, por sua própria humildade, as preces que os demais fiéis fazem em seu favor se tivessem visto ajudadas, pois mais facilmente se impetra o que se pede quando aquele em favor de quem se pede se mostra digno de impetrar o que se pede.

4,1 No tocante a Privato de Lambese, agiste conforme o teu costume ao teres querido anunciar-nos o fato como matéria que suscita inquietação.[301] Convém, pois, que todos nós velemos pelo corpo de toda a Igreja, cujos membros estão espalhados por todas as várias províncias.

4,2 Mas, antes mesmo de recebermos tua carta,[302] não se nos pôde ocultar a fraude desse homem astuto. Pois, quando previamente aqui viera alguém saído da multidão da perversidade, certo Futuro, porta-bandeira de Privato,[303] procurando fraudulentamente conseguir cartas de nossa parte, nem nos passou despercebido de quem se tratava, nem recebeu ele as cartas que queria. Desejamos que sempre estejas bem no Senhor.

Epístola 37

Cipriano aos irmãos presbíteros Moisés e Máximo,[304] e aos outros confessores, saudação.

1,1 Vindo até nós Celerino,[305] irmãos caríssimos, vosso companheiro de fé e coragem, soldado de Deus em gloriosos embates, tornou-vos presentes a todos vós e, igualmente, a cada um em particular os nossos afetos. Pudemos enxergar-vos a todos naquele que vinha e, como frequente e docemente falava da vossa caridade para comigo, nós vos ouvíamos nas palavras dele. Alegro-me bastante e muitíssimo quando se transmitem a vosso respeito tais testemunhos por meio de pessoas como ele.

1,2 Convosco estamos nós também, de alguma maneira, aí nesse cárcere, e

cremos sentir convosco as honras da divina misericórdia, nós que tão unidos estamos aos vossos corações. Vossa indivisível caridade une-nos à vossa honra, pois o espírito não deixa que o amor se separe. Aí vos aprisiona a confissão, e a mim, a afeição. Lembramo-nos de vós dia e noite, tanto ao elevarmos preces durante os sacrifícios[306] e na presença de muitos, quanto ao orarmos em lugar apartado com nossas preces particulares, imploramos o pleno favor do Senhor às vossas coroas e aos vossos louvores.

1,3 Mas nossa habilidade escassa é menos capaz de retribuir-vos. Vós dais mais quando, na oração, vos recordais de nós, pois, esperando já apenas o que é celeste e meditando somente nas realidades divinas, subis aos mais altos cumes pela própria demora da paixão e, pelo longo transcurso de tempo, não dissipais, mas aumentais as vossas glórias. A primeira e única confissão já torna alguém bem-aventurado. Vós confessais tantas vezes quantas vos vedes solicitados a deixar o cárcere, preferindo nele permanecer com fé e com coragem. Os louvores que vos cabem são tantos quantos são os dias, e os crescimentos de vossos méritos, tantos quantos são os cursos dos meses. Vence uma só vez quem padece de repente.[307] Quem se defronta com a dor, permanecendo sempre em meio aos sofrimentos, e não se deixa vencer, é coroado todos os dias.

2,1 Que venham agora os magistrados, que venham os cônsules ou procônsules e se gloriem das insígnias de sua anual dignidade e dos doze fasces.[307a] Eis que a dignidade celeste foi em vós marcada com o esplendor da honra anual e, pela diuturnidade de uma glória vencedora, já ultrapassou o ciclo volúvel de um ano que retorna sobre si. Iluminavam o mundo um sol nascente e uma lua minguante, mas, para vós, aquele que fez o sol e a lua[308] foi no cárcere uma luz maior. No vosso coração, no vosso espírito, a claridade resplandecente de Cristo irradiou-se, com aquela eterna e cândida luz,[309] pelas trevas de um ambiente penal, horríveis e funestas para outros.

2,2 De acordo com a sucessão dos meses, o inverno passou, mas vós, presos, compensastes as vicissitudes do inverno com o inverno da perseguição. Ao inverno seguiu-se a moderação primaveril, alegre com as rosas, coroada de flores, mas havia rosas e flores provenientes das delícias do paraíso e grinaldas celestes vos coroavam a cabeça. Eis que o verão é fecundo pela fertilidade das messes e a eira se mostra repleta de frutos, mas vós, que semeastes a glória, um fruto de glória colheis[310] e, estabelecidos na eira

do Senhor, podeis ver queimar-se a palha no fogo inextinguível, vós que, quais grãos de trigo purificados, cereais selecionados já experimentados e escondidos, tendes o alojamento do cárcere por celeiro.[311] E não falta tampouco ao outono a graça espiritual para desempenhar os trabalhos próprios da estação. A vindima prossegue do lado de fora e a uva, que há de servir às bebidas, é pisada nos lagares. Vós, racemos fecundos da vinha do Senhor, cachos de frutos já maduros pisados pela moléstia da tribulação secular, experimentais o nosso lagar no cárcere que tortura, derramais sangue em vez de vinho e, fortes perante o sofrimento, bebeis de bom grado a bebida do martírio. É assim que transcorre o ano para os servos de Deus. É assim que se celebra a alternância das estações em meio a méritos espirituais e prêmios celestes.

3,1 Verdadeiramente felizes são aqueles dentre vós que, tendo percorrido esses gloriosos passos, já deixaram o mundo e, completado o caminho da coragem e da fé, chegaram ao amplexo e ao ósculo do Senhor,[312] para alegria do mesmo Senhor. Vossa glória, porém, não é menor, ao estardes ainda em meio ao combate, em vias de seguir as glórias dos vossos companheiros, pois levais adiante a batalha, por um longo tempo, com uma fé inamovível e inabalável e exibis todos os dias, na vossa estabilidade, um espetáculo para Deus com as vossas virtudes. Quanto mais longa for a vossa luta, tanto mais sublime será a coroa. Única é a luta, mas formada pela abundância de múltiplas batalhas. Vencestes a fome, desprezastes a sede e calcastes aos pés a imundície do cárcere e o horror do compartimento penal com o poder da vossa fortaleza.

3,2 A pena é aí subjugada, a tortura é pisoteada e a morte não é temida, mas desejada, uma vez que é vencida pelo prêmio da imortalidade, e assim, quem a vencer será honrado com a eternidade da vida. Que espírito há de existir agora em vós? Que peito sublime e capaz, em que se meditam coisas tão grandes como essas, em que não se pensa senão nos preceitos de Deus e nos prêmios de Cristo? Aí só existe a vontade de Deus e, conquanto estejais ainda situados na carne, já não se vive a vida do século presente, e sim a do futuro.

4,1 E agora, irmãos beatíssimos, é tempo de que vos recordeis de mim, de que, entre os elevados e divinos pensamentos vossos, vos volteis também para nós com o vosso espírito e a vossa mente, e de que eu esteja em vossas preces e orações, uma vez que essa voz, tornada ilustre pela purificação da

confissão e louvável pelo perene curso da sua honra, penetra nos ouvidos de Deus e, tendo o céu aberto para si, depois que atravessou dessas regiões de um mundo subjugado para as supernas mansões, impetra da bondade do Senhor tudo quanto implora.

4,2 Com efeito, o que pedis da indulgência do Senhor que não mereçais receber, vós que guardastes de tal maneira os mandamentos do Senhor, que mantivestes a disciplina evangélica com o sincero vigor da fé, que, permanecendo de pé fortemente com a incorrupta honra da coragem, com os preceitos do Senhor e com seus apóstolos, consolidastes, com a verdade do vosso martírio, a fé vacilante de muitos? Sois verdadeiramente as testemunhas do Evangelho, sois verdadeiramente os mártires de Cristo, fundados sobre as suas raízes, sobre a rocha de robusta compleição.[313] Unistes a disciplina com a coragem, incitastes os demais ao temor de Deus, fizestes de vossos martírios exemplos. Desejo, fortíssimos e beatíssimos irmãos, que sempre estejais bem e de nós vos recordeis.

Epístola 38

Cipriano aos presbíteros e diáconos, e igualmente a todo o povo, saudação.

1,1 Nas ordenações dos clérigos, irmãos caríssimos, costumamos consultar-vos antes e ponderar, em assembleia comum,[314] os costumes e os méritos de cada um. Mas testemunhos humanos não se hão de esperar quando precedem divinos sufrágios.[315]

1,2 Nosso irmão Aurélio,[316] um ilustre jovem, já foi provado pelo Senhor e é caro a Deus. Ainda é novo em anos, mas adiantado pelo mérito da fé e da coragem; se é menor pela índole de sua idade, maior é, porém, em honra. Lutou numa dupla batalha: confessou duas vezes, e foi, por duas vezes, glorioso na vitória de sua confissão. Depois da primeira vez, quando vencera na corrida,[317] foi banido e, quando de novo lutou, em ainda mais renhida batalha, foi triunfador e vitorioso no embate do sofrimento. Tantas vezes quantas quis o adversário provocar os servos de Deus, esse soldado

fortíssimo e muito bem-disposto lutou e venceu. Fora pouca coisa que lutasse, aos olhos de uns poucos, quando de seu banimento; ele mereceu lutar também no foro, com uma coragem mais insigne, para, depois de vencer os magistrados e o procônsul, superar os tormentos, uma vez passado o seu exílio.

1,3 E não encontro o que nele devo louvar mais: a glória das feridas ou a discrição dos costumes, que seja insigne pela honra da coragem ou que seja louvável pela estima da modéstia. De tal modo é ele excelso em dignidade e submisso em humildade, que se manifesta ter sido preservado por Deus a fim de ser para outros um exemplo no que concerne à disciplina[318] eclesiástica, de como os servos de Deus devem vencer pelas virtudes na confissão, e de como devem sobressair, depois da confissão, pelos costumes.

2,1 Merecia uma pessoa tal aspirar aos ulteriores graus da ordenação clerical e a maiores promoções, não em virtude de seus anos, mas em decorrência de seus méritos. Enquanto isso, porém, aprouve que começasse pelo ofício de leitor, pois nada mais convém à voz que confessou a Deus com uma gloriosa proclamação do que ressoar na celebração das divinas leituras; depois das sublimes palavras que afirmaram o testemunho de Cristo, ler o Evangelho de Cristo, a partir do qual se constituem os mártires; vir ao púlpito, depois do estrado de tortura. Ali fora visível para uma multidão de pagãos, é visto aqui pelos irmãos; ali fora ouvido com estupor pelo povo circunstante, é ouvido aqui com o gáudio da fraternidade.

2,2 Sabei, portanto, irmãos caríssimos, que ele foi ordenado por mim e pelos colegas que estavam presentes. Sei que se trata de medida acolhida de bom grado por vós, que desejais que se ordene em nossa Igreja o maior número possível de pessoas como ele. E porque a alegria tem sempre pressa, o contentamento não pode tolerar demoras, ele já lê diante de nós no domingo, quer dizer, ao inaugurar a leitura, auspiciou a paz. Dedicai-vos frequentemente às orações e ajudai as nossas preces com as vossas, a fim de que, favorecendo-nos a misericórdia do Senhor, rapidamente retorne incólume o sacerdote ao seu povo e, com o sacerdote, o mártir leitor. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem [em Deus Pai e em Jesus Cristo].

Epístola 39

Cipriano aos irmãos presbíteros e diáconos, e a todo o povo, saudação.

1,1 Hão de reconhecer-se e de acolher-se, irmãos diletíssimos, os benefícios divinos com que o Senhor se dignou ilustrar e honrar a sua Igreja em nossos tempos, dando a seus bons confessores e a seus gloriosos mártires a faculdade de, uma vez tendo confessado de modo sublime o Cristo, adornarem depois o clero com os ministérios eclesiásticos de Cristo. Exultai, portanto, e alegrai-vos conosco ao lerdes a nossa carta em que eu e os meus colegas que estavam presentes vos comunicamos que nosso irmão Celerino, [319] glorioso igualmente em virtudes e em costumes, foi associado ao nosso clero não por humano sufrágio, mas por mercê divina.[320]

1,2 Quando ele hesitava ainda em consentir, por admoestação da própria Igreja[321] e por exortação de uma visão noturna, foi impelido a não negar-se a aceder a nós que o tratávamos de convencer. Para ele ficou claro que não era lícito nem conveniente permanecer privado da honra eclesiástica alguém que o Senhor honrou de tal maneira com a dignidade da glória celeste, e foi levado a convencer-se.

2,1 Ele foi o primeiro na batalha do nosso tempo, o comandante entre os soldados de Cristo, que se enfrentou com o próprio príncipe e autor da devastação em meio aos impetuosos inícios da perseguição e, ao vencer o adversário com a firmeza inexpugnável do seu ataque, abriu a outros o caminho da vitória, e não como um vencedor com um pequeno conjunto de feridas, mas como o milagroso triunfador de um longo enfrentamento, em meio a tormentos maçantes e permanentes, que se arrastaram por muito tempo.

2,2 Por dezenove dias, encerrado na detenção do cárcere, foi submetido a cordas e grilhões. Enquanto, porém, seu corpo se achava acorrentado, seu espírito permaneceu solto e livre.[322] Sua carne consumou-se pelo prolongamento da fome e da sede, mas Deus nutriu sua alma que vivia pela fé e pela coragem, com alimentos espirituais. Jazeu entre tormentos, mais forte, porém, do que seus tormentos; detido, e maior do que o que o detinha;

jazendo, e mais alto do que quem permanecia de pé; amarrado, e mais firme do que quem o amarrava; julgado, e mais sublime do que quem o julgava; e por mais que seus pés estivessem atados por uma corda, a desprezada serpente foi pisoteada e vencida.[323]

2,3 Reluzem no seu corpo glorioso os sinais resplandecentes das feridas, distinguem-se e manifestam-se evidentes vestígios nos nervos do homem e nos seus membros consumidos por longo definhamento. Grandes e admiráveis são as coisas que a comunidade ouve acerca das suas virtudes e dos seus méritos. E se houver alguém semelhante a Tomé, que não crê tanto no que ouve,[324] não falta o testemunho dos olhos, de modo que se possa também ver o que se ouve. No servo de Deus, a glória das feridas produziu a vitória, e a memória guarda a glória das cicatrizes.

3,1 E não é esse um estranho ou novo título de glórias em nosso caríssimo Celerino. Ele caminha sobre os passos de sua parentela, igualando-se, por misericórdia do Senhor, a seus antepassados e familiares com uma honra semelhante. Sua avó Celerina foi coroada já há muito tempo com o martírio. Do mesmo modo, seus tios paterno e materno, Laurentino e Inácio,[325] outrora engajados no exército, mas verdadeiros e espirituais soldados de Deus, ao prosternarem também eles o diabo com a confissão de Cristo, mereceram as palmas e as coroas do Senhor numa gloriosa paixão. Oferecemos sempre sacrifícios em sua memória, para que vos lembreis, todas as vezes que celebramos as paixões e os dias dos mártires, com uma anual comemoração.

3,2 Não podia, portanto, degenerar-se, nem permanecer em posição inferior, aquele a quem a dignidade familiar e a nobreza de linhagem incitavam com tais exemplos domésticos de coragem e de fé. Pois, se numa família secular o patriciado é motivo de encômio e de louvor, de quanto mais louvor e honra não será digno quem se faz nobre por uma celeste proclamação?

3,3 Não sei quem devo considerar mais feliz, se aqueles de posteridade tão ilustre ou se este, de origem gloriosa. Assim, a divina clemência corre entre eles igualmente para trás e para a frente, de modo que tanto a dignidade da descendência torna ilustre a coroa daqueles, como a sublimidade da estirpe ilumina a glória deste.

4,1 O que mais convinha, irmãos diletíssimos, do que fazer subir ao púlpito,

isto é, ao tribunal da Igreja aquele que, com tão grande clemência do Senhor, veio até nós, tornado ilustre pelo testemunho e pelo estupor de quem o tinha perseguido, de modo que, apoiado na excelsitude de um lugar mais elevado e visível a todo o povo pelo esplendor da sua honra, leia os preceitos e o Evangelho do Senhor que tão forte e fielmente segue? Que seja ouvida a voz que confessou o Senhor a proclamar diariamente o que o Senhor falou.[326]

4,2 Que se veja se há um grau ulterior a que ele possa ser promovido. Em nada ajuda mais um confessor a seus irmãos do que, enquanto se ouve de sua boca a leitura evangélica, em levar cada um que a tiver ouvido a imitar a fé do leitor.

4,3 Ele havia de associar-se, no ministério de leitor, a Aurélio,[327] a quem foi unido também na sociedade da honra divina, a quem se juntou com todas as insígnias de coragem e de mérito: ambos estão ao mesmo nível, ambos são semelhantes. Quanto mais sublimes em glória, tanto mais humildes em sua discrição; quanto mais elevados pela mercê divina, tanto mais submissos em sua calma e tranquilidade; oferecem igualmente, a cada um, exemplos de virtudes e de costumes, apropriados tanto para a guerra, como para a paz, louváveis num caso pela sua fortaleza, e noutro, pela sua modéstia.

5,1 Alegra-se o Senhor em servos tais, gloria-se em confessores assim, cuja doutrina e comportamento de tal modo contribuem para proclamar a glória, que oferecem aos outros um ensinamento da disciplina. Para isso, Cristo quis que estivessem eles aqui na Igreja por longo tempo; para isso, preservou-os incólumes, arrebatando-os praticamente do meio da morte, por meio de certa ressurreição, diria eu, que se operou em seu favor, a saber, para que, na medida em que nada se distingue pelos irmãos como sendo mais sublime em honra, mais submisso em humildade, toda a comunidade, que os viu como modelos, possa acompanhá-los também.

5,2 Sabei que eles, por enquanto, foram constituídos leitores, pois convinha que se colocasse a lâmpada sobre o candeeiro, de onde pudesse reluzir para todos,[328] e que se erguessem gloriosos rostos a um lugar mais alto, de onde, vistos por todos os que os circundam, pudessem oferecer a quem os vê um estímulo para alcançar a glória. No mais, já deveis saber também que nós lhes reservamos a honra do presbitério, de modo que sejam honrados

igualmente com os presbíteros nas espórtulas e se lhes repartam, nas divisões mensais,[329] quantias equivalentes, e que se sentem conosco, uma vez que estiverem amadurecidos e fortalecidos em sua idade, ainda que em nada possa ser tido na conta de inferior em razão da idade quem amadureceu a própria idade pela dignidade da glória alcançada. Desejo, irmãos caríssimos e saudosíssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 40

Cipriano aos caríssimos e saudosíssimos irmãos presbíteros e diáconos, e a todo o povo, saudação.

1 Deveu-se anunciar-vos, irmãos caríssimos, algo que diz respeito à alegria comum e à maior glória da nossa Igreja. Sabei que, tendo sido nós aconselhados e instruídos pela divina clemência, o presbítero Numídico, [330] tornado ilustre pela mui insigne glória da confissão e sublime pela honra de sua coragem e de sua fé, há de ser inscrito no número dos presbíteros cartagineses e de ter assento conosco no clero.[331] Ele, com efeito, enviou adiante de si, por exortação sua, um copioso contingente de mártires, abatidos quer pelas pedras, quer pelas chamas, e viu, com jubiloso aspecto, sua própria esposa, aferrada a seu lado, ser queimada com outros, ou melhor, ser conservada, eu diria. Ele mesmo, meio chamuscado, atingido por pedras e tido por morto,[332] depois que a filha, por um solícito obséquio de piedade, procurou pelo cadáver do pai, foi encontrado semimorto, foi arrastado para fora e reanimado, permanecendo, contra a sua vontade, separado daqueles companheiros que ele próprio enviara antecipadamente.

2 A causa de que permanecesse, porém, como vemos, foi esta, a saber, o Senhor o agregaria ao nosso clero e adornaria com gloriosos sacerdotes o número de nossos presbíteros, arruinado pela queda de alguns.[333]

3 E ele será promovido, por certo, quando Deus o permitir, a um posto ainda mais alto, à proporção de sua venerabilidade, quando tivermos

retornado à vossa presença, com a proteção de Deus. Enquanto isso, que seja feito como se indica: recebamos esse dom de Deus com ações de graças, [334] esperando da misericórdia do Senhor diversos outros ornamentos como esse, a fim de que, restabelecida a fortaleza da sua Igreja, ele faça florescer, em honra da nossa assembleia, tantos homens mansos e humildes assim. Desejo, irmãos caríssimos e saudosíssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 41

Cipriano aos colegas Caldônio e Herculano, e igualmente aos irmãos presbíteros Rogaciano e Numídico,[335] saudação.

1,1 Entristeci-me deveras, irmãos caríssimos, ao receber vossa carta,[336] visto que, tendo-me eu sempre proposto e prometido manter incólume toda a nossa comunidade e preservar ilibado todo o rebanho conforme o exige a caridade, vós agora me dizeis que Felicíssimo[337] tem promovido muitas coisas de modo desonesto e insidioso. Além das velhas fraudes e das rapinas, a respeito de muitas das quais eu já sabia há bastante tempo, ele teria tentado também agora indispor parte do povo com o bispo, ou seja, separar as ovelhas do seu pastor, os filhos de seu pai, e dissipar os membros de Cristo.

1,2 E ainda que eu vos tenha enviado como vigários meus para que dirimísseis as necessidades de nossos irmãos com esses recursos, ajudásseis, quanto bastasse, com tal acréscimo, os desejos daqueles que quisessem exercer também seus próprios ofícios, e discernísseis, ao mesmo tempo, as idades, as condições e as capacidades deles a fim de que eu, a quem incumbe o cuidado de conhecer a todos muito bem, promovesse os que fossem considerados dignos, humildes e mansos[338] aos ofícios da administração eclesiástica, aquele homem interveio para que ninguém pudesse ser ajudado, para que aquilo que eu desejara não se pudesse discernir por meio do exame da vossa diligência e chegou até, com injusto poder e violento terror, a ameaçar os nossos irmãos que vieram receber primeiro a ajuda, dizendo que não estariam em comunhão com ele em seu monte os que

quisessem obedecer-nos.

2,1 Ao não se deixar convencer, depois desses fatos, pela honra da minha condição, nem se dobrar ante a vossa presença e autoridade, começou a perturbar, com sua instigação, a tranquilidade dos irmãos, constituindo-se diante de muitos, com temerário furor, líder de uma facção, cabeça de uma sedição. A propósito, regozijo-me, por certo, com que diversos irmãos se tenham afastado da audácia dele e tenham preferido dar ouvidos a vós, permanecendo fiéis à mãe Igreja e recebendo suas ajudas, que seu bispo lhes dispensa. Os demais, eu bem o sei, hão de fazê-lo também em paz, regressando sem mais tardar de seu perigoso erro. Enquanto isso, uma vez que Felicíssimo ameaçou que não teriam comunhão com ele no monte os que nos obedecessem,[339] ou seja, os que estivessem em comunhão conosco, receba a sentença que ele mesmo pronunciou primeiro: fique sabendo que está separado de nós, pois além de suas fraudes e rapinas, que viemos a conhecer com a mais clara evidência, incorreu ainda em pecado de adultério, no qual homens graves, nossos irmãos, lhe anunciaram ter sido surpreendido, asseverando que o provariam. Tomaremos conhecimento de tudo quando nos tivermos reunido, com a permissão do Senhor, aos diversos colegas.

2,2 Quanto, porém, a Augendo, que, sem levar em consideração o bispo nem a Igreja, se lhe associou em igual conspiração,[340] se com ele perseverar, receba a mesma sentença que aquele homem faccioso e temerário atraiu sobre si. Por outro lado, qualquer um que se tiver unido à conspiração e à facção dele, há de saber que não estará em comunhão conosco na Igreja quem espontaneamente dela preferiu separar-se.

2,3 Lede esta minha carta aos nossos irmãos e enviai-a também ao clero, em Cartago, acrescentando-lhe os nomes daqueles que se uniram a Felicíssimo. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 42

Caldônio, com os colegas Herculano e Víctor, e igualmente com os presbíteros Rogaciano e Numídico.[341]

Privamos Felicíssimo e Augendo da comunhão, assim como Reposto, que fora banido, a rutilada Irene e a remendeira Paula, do que deves tomar conhecimento por meio de minha anotação. Excomungamos igualmente Sofrônio, também ele dentre os banidos, [e] Soliasso, o fabricante de esteiras.[342]

Epístola 43

Cipriano a todo o povo, saudação.

1,1 Ainda que, irmãos caríssimos, o mui íntegro e fiel presbítero Vírcio e, igualmente, os presbíteros Rogaciano e Numídico,[343] confessores e, por mercê divina, ilustres, mas também os diáconos, homens bons e devotados, por meio de todos os desvelos, à administração eclesiástica, vos prestem, com os outros ministérios, a total dedicação da sua presença, fortaleçam cada um de vós com assíduas exortações e não deixem de dirigir e de corrigir, com salutares conselhos, os espíritos dos caídos, admoesto-vos, contudo, também eu, quanto posso, e visito-vos, como posso, com minhas cartas.

1,2 Eu disse "com minhas cartas", irmãos caríssimos. De fato, a malignidade e a perfídia de alguns dos presbíteros[344] levaram a que não me fosse permitido regressar a vós antes do dia da Páscoa,[345] pois, lembrados de sua conjuração e retendo aqueles antigos rancores contra o meu episcopado, aliás, contra o vosso sufrágio e o juízo de Deus, estabelecem contra nós a sua impugnação[346] e renovam, uma vez mais, suas sacrílegas maquinações com as acostumadas insídias.

1,3 E sem que, por certo, o quiséssemos nem o desejássemos, antes, enquanto calados lhes perdoamos, receberam da divina providência os castigos que mereceram: sem que por nós fossem expulsos, excluíram-se a si mesmos de forma voluntária, ditaram eles próprios contra si uma sentença de acordo com sua consciência e, seguindo os vossos divinos sufrágios, esses

conjurados e pervertidos expulsaram-se espontaneamente da Igreja.

2,1 Agora apareceu de onde é que provinha a facção de Felicíssimo, em que raízes se apoiava, de que forças se valia. Tais homens instigavam outrora a alguns confessores, exortando-os a que não estivessem de acordo com seu bispo, não observassem a disciplina eclesiástica com fé e serenidade, conforme os preceitos do Senhor,[347] nem guardassem a glória da sua confissão por uma vida incorrupta e imaculada.

2,2 E como se fosse pouco que tivessem corrompido as mentes de alguns confessores e querido incitar uma parcela da comunidade dividida contra o sacerdote de Deus, dirigiram-se agora, em seu ardiloso engano, a arruinar os caídos, fazendo que se afastem do remédio necessário a suas feridas, pessoas enfermas e debilitadas, ainda pouco capazes de receber mais poderosos auxílios, ainda pouco consolidadas em decorrência da calamidade de sua ruína; levam-nas a interromper as preces e orações pelas quais deve o Senhor ser aplacado, prestando-se-lhe longa e contínua reparação, e as convidam à desastrosa temeridade sob o pretexto de uma enganadora paz.

3,1 Peço-vos, porém, irmãos: velai contra as insídias do diabo[348] e permanecei solícitos em vista da vossa salvação, aplicando-vos mui diligentemente contra a mortífera falácia. Essa é uma nova perseguição, uma nova tentação,[349] e esses cinco presbíteros[350] não são senão aqueles cinco líderes que, por meio de um recente edito,[351] foram reunidos pelos magistrados com o objetivo de destruir a nossa fé, desviando os delicados corações dos irmãos na direção de laços letais, através da perversão da verdade.

3,2 O mesmo plano, a mesma destruição se leva a cabo agora, de novo, por meio dos cinco presbíteros unidos a Felicíssimo, para a ruína da salvação, levando a que não se rogue ao Senhor, a que aquele que negou a Cristo não suplique nem sequer ao próprio Cristo a quem negara, fazendo com que, depois de se anular a culpa do pecado, seja eliminada também a penitência e não se preste a devida reparação a Deus pelo ministério dos bispos e dos sacerdotes, mas permitindo que, deixados de lado os sacerdotes do Senhor, contrariamente ao que estipula a disciplina evangélica, surja uma nova traição, de sacrílega instituição.

Por mais que nos tenha parecido bem, uma vez, tanto a nós como aos

confessores e aos clérigos da cidade, bem como a todos os bispos com sede em nossa província ou no além-mar, que em nada se inovasse no que diz respeito à questão dos caídos, a não ser quando todos nos viermos a reunir e ditarmos, então, uma sentença equilibrada com a disciplina e, igualmente, com a misericórdia, uma vez ouvidos os pareceres de todos,[352] levam a que se produza uma rebelião contra a nossa decisão e se destrua, com facciosas conspirações, toda a autoridade e o poder sacerdotal.[353]

4,1 Que penas suporto agora, irmãos caríssimos, ao não poder ir pessoalmente até vós, ao não poder aproximar-me de cada um de vós e encorajar-vos segundo o ensinamento do Senhor e do seu Evangelho! Não era suficiente o exílio que já leva dois anos,[354] a triste separação dos vossos rostos e olhares, a perene dor e o gemido que me atormentam aqui sozinho, longe da vossa companhia, as lágrimas derramadas dia e noite por ainda não ser dado ao sacerdote, que com tanto amor e ardor elegestes, que possa saudar-vos e unir-se aos vossos abraços.

4,2 Acrescentou-se esta dor maior ao nosso espírito já desfeito: não posso correr até vós numa situação de tanta necessidade e que inspira tantos cuidados, uma vez que tememos pelas ameaças e pelas insídias dos pérfidos que, quando da nossa chegada, surja por aí um tumulto ainda mais expressivo[355] e, não obstante o bispo deva prover acerca de tudo com paz e tranquilidade, pareça que eu mesmo dê motivo à sedição e exacerbe, outra vez, a perseguição.

4,3 Daqui, porém, irmãos diletíssimos, daqui vos admoesto e, igualmente, vos interpelo a não dardes crédito de modo temerário a vozes perniciosas, a não oferecerdes facilmente o vosso consentimento a palavras falazes, a não tomardes as trevas pela luz,[356] a noite pelo dia, a fome pelo alimento, a sede pela bebida, o veneno pelo remédio nem a morte pela salvação. Que tampouco vos enganem a idade ou a autoridade desses tais que ecoam a velha maldade dos dois anciãos: assim como trataram eles de corromper e de violar a pudica Susana,[357] aqui também tratam estes de corromper, com adulterinas doutrinas, a pudicícia da Igreja, de violar a verdade evangélica.[358]

5,1 Clama o Senhor, dizendo: “Não ouçais as palavras dos falsos profetas, porque as visões dos seus corações os enganam. Falam, mas não o que provém da boca do Senhor. Dizem àqueles que desprezam a palavra do

Senhor: a paz estará convosco”.[359] Oferecem agora a paz os mesmos que não a têm, prometem reconduzir os caídos, chamá-los de volta à Igreja os mesmos que dela se afastaram.

5,2 Deus é um só,[360] Cristo é um só, uma só é a Igreja e é única a cátedra estabelecida pela palavra do Senhor sobre Pedro.[361] Outro altar não pode ser constituído nem um novo sacerdócio estabelecido à margem do único altar, do único sacerdócio. Quem quer que recolha alhures, dispersa.[362] O que quer que por delírio humano se institua para que se viole a disposição divina é algo adúltero, algo ímpio, algo sacrílego. Afastai-vos, e muito, do contágio de homens como esses, evitai as palavras deles como se fugísseis de um câncer, de uma peste,[363] pois é o Senhor quem o avisa, dizendo: “São cegos conduzindo cegos! Ora, se um cego conduz outro cego, ambos acabarão caindo num buraco”.[364]

5,3 Eles se interpõem ante as nossas preces que comigo derramais dia e noite na presença de Deus para lhe agradardes com uma justa satisfação. Interpõem-se ante as nossas lágrimas, com as quais lavais a culpa do pecado cometido. Interpõem-se ante aquela paz que verdadeira e fielmente implorais da misericórdia do Senhor, e ignoram o que está escrito: “Quanto ao profeta ou intérprete de sonhos [...] pregou [...] para te afastar do caminho em que o Senhor teu Deus te ordenou caminhar”.[365]

5,4 Que ninguém, irmãos, vos afaste dos caminhos do Senhor. Que ninguém vos arrebate, a vós que sois cristãos, do Evangelho de Cristo, ninguém tire da Igreja os filhos da Igreja. Pereçam por si mesmos só os que quiseram perecer, fiquem fora da Igreja só os que dela se afastaram, só não estejam com os bispos os que contra os bispos se rebelaram, sofram os castigos de sua conjuração só aqueles que mereceram receber − outrora conforme os vossos sufrágios, agora conforme os juízos de Deus − uma sentença condenatória de sua conjuração e malignidade.

6,1 O Senhor nos admoesta em seu Evangelho, ao dizer-nos: “Desprezais o mandamento de Deus para observar a vossa tradição”.[366] Os que desprezam o mandamento de Deus no intuito de estabelecerem sua própria tradição sejam por vós firme e fortemente rejeitados. Baste aos caídos uma única queda. Ninguém precipite por seu engano a quem quer reerguer-se. Ninguém prosterne ainda mais gravemente nem abata os que jazem, pelos quais rogamos nós a fim de que, com a mão de Deus e o poder de seu braço,

se levantem. Ninguém afaste quem se encontra semimorto e implora poder reaver sua prístina salvação, de toda e qualquer esperança de salvação. Ninguém apague para quem cambaleia na escuridão de sua queda toda a luz de um caminho salutar.

6,2 O Apóstolo instrui, dizendo: "Se alguém ensinar outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina dele, está cheio de estupidez [...], afasta-te de gente assim".[367] E ainda: "Ninguém vos engane com palavras vãs, porque por essas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da contumácia. Não vos torneis, pois, coparticipantes de suas ações".[368] Não venha a acontecer que, enganados por suas vãs palavras, comeceis a tornar-vos partícipes da depravação deles. Afastai-vos de tais pessoas, suplico-vos, e fazei caso de nossas decisões, pois, diariamente, derramamos por vós contínuas preces na presença do Senhor, desejamos chamar-vos de volta à Igreja pela clemência do Senhor, e suplicamos a pleníssima paz que vem de Deus, em primeiro lugar, para nossa Mãe e, depois, também para os seus filhos.

6,3 Às nossas preces e orações, uni também as vossas; aos nossos prantos, associai as vossas lágrimas. Evitai os lobos que separam as ovelhas do pastor,[369] evitai a língua envenenada do diabo, que, desde o início do mundo,[370] sempre falaz e mentirosa, mente para enganar, lisonjeia para prejudicar, promete bens para dar um mal, oferece a vida para fazer perecer. Reluzem agora também as suas palavras, seus venenos estão à luz do dia. Oferece a paz para que não se possa chegar à paz. Promete a salvação para que quem delinquiu não venha à salvação. Garante a Igreja, quando o que faz é levar a quem lhe dá crédito a perecer completamente, fora da Igreja.

7,1 Agora é o momento, irmãos diletíssimos, de que vós, que permaneceis de pé,[371] persevereis fortemente e conserveis vossa gloriosa estabilidade que mantivestes durante a perseguição; e de que vós, que caístes pelo engano do adversário, cuideis fielmente, nesta segunda tentação, de vossa esperança e de vossa paz, e de que não vos afasteis dos sacerdotes do Senhor para que ele vos perdoe, pois está escrito: "O homem que agir com presunção, não obedecendo ao sacerdote que está ali... nem ao juiz, tal homem deverá ser morto".[372]

7,2 Trata-se da última, da derradeira tentação dessa perseguição, e também

ela, com a proteção do Senhor, há de passar rápido, de modo a poder me apresentar diante de vós depois do dia da Páscoa, juntamente com os meus colegas, e poderemos, estando presentes, de acordo também com o vosso parecer e a comum deliberação de todos nós, conforme uma vez nos aprouve, organizar e examinar o que se há de fazer. Se alguém, por outro lado, se recusa a fazer penitência e a prestar a devida reparação a Deus, tendo-se posto no partido de Felicíssimo e de seus satélites, unindo-se à dita facção herética, saiba que não poderá, depois, retornar à Igreja nem ter comunhão com os bispos e o povo de Cristo. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem e persevereis conosco, em contínuas preces, ao pé da misericórdia do Senhor, que se há de suplicar.

epístolas escritas entre a primavera de 251 e a primavera de 254

[1]

Epístola 44

Cipriano ao irmão Cornélio,[2] saudação.

1,1 Vieram a nós, irmão caríssimo, enviados por Novaciano, o presbítero Máximo, o diácono Augendo, certo Maqueu e Longino.[3] Quando, porém, viemos ao conhecimento, tanto pela carta que traziam[4] quanto pela sua palavra e asseveração, de que Novaciano fora constituído bispo, perturbados que ficamos pela perversidade de uma ordenação ilícita e perpetrada contra a Igreja católica, determinamos que eles fossem imediatamente apartados da nossa comunhão.[5]

1,2 Enquanto isso, tendo contestado os argumentos que eles, obstinada e pertinazmente, tentavam aduzir e sem ter-lhes feito caso, já esperávamos, tanto eu como os vários colegas meus que tinham vindo até mim, a chegada de nossos colegas Caldônio e Fortunato, que enviáramos como legados a ti, [6] não havia muito, e os nossos irmãos no episcopado que estiveram presentes à tua ordenação, para que, uma vez que tivessem chegado e trazido até nós a verdade dos fatos ocorridos, fosse quebrantada por meio deles a desonestidade da facção adversária com uma autoridade maior e uma evidente demonstração.

1,3 Chegaram aqui, todavia, os nossos colegas Pompeu e Estêvão, que trouxeram, também eles, com a gravidade e a fidelidade que os caracterizam, manifestos indícios e testemunhos para instruir-nos, a ponto de que não precisássemos mais ouvir os que tinham sido enviados da parte de Novaciano.

2,1 Quando estes, porém, em plena assembleia,[7] prorromperam, além do mais, em gritos hostis e clamores turbulentos, exigindo que fossem julgadas publicamente por nós e pelo povo as acusações que eles próprios traziam e alegavam poder provar, nós negamos que conviesse à nossa gravidade tolerar que se atacasse por mais tempo, com a maledicente palavra de invejosos, a honra de um colega nosso já eleito, ordenado e aprovado pela louvável opinião de muitos.

2,2 E visto que teria sido longo recolher numa epístola cada um dos argumentos pelos quais foram eles repelidos, contidos e desmascarados em suas tentativas ilícitas de constituir um cisma, ouvireis tudo integralmente de Primitivo,[8] nosso irmão no presbiterado, quando ele tiver ido até vós.

3,1 Sem que cesse jamais, todavia, a furente audácia daqueles tais, por aqui também, eles tentam dividir os membros de Cristo em partidos de cisma e cindir o corpo único da Igreja católica, dilacerando-o, a ponto de andarem de porta em porta pelas casas de muitas pessoas e até de cidade em cidade, tendo percorrido já alguns lugares, no intuito de recrutar para si companheiros de sua obstinação e de seu erro cismático.

3,2 Demos-lhes uma vez uma resposta e não desistimos de recomendar que, deposta sua perniciosa dissensão e sua contenda, saibam que não passa de impiedade abandonar a mãe Igreja, que reconheçam e entendam que não podem, de modo algum, constituir outro bispo no lugar de um já ordenado e aprovado pelo testemunho e pelo juízo dos colegas e do povo, e então, depois de terem deliberado pacífica e fielmente acerca de sua própria situação, caso confessem que são seguidores do Evangelho e de Cristo, que voltem, primeiramente, para a Igreja. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 45

Cipriano ao irmão Cornélio, saudação.

1,1 Porque isso convinha a servos de Deus e, máxime, a sacerdotes justos e pacíficos, irmão caríssimo, nós tínhamos enviado recentemente os nossos colegas Caldônio e Fortunato,[9] a fim de que se esforçassem e se aplicassem quanto pudessem, valendo-se não apenas do poder de persuasão das nossas cartas, mas também de sua presença e do conselho de todos vós, para recompor os membros de um corpo cindido com vistas à unidade da Igreja católica, e reconstruir o vínculo da caridade cristã.

1,2 Mas, visto que a pertinácia obstinada e inflexível da outra parte não rejeitou apenas o amplexo da raiz, o seio de sua Mãe, como também, com uma discórdia crescente que se tornava cada vez pior, constituiu para si um bispo[10] e, contrariamente ao mistério da divina disposição e da unidade católica, transmitido uma vez, criou fora da Igreja uma cabeça adúltera e antagônica, quando recebemos cartas tanto de tua parte como da de nossos colegas, e quando chegaram igualmente os bons varões e colegas nossos caríssimos, Pompeu e Estêvão, através dos quais todas as coisas ali contidas nos foram firmemente asseveradas e aprovadas[11] em comum alegria, tal como o estavam a exigir a santidade e, igualmente, a verdade da divina tradição e da instituição eclesiástica, enviamos-te uma carta nossa.[12]

1,3 E levando tudo isso, além do mais, ao conhecimento de cada um dos nossos colegas, por todo o território da nossa província, ordenamos por carta[13] que também os nossos irmãos fossem reconduzidos por eles do caminho errado.

2,1 Não obstante nosso pensamento e propósito já tivessem sido, então, manifestados aos olhos dos irmãos e de todo o povo que aí se encontra, quando, uma vez recebidas as cartas de ambas as partes, lemos a tua e demos a conhecer aos ouvidos de cada um a tua ordenação episcopal.[14]

2,2 Lembrando-nos ainda da honra comum e guardando o devido respeito à dignidade e à santidade sacerdotal, rejeitamos o que fora recolhido pela outra parte, com criminosos agravos, no livro que se enviou,[15] haja vista que consideramos e, igualmente, ponderamos que, em tão excelsa e piedosa assembleia de irmãos, diante de sacerdotes de Deus que, juntos, tomam assento e do altar constituído, tais coisas não se devem ler nem ouvir. E não se hão de divulgar levianamente, nem se hão de publicar incauta e temerariamente coisas que, com um estilo eivado de discórdia, podem levar ao escândalo os que as ouvirem e confundir, com uma opinião incerta, os

irmãos que vivem longe e no além-mar.

2,3 Que o tivessem em conta os que, servindo à sua própria ira ou à sua desenfreada paixão, sem considerar a lei divina nem a santidade, se deleitam, enquanto isso, com pelo menos proferir o que não podem provar e, já que não conseguem destruir nem abater a inocência, têm por suficiente espargir manchas com uma notícia mentirosa e um falso rumor. Certamente, como convém a prelados e a sacerdotes, deve-se atender a que tais coisas, quando vêm a ser escritas por certas pessoas, sejam rejeitadas por nós.

2,4 Com efeito, em que momento encontrará aplicação o que aprendemos e que ensinamos ter sido escrito: "Preserva a tua língua do mal, e teus lábios de falarem falsamente"?[16] E, igualmente, noutra passagem: "Tua boca abundou em malícia e tua língua tramava insídias. Sentado, difamavas teu irmão e punhas um tropeço diante do filho de tua mãe".[17] A mesma coisa diz o Apóstolo: "Não saia de vossos lábios nenhuma palavra inconveniente, mas, na hora oportuna, a que for boa para a edificação da fé, que comunique graça aos que a ouvirem".[18] Por nosso lado, mostramos que assim se há de agir se, quando tais palavras são escritas pela caluniosa temeridade de alguns, não toleramos que sejam lidas diante de nós.

2,5 E, portanto, irmão caríssimo, tendo-me chegado tais escritos contra ti, mesmo que de parte de um irmão no presbiterado que toma assento junto a ti, mandei que fosse lido ao clero e ao povo aquilo que ressoasse a religiosa simplicidade e que não fizesse estrondo com qualquer ladrido de imprecações ou de injúrias.

3,1 O fato de termos desejado ler os escritos dos nossos colegas que estiveram aí presentes à tua ordenação[19] não significa que, esquecidos dos costumes antigos, procurássemos instituir uma novidade; pois teria sido suficiente que tu mesmo anunciasses, por carta, que foste constituído bispo, caso não houvesse, da parte contrária, uma facção discrepante a confundir os corações e a perturbar os espíritos de diversas pessoas, tanto de colegas como de irmãos, com seus criminosos e caluniosos comentários. Estimamos necessário, para acalmar esse estado de coisas, que se procurasse a firme e sólida autoridade de colegas nossos que daí nos escrevessem. Estes, proclamando os testemunhos de suas cartas, condignos, aliás, dos teus costumes e da tua vida de disciplina, fizeram desaparecer, quer para os

maliciosos, quer para os que se alegram pela novidade ou pela perversidade das coisas, todo e qualquer escrúpulo de hesitação e de discrepância. E, de acordo com o nosso conselho, bem ponderado por um sadio raciocínio, as mentes dos irmãos que vacilavam em meio a esse desconcerto aprovaram sincera e firmemente o teu sacerdócio.

3,2 Nisto, com efeito, irmão, devemos trabalhar principalmente e trabalhamos, a saber, em tratar de conseguir, quanto pudermos, a unidade que nos foi entregue pelo Senhor através dos apóstolos a nós, seus sucessores, e, na medida das nossas forças, em manter unidas na Igreja as ovelhas balantes e errantes, que uma perversa facção ou herética tentação separa da Mãe. Que permaneçam de fora tão somente os que, por sua própria obstinação ou impulso, renunciaram a voltar a nós e não o quiseram, e que hão de prestar contas ao Senhor da divisão, da separação que por meio deles se produziu e da Igreja abandonada.[20]

4,1 No que concerne, porém, ao presbitério de alguns e ao caso de Felicíssimo, para que pudesses saber o que aqui ficou determinado, alguns colegas nossos enviaram-te cartas[21] que eles mesmos assinaram. Por meio dessas cartas, tendo-os ouvido, ficarás conhecendo o que julgaram e como se pronunciaram a respeito.

4,2 Farás muito bem, irmão, se mandares que também sejam lidas aí para os irmãos cópias das cartas que, em nome da comum dileção, eu te enviara recentemente para que as lesses, por meio de Caldônio e de Fortunato, colegas nossos, e que eu escrevera aqui para o nosso clero e para o povo[22] acerca do mesmo Felicíssimo e do presbitério dele. Tais cartas apresentam tanto a ordem como o plano desses acontecimentos, de modo que tanto aqui como aí a comunidade possa ser instruída em tudo isso por nosso intermédio.

4,3 Encaminhei também agora as referidas cópias por meio do subdiácono Métio, enviado por mim, e do acólito Nicéforo.[23] Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 46

Cipriano a Máximo, a Nicóstrato[24] e aos outros confessores, saudação.

1,1 Visto que frequentemente ficastes sabendo, caríssimos, através de minhas cartas,[25] que tenho guardado, com minha palavra, tanto a honra devida à vossa confissão quanto a dileção à comunidade que se vos associa, dai crédito, eu vos peço, e vossa aquiescência à minha carta, com a qual, ao mesmo tempo que escrevo a pessoas como vós, distinguidas pela conduta e pelos louvores que recebeis, aconselho-vos também com simplicidade e fidelidade.

1,2 Pesa-me, com efeito, e entristece-me, oprime-me a intolerável melancolia de um peito abatido e quase totalmente prostrado, desde quando vim ao conhecimento de que vós consentistes que, contra a disposição [de Deus], contra a lei evangélica e contra a unidade da instituição católica, aí se constituísse outro bispo,[26] ou seja, que fosse instituída outra Igreja − o que contraria o direito divino e não é de forma alguma permitido −, que se despedaçassem os membros de Cristo, que se rasgasse o espírito da grei do Senhor e seu único corpo com uma lacerante rivalidade.

1,3 Peço, portanto, que esse ilícito dissídio da nossa comunidade pelo menos não persevere entre vós, mas que, lembrando-vos de vossa confissão e da divina tradição, regresseis à Mãe de que saístes e a partir da qual, e com exultação de sua parte, chegastes à glória da confissão.

2,1 E não penseis que estais a defender o Evangelho de Cristo quando vos separais da grei de Cristo, da sua paz e concórdia, pois mais convém a bons e gloriosos soldados permanecer no acampamento doméstico e, postos aí dentro, levar a cabo e prover o que em comum se houver de tratar.

2,2 Ora, uma vez que a unanimidade e a concórdia entre nós não deve ser absolutamente rompida e porque não podemos nós, abandonando a Igreja, sair ao vosso encontro, pedimos e rogamos, com as exortações de que somos capazes, que, antes, sejais vós que regresseis à mãe Igreja e à vossa comunidade. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 47

Cipriano ao irmão Cornélio, saudação.

Estimei, irmão caríssimo, que fosse uma iniciativa piedosa e necessária escrever-vos uma breve carta dirigida aos confessores que aí se encontram[27] e que, seduzidos pela obstinação e pela perversidade de Novaciano e de Novato, saíram da Igreja. Desse modo, poderia eu, com mencionado escrito, aproximar-me deles em nome da mútua afeição a fim de fazê-los voltar à sua Mãe, ou seja, à Igreja católica. Recomendei que dita carta fosse lida, primeiro, em tua presença pelo subdiácono Métio,[28] para que alguém não inventasse que escrevi coisa diferente do que aquilo que, de fato, está contido na minha carta. Encarreguei também o mesmo Métio, enviado por mim a vós, de levar adiante a iniciativa de acordo com o teu parecer, e assim, caso penses que a referida carta deva chegar às mãos dos confessores, só então ele a entregue.[29] Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 48

Cipriano ao irmão Cornélio, saudação.

1 Li tua carta, irmão caríssimo, que enviaste por meio de Primitivo,[30] nosso irmão no presbiterado, em que fiquei sabendo que te perturbaste porque, embora já te fossem dirigidas cartas da colônia Hadrumetina, em nome de Policarpo, depois que nós, a saber, Liberal[31] e eu, fomos àquele lugar, começaram a ser escritas para aí cartas endereçadas aos presbíteros e diáconos.[32]

2,1 Queremos que saibas e tenhas por coisa certa que nada disso foi feito com espírito de leviandade ou de afronta. Mas, conquanto tivéssemos determinado, vários colegas que nos reuníamos então em assembleia, que, uma vez enviados a vós, como legados, os nossos irmãos no episcopado

Caldônio e Fortunato,[33] todas as decisões ficariam absolutamente em suspenso nesse meio tempo até que os mesmos colegas nossos voltassem a nós depois de terem deixado todas as coisas pacificadas por aí ou, pelo menos, de nos trazerem a verdade dos fatos, os presbíteros e diáconos estabelecidos em Hadrumeto, na ausência de Policarpo, nosso irmão no episcopado, ignoravam o acordo a que chegáramos em nossa comum deliberação.

2,2 Assim que chegamos, porém, à sua presença, vindo a conhecer a nossa intenção, eles também começaram a observar o mesmo que os outros, para em nada discrepar do consenso das igrejas aqui estabelecidas.

3,1 Há certas pessoas, contudo, que com suas palavras perturbam algumas vezes as mentes e os espíritos, ao anunciarem coisas que dissentem da verdade. Com efeito, oferecendo como que um plano a todos os que navegam, a fim de que não o façam com escândalo algum, temos consciência de tê-los exortado a reconhecer e a guardar a raiz e a matriz da Igreja católica.

3,2 Como, porém, nossa província é muito extensa e a ela se unem ainda a Numídia e as duas Mauritânias, para que o cisma desencadeado na Urbe não confundisse com uma opinião incerta os espíritos dos ausentes, aprouve-nos determinar − depois que, por meio dos bispos, já estávamos de posse da verdade dos fatos e fomos investidos de maior autoridade para comprovar a tua ordenação, tendo-se então, por certo, sacudido de cada peito qualquer escrúpulo − que se escrevessem cartas da parte de todos os que estão aqui constituídos, tal como, de fato, se estão escrevendo, para que todos os colegas nossos te aprovassem e guardassem firmemente a tua comunhão, isto é, tanto a unidade como a caridade da Igreja católica. Alegramo-nos que isso, por obra de Deus, tenha acontecido e que nossa determinação tenha sido providencialmente seguida.

4,1 Assim sendo, pois, tanto a verdade como a dignidade do teu episcopado foram estabelecidas na mais clara luz, fundamentadas por uma comprovação assaz manifesta e inabalável, haja vista que, a partir dos rescritos dos nossos colegas que daí nos enviaram cartas, bem como dos relatos e dos testemunhos de Pompeu, Estêvão, Caldônio e Fortunato, nossos irmãos no episcopado, foram conhecidas por todos tanto a origem necessária, como a razão justa da tua ordenação,[34] e ainda a sua gloriosa

inocência.

4,2 A divina proteção nos conceda, e também aos nossos outros colegas, que administremos estável e firmemente, e conservemos a paz da Igreja católica na unanimidade da concórdia; que o Senhor, que se digna eleger e constituir para si os sacerdotes na sua Igreja, guarde também com seu auxílio os que por sua vontade foram eleitos e constituídos, inspirando-os na ação de governar e outorgando-lhes o vigor de refrear a contumácia dos ímprobos e a mansidão para promover a penitência dos que caíram. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 49

Cornélio ao irmão Cipriano, saudação.

1,1 Assim como experimentamos solicitude e ansiedade pelos confessores que foram assediados e praticamente enganados e afastados da Igreja[35] pela culpa e pela malícia de um homem astuto e velhaco,[36] fomos tomados também de alegria e demos graças a Deus todo-poderoso e a Cristo, nosso Senhor, quando, uma vez reconhecido o seu erro e entendida a astúcia envenenada daquele homem, maligno como uma serpente,[37] eles voltaram, por sua simples vontade, à Igreja de que saíram, tal como confessaram de coração.

1,2 E já antes, por certo, alguns irmãos nossos, de fé comprovada, amantes da paz e desejosos da unidade, anunciavam que aquele tumor deles estava começando a ceder, ainda que isso não bastasse para fazer-nos crer facilmente que tivessem mudado de repente.

1,3 Posteriormente, de fato, os confessores Urbano e Sidônio vieram aos nossos irmãos no presbiterado, afirmando que Máximo, confessor e presbítero, desejava voltar juntamente com eles à Igreja.[38] Como, porém, muitas coisas indicadas por eles tinham acontecido, coisas essas que tu também vieste a conhecer através dos nossos irmãos no episcopado e de

minhas cartas,[39] para que não se lhes desse temerariamente um voto de confiança, aprouve-me que se ouvisse isso de sua própria boca e por sua confissão, coisa que eu ordenara que se fizesse por uma legação.

1,4 Tendo eles vindo e começando-se a julgar pelos presbíteros tudo o que fizeram, veio à luz o fato de que, recentemente, frequentes cartas cheias de calúnias e maledicências tinham sido enviadas em seu nome[40] a todas as igrejas, perturbando quase todas. Eles afirmaram que foram assediados e não conheciam o teor dessas cartas, mas que apenas as assinaram e que cometeram, também, o pecado de cisma e de heresia, sendo seus autores, enganados pela astúcia daquele sobre quem toleraram que se impusessem as mãos como se se tratasse de uma ordenação episcopal. Quando essas e outras ações lhes foram censuradas, suplicaram que se lhes perdoassem e fossem esquecidas.

2,1 Depois que todo o processo me fora remetido, aprouve-me reunir o presbitério. Estiveram presentes também cinco bispos, que ainda hoje se fizeram presentes, a fim de que, constituída uma assembleia, se determinasse, por meio do consenso de todos, o que se haveria de observar com relação às pessoas dos acusados. Para que conhecesses o parecer de cada um, bem como as nossas decisões, aprouve-nos que se levassem ao vosso conhecimento as leis que se anexam abaixo.[41]

2,2 Feito isso, Máximo, Urbano, Sidônio e vários irmãos que a eles se juntaram vieram ao presbitério, manifestando seu desejo, com as mais elevadas preces, de que as ações antes perpetradas caíssem no esquecimento e delas não se fizesse mais menção alguma, de modo que, como se nada se tivesse cometido ou dito, e ficando todos mutuamente perdoados, pudessem exibir já, diante de Deus, um coração limpo e puro, e fossem bem-aventurados, de acordo com a palavra evangélica, ao serem puros de coração, por poderem eles próprios ver o Senhor.[42]

2,3 A partir disso, o que se tinha a fazer era levar ao conhecimento do povo tudo o que se tratara, para que se vissem estabelecidos já na Igreja os que os fiéis viram errantes e vagabundos por um longo tempo e de cuja situação se condoíam. Quando se conheceu a vontade dos confessores, formou-se um grande concurso de fiéis. Única era a voz de todos os que davam graças a Deus, exprimindo com as lágrimas o gáudio do peito e abraçando-os como se naquele dia tivessem sido libertados da pena do cárcere.

2,4 E, para citar aqui as próprias palavras deles, disseram: “Nós sabemos que Cornélio foi eleito bispo da santíssima Igreja católica por Deus todo-poderoso e por Cristo nosso Senhor. Confessamos o nosso erro. Sofremos um engano. Fomos assediados pela perfídia e pela capciosa loquacidade. Pois, ainda que parecêssemos ter certa comunhão com aquele homem cismático e herético, nossa mente sincera sempre esteve na Igreja. E não ignoramos que há um só Deus Pai todo-poderoso, que há também um só Cristo, o Senhor que confessamos, que há um único Espírito Santo, nem que um único bispo deve haver na [Igreja] católica”.[43]

2,5 Como não nos deixaríamos tocar por essa profissão da parte deles, ao comprovarem agora, estabelecidos na Igreja, o que tinham confessado ante o poder secular? Por essa razão, mandamos que o presbítero Máximo reassumisse o seu posto.[44] Com respeito aos demais, depois de recebermos o sufrágio de uma enorme quantidade de pessoas, confiamos todas as ações que antes foram perpetradas ao Deus todo-poderoso, em cuja potestade tudo se conserva.

3,1 Tudo isso, irmão caríssimo, te enviamos transcrito, na mesma hora, no mesmo momento, e eu encarreguei imediatamente o acólito Nicéforo[45] de descer [ao porto] com o propósito de navegar até vós, de modo a poderes, sem qualquer procrastinação, dar graças a Deus todo-poderoso e a Cristo, nosso Senhor, como se estivesses presente aqui neste clero e em meio a esta assembleia de fiéis.

3,2 Cremos, ainda, que há de acontecer, e até mesmo já o damos por coisa certa, que também os outros que se colocaram nesse erro voltem em breve à Igreja, a partir do momento em que virem os seus autores vivendo ao nosso lado.

3,3 Penso, irmão caríssimo, que deves enviar esta carta também às outras igrejas, para que todos saibam que a culpa e a prevaricação daquele cismático e herético são aniquiladas um dia após o outro. Passa bem, irmão caríssimo.

Epístola 50

Cornélio ao irmão Cipriano, saudação.

1 Para que nada, por menor que seja, viesse a faltar à pena futura deste homem celerado,[46] que, tendo sido já abatido pelos poderes de Deus na ocasião em que Máximo, Longino e Maqueu tinham sido expulsos dali,[47] de novo se levantou, como dei a entender por meio de uma carta anterior, que te enviei pelo confessor Augendo,[48] pensando que Nicóstrato, Novato, Evaristo, Primo e Dionísio[49] já teriam chegado aí. Que se vele, portanto, para que isto seja levado ao conhecimento de todos os nossos irmãos no episcopado e dos demais irmãos:

2 Nicóstrato é réu de muitos crimes e não apenas cometeu fraudes e roubos contra sua antiga senhora, cujo patrimônio geriu, como subtraiu também, e em quantidade não pequena, os depósitos da Igreja, coisa que lhe fica reservada com vistas à perpétua pena. Evaristo, por sua vez, tendo sido autor do cisma, constituiu Zeto como bispo em seu lugar, sobre o povo a quem antes presidira. [Delitos] maiores, porém, e mais graves [aquele homem] perpetrou aqui,[50] movido por sua malícia e insaciável perversidade, do que os que aí, junto a vós, praticou. É bom que saibas que tipo de guias e de protetores aquele cismático e herético tem sempre a seu lado. Passa bem, irmão caríssimo.

Epístola 51

Cipriano ao irmão Cornélio, saudação.

1,1 Confessamos, irmão caríssimo, que demos e que damos sem cessar as maiores graças a Deus Pai todo-poderoso e ao seu Cristo, nosso Deus e favorável Senhor, porque a Igreja é tão divinamente protegida, que a sua unidade e a sua santidade não chegam a ser violadas para sempre nem por completo pela obstinação da perfídia e de uma herética depravação. Lemos, pois, a vossa carta[51] e, com exultação, acolhemos o grandíssimo gáudio da

aspiração comum por terem regressado à Igreja o presbítero Máximo e os confessores Urbano, Sidônio e Macário,[52] ou seja, por terem eles, uma vez deposto o seu erro e abandonado o seu impulso cismático e, diria até, herético, retornado, com fiel sanidade, ao domicílio da unidade e da verdade. Voltaram, assim, gloriosos àquela condição de que tinham sido elevados à glória [da confissão], para que quem confessara a Cristo não terminasse, depois, por abandonar o acampamento de Cristo, e quem não fora vencido por causa de sua fortaleza e de sua coragem não acabasse seduzido quanto à sua fé na caridade e na unidade.

1,2 Eis a incólume e imaculada integridade do louvor, eis a incorrupta e sólida dignidade dos confessores: ter-se afastado dos desertores e dos prófugos, ter abandonado os traidores da fé e os inimigos da Igreja católica. Com razão, como escreveis, toda a comunidade os recebeu ao voltar, tanto o clero como o povo, com suma alegria, pois, diante de confessores que, conservando a sua glória, retornam à unidade da Igreja, não há quem não se associe a essa glória, nem quem dela não se considere partícipe.

2,1 Podemos avaliar a alegria desse dia a partir do que nós mesmos sentimos. Pois se aqui, ao chegar uma carta vossa que informava acerca do regresso deles, todo o conjunto dos irmãos se alegrou, tendo recebido dito anúncio com o máximo regozijo da comum congratulação, o que não se passaria aí, onde a realidade mesma se fazia presente com alegria aos olhos de todos? Tendo dito, pois, o Senhor no seu Evangelho que há maior alegria no céu por um pecador que faz penitência,[53] quanto maior será o gáudio, tanto na terra como no céu, por confessores que regressam à Igreja de Deus com a sua glória e entre louvores, e abrem a outros o caminho de regresso com o testemunho e o argumento do seu exemplo?

2,2 O erro deles, de fato, enganara alguns irmãos nossos que pensavam dever continuar em comunhão com os confessores. Uma vez que esse erro foi suprimido, derramou-se a luz nos corações de todos, demonstrando-se que a Igreja católica é única e não se pode cindir nem dividir. Já ninguém poderá ser enganado facilmente pelas loquazes palavras de um cismático enlouquecido, quando ficou demonstrado que os bons e gloriosos soldados de Cristo não puderam manter-se muito tempo fora da Igreja, por causa de falácia ou perfídia alheia. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 52

Cipriano ao irmão Cornélio, saudação.

1,1 Com diligência e dileção procedeste, irmão caríssimo, ao enviar-nos pressurosamente o acólito Nicéforo a anunciar-nos a gloriosa alegria dos confessores que regressaram[54] e a instruir-nos de modo mais completo contra as novas e perniciosas maquinações de Novaciano e de Novato[55] que visam destruir a Igreja de Cristo.

1,2 Com efeito, tendo vindo até aqui, num dia, essa facção danosa da herética perversidade,[56] ela própria já perdida e desejosa de perder aqueles que se lhe viessem a unir, no outro, chegou Nicéforo com a vossa carta, por meio da qual aprendemos e, ao mesmo tempo, começamos a ensinar e a instruir os demais que Evaristo, de bispo que fora, nem sequer como leigo permaneceu, mas, banido da cátedra e do povo, tornou-se ele um estrangeiro para a Igreja de Cristo, vagando longe por outras províncias e, uma vez consumado seu próprio naufrágio da fé e da verdade, provocando naufrágios iguais em outros que se lhe assemelham; e que Nicóstrato, por sua vez, destituído do santo ministério diaconal, tendo subtraído com sacrílega fraude os fundos eclesiásticos, recusando-se a restituir os depósitos de viúvas e de órfãos, não quis tanto vir para a África como fugir da Urbe, pela consciência dos roubos e dos nefandos crimes aí praticados. E agora, esse desertor e prófugo da Igreja, como se ter mudado de região fosse suficiente para mudar um homem, jactancia-se para além da conta, gloriando-se de ser um confessor, quando já não pode dizer que é confessor de Cristo, nem sê-lo de fato, quem negou a Igreja de Cristo.

1,3 Quando, pois, o apóstolo Paulo diz: "Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e sua Igreja",[57] quando, repito, o bem-aventurado Apóstolo afirma isso e atesta igualmente, com sua palavra santa, que existe uma unidade formada por indivisíveis conexões entre Cristo e a Igreja, como é que pode estar com Cristo quem com a esposa de Cristo, e, portanto, na Igreja dele, não está? Ou, como assume o

encargo de reger e governar uma igreja alguém que despojou e fraudou a Igreja de Cristo?

2,1 Com respeito a Novato, nada se nos havia de anunciar, quando, na verdade, por nosso intermédio é que se vos devia mostrar um Novato[58] sempre sequioso de novidades, agitado pela rapacidade de uma insaciável avareza, inchado com a arrogância e o entorpecimento que lhe vêm de uma soberba presunção, alguém que sempre foi malvisto aqui pelos bispos, condenado sempre como herético e traiçoeiro pela palavra de todos os sacerdotes, sempre curioso para revelar segredos, adulador com o objetivo de enganar, jamais fiel para amar, é a tocha ardente que inflama os incêndios da sedição, a tempestade turbulenta que produz os naufrágios da fé, hoste do repouso, adversário da tranquilidade, inimigo da paz.

2,2 Por isso é que depois que Novato vos abandonou, ou seja, depois que vos deixou a procela, a tempestade, fez-se aí a bonança, e os gloriosos e bons confessores que se haviam separado da Igreja por incitação dele,[59] depois que ele próprio deixara a Urbe, à Igreja regressaram. É o mesmo Novato que semeou entre nós o primeiro incêndio da discórdia e do cisma, que por aqui separou alguns dentre os irmãos da comunhão com o bispo, que, no meio da própria perseguição, foi para nós como que uma nova perseguição para a ruína das almas dos irmãos.

2,3 Foi ele que, por seu espírito de facção e por sua ambição, e sem que eu o permitisse nem soubesse, constituiu Felicíssimo, seu satélite, como diácono e, navegando então, com os de seu tempestuoso grupo, para Roma, empreendeu ali ações semelhantes sempre no intuito de destruir a Igreja, separando do clero uma parte do povo e dilacerando a concórdia de uma comunidade bem unida, cujos membros se amavam mutuamente. Certamente, porque Roma deveria, pela sua magnitude, superar Cartago, ele cometeu por aí maiores e mais graves delitos.[60] Aquele que constituíra aqui diácono contra a Igreja elevou aí ao episcopado.[61]

2,4 Ninguém deve admirar-se com tais ações. Os maus se revelam sempre insensatos por conta de sua inconsequência e, depois que cometeram os delitos, são perseguidos pela própria consciência de um delituoso espírito. E não podem permanecer na Igreja de Deus os que não conservaram na prática de suas ações, nem na paz de seus costumes, a deífica e eclesiástica disciplina.

2,5 Os órfãos por ele despojados, as viúvas defraudadas e também as quantias da Igreja por ele retidas cobram dele esses sofrimentos que vemos que padece em sua insanidade. Até seu próprio pai morreu de fome no vilarejo e, depois de morrer, nem sequer foi por ele sepultado. Tendo-se golpeado por ele com um chute o ventre de sua esposa e acelerando-se o aborto, aquele parto se revelou um parricídio;[62] e ousa agora condenar as mãos de quem sacrifica, quando ele próprio é ainda mais perigoso com os pés, com os quais matou o filho que haveria de nascer.

3 Ele já sentia, havia algum tempo, pesar-lhe a consciência desses crimes. Por causa deles, tinha por coisa certa que não apenas seria destituído do presbitério, mas que viria a ser desligado da comunhão. Solicitando-o insistentemente os irmãos, era iminente o dia em que se devia examinar a sua causa em nossa presença, se não o tivesse impedido a perseguição que sobreveio e que lhe ofereceu ocasião de evadir-se, escapando à condenação. Tendo cometido tudo aquilo, acrescentou ainda aos seus crimes, seguro de que seria lançado fora da Igreja, o fato de, por voluntário afastamento, antecipar-se ao juízo dos sacerdotes, como se alguém, por se ter evadido, se livrasse de uma sentença condenatória.

4,1 Com relação aos outros irmãos, por outro lado, enquanto sentimos uma profunda dor pelo fato de terem sido seduzidos por ele, empenhamo-nos para que fujam da companhia perniciosa desse velhaco, para que evadam os laços letais desse sedutor, para que reflitam sobre o porquê de ter ele merecido ser divinamente expulso da Igreja. E confiamos, por certo, que eles possam regressar, com a ajuda do Senhor, por obra da sua misericórdia.

4,2 Não pode perecer, de fato, senão quem tem de perecer, pois o Senhor diz no seu Evangelho: “Toda planta que não foi plantada por meu Pai celeste será arrancada”.[63] Só quem não foi plantado pelos preceitos e pelas exortações de Deus Pai é quem pode afastar-se da Igreja, é quem, tendo abandonado os bispos, pode perseverar em sua loucura em companhia de cismáticos e de heréticos. Os outros, porém, hão de reunir-se a nós pela misericórdia de Deus Pai, pela indulgência de Cristo, nosso Senhor, e pela nossa paciência. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 53

Máximo, Urbano, Sidônio e Macário[64] ao irmão Cipriano, saudação.

Estamos certos, irmão caríssimo, de que tu também te congratulas conosco, num mesmo sentir, porque nós, refletindo a partir dos interesses da Igreja e mais preocupados em promover a paz, tendo abandonado o que passou e encomendando-o ao juízo de Deus,[65] fizemos as pazes com o nosso bispo Cornélio e, igualmente, com todo o clero. É também com o gáudio da Igreja inteira e a bem-disposta caridade de todos que deveste tomar conhecimento desse fato, com toda a certeza, por meio de nossa carta. Oramos, irmão caríssimo, que estejas bem por muitos anos.

Epístola 54

Cipriano ao presbítero Máximo e, igualmente, aos irmãos Urbano, Sidônio e Macário,[66] saudação.

1,1 Tendo lido a vossa carta,[67] irmãos caríssimos, que me enviastes tratando do vosso regresso, da paz eclesiástica e do restabelecimento da comunidade, confesso que me alegrei tanto quanto me tinha alegrado antes, quando fiquei sabendo da glória da vossa confissão[68] e prolonguei, ao felicitar-vos, o louvor espiritual e celeste da vossa militar coragem.

1,2 Pois esta é uma nova confissão de vossa fé e de vosso mérito, confessardes que há uma única Igreja e não vos tornardes partícipes do erro, ou melhor, da perversidade de outrem, regressando ao mesmo acampamento de que saístes, donde vos lançastes, com vigorosíssimas forças, a travar a batalha e a subjugar o adversário. Os troféus do combate tinham mesmo de ser reconduzidos ao lugar de que se tomaram as armas para combater. Não ficaria bem que a Igreja de Cristo não tivesse em suas fileiras, já gloriosos, aqueles que Cristo preparara para a glória.

1,3 Agora, porém, vós mantivestes uma continuidade condizente com a vossa fé e guardastes, com a paz do Senhor, a lei de uma caridade e de uma concórdia indivisíveis, dando aos outros, com o vosso caminho, um exemplo de dileção e de paz, para que a verdade da Igreja e a unidade da Igreja e a verdade do Evangelho e do sacramento,[69] que por nós eram guardadas, fossem enlaçadas também por vosso consentimento e vínculo, e, assim, os confessores de Cristo, que despontaram quais louváveis propugnadores de coragem e de honra, não se fizessem guias de um erro.

2,1 Que os outros vejam em que medida se congratulam convosco ou em que medida cada um deles se gloria diante de vós, eu confesso, por minha parte, congratular-me bastante convosco e gloriar-me mais que os outros nesse vosso pacífico regresso, nessa vossa caridade. Deveis ouvir, pois, simplesmente o que se passava em meu coração. Doía-me de forma veemente, angustiava-me gravemente que não pudesse ter comunhão com aqueles que, uma vez, começara a amar.

2,2 Depois que, ao sairdes do cárcere, vos tomou o cismático e herético erro, [70] era como se a vossa glória tivesse permanecido encarcerada. Ali parecia ter ficado encerrada a dignidade do vosso nome, quando os soldados de Cristo não regressaram à Igreja, ao saírem do cárcere para o qual foram conduzidos antes, entre o louvor e a gratulação da Igreja.

3,1 Pois, conquanto pareça haver cizânia na Igreja, isso não deve impedir nossa fé e nossa caridade a ponto de, por constatarmos nela a presença da cizânia, dela nos afastarmos. Cabe-nos tão somente trabalhar para podermos ser trigo e, assim, quando o trigo tiver começado a recolher-se nos celeiros do Senhor,[71] recebamos o fruto de nosso trabalho e de nosso esforço. Diz o Apóstolo numa epístola sua: "Numa grande casa, não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro; alguns para uso nobre, outros para uso vulgar".[72] Empenhemo-nos, esforçando-nos o mais que pudermos para sermos um vaso de ouro ou de prata. Além disso, somente ao Senhor é concedido poder quebrar os vasos de barro, pois a ele foi dado um cetro de ferro.[73]

3,2 O servo não pode ser maior do que o seu Senhor,[74] e ninguém pode arrogar-se o poder de fazer justiça, coisa que o Pai concedeu apenas ao Filho,[75] a ponto de pensar que pode tomar nas mãos a pá para limpar e ventilar a eira ou para separar toda a cizânia do trigo com um juízo

meramente humano.[76] Essa é a obstinação soberba, a presunção sacrílega assumida por um delírio perverso.

3,3 E enquanto alguns assumem sempre uma atitude que vai além do que exige a mansa justiça, afastam-se da Igreja; enquanto se ufanam insolentemente, cegos por seu próprio tumor, perdem a luz da verdade. Por isso, observando também nós a moderação, contemplando o equilíbrio do Senhor e meditando sobre a piedade e a misericórdia de Deus Pai, depois de transcorrida longa e abundante reflexão entre nós, ponderamos com justa moderação o que se havia de fazer.

4 Tudo isso podeis ver de modo mais completo uma vez que tenhais lido os escritos que eu fizera ler aqui, não faz muito tempo, e que também vos enviara como prova de uma comum dileção, para que fossem lidos, nos quais não falta aos caídos uma censura que os increpe, nem um remédio que os cure.[77] Mas nossa exígua capacidade também discorreu o quanto pôde sobre a unidade da Igreja católica,[78] num livro que agora, eu confio, sempre mais vos há de agradar, quando já o ledes em modo tal que o podeis aprovar e amar, porque o que nós escrevemos com palavras, vós levais a cumprimento com atos, ao retornardes à Igreja na unidade da caridade e da paz. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 55

Cipriano ao irmão Antoniano,[79] saudação.

1,1 Recebi tua primeira carta,[80] irmão caríssimo, que firmemente observa a concórdia do colégio sacerdotal e adere à Igreja católica, e na qual deste a entender que não tens comunhão com Novaciano, mas que segues a nossa orientação e guardas um único consenso[81] com Cornélio, nosso irmão no episcopado.

1,2 Escreveste também que eu enviasse um exemplar dessa mesma carta a nosso colega Cornélio, a fim de que este, deposta toda e qualquer

inquietação, soubesse que estás em comunhão com ele, isto é, com a Igreja católica.

2,1 Mas, depois disso, chegou-me outra carta de tua parte,[82] enviada por meio de Quinto, nosso irmão no presbiterado,[83] em que percebi que teu espírito, movido por cartas de Novaciano, começou a vacilar. Com efeito, tendo fixado anteriormente e de modo firme tanto o teu parecer como o teu consenso, desejaste nesta última carta que eu te respondesse qual teria sido a heresia introduzida por Novaciano e por que motivo Cornélio mantém sua comunhão com Trófimo e com os que ofereceram incenso aos ídolos.[84]

2,2 Se procuras ansiosamente sabê-lo por causa do zelo da tua fé e investigas com solicitude a verdade de um assunto duvidoso, não se há de repreender a inquietação, sujeita ao temor de Deus, que se apodera de um espírito perplexo.

3,1 Contudo, porque vejo, depois da primeira frase da tua epístola, que foste tocado pelas cartas de Novaciano, afirmo em primeiro lugar, irmão caríssimo, que os varões graves, fundados uma vez sobre a rocha, em sólida estabilidade,[85] não são agitados, não digo por uma brisa suave, mas nem sequer por um vendaval ou torvelinho.[86] Caso contrário, o espírito dúbio e incerto se agitaria amiúde pelas diversas opiniões, tal como por certas rajadas de ventos que contra ele investem, e se afastaria do seu propósito não sem merecer alguma repreensão por conta de sua ligeireza. Para que as cartas de Novaciano não promovam isso em ti, nem em quem quer que seja, exporei brevemente, irmão, como desejaste, um balanço do que ocorreu.

3,2 Antes de tudo, por certo, já que pareces alterado também por causa do meu proceder, tanto a minha pessoa como a minha causa hão de justificar-se diante de ti, para que ninguém venha a pensar que me afastei levianamente do meu propósito e, tendo defendido de início, nos primeiros tempos, o rigor evangélico, não venha agora parecer que desviei meu espírito da disciplina e da censura iniciais, ao ter estimado que se deva dar a paz àqueles que macularam a própria consciência com os libelos ou que cometeram os nefandos sacrifícios. Nenhuma dessas duas atitudes foi por mim tomada sem uma razão longamente contrapesada e ponderada.

4,1 De fato, quando as armas ainda estavam nas mãos e ardia a batalha de um certame glorioso em meio à perseguição, deviam-se estimular as forças

dos soldados com todo tipo de exortação, com pleno entusiasmo e, principalmente, deviam-se animar os espíritos dos caídos como que com o clangor da nossa voz a que não apenas seguissem o caminho da penitência, entre preces e lamentações, mas também, já que se dava a ocasião de retomar o combate e recuperar a salvação, de modo a provocá-los, antes, ao ardor da confissão e à glória do martírio com nossas palavras de increpação.

4,2 Em suma, tendo-me escrito os presbíteros e diáconos acerca de alguns, [87] que agiam de forma imoderada e solicitavam apressadamente receber a comunhão, respondendo-lhes numa epístola minha que ainda existe, acrescentei o seguinte: "É certo que os que estão por demais apressados tenham em seu poder o que pedem, quando o próprio tempo presente se encarrega de dar-lhes mais do que pedem. A guerra ainda se trava e o combate é promovido todos os dias. Se de verdade e firmemente se arrependem do que cometeram e prevalece neles o ardor da fé, caso não possam adiar mais, podem vir a ser coroados".[88]

4,3 A respeito do que se havia de determinar, não obstante, com relação à causa dos caídos, diferi o meu posicionamento, para que, quando se restabelecessem a paz e a tranquilidade, e a indulgência divina permitisse aos bispos que voltassem a reunir-se, só então determinássemos, com um parecer discutido e ponderado a partir do acordo de todos, o que conviria fazer. Se, porém, antes da nossa assembleia e antes da sentença exarada a partir do parecer de todos, alguém quisesse entrar temerariamente em comunhão com os caídos, que ficasse ele próprio excluído da comunhão.[89]

5,1 Escrevi isso mui extensamente também a Roma, a um clero que estava então sem bispo, bem como ao presbítero Máximo e aos outros confessores que com ele estavam na prisão,[90] reunidos agora na Igreja com Cornélio. [91] Podes saber o que eu lhes escrevi pelo teor da resposta deles. Com efeito, na sua epístola, eles escreveram assim: "Agrada-nos, não obstante, o que em matéria tão relevante tu mesmo determinaste, a saber: que, em primeiro lugar, se deve esperar a paz da Igreja e, então, seja tratada a questão dos caídos, uma vez feito o cotejo de pareceres com bispos, presbíteros, diáconos e confessores, contando-se, igualmente, com a presença dos leigos".[92]

5,2 Foi acrescentado ainda − tendo-o escrito então Novaciano e tendo-o lido

em voz alta o que ele próprio escrevera, tendo-o assinado, além disso, o presbítero Moisés, então confessor e hoje mártir − que a paz fosse dada aos caídos que estivessem enfermos e em perigo de morte. Essa carta foi enviada ao mundo todo e seu conteúdo foi levado ao conhecimento de todas as igrejas e de todos os irmãos.

6,1 Conforme o que fora estabelecido antes, quando a perseguição arrefeceu e houve a possibilidade de reunir-nos, um grande número dos bispos, preservados íntegros e incólumes por sua fé e pela tutela do Senhor, congregou-se em assembleia.[93] Depois que se expuseram demoradamente os argumentos tomados das Escrituras, que embasavam as decisões, quer num sentido, quer noutro, chegamos, com salutar moderação, a uma solução ponderada, de modo que nem fosse negada aos caídos toda e qualquer esperança de comunhão e de paz − a fim de que não desanimassem ainda mais pelo desespero e, tornada a Igreja inacessível para eles, vivessem como pagãos apegados ao século −, nem, por outro lado, se afrouxasse a censura evangélica a ponto de que se lançassem temerariamente à comunhão, mas que fizessem penitência por um tempo, que rogassem com gemidos à paterna clemência e que se examinassem as causas, as vontades e as necessidades de cada um, de acordo com o que se contém no escrito que espero terá chegado a ti,[94] em que cada ponto do nosso acordo foi registrado.

6,2 E como se parecesse insuficiente o número dos bispos estabelecidos na África, escrevemos também a Roma acerca desse assunto, ao nosso colega Cornélio que, tendo celebrado ele próprio uma assembleia,[95] na presença de vários irmãos no episcopado, concordou conosco, com igual seriedade e salutar moderação, no mesmo parecer.

7,1 Foi necessário escrever-te agora sobre isso, para que saibas que eu não agi de forma leviana em coisa alguma, mas conforme aquilo a que me ativera em minhas precedentes cartas, a saber, diferindo tudo ao parecer comum de nossa assembleia e, por certo, a nenhum dos caídos facultando, antes disso, a comunhão, quando ainda era o momento em que um caído poderia receber não somente a indulgência, mas até mesmo a coroa.[96]

7,2 Depois disso, entretanto, como o exigiam o acordo colegial e o interesse em reunir a comunidade e remediar as feridas, cedi ante a necessidade dos tempos e pensei que devia prover à salvação de muitos. E não me aparto

agora do que foi acordado uma vez em nossa assembleia, a partir da comum deliberação, por mais que se ventilem muitas coisas através das palavras de muitos e se lancem por toda parte mentiras contra os sacerdotes de Deus, proferidas pela boca do diabo para quebrar a concórdia da unidade católica.

7,3 Mas convém que tu, como bom irmão, unido aos teus irmãos no sacerdócio, não dês ouvido facilmente ao que dizem os malignos e apóstatas, e sim que ponderes o que fazem teus colegas, varões modestos e graves, a partir do exame de nossa vida e de nossa conduta.

8,1 Passo já, agora, irmão caríssimo, a discorrer sobre a pessoa de nosso colega Cornélio, para que verdadeiramente o conheças conosco, e não por meio da mentira de malignos e de detratores, mas através do juízo de Deus que o constituiu bispo e do testemunho dos irmãos no episcopado, cujo número, em sua totalidade e ao longo do mundo inteiro, deu-lhe o seu consentimento, numa concorde unanimidade.

8,2 Pois o que torna ilustre o nosso caríssimo Cornélio, diante de Deus, de Cristo e da sua Igreja, com uma louvável apologia, é não ter ele chegado de repente ao episcopado, mas, promovido através de todos os ofícios eclesiásticos e conquistando amiúde o favor do Senhor nas divinas administrações, ter ascendido ao sublime píncaro do sacerdócio por todos os degraus da religião.

8,3 É por isso, então, que ele nem pediu, nem desejou o episcopado em si, nem o usurpou como outros, inchados pelo tumor da própria arrogância e da própria soberba,[97] mas tranquilo, por outro lado, e modesto, tal como costumam ser os que são escolhidos por Deus para dito cargo, pela discrição de sua continência virginal e pela humildade que lhe é própria e que ele conserva, não fez violência, como outros, para ser constituído bispo, mas sofreu ele próprio violência, a ponto de sentir-se coagido a assumir o episcopado.

8,4 E foi ordenado bispo por vários colegas nossos que se faziam então presentes na urbe de Roma e que nos enviaram cartas honoríficas e laudatórias acerca da sua ordenação, evidentes no testemunho que deram de seu louvor. Cornélio, além disso, foi constituído bispo por designação de Deus e de seu Cristo, pelo testemunho de quase todos os clérigos, pelo

sufrágio do povo que então se fez presente, pela assembleia dos antigos sacerdotes e dos homens bons. Ninguém fora eleito antes dele desde que o lugar de Fabiano, isto é, o lugar de Pedro, o posto da cátedra sacerdotal, ficara vacante.[98]

8,5 Uma vez ocupado esse posto e confirmado pela vontade de Deus e pelo consenso de todos nós, qualquer um que queira, a partir de então, tornar-se bispo fá-lo necessariamente de fora, sem gozar de uma ordenação eclesiástica, visto que não guarda a unidade da Igreja. Quem quer que seja, ainda que presuma muito de si mesmo e muito reivindique em seu favor, não passa de um profano, de alguém alheio, que está do lado de fora. E como, depois do primeiro, não pode haver segundo, quem quer que se tenha constituído depois do único que, sozinho, deve existir, já não é segundo, é ninguém.[99]

9,1 Depois de um episcopado que não foi ambicionado nem extorquido, mas assumido pela vontade de Deus que constitui os sacerdotes, quão grande virtude no próprio exercício do episcopado que assumira, quanta fortaleza de ânimo, que firmeza de fé devemos nós reconhecer profundamente e, com coração simples, louvar! Sentou-se intrépido na cátedra sacerdotal de Roma no tempo em que um tirano,[100] maligno para os sacerdotes de Deus, ameaçava a torto e a direito, e ouviria, com muito mais paciência e tolerância, que um príncipe rival se levanta contra ele do que a notícia de que se constituiu em Roma um sacerdote de Deus.

9,2 Porventura, irmão caríssimo, não é ele digno do supremo testemunho de virtude e de fé? Não se há de contar entre os gloriosos confessores e mártires quem por tanto tempo se sentou à espera dos algozes do seu corpo, dos carrascos de um tirano enfurecido, que viessem atacar com a espada, crucificar, atormentar com o fogo um Cornélio que opunha resistência a funestos editos e calcava aos pés, com o vigor da fé, as ameaças, as torturas e os tormentos, ou dilacerar com qualquer outra inaudita modalidade de suplícios suas entranhas e seus membros? Mesmo que a majestade e a bondade do Senhor protetor tenham amparado o sacerdote que foi constituído tal como ele quis, Cornélio, no que concerne à sua própria devoção e ao seu temor, padeceu tudo o que pôde padecer e triunfou primeiro, pelo seu sacerdócio, sobre um tirano que seria vencido mais tarde pelas armas e pela guerra.

10,1 Não quero que te admires, por outro lado, com certas coisas desonestas e maliciosas que se espalham a seu respeito, pois sabes que a obra do diabo é sempre essa, ou seja, abater os servos de Deus pela mentira e difamar um nome glorioso com falsas opiniões, a fim de que os que resplandecem pela luz da própria consciência venham a ser maculados por alheios rumores.

10,2 Deves saber que nossos colegas averiguaram e confirmaram, de modo mui verdadeiro, que ele não foi manchado,[101] como alguns andam alardeando, por nódoa alguma de libelo, nem se misturou em comunhão sacrílega alguma com bispos que sacrificaram, mas tão somente uniu a nós aqueles cuja causa foi ouvida e cuja inocência se comprovou.

11,1 Com relação a Trófimo, a respeito de quem desejaste que te escrevesse, a situação não é tal como o rumor e a mentira dos maldosos levaram ao teu conhecimento. Conforme fizeram também, com frequência, os nossos antecessores, o nosso caríssimo [Cornélio] cedeu ante a necessidade de reunir os nossos irmãos.

11,2 Já que, com Trófimo, uma parcela muito grande do povo se tinha afastado, ao voltar ele agora à Igreja, oferecendo uma reparação e confessando seu prístino erro por meio da penitência de suas súplicas e chamando de volta, com grande humildade e um sincero desejo de reparar o seu dano, a comunidade que ele afastara havia pouco, suas preces foram ouvidas, e foi admitido à Igreja do Senhor não apenas Trófimo, mas também o grandíssimo número de irmãos que com ele estavam e que não haviam de regressar todos à Igreja se não tivessem vindo em companhia de Trófimo.

11,3 Depois, então, que ali se deliberou, na presença de vários colegas, Trófimo foi readmitido, em favor do qual advogavam o regresso dos irmãos e a salvação restituída a muitos. Trófimo foi admitido à comunhão, contudo, como leigo, e não, conforme cartas de maliciosos levaram ao teu conhecimento, usurpando, por assim dizer, o lugar de sacerdote.

12,1 Quanto ao que te foi anunciado, a saber, que Cornélio entrava em comunhão, em diversas oportunidades, com quem havia sacrificado aos ídolos, isso também tem origem nos forjados rumores dos apóstatas. Com efeito, não nos podem louvar os que se afastam, nem devemos esperar cair nas graças daqueles que, desagradando-nos, se rebelam contra a Igreja e

insistem em dela remover os irmãos. Portanto, não dês ouvido facilmente ao que quer que se espalhe, tanto acerca de Cornélio como de nós mesmos, nem creias nisso, irmão caríssimo.

13,1 Se alguns são acometidos por enfermidades, é-lhes prestada assistência no perigo, conforme ficou acordado. Depois, porém, que se lhes prestou assistência e que a paz foi dada aos que estavam em perigo, não podem eles ser sufocados por nós, nem estrangulados de modo a serem, por nosso poder e pela intervenção de nossa mão, impelidos em direção à passagem da morte, como se fosse necessário, uma vez que se concede a paz aos que estão para morrer, que morram os que tiverem recebido a paz, quando nisto aparece mais um indício da divina piedade e da paterna suavidade, a saber, que quem recebe o penhor da vida na paz que se lhe concede, se mantenha em vida aqui também, depois de recebida a paz. E, portanto, se depois de terem recebido a paz, for-lhes dada por Deus uma sobrevivência, ninguém deve por isso incriminar os sacerdotes por terem uma vez acordado em prestar socorro aos irmãos que estivessem em perigo.

13,2 Nem penses tu, irmão caríssimo, como a alguns parece, que convém equiparar os que receberam libelos aos que sacrificaram aos ídolos, quando, mesmo entre os que sacrificaram, tanto as circunstâncias como a causa são, frequentemente, diferentes. E não se hão de equiparar quem se lançou de uma vez e por livre vontade a oferecer o nefando sacrifício e quem, tendo resistido e lutado longamente, chegou a esse ato funesto por coação; aquele que se abandonou ao perigo, a si mesmo e a todos os seus e aquele outro que, aproximando-se sozinho do momento crítico no lugar de todos, protegeu sua esposa, seus filhos de toda a sua casa por um acordo do seu processo; aquele que forçou ao crime seus inquilinos ou amigos e aquele outro que poupou os inquilinos e colonos, e até recebeu sob o seu teto e com sua hospitalidade diversos irmãos que fugiam, exilados e prófugos, apresentando, assim, e oferecendo a Deus muitas almas viventes e incólumes que pudessem interceder por uma só que fora ferida.

14,1 Já que existe muita diferença, pois, entre aqueles mesmos que sacrificaram, não seria uma inclemência, uma acerba dureza, juntar os que receberam libelos com os que sacrificaram? Ora, aquele a quem foi dado um libelo diz: “Eu tinha lido, antes, e aprendido, mediante a pregação do bispo, que um servo de Deus não devia sacrificar aos ídolos nem adorar os simulacros e, por isso, para que eu não tivesse de fazer o que não me era

permitido, tendo-se-me apresentado a ocasião do libelo, que eu não teria aceitado se não fosse essa ocasião, fui ao magistrado, ou mandei que outro fosse em meu lugar, dizer que sou cristão, que não me é permitido sacrificar, que não posso acercar-me das aras do diabo e que lhe dava uma gratificação com vistas a não ter de fazer o que não me é permitido".

14,2 Agora, porém, também este que foi maculado pelo libelo, depois de que nós o tivéssemos exortado a que nem isso chegasse a fazer, por mais que sua mão esteja pura e que contágio algum de alimento fatal lhe tenha poluído a boca, sua consciência foi, contudo, manchada, e ele chora, ao ouvir isso de nós, e se lamenta e compreende que pecou, alegando que não o fez por malícia, mas enganado por um erro, e que, daqui em diante, está preparado e pronto para não reincidir.

15,1 Se nós rejeitamos o arrependimento desses, que não deixam de ter alguma confiança de que sua culpa é tolerável, eles imediatamente, e na companhia da esposa e dos filhos que conseguiram manter a salvo, são precipitados, por convite do diabo, em alguma heresia ou cisma. Ser-nos-á imputado, então, no dia do juízo, não termos cuidado da ovelha ferida e termos, por causa de uma única ferida, perdido muitas que estavam sãs; que, enquanto o Senhor, tendo deixado as noventa e nove sãs, procurou a única que se desgarrara e se cansara, e tendo-a encontrado, carregou-a ele próprio sobre os ombros,[102] nós não apenas não procuramos as cansadas, mas rejeitamos até as que vinham; e que, enquanto os falsos profetas não deixam agora de devastar e de dilacerar a grei de Cristo, demos ocasião aos cães e aos lobos e levamos à perdição, por nossa dureza e desumanidade, os que a nociva perseguição não perdeu.

15,2 Quando se verificará, irmão caríssimo, o que diz o Apóstolo: "Eu mesmo me esforço por agradar a todos em todas as coisas, não procurando os meus interesses pessoais, mas os do maior número, a fim de que sejam salvos. Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo"?[103] E ainda: "Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos".[104] E também: "Se um membro sofre, os outros membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, os outros membros compartilham a sua alegria".[105]

16,1 É bem outro o pensamento de filósofos e de estoicos, irmão caríssimo, que dizem que todos os pecados são iguais e convém ao varão grave não

dobrar-se facilmente.[106] Entre os cristãos e os filósofos, existe, pois, uma grande distância. E, tendo dito o Apóstolo: “Tomai cuidado para que ninguém vos arruíne por filosofia e por inane falácia”,[107] devem-se evitar todas aquelas coisas que não provêm da clemência de Deus, mas derivam da presunção de uma filosofia por demais dura.

16,2 Por outro lado, lemos que, acerca de Moisés, foi dito nas Escrituras: “Moisés foi um homem muito humilde”.[108] E o Senhor diz em seu Evangelho: “Sede misericordiosos, como o vosso Pai tem misericórdia de vós”.[109] E também: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os doentes”.[110]

16,3 Que medicina pode exercer quem afirma: “Eu só curo os que estão sãos, a quem o médico não é necessário”? Devemos oferecer nossa ajuda, nosso remédio, aos que estão feridos. Não pensemos que estejam mortos, mas sim que jazem semimortos os que vemos golpeados pela funesta perseguição, pois, se estivessem de todo mortos, nunca poderiam sair depois, deles mesmos, tanto confessores como mártires.

17,1 Mas existe neles algo que, com a prática da penitência, pode readquirir a saúde da fé e, a partir da penitência, armar-se de fortaleza para a virtude.

17,2 E isso não se poderá armar, se alguém for desencorajado pelo desespero, se, separado dura e cruelmente da Igreja, se voltar ao modo de proceder dos pagãos e às obras seculares ou se, rejeitado pela Igreja, se passar aos heréticos e cismáticos, onde, ainda que venha a ser depois morto pelo nome [de Cristo], não poderá ser coroado na morte, tendo-se constituído fora da Igreja e separado da unidade e da caridade.

17,3 Portanto, foi acordado, irmão caríssimo, que se admitissem por enquanto os que receberam libelos, examinando-se os casos de cada um, que se prestasse assistência aos que sacrificaram na iminência da morte, uma vez que não há confissão no inferno[111] e que ninguém pode ser obrigado por nós a fazer penitência se o fruto da penitência lhe é subtraído. Se o combate vier antes da doença, o homem se achará armado para combater, tendo-se fortalecido por nosso ministério; se, porém, antes do combate, a enfermidade pressionar, parte com o consolo da paz e da comunhão.

18,1 E nós não impedimos que o Senhor, que há de julgar, caso tenha por

suficiente e justa a penitência do pecador, ratifique então o que por nós se estabeleceu aqui; nem que, por outro lado, caso alguém nos tenha enganado com uma simulação de penitência, Deus, de quem não se zomba[112] e que vê o coração do homem,[113] julgue o que nós não vimos; que o Senhor emende a sentença dos servos, enquanto nós nos devemos lembrar, irmão, do que está escrito: "O irmão que ajuda um irmão será exaltado";[114] do que o Apóstolo também disse: "Cuidando cada um de si, para que tampouco venhais a ser tentados, carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo";[115] e, igualmente, daquilo que põe em sua epístola, ao censurar os soberbos, quebrando-lhes a arrogância: "Aquele que julga estar de pé, tome cuidado para não cair";[116] e, noutra passagem: "Quem és tu que julgas o servo alheio? Que ele fique em pé ou caia, isso é com seu senhor; mas ele ficará em pé, porque o Senhor tem o poder de sustentá-lo".[117] E também de que João demonstra que nosso Senhor Jesus Cristo é nosso advogado e intercessor pelos nossos pecados, ao dizer: "Meus filhinhos, isto vos escrevo para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos como advogado, junto do Pai, Jesus Cristo, o Justo. Ele é a deprecação pelos nossos pecados".[118] E de que o apóstolo Paulo pôs ainda na sua epístola: "Se, quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós, quanto mais, então, agora, justificados por seu sangue, seremos por ele salvos da ira".[119]

19,1 Considerando a sua piedade e clemência, não devemos ser tão cruéis, nem duros, nem desumanos quando se trata de encorajar os nossos irmãos, mas sofrer com os que sofrem e chorar com os que choram,[120] e erguê-los, como pudermos, com o auxílio e o consolo da nossa dileção. Não podemos ser impiedosos e pertinazes a ponto de rejeitar a penitência deles, tampouco fracos e fáceis em dar acesso temerariamente à comunhão.

19,2 Eis que jaz ferido pelo adversário o nosso irmão, atingido em combate. O diabo, por um lado, tenta matar a quem feriu, e Cristo, por outro, exorta aquele a quem redimiu a não perecer totalmente. De qual dos dois nos aproximamos? Do lado de quem nós estamos? Por acaso ajudamos o diabo a destruir e abandonamos o irmão que jaz semimorto, como fizeram, no Evangelho, o sacerdote e o levita?[121] Ou então, como sacerdotes de Deus e de Cristo, imitando o que Cristo ensinou e fez, arrebatamos o irmão ferido às fauces do adversário para o encomendarmos, curado, ao Deus Juiz?

20,1 Não penses, irmão caríssimo, que, a partir de então, diminua a coragem

dos irmãos nem que venham a faltar martírios, ao ter sido dada aos caídos a possibilidade de fazer penitência e ao ter sido oferecida aos penitentes a esperança da paz. Permanece verdadeiramente inamovível a fortaleza dos fiéis, persevera forte e estável a integridade dos que temem e amam a Deus de todo o coração.[122]

20,2 Pois também aos adúlteros é concedido por nós um tempo de penitência, sendo-lhes dada a paz. Nem por isso, contudo, falta a virgindade na Igreja, nem o glorioso propósito da continência se enfraquece pelos pecados alheios. A Igreja floresce coroada por tantas virgens, a castidade e a pudicícia conservam o teor de sua glória: não é pelo fato de se conceder ao adúltero um tempo de penitência e o perdão que se vem a quebrar o vigor da continência.

20,3 Uma coisa é estar de pé, na expectativa do perdão; outra, alcançar a glória; uma coisa é que o que foi mandado ao cárcere de lá não saia até pagar o último centavo;[123] outra, é que receba imediatamente a recompensa por sua fé e coragem; uma coisa é que o atormentado pelos pecados se purifique com prolongada dor, purgando-se por muito tempo no fogo, outra é que tenha purgado todos os pecados pela paixão; uma coisa, por fim, é estar pendente da sentença do Senhor no dia do juízo, outra é ser coroado de imediato pelo Senhor.[124]

21,1 Por certo, entre os nossos predecessores, aqui em nossa província, alguns bispos não pensaram que se devesse dar a paz aos adúlteros e excluíram totalmente que se permitisse a penitência contra pecados de adultério. Não se afastaram, todavia, do colégio de seus irmãos no episcopado, nem romperam a unidade da Igreja católica pela obstinação de sua dureza ou censura como se, por dar-se a paz aos adúlteros junto a outros, quem não a dava devesse separar-se da Igreja.[125]

21,2 Permanecendo o vínculo da concórdia e perseverando o indiviso mistério da Igreja católica, cada bispo dirige e dispõe o seu proceder, havendo de prestar contas da própria conduta ao Senhor.[126]

22,1 Admiro-me, porém, de que alguns se obstinem tanto que pensem que não se deva dar a penitência aos caídos, ou que aos penitentes se lhes deva negar o perdão, quando está escrito: “Recorda-te, pois, de onde caíste, converte-te e retoma as obras de outrora”,[127] coisa que se diz a quem se

sabe que caiu e que o Senhor exorta a levantar-se de novo por meio de obras, pois está escrito: “A esmola livra da morte”,[128] não, por certo, daquela morte que o sangue de Cristo extinguiu uma vez e da qual nos livrou o batismo salutar e a graça do nosso Redentor, mas da que serpeia depois, em consequência dos pecados.

22,2 Noutra passagem, igualmente, oferece-se um tempo penitencial, e o Senhor ameaça a quem não faz penitência, dizendo: “Reprovo-te muitas coisas, pois deixas em paz Jezabel, esta mulher que se afirma profetisa: ela ensina e seduz os meus servos a se prostituírem, comendo das carnes sacrificadas aos ídolos. Dei-lhe um prazo para que se converta; ela, porém, não quer converter-se de sua prostituição. Eis que a lançarei num leito, e os que com ela cometem adultério, numa grande tribulação, a menos que se convertam da sua conduta”.[129] E o Senhor não exortaria certamente à penitência, a não ser porque promete o perdão aos penitentes. E, no Evangelho, ele diz: “Eu vos digo que do mesmo modo haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento”.[130] Pois, porque está escrito: “Deus não fez a morte, nem tem prazer em destruir os viventes”,[131] aquele que não quer destruir ninguém deseja que os pecadores façam penitência e, pela penitência, voltem novamente à vida.

É por isso que, por meio do profeta Joel, ele exclama, dizendo: “Agora, portanto, oráculo do Senhor vosso Deus, retornai a mim de todo vosso coração, com jejum, com lágrimas e gritos de luto. Rasgai os vossos corações, e não as vossas roupas, retornai ao Senhor vosso Deus, porque ele é bondoso e misericordioso, lento para a ira e cheio de amor, e se compadece da desgraça”.[132] Lemos também, nos Salmos, tanto a censura como a clemência de um Deus que ameaça e, ao mesmo tempo, perdoa, que pune para corrigir e, tendo corrigido, salva. “Eu punirei” − diz ele − “sua revolta com a vara, sua falta com golpes, mas sem deles retirar meu amor”.[133]

23,1 O Senhor, mostrando no Evangelho a piedade de Deus Pai, diz ainda: “Quem dentre vós, se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará coisas boas aos que lhe pedem!”.[134]

23,2 O Senhor compara aqui um pai segundo a carne com a eterna e larga

piedade de Deus Pai. Pois se um mau pai sobre a terra, gravemente ofendido por um filho mau e pecador, vendo-o, porém, depois disso, mudado, tendo abandonado os pecados de sua vida pregressa e tendo-se reorientado aos costumes bons e sóbrios e à disciplina da inocência por meio da dor da penitência, se alegra, rejubila e, uma vez recebido de volta aquele a quem antes expulsara, abraça-o com a efusão da paterna exultação,[135] quanto mais aquele único e verdadeiro Pai, que é bom, misericordioso e piedoso, antes, que é a própria bondade, misericórdia e piedade, se alegra com a penitência de seus filhos e, longe de ameaçar com ira os que fazem penitência ou com um castigo os que choram e se lamentam de suas faltas, promete-lhes o perdão e a indulgência.

23,3 Daí que o Senhor, no Evangelho, diga que são bem-aventurados os que choram,[136] pois quem chora atrai sobre si a misericórdia; quem, por outro lado, é pertinaz e soberbo acumula ira contra si e o castigo do juízo vindouro.

23,4 Por isso, irmão caríssimo, determinamos que os que não fazem penitência e não manifestam, de todo coração, a dor pelos seus pecados, também pela clara demonstração de seu lamento, sejam absolutamente privados da esperança de comunhão e de paz, caso comecem a pedi-la uma vez caídos em situação de enfermidade ou em perigo de morte, pois o que os leva a pedir não é o arrependimento dos pecados, mas sim a percepção da morte iminente, e não é digno de receber, na morte, a consolação aquele que não pensou que havia de morrer.[137]

24,1 No que concerne, por outro lado, à pessoa de Novaciano, irmão caríssimo, a respeito de quem desejaste que se te escrevesse que tipo de heresia teria ele introduzido, deves saber, em primeiro lugar, que não devemos ter curiosidade acerca do que ele ensina, uma vez que ensina do lado de fora. Quem quer que seja, e tenha os atributos que tiver, quem não está na Igreja de Cristo, cristão não é. Por mais que se jacte e, com palavras soberbas, alardeie de sua filosofia ou de sua eloquência, quem não guardou a caridade fraterna nem a unidade eclesiástica perdeu até mesmo o que tivera antes.[138]

24,2 A menos que te pareça ser bispo aquele que pretende fraudulentamente tornar-se um bispo adúltero e estranho por obra de desertores,[139] depois que, na Igreja, já foi constituído um bispo, por dezesseis irmãos no

episcopado. E embora exista uma única Igreja que vem de Cristo, espalhada em muitos membros no mundo inteiro, e também um episcopado único difundido na concorde abundância de muitos bispos, ele, a despeito da tradição de Deus e por trás da unidade da Igreja católica, em toda parte agrupada e adunada, deseja fazer uma igreja humana e envia seus novos apóstolos por diversas cidades a fim de estabelecer os fundamentos recentes de sua fundação. Ainda que, já há muito tempo, em todas as províncias e em cada cidade, tenham sido ordenados bispos de idade avançada, íntegros na fé, experimentados na tribulação e proscritos na perseguição, ousa constituir sobre eles outros bispos falsos.

24,3 Como se lhe fosse possível percorrer o mundo inteiro com a obstinação de seu novo empreendimento ou cindir a unidade do corpo eclesiástico com a semeadura da sua discórdia! Ele ignora que os cismáticos são sempre fervorosos em seus inícios, mas não podem desenvolver-se nem crescer aquelas realidades que ilicitamente começaram, pelo contrário, desmoronam logo em sua depravada rivalidade.[140]

24,4 Não poderia, além disso, reter o episcopado, mesmo que tivesse sido constituído bispo antes, depois de se ter separado do corpo dos seus irmãos no episcopado e da unidade da Igreja, quando o Apóstolo nos adverte a nos suportarmos uns aos outros para que não nos separemos da unidade que Deus constituiu, dizendo: "Suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz".[141] Quem, portanto, não conserva a unidade do Espírito nem o vínculo da paz, separando-se do vínculo da Igreja e do colégio dos sacerdotes, não pode ter o poder nem a honra de um bispo, uma vez que não quis guardar a unidade e a paz do episcopado.[142]

25,1 Quão grande tumor de arrogância, então, quão grande esquecimento de toda humildade e mansidão, quão grande vaidade da própria arrogância é que alguém ouse fazer ou creia poder fazer aquilo que o Senhor não concedeu nem sequer aos apóstolos,[143] ou seja, que alguém pense que pode dividir a cizânia do trigo[144] e, como se lhe tivesse sido permitido tomar a pá e purificar a eira,[145] deseje separar do trigo as palhas.

25,2 E que, tendo dito o Apóstolo: "Numa grande casa, não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro",[146] tal homem pareça escolher tão somente os de ouro e de prata, desprezando, por

outro lado, os de madeira e de barro, lançando-os de si e condenando-os, quando só no dia do Senhor os vasos de madeira se hão de consumir no incêndio do divino ardor e os de barro serão feitos em pedaços por aquele a quem foi dado um cetro de ferro.[147]

26,1 Ou, pelo menos, já que esse homem se constitui como perscrutador de rins e corações,[148] que julgue com equanimidade em todos os casos e, sabendo que está escrito: "Eis que estás curado; não peques mais, para que não te suceda algo ainda pior",[149] deixe de andar ao lado de fraudadores e adúlteros, separe-se de sua companhia, pois muito mais grave e pior é a causa de um adúltero que a de alguém que tenha recebido libelo, uma vez que este pecou por coação, enquanto aquele o fez por vontade deliberada; este, pensando que lhe fosse suficiente não sacrificar, foi enganado pelo erro, enquanto aquele, ao destruir o matrimônio alheio ou ao entrar num prostíbulo, violou numa cloaca, no lodoso abismo do populacho, um corpo santificado que é templo de Deus[150] com uma detestável enxurrada de detritos, tal como diz o Apóstolo: "Todo pecado que o homem cometa é exterior ao seu corpo; aquele, porém, que se entrega à fornicação peca contra o próprio corpo".[151]

26,2 A esses, contudo, se concede a penitência, se franqueia a esperança de lamentar e de reparar, conforme o mesmo Apóstolo que diz: "Receio que, quando aí chegar, não vos encontre tais como vos quero encontrar [...] e eu tenha de prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da impureza, da fornicação e da dissolução que cometeram".[152]

27,1 Nem se enalteçam a si mesmos esses novos hereges ao dizer que não têm comunhão com os idólatras, quando ao lado deles existem fraudadores e adúlteros, réus do pecado de idolatria,[153] conforme o que diz o Apóstolo: "É bom que saibais que nenhum fornicário ou impuro ou fraudador" − o que é uma idolatria − "tem herança no Reino de Cristo e de Deus",[154] e ainda: "Mortificai, pois, vossos membros terrenos: fornicação, impureza, paixão, desejos maus, e a cupidez, que é idolatria. Essas coisas provocam a ira de Deus".[155] Com efeito, como nossos corpos são membros de Cristo e cada um de nós é templo de Deus, quem quer que viole o templo de Deus através de um adultério viola o próprio Deus, e quem faz a vontade do diabo ao cometer pecados obedece aos demônios e aos ídolos.

27,2 Ações perversas não provêm do Espírito Santo, mas da sugestão do adversário; as concupiscências que nascem do espírito imundo é que impelem a agir contra Deus e a obedecer ao diabo. E assim, se eles dizem que um se contamina pelo pecado de outro e sustentam, com sua asseveração, que a idolatria de quem a cometeu passa a quem não a cometeu, não se podem escusar, segundo aquilo mesmo que alegam, do pecado de idolatria, uma vez que consta, a partir de uma demonstração apostólica, que os adúlteros e fraudadores que com eles comungam são idólatras.

27,3 Para nós, porém, de acordo com a nossa fé e a disposição transmitida pela divina pregação, basta a doutrina da verdade, segundo a qual cada um responde pelo seu próprio pecado e não pode um ser considerado réu em lugar de outro, pois o Senhor já o predissera: "A justiça do justo será imputada a ele, exatamente como a impiedade do ímpio será imputada a ele".[156] E ainda: "Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais. Cada um será executado por seu próprio crime". [157] Ao ler isso e, por certo, ao observá-lo, pensamos que ninguém deva ser privado do fruto da satisfação e da esperança da paz, quando sabemos, pela fé das divinas Escrituras, que o próprio Deus impele e exorta os pecadores a que façam penitência e não nega aos penitentes o perdão e a indulgência.

28,1 Oh, irrisão de uma comunidade que se há de ver frustrada! Oh, engano caduco de miseráveis que se lamentam! Oh, tradição ineficaz e vã de uma herética instituição! Enquanto se exorta à penitência para reparar o pecado, subtrai-se da reparação o remédio. Diz-se aos nossos irmãos: "Chora, derrama lágrimas e geme dia e noite, obra com largueza e mui amiúde para lavar e purgar o teu pecado, mas, depois disso tudo, morrerás fora da Igreja; faças o que fizeres no tocante a reaver a paz que procuras, nenhuma paz encontrarás". Quem há que não pereça de imediato, que não desanime levado pelo próprio desespero, que não desvie seu espírito do propósito da lamentação?

28,2 Pensas que um camponês poderia trabalhar, se lhe dissesses: "Trabalha incansavelmente no campo, com toda a perícia de um agricultor, dedica-te diligentemente aos cultivos, mas não colherás messe alguma, não espremerás vindima alguma, não retirarás o produto do teu olival, não apanharás fruta alguma das árvores"?

28,3 Ou, poderias persuadir alguém a adquirir a propriedade de navios e a usá-los, se dissesses: “Compra a madeira das melhores florestas, irmão, constrói um casco de carvalhos muito resistentes e selecionados, trabalha com o timão, com as cordas e as velas para que se fabrique e se arme o navio, mas, quando tiveres feito tudo isso, não verás o fruto das suas empresas e viagens”?

29,1 É, de fato, fechar logo de entrada e obstruir o caminho da dor e da penitência, que, enquanto o Senhor Deus afaga, nas Escrituras, os que voltam a si e se convertem, por culpa de nossa dureza e crueldade, essa penitência se elimine ao se negar acesso ao seu fruto. Se vemos que ninguém deve ser proibido de fazer penitência e que àqueles que suplicam e imploram a misericórdia do Senhor, pelo fato de ser ele mesmo misericordioso e piedoso, a paz pode ser concedida pelos seus sacerdotes, há de acolher-se o gemido dos que choram e não se poderá negar o fruto da penitência aos compungidos.

29,2 E, já que no inferno não existe confissão[158] nem se pode fazer ali a pública acusação, os que se tiverem arrependido de todo coração e que tiverem feito suas súplicas à Igreja devem ser, por enquanto, acolhidos e conservar-se nela para o Senhor, que, havendo de vir à sua Igreja, julgará, por certo, aqueles que encontrar dentro dela. Os apóstatas, por outro lado, e desertores ou os adversários, os inimigos e os que dissipam a Igreja de Cristo, nem mesmo se forem mortos pelo nome, estando fora, poderão admitir-se, segundo o Apóstolo, à paz da Igreja, já que não conservaram a unidade do Espírito, nem a da Igreja.[159]

30,1 Essas são, por ora, irmão caríssimo, poucas coisas, tomadas entre muitas outras, que narrei tão brevemente como pude. Possa eu, por meio delas, satisfazer ao teu desejo e unir-te cada vez mais à sociedade do nosso colégio e do nosso corpo. Se te for dada, porém, a oportunidade de vir a nós, poderemos conversar em comum sobre mais assuntos e tratar mais ampla e completamente acerca do que favorece à concórdia salutar. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 56

Cipriano aos irmãos Fortunato, Aímnio, Optato, Privaciano, Donátulo e Félix,[160] saudação.

1 Vós me escrevestes,[161] irmãos caríssimos, que, quando estáveis na cidade de Capsa[162] por ocasião da ordenação do bispo, nosso colega e irmão Supério[163] referiu-vos que os nossos irmãos Nino, Clemenciano e Floro, anteriormente presos durante a perseguição e que, então, venceram a violência do magistrado e de um povo irritado ao confessarem o nome do Senhor, mais tarde, quando torturados com suplícios mais severos ante o procônsul, acabaram derrotados por força dos tormentos e foram afastados, pelas demoradas torturas,[164] daquele grau de glória a que se encaminhavam com a perfeita coragem da fé. Nem por isso, contudo, depois dessa queda grave que lhes sobreveio não por vontade, mas por coação, eles deixaram de fazer penitência ao longo do último triênio,[165] e pensastes em consultar-nos a seu respeito, se já seria conveniente admiti-los à comunhão.

2,1 Segundo o meu parecer, penso que não há de faltar a indulgência do Senhor àqueles que, conforme consta, se mantiveram de pé no combate, que confessaram o nome do Senhor, que venceram a violência dos magistrados e de um povo enfurecido com a firmeza de uma fé inamovível, que padeceram o cárcere e que fizeram frente, por muito tempo, entre as ameaças do procônsul e o vozerio do povo que estava a seu redor, a tormentos que os dilaceravam e, em prolongada repetição, os torturavam. Pois o fato de terem, por último, sucumbido, por causa da fraqueza da carne, parece que se deve relevar em atenção aos méritos precedentes, sendo suficiente para eles que tenham perdido a glória. Não devemos obstruir-lhes, entretanto, a possibilidade de receberem o perdão, nem privá-los da piedade paterna ou da nossa comunhão, pois consideramos que lhes seja suficiente para impetrar a clemência do Senhor que tenham chorado, como escreveis, com grande arrependimento, de forma contínua e dolorosa, ao longo de um triênio.[166]

2,2 Certamente, não penso que a paz seja dada incauta ou temerariamente a pessoas que vemos não terem fugido à luta antes, com a bravura da sua coragem, e que, caso recrudesça outra vez a batalha, podem recuperar a sua

glória. Com efeito, tendo-se chegado, em assembleia, à resolução de que se devia socorrer aos penitentes que se vissem em perigo e enfermidade, dando-lhes a paz, devem, sem dúvida, precedê-los na recepção da paz os que vemos não terem caído por fraqueza de espírito, mas, combatendo e sendo feridos na refrega, não puderam levar até o fim a coroa de sua confissão por debilidade da carne, máxime quando não se permitia aos que desejavam morrer que fossem mortos, e os tormentos dilaceravam os fatigados, por tanto tempo quanto fosse preciso, não para vencer-lhes a fé, que é invencível, mas para cansar-lhes a carne, que é fraca.

3 Como, porém, escrevestes que eu trate desse assunto de modo mais amplo e com diversos colegas, pois matéria tão importante exige maior e mais cuidada deliberação a partir do confronto de muitos, e como, agora, quase todos, em meio ao início das solenidades da Páscoa, se encontram em suas sedes, em companhia dos irmãos, depois que tiverem realizado a solene celebração e começarem a vir ter comigo, tratarei mais amplamente com cada um, a fim de que se determine entre nós uma solução para o tema sobre o qual nos consultastes e se vos responda por escrito com uma sentença segura e ponderada, oriunda do parecer de muitos sacerdotes. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 57

Cipriano, Liberal, Caldônio, Nicomédes, Cecílio, Júnio, Marrúcio, Félix, Sucesso, Faustino, Fortunato, Víctor, Saturnino, outro Saturnino, Rogaciano, Tértulo, Luciano, Sátio, Secundino, outro Saturnino, Eutiques, Amplo, outro Saturnino, Aurélio, Prisco, Herculano, Vitórico, Quinto, Honorato, Mantâneo, Hortensiano, Veriano, Jambo, Donato, Pompônio, Policarpo, Demétrio, outro Donato, Privaciano, Fortunato, Rogato e Mônulo[167]ao irmão Cornélio, saudação.

1,1 Já faz bastante tempo, irmão caríssimo, estabelecêramos, após termos chegado entre nós a um parecer compartilhado,[168] que os que tivessem sido vencidos pelo adversário quando da perseguição e tivessem caído,

maculando-se com ilícitos sacrifícios, deveriam fazer penitência completa por um período e, caso os oprimisse o perigo de uma enfermidade, recebessem a paz na iminência da morte. Com efeito, não era justo, nem o permitiam a piedade paterna e a divina clemência, que a Igreja se fechasse aos que batiam[169] e que negasse a quem sofria e suplicava o subsídio da esperança salutar, de modo que, saindo deste mundo, fossem enviados ao Senhor sem a comunhão e a paz, quando ele próprio o permitiu, dando uma lei segundo a qual o que estivesse ligado na terra também nos céus estaria ligado e, por outro lado, poderia desligar-se ali o que antes, aqui na Igreja, fosse desligado.[170]

1,2 Ao vermos, porém, mais uma vez, que começa a aproximar-se o dia de uma nova devastação,[171] somos nós advertidos, por frequentes e assíduos sinais, a estarmos armados e preparados para o certame que o inimigo nos impõe, e a prepararmos também, com nossas exortações, o povo que nos foi confiado pela divina misericórdia, reunindo no acampamento do Senhor absolutamente todos os soldados que pedem as armas e insistem em combater. Coagidos pela circunstância, decidimos que se deveria dar a paz àqueles que não se afastaram da Igreja do Senhor e não deixaram, desde o primeiro dia de sua queda, de fazer penitência, de lamentar-se e de suplicar ao Senhor, e que convinha dispô-los e prepará-los para o iminente combate.

2,1 Deve-se fazer caso, de fato, dos sinais e das advertências bem fundadas, a fim de que as ovelhas não venham a ser abandonadas pelos pastores diante do perigo, mas todo o rebanho se reúna, e o exército do Senhor se disponha para o certame de uma campanha celeste. Não sem razão, portanto, se arrastava a penitência dos que sofriam por um período mais longo e se prestava socorro aos enfermos na iminência da morte por todo o tempo em que reinavam a calma e a tranquilidade, que permitiam estender por um período mais longo as lágrimas dos que choravam e prestar socorro, mais tarde, aos moribundos em sua doença.

2,2 Agora, porém, a paz se faz necessária não aos enfermos, mas aos fortes, e devemos dar a comunhão não aos moribundos, mas aos que vivem; para não deixarmos inermes ou nus aqueles que animamos, exortando-os ao combate, mas para armá-los com a proteção do sangue e do corpo de Cristo e assim, uma vez que a Eucaristia se faz para que possa ser uma defesa para os que a recebem, armemos com o baluarte da saciedade do Senhor aqueles que queremos que estejam defendidos contra o adversário. Pois, como é que

os ensinamos e os estimulamos a derramar o próprio sangue na confissão do nome, se lhes negamos o sangue de Cristo no momento em que estão para entrar em combate? Ou como torná-los idôneos para o cálice do martírio, se primeiro não os admitimos, na Igreja, a beber o cálice do Senhor por direito de comunhão?

3,1 Deve-se fazer uma distinção, irmão caríssimo, entre aqueles que apostataram e vivem à maneira pagã, tendo regressado ao mundo a que renunciaram, ou que se passaram aos hereges e voltam todos os dias suas parricidas armas contra a Igreja, e aqueles que, sem se afastar da porta da Igreja e implorando de modo contínuo e dolorido as paternas e divinas consolações, confessam estar agora preparados para a luta, para bater-se pelo nome do seu Senhor e por sua própria salvação e resistir fortemente.

3,2 No momento atual, não damos a paz aos que dormem, mas aos que velam;[172] damos a paz não como regalo, mas como armadura; damos a paz não para o repouso, mas para o combate. Se, conforme ao que ouvimos deles, e desejamos, e cremos, eles permanecerem fortemente e prostrarem conosco o adversário na refrega, não teremos de que nos arrepender por termos concedido a paz a pessoas tão fortes, antes, será grande a honra, a glória do nosso episcopado por termos dado a paz aos mártires, preparando, quais sacerdotes que celebramos todos os dias os divinos sacrifícios, hóstias e vítimas para Deus. Se, porém − que o Senhor proteja disso os nossos irmãos −, algum dos caídos nos tiver enganado, pedido a paz astutamente e recebido a comunhão sem disposição de combater no momento do combate que se avizinha, ter-se-á enganado e iludido a si mesmo ao ocultar uma coisa no coração e manifestar outra com a voz.

3,3 Nós, à medida que se nos concede ver e julgar, vemos o semblante de cada um, mas não podemos perscrutar seu coração e seu espírito.[173] Acerca disso, julga aquele que perscruta e conhece as realidades ocultas, [174] que há de vir logo e há de julgar os arcanos e os recônditos do coração. Os maus não devem, porém, servir de obstáculo para os bons, antes, devem ser ajudados pelos bons. E não se há de recusar a paz a quem dará testemunho por existirem alguns que renegarão: a paz deve ser dada a todos os que estão para entrar em combate, caso contrário, por nossa ignorância, ver-se-ia de início preterido quem pode ser coroado na luta.

4,1 E que ninguém diga: “quem suporta o martírio é batizado no próprio

sangue, e a paz dada pelo bispo não se faz necessária a quem há de conseguir a paz da sua glória e receber maior mercê da misericórdia do Senhor".

4,2 Em primeiro lugar, não pode estar em condições de enfrentar o martírio quem não é preparado pela Igreja; o espírito que não é erguido e inflamado pela Eucaristia recebida desfalece. De fato, o Senhor diz, no seu Evangelho: "Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento, vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós".[175] Ora, quando ele diz que, nos que foram entregues e constituídos em situação de confessar o nome, é o Espírito do Pai que fala, como pode estar preparado e idôneo para a confissão quem não tiver recebido primeiro, uma vez recebida a paz, o Espírito do Pai, o mesmo que fala e confessa em nós, corroborando os seus servos?

4,3 Em segundo lugar, se um homem desses fugir, deixando para trás todas as suas coisas, e, quando estiver se estabelecido em esconderijos e lugares ermos, vier a cair talvez em mãos de ladrões ou a morrer acometido de febres e de prostração, não nos seria por acaso imputado que um soldado tão bom, que deixou para trás tudo o que era seu, preferindo seguir o Senhor e tendo desprezado casa, pais e filhos,[176] tenha morrido sem a paz, sem a comunhão? Não se nos acusará, porventura, no dia do juízo, de indolente negligência e de cruel dureza, por não termos querido − como pastores que somos − proteger em tempo de paz, nem armar na iminência da batalha as ovelhas que nos foram entregues e confiadas aos nossos cuidados?

4,4 Por acaso, não nos será lançado em rosto pelo Senhor o que ele exclama, por meio do seu profeta, ao dizer: "Vós vos alimentais com o leite, vos vestis de lã e sacrificais as ovelhas mais gordas, mas não apascentais o rebanho! Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a que está doente, não tratastes a ferida da que sofreu fratura, não reconduzistes a desgarrada, não buscastes a perdida, mas dominastes sobre elas com dureza e violência. Por falta de pastor, elas dissiparam-se e acabaram por servir de presa para todos os animais do campo [...]. Não há quem o procure ou quem vá em sua busca. [...] Por isso, diz o Senhor, eis-me contra os pastores. De suas mãos requererei prestação de contas a respeito do rebanho e os impedirei de apascentar o meu rebanho. Deste modo, os pastores já não

tornarão a apascentá-lo. Livrarei minhas ovelhas da sua boca [...]. Eu as apascentarei com justiça”.[177]

5,1 Para evitar, então, que de nossa boca, com que negamos a paz, com que manifestamos a dureza de uma crueldade humana mais do que a clemência da piedade paterna, sejam reivindicadas pelo Senhor as ovelhas que nos foram confiadas, aprouve-nos, por inspiração do Espírito Santo e por advertência do Senhor, através de muitas e manifestas visões − uma vez que se prenunciava e se mostrava estar o inimigo às nossas portas −, recolher os soldados de Cristo dentro do acampamento e, depois de examinadas as situações de cada um, dar a paz aos caídos ou, antes, fornecer as armas aos que estavam para entrar em combate. Cremos que tal decisão será também do vosso agrado, ao contemplardes a paterna misericórdia.

5,2 Se houver alguém entre os colegas que não pense que se deva dar a paz aos irmãos e irmãs, na iminência do certame, prestará contas ao Senhor, no dia do juízo,[178] quer de sua inoportuna censura, quer de sua desumana dureza. Quanto a nós, como correspondia à fé, à caridade e à solicitude, expusemos o que trazíamos na nossa consciência, a saber, aproximou-se o dia do certame, logo se há de levantar contra nós o inimigo violento, vem aí uma luta que não se compara à que já houve, mas será muito mais pesada e feroz, isso nos tem sido divinamente mostrado com frequência e temos sido advertidos disso amiúde pela providência e pela misericórdia do Senhor, de cujo auxílio e de cuja piedade os que nele confiamos podemos estar seguros, pois quem anuncia a seus soldados, em tempo de paz, a batalha futura, dará a vitória aos que combatem na peleja. Desejamos, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 58

Cipriano ao povo estabelecido em Tíbar,[179] saudação.

1,1 Eu tinha imaginado, certamente, irmãos diletíssimos, e conservava em minha intenção − caso o estado das coisas e a condição do tempo o

permitissem − ir pessoalmente até vós, conforme o desejo que com frequência manifestastes,[180] e, estando aí presente, corroborar a comunidade com a exiguidade da nossa exortação, por menos que esta valha. Mas, porque estamos detidos por assuntos urgentes e não se nos oferece a faculdade de retirar-nos muito e por um prolongado tempo daqui, e de afastar-nos do povo que, por divina indulgência, presidimos, enviei-vos, por enquanto, em meu lugar, esta carta que faz as minhas vezes.

1,2 Com efeito, sendo nós amiúde instigados e exortados pela mercê do Senhor que nos instrui, devemos fazer chegar também à vossa consciência a solicitude da nossa admoestação. Deveis saber, pois, e crer como coisa certa, retendo-o bem, que o dia da tribulação já está sobre as nossas cabeças, que o ocaso do século e o tempo do Anticristo já chegaram,[181] a fim de que todos nós estejamos de pé e preparados para a batalha e não meditemos em nada mais senão na glória da vida eterna e na coroa da confissão do Senhor, sem pensar que as realidades que vêm por aí serão tais quais foram as que já passaram. Uma luta mais grave e mais feroz é iminente[182] e, para ela, os soldados de Cristo devem preparar-se com uma fé incorrupta e uma coragem robusta, considerando que bebem diariamente o cálice do sangue de Cristo para poderem, eles também, derramar por Cristo o próprio sangue.

1,3 Isso significa, de fato, querer ser encontrado na companhia de Cristo, a saber, imitar o que Cristo ensinou e fez, conforme o apóstolo João, que diz: "Aquele que diz que permanece nele deve também andar como ele andou".[183] Do mesmo modo, o apóstolo Paulo exorta e ensina, dizendo: "Somos filhos de Deus, e, se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com ele para também com ele sermos glorificados".[184]

2,1 Tudo isso é o que agora havemos de considerar, para que ninguém deseje seja lá o que for de um mundo que está morrendo, mas que cada um siga Cristo, que vive para sempre e vivifica os seus servos, constituídos na fé do seu nome. Vem o tempo, irmãos diletíssimos, que nosso Senhor já prenunciou desde antanho, ensinando que estava para vir, quando disse: "Virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar ato de culto a Deus. E isso farão porque não reconheceram o Pai nem a mim. Mas vos digo tais coisas para que, ao chegar a sua hora, vos lembreis de que vo-las disse".[185]

2,2 Nem se admire alguém de que sejamos extenuados por assíduas perseguições e oprimidos frequentemente por sufocantes tribulações, tendo o Senhor já predito que tais coisas haveriam de ocorrer nos últimos tempos, e preparado a nossa campanha com o ensinamento e a exortação da sua palavra. Seu apóstolo Pedro também ensinou que as perseguições acontecem para que sejamos provados e nos unamos, igualmente, pela morte e pelos sofrimentos, ao amor de Deus, pelo exemplo dos justos que nos precederam. É o que ele escreveu, com efeito, em sua epístola, ao dizer: "Amados, não vos alarmeis com o incêndio que lavra entre vós, para a vossa provação, como se algo de estranho vos acontecesse; antes, à medida que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que também na revelação de sua glória possais ter alegria transbordante. Bem-aventurados sois se sofreis injúrias por causa do nome de Cristo, porque o nome do Senhor, um nome de majestade e de poder, repousa sobre vós: nome que segundo eles é blasfemado, mas, segundo nós, é honrado".[186] Os apóstolos ensinaram-nos aquilo que eles mesmos aprenderam dos preceitos do Senhor e dos celestes mandamentos, haja vista que o próprio Senhor nos sustentava, ao dizer: "Não há quem tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do Reino de Deus, sem que receba sete vezes mais neste tempo e, no mundo futuro, a vida eterna".[187] E ainda: "Felizes sereis" − ele diz − "quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa".[188]

3,1 O Senhor quis que nos alegrássemos e que exultássemos em meio às perseguições porque, quando as perseguições ocorrem, distribuem-se então as coroas da fé, provam-se os soldados de Cristo, e os céus se abrem aos mártires.[189] E não demos nosso nome ao exército para que devamos apenas pensar na paz e menosprezar ou rejeitar o combate, quando o Senhor, o Mestre da humildade, da tolerância e do sofrimento, foi o primeiro a servir no mesmo exército, de modo que fez primeiro o que ensinou que se devia fazer, e sofreu primeiro por nós aquele que nos exorta a sofrer.

3,2 Esteja ante os nossos olhos, irmãos diletíssimos, que aquele a quem e somente a quem o Pai confiou todo o julgamento,[190] e que há de vir para julgar, já proferiu a sentença de seu juízo e de sua futura cognição, prenunciando e atestando que há de confessar diante de seu Pai os que o

confessarem, e que há de negar os que o negarem.[191] Se pudéssemos evadir a morte, com razão temeríamos morrer. Como, porém, é necessário que um mortal venha a morrer, abracemos a ocasião que nos vem da divina promessa e da divina misericórdia, e soframos o desenlace da morte, acompanhado pelo prêmio da imortalidade, e não tenhamos receio de ser mortos ao ser certo que, ao sermos mortos, somos coroados.

4,1 E que ninguém se perturbe, irmãos diletíssimos, ao se deparar com que nosso povo foge pelo medo da perseguição e se dispersa, ao não ver a comunidade reunida nem ouvir os bispos a pregar. Não podem estar juntos todos aqueles a quem não é permitido matar, no momento em que é necessário que sejam mortos.[192] Onde quer que se encontre algum dos irmãos, naqueles dias, que tenha sido coagido a separar-se interinamente do rebanho, e não de espírito, mas apenas fisicamente, não se sinta horrorizado por essa fuga, nem se amedronte por se ter afastado e escondido na solidão de um lugar deserto. Não está sozinho aquele de quem Cristo é companheiro na fuga. Não está sozinho quem, resguardando o templo de Deus, não está sem Deus onde quer que esteja.

4,2 E caso um ladrão oprima a quem foge, na solidão ou nos montes, caso uma fera o ataque, caso a fome, a sede ou o frio o aflijam, ou caso uma tempestade ou procela submerja a quem se lança a uma arriscada navegação pelos mares, em toda parte, Cristo contempla o seu soldado que combate, e a quem morre pela honra do seu nome por causa da perseguição, ele dá o prêmio que prometeu dar no dia da ressurreição.[193] Não é menor a glória do martírio quando não se morre publicamente ou entre muitos, na medida em que a causa por que se sofre a morte é Cristo. É suficiente que presencie o testemunho do seu mártir aquela Testemunha que prova os mártires e os coroa.

5,1 Imitemos, irmãos diletíssimos, o justo Abel que inaugurou os martírios, [194] ao ser o primeiro a ser morto pela justiça.[195] Imitemos Abraão, o amigo de Deus, que não hesitou em oferecer com as próprias mãos o filho como vítima, para obsequiar a Deus com a fé de sua devoção.[196] Imitemos os três jovens Ananias, Azarias e Misael, que sem deixar-se intimidar por sua tenra idade, nem abater pelo cativeiro, uma vez que a Judeia fora submetida e Jerusalém tomada, venceram um rei em meio ao seu próprio reino, pela força da fé.[197] Tendo-lhes sido ordenado que adorassem a estátua que fizera o rei Nabucodonosor, mostraram-se mais fortes do que as

ameaças do rei e do que as chamas, proclamando e testemunhando a sua fé por meio das seguintes palavras: “Não há necessidade alguma de replicar-te neste assunto, ó rei Nabucodonosor. Se assim for, o nosso Deus, a quem servimos, tem o poder de nos livrar da fornalha acesa e nos livrará também, ó rei, da tua mão. Mas se ele não o fizer, fica sabendo, ó rei, que não serviremos o teu deus, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste”. [198] Criam eles, conforme a sua fé, que podiam escapar do tirano, mas acrescentaram aquele “se não” para que o rei soubesse que, pelo Deus que adoravam, também podiam morrer.

5,2 Esta é, pois, a força da coragem e da fé: crer e saber que Deus nos pode libertar da morte presente e, contudo, não temer a morte nem ceder, para que a fé possa ser mais fortemente provada. O Espírito Santo fez irromper de sua boca um incorrupto e invencível vigor, de modo a revelar-se verdadeiro o que o Senhor manifestou no seu Evangelho ao dizer: “Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós”. [199] Ele disse que nos será dado e oferecido naquela hora, por uma divina intervenção, o discurso com que poderemos falar e responder, pois não seremos nós então a falar, mas sim o Espírito de Deus Pai, que não se afasta nem se separa dos que o confessam, ao ser ele próprio quem fala e é coroado em nós. Assim também Daniel, quando foi forçado a adorar o ídolo Bel num tempo em que tanto o rei como o povo o adoravam, lançou-se, com plena fé e liberdade, a defender a honra do seu Deus, dizendo: “Eu não adoro senão o Senhor meu Deus, que criou o céu e a terra”.[200]

6,1 E por acaso, nos Macabeus, os graves tormentos dos bem-aventurados mártires,[201] os multiformes suplícios dos sete irmãos e a mãe que, confortando a seus filhos no suplício, morre, ela própria, com eles não nos dão exemplos de grande coragem e de fé,[202] e não nos exortam, com seus sofrimentos, ao triunfo do martírio? E o que dizer dos profetas que o Espírito Santo inspirou na presciência dos acontecimentos futuros? O que dizer dos apóstolos que o Senhor escolheu? Por acaso, ao serem mortos os justos pela justiça, não nos ensinaram também a morrer?

6,2 O nascimento de Cristo foi imediatamente seguido por martírios de crianças, ao terem de ser mortas por seu nome todas as que tivessem de dois anos para baixo.[203] Uma idade que ainda não tinha habilidade para o

combate revelou-se idônea para a coroa. Para que se mostrasse que são inocentes os que por causa de Cristo sofrem a morte, foi morta por seu nome a infância inocente. Revelou-se que ninguém está imune ao perigo da perseguição, quando até crianças sofreram o martírio.

6,3 Quão grave caso será o de um homem cristão que, sendo um servo, não queira padecer o que primeiro padeceu o seu Senhor; que não queiramos padecer por nossos pecados o que por nós padeceu aquele que não tinha pecado algum de sua parte! O Filho de Deus padeceu para tornar-nos filhos de Deus, e um filho de homem não quer padecer para continuar a ser filho de Deus! Se nos afadigamos ante o ódio do mundo, Cristo o enfrentou primeiro. Se suportamos afrontas neste mundo, fugas e tormentos, coisas mais graves experimentou o Senhor e Criador do mundo, que ainda nos admoesta, dizendo: "Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro, me odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo e minha escolha vos separou do mundo, o mundo, por isso, vos odeia. Lembrai-vos da palavra que vos disse: 'O servo não é maior que o seu senhor'. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão".[204] Tudo aquilo que o Senhor nosso Deus ensinou, também o fez para que o discípulo que aprende e não põe em prática não se possa escusar.

7,1 E que ninguém dentre vós, irmãos diletíssimos, fique de tal maneira aterrorizado pelo medo da futura perseguição ou pela chegada de um Anticristo que está às portas, que não se encontre armado para tudo por meio das evangélicas exortações e dos preceitos e avisos celestes. O Anticristo vem, mas Cristo vem em seguida. O inimigo ataca e enfurece-se, mas segue-o de perto o Senhor, que há de vingar os nossos sofrimentos e as nossas feridas. O adversário encoleriza-se e ameaça, mas há quem nos possa libertar de suas mãos.

7,2 Há de temer-se aquele cuja ira ninguém poderá evadir, tendo-o ele próprio prenunciado quando disse: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena".[205] E também: "Quem ama sua vida a perde, e quem odeia sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna".[206]

7,3 E o Apocalipse instrui e adverte, dizendo: "Se alguém adora a Besta e sua imagem, e recebe a marca na fronte ou na mão, esse também beberá o vinho do furor de Deus, preparado na taça de sua ira; será atormentado

com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos: os que adoram a Besta e a sua imagem, e quem quer que receba a marca do seu nome nunca têm descanso, dia e noite".[207]

8,1 Para uma luta mundana, os homens se adestram e preparam, considerando grande glória para si que, sob os olhos do povo e em presença do imperador, venham a ser coroados. Eis aqui uma luta sublime, grande e gloriosa em razão de que seu prêmio é uma coroa celeste, pois Deus nos vê combater e, lançando seu olhar sobre os que se dignou fazer seus filhos, rejubila-se com o espetáculo do nosso certame. Enquanto combatemos, lutando o combate da fé, contempla-nos Deus, contemplam-nos seus anjos, contempla-nos Cristo. Quão grande dignidade de glória, quanta felicidade é lutarmos na presença de Deus e sermos coroados por Cristo Juiz!

8,2 Armemo-nos, irmãos diletíssimos, com todas as forças, e preparemo-nos para a luta com um espírito puro, uma fé íntegra e uma devota coragem. Avance o exército de Deus para a batalha que se nos propõe. Armem-se os íntegros, para que o íntegro não perca o mérito de ter permanecido de pé há algum tempo. Armem-se também os que caíram, para que até quem caiu possa receber o que perdeu. Que aos íntegros seja a honra, que aos caídos seja a dor que os conclame ao combate.

8,3 O bem-aventurado Apóstolo ensina-nos a armar-nos e a preparar-nos, dizendo: "O nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra as potestades e contra os dominadores deste mundo e destas trevas, contra os espíritos do mal, que povoam as regiões celestiais. Por isso, deveis vestir toda a armadura, para poderdes resistir no dia mau e sairdes firmes de todo combate. Cingi os vossos rins com a verdade, revesti-vos da couraça da justiça e calçai os pés com o zelo para propagar o Evangelho da paz, empunhando escudo da fé, com o qual podereis extinguir todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai, enfim, o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus".[208]

9,1 Tomemos essas armas, protejamo-nos com essas defesas espirituais e celestes, para que, no dia mau, possamos resistir às ameaças do diabo e repeli-las. Revistamo-nos da couraça da justiça, para que, com ela, nosso peito esteja protegido e seguro contra os dardos do inimigo. Estejam nossos pés calçados e guarnecidos com a doutrina evangélica, a fim de que a

serpente, ao começar a ser pisada e esmagada por nós, não nos possa morder e derrubar. Seguremos fortemente o escudo da fé, para que, com sua proteção, possa ser extinto todo e qualquer dardo que o inimigo lançar.

9,2 Tomemos também, para proteger nossa cabeça, o capacete espiritual, para que os ouvidos sejam resguardados e não ouçam os funestos editos, para que os olhos sejam protegidos e não vejam os detestáveis ídolos, para que a fronte seja defendida e o sinal de Deus se conserve incólume, e para que a boca seja preservada e uma língua vitoriosa confesse o Cristo, seu Senhor. Armemos também a nossa destra com a espada espiritual, para que rejeite com determinação os infames sacrifícios e, lembrando-se da Eucaristia, em que recebe o corpo do Senhor, abrace-o, já que há de receber, mais tarde, das mãos do Senhor, o prêmio das coroas celestes.

10,1 Oh! Que dia é aquele que há de chegar, e quão grande será ele, irmãos diletíssimos, em que o Senhor começará a passar em revista o seu povo e a inspecionar com o exame da divina cognição os méritos de cada um, a lançar na geena os culpados e a condenar os nossos perseguidores ao perpétuo ardor da chama penal e, por outro lado, a pagar-nos integralmente a recompensa da fé e da devoção. Que glória haverá, e quanta alegria, em seres admitido para que vejas a Deus; em seres honrado ao participares com Cristo Senhor, teu Deus, do gáudio da salvação e da luz eterna; em saudares Abraão, Isaac e Jacó,[209] todos os patriarcas, os profetas, os apóstolos e os mártires; em te alegrares com os justos e os amigos de Deus no Reino dos Céus, pelo deleite da imortalidade concedida; em receberes "o que olho não viu, ouvido não ouviu e o coração do homem não percebeu".[210]

10,2 O Apóstolo anuncia que recebemos, de fato, coisas maiores do que aquelas que aqui fazemos ou sofremos, ao dizer: "Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós".[211] Quando aquela revelação se tiver cumprido, quando resplandecer sobre nós a glória de Deus, assim como seremos felizes e viveremos alegres, honrados pela clemência do Senhor, também permanecerão na condição de réus e de miseráveis os que fizeram a vontade do diabo, abandonando a Deus ou rebelando-se contra ele, de modo que será necessário que, juntamente com o próprio diabo, sejam atormentados por um fogo inextinguível.[212]

11 Que essas realidades, irmãos diletíssimos, fiquem bem gravadas em vosso

coração. Seja esta a nossa preparação para as armas, seja esta a nossa meditação diurna e noturna, a saber, ter sempre ante os olhos e representar com o nosso pensamento e os nossos sentidos os suplícios dos iníquos e os prêmios e méritos dos justos; que o Senhor ameaça vivamente com uma pena a quem o nega e que, por outro lado, promete a glória a quem o confessa. Se o dia da perseguição nos encontrar pensando e meditando sobre isso, o soldado de Cristo, instruído por seus preceitos e seus avisos, não há de temer o combate, mas estará preparado para a coroa. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 59

Cipriano ao irmão Cornélio, saudação.

1,1 Li tua carta,[213] irmão caríssimo, que enviaste por meio do acólito Sáturo,[214] nosso irmão, e que está repleta de fraterna dileção, de disciplina eclesiástica e de autoridade sacerdotal. Nela me informaste que Felicíssimo,[215] um inimigo de Cristo não recente, mas já há bastante tempo excomungado em decorrência de seus muitos e graves pecados e condenado por sentença não apenas minha, mas de diversos irmãos no episcopado, foi impedido por ti de estabelecer-se aí.

De fato, tendo ele ousado apresentar-se escoltado por uma caterva, uma facção de desesperados, com aquela plenitude de vigor com que convém que ajam os bispos, foi expulso da Igreja, da qual, aliás, fora excluído já há algum tempo em companhia de seus semelhantes pela majestade de Deus e pela severidade de Cristo, nosso Senhor e Juiz, para que um autor de cisma e de dissensão, alguém que comete fraude com o dinheiro que lhe foi confiado, um violador de virgens, um devastador e até corruptor de muitos matrimônios, não violasse ainda, com a desonra da sua presença, num contágio impudico e impuro, a incorrupta, santa e pudica esposa de Cristo.[216]

2,1 Mas, depois que foi lida a tua segunda epístola,[217] que ajuntaste, irmão, à primeira, fiquei bastante surpreendido ao perceber que te deixaste

abalar um pouco pelas ameaças e intimidações dos que tinham ido até aí, porque te abordaram, conforme escreveste, ameaçando, com supremo desespero, que, se não recebesses as cartas que traziam, eles as leriam em público, e proferiram muitas palavras torpes e vergonhosas, dignas de sua boca.

2,2 Se as coisas chegaram a esse ponto, irmão caríssimo, se a audácia de uns homens muito iníquos há de ser temida, e se os maus realizam por temeridade e desespero o que não podem fazer por direito e com equidade, acabou-se o que havia de vigor do episcopado e da sublime e divina potestade de governar a Igreja. E nós, cristãos, já não podemos mais subsistir nem existir, tendo chegado ao extremo de temermos as ameaças e as insídias de perdidos.

2,3 Pois também os judeus e os pagãos ameaçam, assim como os hereges e todos aqueles, de cujos peitos e mentes o diabo se serve, atestam todos os dias, com uma voz furiosa, a sua raiva envenenada. Não se há de ceder, porém, pelo fato de ameaçarem, nem o adversário e inimigo é maior do que Cristo por exigir tanto e por arrogar-se tanto no mundo. Devem permanecer em nós, irmão caríssimo, a fortaleza inamovível da fé e uma coragem inconcussa e estável, que devem opor resistência a todos os assaltos e os embates de ondas revoltas, como se contássemos com a força e a gigantesca massa de um rochedo contra o qual elas se chocam.

2,4 Não interessa de onde provém o terror ou o perigo que se abate sobre o bispo, que vive exposto já a todo tipo de terrores e de perigos e, contudo, a partir dos mesmos terrores e perigos, vai-se tornando glorioso. Nem devemos considerar somente as ameaças dos pagãos ou dos judeus, detendo nelas a nossa atenção, quando vemos que o próprio Senhor foi preso por irmãos e entregue por aquele que por ele próprio fora constituído entre os apóstolos.[218] Também nos inícios do mundo, não foi senão o próprio irmão quem matou o justo Abel;[219] um irmão malvado perseguiu o fugitivo Jacó;[220] e o jovem José foi vendido pelos irmãos.[221] Lemos, igualmente, o que foi predito no Evangelho, a saber, que as pessoas da própria casa se hão de tornar inimigas,[222] e que os que antes estiveram unidos por um vínculo de unanimidade hão de entregar-se mutuamente.[223] Não interessa quem é que entrega ou quem se encoleriza quando Deus permite que sejamos entregues e coroados. Nem é uma ignomínia para nós padecer de parte dos irmãos o que Cristo padeceu, como tampouco é uma

glória para eles que façam o que fez Judas.[224]

2,5 Por outro lado, que arrogância é essa, que jactância vã, inflada e orgulhosa a desses intimidadores, ao ameaçarem aí a quem está ausente, quando aqui me têm presente e à sua disposição!

2,6 Não tememos as injúrias deles, com as quais dilaceram também e diariamente as próprias vidas; não temos medo dos paus, das pedras e das espadas que lançam continuamente com suas palavras parricidas. Tais homens, de acordo com o que neles há, são homicidas diante de Deus. Não podem matar, porém, a menos que o Senhor lhes permita matar. E enquanto havemos nós de morrer uma só vez,[225] eles, por sua parte, perecem todos os dias em razão de seu ódio, de suas palavras e de seus delitos.

3,1 Mas não se há de abandonar, irmão caríssimo, a disciplina eclesiástica ou de dissolver a autoridade sacerdotal por sermos atacados por injúrias ou acabrunhados por intimidações, quando a divina Escritura vem ao nosso encontro e nos admoesta, dizendo: "Aquele que presume e é contumaz, o homem arrogante, ainda que tenha escancarado a sua alma como os infernos, não conseguirá em absoluto coisa alguma".[226] E ainda: "Não tenhais medo das ameaças do homem pecador, pois a sua glória acabará no esterco e em meio aos vermes. Hoje ele é exaltado, mas amanhã terá desaparecido, pois voltará à terra de onde veio, e seu projeto fracassará".[227] E também: "Vi um ímpio muito poderoso elevar-se como um cedro do Líbano; passei de novo e eis que não existia mais, procurei-o, mas não foi encontrado".[228]

3,2 A exaltação, o inchaço e a jactância soberba e arrogante não procedem do magistério de Cristo, mas se originam do espírito do Anticristo, que o Senhor condena por meio do profeta, dizendo: "E disseste em teu coração: 'Subirei até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha alta sobre as altas montanhas do confim do norte. Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo'".[229] E acrescenta: "E, contudo, foste precipitado nos infernos, nas profundezas do abismo. Os que te veem, fitam em ti os olhos com assombro".[230] Noutra passagem, a divina Escritura ameaça castigar de forma semelhante os que se lhes assemelham, ao dizer: "Haverá um dia do Senhor dos Exércitos contra tudo que é orgulhoso e altivo, contra tudo que se exalta".[231]

3,3 Cada um se faz reconhecer imediatamente por sua linguagem, pelas palavras que profere; falando, manifesta se leva Cristo no coração, ou se, pelo contrário, o Anticristo, conforme aquilo que diz o Senhor, no seu Evangelho: “Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, se sois maus? Porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio. O homem bom, do seu bom tesouro, tira coisas boas, mas o homem mau, do seu mau tesouro, tira coisas más”.[232] Por isso, também aquele rico pecador que implora o auxílio de Lázaro, quando este se encontrava no seio de Abraão e estabelecido em refrigério, enquanto ele próprio sofria em meio aos tormentos, queimado pelos ardores de uma chama candente, dentre todas as partes do corpo, era mais castigado na sua boca e na sua língua, por ter pecado mais, de fato, por meio da língua e da boca.[233]

4,1 Já que está escrito, pois: “Nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus”, [234] e que o Senhor diz ainda em seu Evangelho: “quem disser a seu irmão ‘cretino’ e quem disser ‘idiota’, será réu na geena de fogo”,[235] como podem evadir o juízo do Senhor vingador os que fazem tais coisas não apenas aos irmãos, mas também aos sacerdotes aos quais se concede honra tão grande por mercê de Deus, a ponto de que devesse ser imediatamente morto qualquer um que não obedecesse ao sacerdote dele que proclamasse ditames temporais? No Deuteronômio, o Senhor Deus fala, dizendo: “O homem que agir com soberba, não obedecendo ao sacerdote... nem ao juiz, tal homem deverá ser morto [...] e ouvindo, todo o povo temerá e nunca mais agirá impiamente”.[236]

4,2 Do mesmo modo, a Samuel, quando era desprezado pelos judeus, Deus diz: “Não é a ti que eles rejeitam, mas é a mim que eles rejeitam!”.[237] O Senhor, igualmente, no Evangelho, afirma: “Quem vos ouve a mim ouve e àquele que me enviou, quem vos despreza a mim despreza e àquele que me enviou”.[238] Tendo, também, purificado um leproso, disse-lhe: “Vai mostrar-te ao sacerdote”,[239] e quando, mais tarde, no momento da paixão, recebeu uma bofetada do servo do sacerdote que lhe dissera: “Assim respondes ao sumo sacerdote?”, o Senhor não fez injúria alguma ao sumo sacerdote, nem detraiu no mínimo que fosse a honra do sacerdote, mas asseverando e mostrando, antes, a própria inocência, respondeu: “Se falei mal, testemunha sobre o mal; mas, se falei bem, por que me bates?”.[240]

4,3 Também depois, nos Atos dos Apóstolos, o bem-aventurado apóstolo Paulo, no momento em que lhe foi dito: “Tu insultas o sumo sacerdote de

Deus?”,[241] por mais que, tendo sido já o Senhor crucificado, aqueles homens já fossem réus de sacrilégio, de impiedade e de assassinato e não retivessem mais nada da honra e da autoridade sacerdotal, mesmo assim, levando em consideração aquele título vazio e como que aquela sombra de sacerdote, Paulo declarou: “Não sabia, irmãos, que este é o sumo sacerdote. Pois está escrito: ‘Não amaldiçoarás o chefe do teu povo’”.[242]

5,1 Tendo sido confirmada por esses exemplos tão numerosos e de tão grande importância, e por muitos outros, a autoridade e potestade sacerdotal, proveniente da clemência do Senhor, que ideia fazes daqueles que, inimigos dos sacerdotes e rebeldes contra a Igreja católica, não se deixam atemorizar pela ameaça do Senhor que adverte, nem pela vingança do juízo que há de vir? Com efeito, em nenhuma outra ocasião surgiram as heresias ou nasceram os cismas, senão quando não se prestou obediência ao sacerdote de Deus e não se considerou que na Igreja há um só que, temporariamente na função de sacerdote, temporariamente na de juiz, faz as vezes de Cristo.

5,2 Se, de acordo com os ensinamentos divinos, a comunidade inteira lhe prestasse obediência, ninguém moveria o que quer que fosse contra o colégio dos sacerdotes; ninguém, depois do divino desígnio, depois do sufrágio do povo, depois do consenso dos irmãos no episcopado, ousaria constituir-se como juiz − e não sobre os bispos, mas sobre Deus; ninguém rasgaria a Igreja de Cristo com a divisão de sua unidade; ninguém, comprazendo-se em si mesmo e inchado de orgulho,[243] criaria, do lado de fora, uma facção nova e separada, a menos que alguém fosse de uma temeridade sacrílega, de um espírito perdido a ponto de pensar que se constitui um sacerdote à margem do desígnio de Deus, quando o Senhor diz em seu Evangelho: “Não se vendem dois pássaros por um asse? E, no entanto, nenhum deles cai em terra sem o consentimento do vosso Pai”.[244] Tendo ele dito que nem as mínimas coisas se produzem sem a vontade de Deus, pensa alguém que coisas sublimes e muito grandes acontecem sem que Deus saiba ou que o permita, que aconteça serem ordenados sacerdotes, na Igreja de Deus, isto é, dispensadores seus, à margem da sua decisão?

5,3 Isso significa que tal pessoa não tem aquela fé pela qual vivemos,[245] significa não dar honra ao Deus, por meio de cujo desígnio e arbítrio nós sabemos e cremos que todas as coisas são regidas e governadas. Há bispos que, nitidamente, não são constituídos a partir da vontade de Deus, mas se

trata dos que se constituem fora da Igreja, contra a disposição e a tradição do Evangelho, conforme o próprio Senhor estabelece nos doze profetas, ao dizer: “Eles instituíram reis sem o meu consentimento, escolheram príncipes, mas eu não tive conhecimento”.[246] E ainda: “Os sacrifícios deles serão como o pão de luto, todos os que os comerem se tornarão impuros”.[247] E, por Isaías, o Espírito Santo também clama e diz: “Ai de vós, filhos desertores − oráculo do Senhor. Vós fazeis projetos, mas não vindos de mim, formais alianças, mas não sugeridas pelo meu Espírito, que acumulam pecado sobre pecado!”.[248]

6,1 De resto − digo-o, com efeito, por ter sido provocado, digo-o com pesar, mas constrangido pela necessidade −, quando um bispo ocupa o lugar de outro, que faleceu, quando para isso é escolhido pelo sufrágio de todo o povo em tempo de paz, quando por auxílio de Deus é protegido em tempo de perseguição, unido fielmente a todos os colegas, aprovado por seu povo depois de quatro anos de episcopado,[249] servindo à disciplina nos dias de tranquilidade, proscrito nos dias de tormenta, sendo então identificado pelo nome de seu episcopado e a ele associado; quando tantas vezes reclamado para ser lançado ao leão no circo,[250] quando foi honrado no anfiteatro pelo testemunho da misericórdia do Senhor[251] e − nos mesmos dias em que me punha a escrever-te a presente carta − foi reclamado outra vez no circo, pelo clamor popular, para que fosse lançado ao leão, durante os sacrifícios que o povo foi obrigado a celebrar por força de um edito[252] então divulgado...

6,2 Quando tal homem, irmão caríssimo, parece ser impugnado por alguns desesperados e perdidos, que se constituíram fora da Igreja, aparece quem é que desfere tal impugnação, e não é, por certo, Cristo, que constitui e protege os sacerdotes, mas aquele que é adversário de Cristo e inimigo da sua Igreja, e persegue, com sua devastação, o prelado da Igreja para, uma vez removido o piloto, cair mais atroz e violentamente sobre as demais igrejas para fazê-las naufragar.

7,1 Fiel algum que se recorde do Evangelho e retenha os preceitos do Apóstolo que adverte deve deixar-se abalar, irmão caríssimo, se, nestes tempos finais, alguns soberbos e contumazes, inimigos dos sacerdotes de Deus, se afastam da Igreja ou agem contra ela, quando tanto o Senhor como seus apóstolos predisseram que tais pessoas apareceriam agora.[253]

7,2 Nem se espante alguém que o prelado, que é também um servo, seja abandonado por alguns, quando os discípulos abandonaram o próprio Senhor, que realiza prodígios e grandes maravilhas e comprova com o testemunho de seus feitos os poderes de Deus Pai. E, mesmo assim, ele não increpou os que se afastavam, nem os ameaçou gravemente, mas, antes, dirigindo-se aos seus apóstolos, disse: "Não quereis também vós partir?", [254] guardando, por assim dizer, a lei segundo a qual o homem foi entregue à própria liberdade e constituído em seu arbítrio,[255] e deseja para si mesmo seja a morte, seja a salvação.

7,3 Pedro, todavia, sobre quem a Igreja fora edificada pelo mesmo Senhor, [256] falando ele só em nome de todos e respondendo com a voz da Igreja, diz: "Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que és o Santo de Deus",[257] dando a entender e mostrando com isso que os que se afastaram de Cristo perecem por própria culpa, mas que a Igreja, que crê em Cristo e que permanece fiel àquilo que uma vez aprendeu, jamais se afasta dele em absoluto. Mostra que são Igreja os que permanecem na casa de Deus, e que, por outro lado, não são a plantação que foi plantada por Deus Pai[258] os que vemos não permanecer com a estabilidade do grão, mas ventilar-se como palhas ao sopro do inimigo que os dissipa,[259] a respeito dos quais também João, em sua epístola, diz: "Saíram do nosso meio, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco".[260]

7,4 Igualmente, Paulo nos exorta a não nos alterarmos quando os maus perecem fora da Igreja e a que não diminua nossa fé, ao vermos que os pérfidos se afastam: "E que acontece" − pergunta − "se alguns deles negaram a fé? A infidelidade deles não anulará a fidelidade de Deus? De modo algum! Confirma-se, pelo contrário, que Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso".[261]

8,1 Quanto a nós, convém à nossa consciência, irmão, que trabalhemos para que ninguém por culpa nossa se vá da Igreja. Se, porém, alguém tiver ido por conta própria, em decorrência do próprio pecado, e não quiser fazer penitência e voltar à Igreja, nós, que zelamos pela sua salvação, havemos de ser considerados inocentes no dia do juízo, ao passo que permanecerão em meio aos castigos apenas os que não quiseram salvar-se, valendo-se de nossos salutares conselhos.

8,2 Não devem perturbar-nos as injúrias dos perdidos para que não nos afastemos do caminho reto e da regra segura, pois também nos instrui o Apóstolo, ao dizer: "Se eu quisesse agradar aos homens, não seria servo de Cristo".[262] Importa discernir se alguém deseja conquistar o favor dos homens ou de Deus. Comprazendo-se aos homens, o Senhor é ofendido. Se, por outro lado, nos esforçamos, procurando aquilo com que podemos agradar a Deus, devemos desprezar quer as injúrias, quer as maldições dos homens.

9,1 O fato de eu não te ter escrito imediatamente acerca desse falso bispo Fortunato,[263] constituído por poucos e inveterados hereges, irmão caríssimo, deveu-se a que não se tratava de matéria que tivesse de ser levada logo ao teu conhecimento, como se fosse coisa muito importante e que suscitasse temor, ainda mais quando já conheces bastante o nome de Fortunato, que é um dos cinco presbíteros[264] há muito tempo foragidos da Igreja, que foram, recentemente, excomungados por sentença de muitos irmãos nossos no episcopado, varões muito dignos, que sobre esse assunto te escreveram no ano passado.[265] Igualmente te recordarias de Felicíssimo, o chefe da sedição,[266] sobre quem também se fala naquela mesma carta a ti endereçada por nossos irmãos no episcopado e que não somente aqui foi excomungado por estes, mas também aí foi expulso da Igreja por ti, não faz muito tempo.

9,2 Como eu considerava que tais fatos fossem do teu conhecimento e tinha certeza de que estavam vivos em tua memória e em tua ciência, não pensei que fosse necessário anunciar-te tão rápida e urgentemente as inépcias dos hereges. Nem há de dizer respeito à majestade e à dignidade da Igreja católica o que maquina lá consigo a audácia de hereges e cismáticos. Pois também se diz que a facção de Novaciano constituiu agora como falso bispo para si o presbítero Máximo,[267] enviado a nós por Novaciano, havia pouco, como legado e que fora afastado da nossa comunhão.

9,3 Tampouco te escrevera sobre o assunto, pois tudo isso é tido por nós na conta de coisa desprezível, além do mais, tinha enviado a ti, fazia bem pouco tempo, a relação dos bispos aqui constituídos[268] que, tendo-se mantido íntegros e sãos na Igreja católica, estão à frente dos irmãos. E considerou-se, por certo, conveniente enviar-te essa relação, a partir de uma assembleia de todos nós, para que se confeccionasse um meio abreviado de se diluir o erro e de se reconhecer a verdade, pelo qual tu e nossos colegas ficásseis sabendo

a quem podeis escrever e de quem podeis, reciprocamente, receber cartas. Caso alguém que não esteja entre esses que incluímos em nossa epístola ousasse escrever-vos, saberíeis que se maculou pelo sacrifício ou por um libelo, ou então que se trata de um dos hereges, isto é, de um perverso e profano.

9,4 Valendo-me, porém, da disponibilidade de um homem e clérigo que me é muito familiar, por meio do acólito Feliciano, que enviaras na companhia do nosso colega Perseu,[269] entre outras coisas que deviam ser levadas daqui ao teu conhecimento, escrevi-te também sobre esse Fortunato. Mas enquanto o nosso irmão Feliciano se atrasava aqui por conta do vento, ou se demorava esperando receber de nós outras epístolas, Felicíssimo, apressando-se, chegou primeiro a vós. É assim que sempre os malvados se apressam, como se, contra a inocência, a pressa pudesse prevalecer.

10,1 Por meio de Feliciano, porém, avisei-te, irmão, ter vindo a Cartago o velho herege Privato,[270] condenado há muitos anos por muitos e graves crimes na colônia de Lambese pela sentença de noventa bispos, e censurado também com muito rigor, coisa que não se oculta ao vosso conhecimento, pelas cartas dos nossos predecessores Fabiano e Donato.[271] Tendo declarado que queria defender sua causa diante de nós na assembleia que tivemos no último dia quinze de maio, o que não se lhe permitia, constituiu esse Fortunato como falso bispo para si, digno de seu colégio.

10,2 Com ele viera, ainda, certo Félix, que ele próprio, fora da Igreja e na heresia, constituíra outrora como falso bispo. Também Jovino e Máximo acompanharam o herege Privato, condenados por infames sacrifícios e por crimes que contra eles se provaram, pela sentença de nove dos nossos colegas[272] e de novo excomungados também por vários de nós no concílio do último ano.

10,3 Juntamente com esses quatro, chegou ainda Reposto de Sutúrnuca, [273] que não apenas caiu, ele próprio, durante a perseguição, mas que também precipitou, com sacrílega persuasão, a maior parte de seu povo. [274] Os cinco, na companhia de alguns poucos que ou tinham sacrificado, ou carregavam culpas na consciência, escolheram para si o falso bispo Fortunato, para que, ao estarem de acordo com os seus crimes, o reitor fosse tal quais eram os regidos.

11,1 Podes a partir daqui, irmão caríssimo, conhecer também outras mentiras que homens desesperados e perversos andaram ventilando por aí. Apesar de não terem sido mais que cinco, dentre os que sacrificaram ou caíram em heresia, os falsos bispos que vieram a Cartago e constituíram Fortunato para si, como companheiro de sua demência, eles, porém, como filhos do diabo, ousaram publicar, como escreves, a notícia cheia de mentira de que teriam sido vinte e cinco os bispos então presentes. Também aqui, antes, propagavam essa mentira entre os nossos irmãos, dizendo que vinte e cinco bispos da Numídia haviam de vir para constituir-se um bispo.

11,2 Como, depois disso, foram descobertos nessa sua mentira e ficaram confundidos ao terem sido tão somente cinco os náufragos[275] que se reuniram e foram por nós excomungados, navegaram para Roma com a mercadoria de suas mentiras, como se a verdade não pudesse navegar atrás deles e desmascarar línguas mendazes com a demonstração do que realmente se passou. E esta é, irmão, uma verdadeira demência: não considerar nem saber que mentiras não enganam por muito tempo, que a noite não dura senão até o raiar do dia e, depois que o dia despontou e o sol nasceu, as trevas e a escuridão dão lugar à luz e cessam os latrocínios que vagavam pela noite.

11,3 Em suma, se lhes perguntares os nomes, não terão ninguém para nomear, nem sequer inventando. Tão grande é a penúria, até de maus, entre eles, que nem dos que sacrificaram, nem dos hereges que se lhes associam, podem contar-se vinte e cinco. Não obstante, para ludibriar os ouvidos de pessoas simples e ausentes, aumenta-se o número com mentira, como se, mesmo que tal número fosse verdadeiro, a Igreja pudesse ser vencida pelos hereges, ou a justiça pelos injustos.

12,1 Não é preciso, irmão caríssimo, que eu faça agora como eles, nem que siga com minha palavra a série de crimes que eles cometeram e ainda cometem. Devemos considerar o que cabe aos sacerdotes de Deus proferir ou escrever. Entre nós, não é tanto o ressentimento que há de falar, mas a discrição; não seja que, uma vez irritado, eu pareça cobri-los de maldições em vez de fazer-lhes ver seus crimes e pecados.

12,2 Calo-me, pois, a respeito das fraudes perpetradas contra a Igreja, passo ao largo de conjurações, de adultérios e de vários tipos de delitos:[276] apenas um de seus crimes, em que está em jogo não a minha honra, nem a

de homem algum, mas a honra de Deus, eu penso que não se há de calar. Com efeito, já desde o primeiro dia da perseguição, quando ardiam as faltas recentes dos que caíam e não somente os altares do diabo, mas até as próprias mãos e a boca dos caídos fumegavam com os infames sacrifícios, eles não deixaram de comungar com os caídos, opondo-se a que fizessem penitência.[277] Deus clama: "Quem sacrificar a outros deuses, fora o Senhor, será entregue ao anátema".[278] E o Senhor diz no Evangelho: "Aquele que me renegar [...], também o renegarei".[279] Noutra passagem, não se calam a indignação e a ira divina, mas dizem: "Foi a elas [às pedras lisas da correnteza] que fizeste libações, que ofereceste oblações. Não devo eu indignar-me com isso?" − diz o Senhor.[280] Opõem-se a que se rogue ao Deus que se diz, ele próprio, indignado; opõem-se a que, com preces e reparações, seja aplacado o Cristo, que declara renegar a quem o renega.

13,1 Durante aquele tempo de perseguição, nós enviamos cartas a esse respeito e não fomos ouvidos.[281] Celebrado o concílio, em presença de um grande número dos nossos,[282] decretamos, não apenas expondo o consenso a que tínhamos chegado, mas ajuntando-lhe uma ameaça, que os irmãos deveriam fazer penitência e que, aos que não a fizessem, ninguém desse temerariamente a paz. Eles, porém, sacrílegos contra Deus e faltos de consideração, em seu ímpio furor, pelos sacerdotes de Deus, afastando-se da Igreja e levantando contra ela suas armas parricidas, empenham-se para que a malícia do diabo leve a termo a sua obra, e a divina clemência não cure os feridos em sua Igreja.

13,2 Corrompem com o engano de suas mentiras a penitência dos miseráveis, para que não preste a devida satisfação ao Deus indignado, para que quem se envergonhou, anteriormente, ou teve medo de ser cristão, não procure depois o Cristo, seu Senhor, para que à Igreja não volte quem da Igreja se afastara. Trabalha-se para que não se redimam os delitos mediante justas reparações e lamentações, para que as feridas não sejam lavadas pelas lágrimas. A verdadeira paz é eliminada pela mentira de uma falsa paz, fecha-se o seio salutar da Mãe por interposição de uma madrasta, a fim de que do peito e da boca dos caídos não se ouçam os seus prantos e gemidos.

13,3 E, ainda por cima, os caídos são compelidos a injuriar os sacerdotes com as mesmas línguas e a mesma boca com que, antes, no Capitólio,[283] delinquiram, e perseguem com insultos e palavras maledicentes os confessores, as virgens e todos os justos que se distinguem pelo louvor à sua

fé e se fizeram, na Igreja, gloriosos. Na verdade, não é tanto a modéstia, a humildade e a discrição dos nossos que se veem atingidas por eles, mas é a vida deles próprios e sua esperança que acabam dilaceradas. Pois quem se torna miserável não é o que ouve, e sim o que faz uma injúria; e pecador contra a lei não é aquele que pelo irmão é agredido, mas quem golpeia um irmão. Quando malvados desonram inocentes, padecem eles próprios a desonra que creem infligir.

13,4 Em suma, é daí que lhes vêm a mente transtornada, o espírito embotado e o pensamento alienado: é efeito da ira de Deus que alguém não reconheça os próprios delitos para não trilhar o caminho da penitência, conforme está escrito: "Deus lhes deu um espírito de torpor",[284] a fim de que não voltem, isto é, não se curem e não recuperem a saúde após os pecados por meio de justas deprecações e reparações. O apóstolo Paulo, em sua epístola, afirma: "Não acolheram o amor da verdade, a fim de serem salvos. É por isso que Deus lhes manda o poder da sedução, para acreditarem na mentira e serem condenados, todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça".[285] O primeiro grau da felicidade é não cair em pecado, o segundo é reconhecer os pecados [cometidos]. No primeiro caso, transcorre uma inocência íntegra e ilibada que se há de conservar; no segundo, sucede o remédio que há de sarar. Ambos os graus perderam aqueles, uma vez que ofenderam a Deus, e assim foi perdida para eles a graça que se recebe pela santificação do batismo e não lhes resta a penitência por meio da qual a culpa é curada. Ou pensas, irmão, que sejam crimes leves contra Deus, que sejam delitos pequenos e de pouca monta, que por intervenção desses homens não se implore à majestade de um Deus indignado, não se tema a ira, nem o fogo, nem o dia do Senhor e, na iminência da vinda do Anticristo, se desarme a fé do povo militante, enquanto se debilitam o vigor e o temor de Cristo?

13,5 Vejam os leigos como hão de arranjar-se com isso. Aos sacerdotes incumbe maior trabalho em proclamar e em defender a majestade de Deus; e não aconteça que aparentemos negligenciar algo a esse respeito, quando o Senhor admoesta, dizendo: "Agora, é para vós esta ordem, ó sacerdotes: Se não escutardes, se não levardes a sério dar glória ao meu nome" − disse o Senhor −, "mandarei contra vós a maldição e amaldiçoarei a vossa bênção".[286]

13,6 Dá-se honra, portanto, a Deus, quando se despreza desse modo a

majestade de Deus, fazendo-se pouco de sua censura, quando os sacrílegos − enquanto o Senhor se diz indignado e irado com os que sacrificam e os ameaça com penas eternas e suplícios perpétuos − propõem que não se pense na ira de Deus, que não se tema o juízo do Senhor, que não se bata à porta da Igreja de Cristo, quando, suprimida a penitência e não se fazendo qualquer confissão do pecado, desprezando-se e calcando-se aos pés os bispos, a paz é anunciada pelos presbíteros com palavras falazes e, para impedir que os caídos se reergam ou que, postos do lado de fora, retornem à Igreja, se oferece a comunhão a quem não está em condições de recebê-la?

14,1 Não foi suficiente para eles que se tenham afastado do Evangelho, que tenham roubado aos caídos a esperança da satisfação e da penitência, que tenham privado pessoas envolvidas em fraudes, maculadas por adultérios ou manchadas pelo funesto contágio dos sacrifícios, de todo e qualquer pensamento de penitência e de seu fruto, para que não rogassem a Deus e não fizessem na Igreja a confissão dos seus pecados, nem que tenham constituído para si, fora da Igreja e contra ela, o conventículo de uma perdida facção, na qual confluiria desonestamente a caterva dos seus cúmplices, que não querem rogar a Deus nem prestar-lhe satisfação. Depois disso, ainda por cima, tendo constituído para si um falso bispo, ordenado por hereges, ousam navegar até a cátedra de Pedro,[287] até a Igreja principal,[288] donde se originou a unidade sacerdotal,[289] levando cartas escritas por cismáticos e profanos, sem pensar que ali se encontrariam com aqueles romanos, cuja fé fora louvada pelo elogio do Apóstolo[290] e junto aos quais não poderia a perfídia encontrar guarida.

14,2 Qual foi o motivo de irem até aí e de anunciarem que um bispo falso foi constituído contra os bispos? Ou lhes agrada o que fizeram e em seu crime perseveram, ou, se lhes desagrada e eles se arrependem, sabem a que instância recorrer. Como foi estatuído por todos nós, e se trata de medida equitativa e justa, que a causa de cada um há de ouvir-se lá onde o crime foi cometido, e a cada pastor foi confiada uma porção do rebanho para que a dirija e governe, havendo cada um deles de dar conta de seus atos ao Senhor,[291] convém, por certo, que aqueles a quem presidimos não se ponham a correr daqui para lá, nem a semear intrigas, com sua astuta e falaz temeridade, contra a concórdia coerente dos bispos. Que apresentem sua causa naquele lugar em que possam ter acusadores e testemunhas do seu crime, a menos que para uns poucos desesperados e perdidos pareça ser menor a autoridade dos bispos estabelecidos na África, os quais já julgaram

a seu respeito e recentemente condenaram com a severidade do seu juízo a consciência deles, ligada por muitos laços de delitos. Sua causa já foi examinada, já se ditou sentença a seu respeito; e não condiz com a autoridade dos sacerdotes que seja repreendida pela leviandade de um espírito móvel e inconstante, tendo o Senhor ensinado e dito: "Seja o vosso 'sim', sim, e o vosso 'não', não".[292]

15,1 Se for contado o número daqueles que, no ano passado, julgaram a seu respeito, incluindo-se os presbíteros e diáconos, estiveram então presentes ao julgamento e à instrução do processo mais pessoas do que aquelas que parecem agora estar unidas a Fortunato. Deves saber, com efeito, irmão caríssimo, que, depois de ter sido feito falso bispo pelos hereges, ele já foi abandonado por quase todos. Pois aqueles ante os quais, no passado, se estendiam ilusões e se proferiam palavras falazes, dizendo-se que haveriam de voltar juntos à Igreja, depois que viram que um falso bispo foi constituído, perceberam ter sido frustrados e enganados, e voltam agora, todos os dias, batendo à porta da Igreja, enquanto nós, por quem contas se hão de prestar ao Senhor,[293] avaliamos escrupulosamente e solicitamente examinamos quem deve ser recebido e admitido na Igreja.

15,2 Contra alguns depõem seus próprios crimes ou pesa a rejeição obstinada e firme de irmãos, segundo os quais eles não deveriam absolutamente ser recebidos ao representarem um escândalo e um perigo para muitos. Pois não se devem recolher por aí certas podridões para que seja corrompido o que está íntegro e sadio, nem é um pastor providente e ajuizado o que mistura ao rebanho ovelhas moribundas e infectadas para contaminar o rebanho todo pela moléstia de um mal que se lhe ajunta.

15,3 Oh, se pudesses, irmão caríssimo, estar aqui presente quando aqueles depravados e pervertidos voltassem do cisma: verias quanto trabalho me custa persuadir os nossos irmãos a usar de paciência, a consentir, uma vez apaziguado o ressentimento do espírito, em receber os maus e em prover à sua cura. Pois, assim como se regozijam e se alegram quando voltam os que se podem tolerar e são menos culpados, também, por outro lado, protestam e se opõem todas as vezes que os incorrigíveis, os insolentes, que se contaminaram por adultérios ou por sacrifícios e depois disso, ainda por cima, se mostraram soberbos, voltam para a Igreja, para corromper dentro dela as almas boas.[294] Mal consigo persuadir o povo a que aceite receber tais pessoas; na verdade, arranco-lhe praticamente o consentimento.

15,4 E mais justificado se mostrou o ressentimento da comunidade pelo fato de um ou outro dos que foram recebidos com uma reserva por parte do povo – que fora contrariada, todavia, por minha condescendência – chegar a tornar-se pior do que tinha sido antes, pois não conseguiu guardar fidelidade à penitência, uma vez que nem sequer tinha regressado com verdadeiro arrependimento.

16,1 Que direi, por outro lado, a respeito dos que agora navegaram a ti na companhia de Felicíssimo, réu de todos os crimes, como legados enviados pelo falso bispo Fortunato, levando-te cartas tão falsas como o seu próprio remetente, como sua consciência tortuosa de pecados, como sua vida execrável e torpe, de modo que, ainda que esses tais estivessem na Igreja, seria preciso lançá-los fora dela?

16,2 Em suma, porque conhecem a própria consciência e não ousam aproximar-se, abeirando-se do limiar da Igreja, mas de fora, vagam por toda a província a fim de seduzir e despojar os irmãos, tendo-se tornado já bem conhecidos e tendo sido expulsos por seus crimes de tudo que é lugar, para aí navegaram também, até vós. Eles não podem ter cara de se apresentar diante de nós, nem de permanecer em nosso meio por causa dos crimes gravíssimos e mui terríveis que lhes são imputados pelos irmãos.

16,3 Se quiserem submeter-se ao nosso juízo, que venham. Se tiverem alguma escusa ou defesa para seu proceder, vejamos o que pensam acerca de sua obrigação de reparar os seus pecados, que fruto de arrependimento trazem. Nem a Igreja aqui se fecha a quem quer que seja, nem o bispo se nega a receber alguém. Nossa paciência, nossa condescendência, nossa humanidade em relação aos que voltam estão à disposição. Desejo que todos voltem à Igreja, desejo que todos os nossos companheiros de armas estejam resguardados no interior do acampamento de Cristo, da residência de Deus Pai. Perdoo tudo e dissimulo muitas coisas, no esforço e no afã de recompor a comunidade. Nem mesmo aquilo que se cometeu contra Deus é por mim examinado com todo o critério exigido pela piedade. Eu mesmo quase chego a pecar por remeter pecados além do que convém. Abraço com uma dileção plena e bem-disposta os que regressam arrependidos e confessam seu pecado mediante humilde e singela reparação.

17,1 Se, porém, há quem pensa que pode voltar à Igreja não pelas preces, mas por força de ameaças, ou considera que se lhe abrirá o acesso não pelas

lamentações e obras de reparação que fizer, mas por suas intimidações, tenham por coisa certa que contra tais pessoas permanece fechada a Igreja do Senhor, e que o invencível e forte acampamento de Cristo, guarnecido pelo Senhor que o sustenta, não cede a ameaças. O sacerdote de Deus, que tem nas mãos o Evangelho e guarda os preceitos de Cristo, pode vir a ser morto, mas não pode ser vencido. Fornece-nos e ministra-nos exemplos de fé e de coragem o pontífice Zacarias que, não se deixando intimidar por ameaças e pela lapidação, foi morto no templo de Deus,[295] clamando e dizendo aquilo mesmo que clamamos e dizemos nós também contra os hereges: "Assim diz o Senhor [...]: já que abandonastes os caminhos do Senhor, ele vos abandonará".[296]

17,2 E se uns poucos temerários e ímprobos abandonam os celestes e salutares caminhos do Senhor e, por não fazerem o que é santo, são abandonados pelo Espírito Santo, não devemos esquecer, por isso, nós também, a divina tradição, a ponto de pensarmos que os crimes desses loucos são maiores que os juízos dos sacerdotes, ou de considerarmos que mais podem as tentativas humanas em seu intuito de atacar do que a proteção divina que triunfa ao defender.

18,1 Ou se há de rebaixar, irmão caríssimo, a dignidade da Igreja católica, a majestade fiel e incorrupta do povo que dentro dela se coloca, e ainda a autoridade e a potestade sacerdotal, a ponto de pessoas que estão fora da Igreja dizerem querer julgar acerca do prelado da Igreja, de hereges julgarem o bispo, de chagados julgarem a quem está sadio, de feridos julgarem a quem está íntegro, de caídos julgarem a quem está de pé, de réus julgarem o juiz, de sacrílegos julgarem o sacerdote? O que resta, senão que a Igreja dê lugar ao Capitólio, que, retirando-se os sacerdotes e removendo-se o altar do Senhor, passem os simulacros e os ídolos com seus altares a ocupar espaço no sagrado e venerado santuário do nosso clero, e se dê matéria mais abundante e copiosa a Novaciano para discursar contra nós e acusar-nos, uma vez que os que sacrificaram e negaram publicamente a Cristo não apenas são chamados e admitidos sem obras de penitência, mas chegaram até mesmo a dominar com o poder de sua intimidação?

18,2 Se suplicam a paz, deponham as armas; se reparam suas faltas, por que ameaçam? Ou, se fazem ameaças, saibam que não são temidos pelos sacerdotes de Deus. Com efeito, nem sequer o Anticristo, quando vier, há de entrar na Igreja por força de ameaça, e não se cederá às suas armas nem à

sua violência por ele anunciar que está para exterminar os que lhe opuserem resistência. Armam-nos os hereges quando pensam que nos aterrorizamos com sua ameaça, e não nos abatem em tempo de paz, mas nos erguem e inflamam ainda mais, ao fazerem com que, para os irmãos, a própria paz venha a ser pior do que a perseguição.

18,3 Desejamos, certamente, que não realizem por um crime o que dizem em seu furor, que os que pecam por palavras pérfidas e cruéis não delinquam também por obras. Oramos, elevando nossa súplica ao Deus que eles não deixam de provocar e de exacerbar, para que seus corações se abrandem, para que, deposto o furor, seus espíritos voltem à sanidade, para que peitos velados pelas trevas dos delitos reconheçam a luz e supliquem que sejam derramadas em favor deles as preces e as orações do pontífice, antes de derramar, eles próprios, o sangue do sacerdote.

Se, porém, permanecerem em seu furor, se em meio a essas suas insídias e ameaças parricidas perseverarem cruelmente, não há sacerdote de Deus que seja tão fraco, que esteja tão prostrado e abatido, tão incapacitado pela fragilidade da mediocridade humana, a ponto de não poder erguer-se por inspiração divina contra os inimigos e impugnadores de Deus, a ponto de que sua humildade e fraqueza não se animem pelo vigor e pela força do Senhor que o protege. Não nos importa por mãos de quem morremos ou em que circunstância, uma vez que havemos de receber do Senhor o prêmio da morte e do sangue. Deve-se chorar e lamentar a condição daqueles que o diabo cega de tal maneira que, sem pensar nos eternos suplícios da geena, procuram imitar a vinda do Anticristo que já se aproxima.

19,1 E ainda que eu saiba, irmão caríssimo, em nome da mútua dileção que nos devemos um ao outro e de que fazemos prova, que sempre lês as nossas cartas ao clero mui florescente que contigo aí preside e ao santíssimo e numerosíssimo povo, exorto agora e peço, todavia, que o que noutras vezes tens feito espontânea e honorificamente, também o faças a um pedido meu, a fim de que, uma vez lida esta minha epístola, se por aí se tiver introduzido furtivamente o contágio de uma palavra envenenada ou de uma pestífera semeadura, seja tudo isso extirpado dos ouvidos e do coração dos irmãos, e a íntegra e sincera dileção dos bons seja purificada de toda a sordidez da herética detração.

20,1 Afastem-se doravante os nossos diletíssimos irmãos, por sua vez, das

palavras e dos colóquios daqueles “cuja palavra é como a gangrena que corrói”,[297] evitando-os resolutamente, conforme diz o Apóstolo: “As más companhias corrompem os bons costumes”.[298] E também: “Depois da primeira e da segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um homem faccioso, pois é sabido que o homem assim se perverteu e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo”.[299] E o Espírito Santo fala ainda, por meio de Salomão: “O homem perverso” − diz − “produz a desgraça e leva nos lábios fogo abrasador”[300] e, do mesmo modo, admoesta de novo, dizendo: “Circunda com espinheiros as tuas orelhas, não dês ouvido a uma língua malvada”.[301] E ainda: “O mau fica atento à língua dos iníquos, o justo, porém, não dá atenção aos lábios mentirosos”.[302]

20,2 Por mais que eu saiba que a nossa comunidade, exortada aí por vossa providência e precavida também por sua própria vigilância, não pode ser atingida nem enganada pelos venenos dos hereges, e que tanto prevalecem em meio a ela os ensinamentos e preceitos divinos como é grande o temor de Deus que nela existe, todavia, por um excesso, persuadiu-nos a nossa solicitude, ou a nossa caridade, a escrever-vos essas coisas, a fim de que não se estabeleça relação alguma com esses tais, de que com os maus não se promova encontro algum, nem para fins de refeição comum, nem para simples conversação,[303] e estejamos tão separados deles como estão eles foragidos da Igreja, pois está escrito: “Se nem mesmo à Igreja der ouvido, trata-o como o gentio ou o publicano”.[304] E o bem-aventurado Apóstolo não apenas exorta, mas também ordena que se tome distância de tais pessoas: “Nós vos ordenamos, irmãos” − ele diz −, “em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos afasteis de todos os irmãos que levem vida desordenada e contrária à tradição que de nós receberam”.[305] Não pode haver, pois, sociedade alguma entre a fé e a perfídia. Quem não está com Cristo, quem é adversário de Cristo, quem é inimigo da sua unidade e da sua paz não pode estar em união conosco. Caso venham com súplicas e reparações, sejam ouvidos. Se lançarem maldições e ameaças, sejam rejeitados. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 60

Cipriano ao irmão Cornélio, saudação.

1,1 Tivemos notícias,[306] irmão caríssimo, dos gloriosos testemunhos de vossa fé e de vossa coragem, e soubemos com tanta exultação acerca da honra de vossa confissão[307] que também nos consideramos partícipes e companheiros de vossos méritos e louvores.[308] Pois, se em nós e na Igreja há um só modo de pensar e uma indivisa concórdia, qual é o sacerdote que não se rejubilaria com os louvores dados a seu irmão no sacerdócio, como o faria com os próprios? Ou que comunidade não se alegraria em todo lugar com o júbilo dos irmãos?

1,2 Não se pode expressar o suficiente como foram grandes por aqui a exultação e a alegria, quando fomos informados de vossas vitórias e de vossas demonstrações de força, de que por aí foste para os irmãos um guia no momento da confissão, mas que a confissão do guia foi acrescida pela conformidade de sentimentos por parte dos irmãos, de modo que, precedendo tu em direção à glória, fizeste muitos companheiros de glória e estimulaste o povo a tornar-se confessor, por estares preparado, antes que todos, a confessar em nome de todos. Não sabemos, portanto, o que elogiar primeiro em vós: se a tua fé decidida e estável, ou a inseparável caridade dos irmãos. Comprovou-se aí publicamente a coragem do bispo que tomou a frente, e mostrou-se a união da comunidade que o seguia. Já que entre vós só há um coração e uma só voz, toda a Igreja romana confessou.

2,1 Resplandeceu, irmão caríssimo, a fé que o bem-aventurado Apóstolo já tinha louvado em vós.[309] Já então ele previa em espírito esse louvor da coragem e essa firmeza do vigor, e atestando vossos méritos, com o pregão de realidades futuras, enquanto louvava os pais, estimulava os filhos. Por serdes assim unânimes, assim fortes, destes grandes exemplos de unanimidade e de fortaleza também aos outros irmãos. Ensinastes que se há de temer muito a Deus, unindo-nos firmemente a Cristo, que o povo há de unir-se aos sacerdotes em perigo, que, durante a perseguição, irmãos não se hão de separar de irmãos, que a concórdia em harmonia reunida não pode ser absolutamente vencida, que o Deus da paz concede aos pacíficos o que é pedido por todos eles em união.

2,2 Lançara-se o adversário a perturbar com violento terror o

acampamento de Cristo.[310] Mas foi repelido com o mesmo ímpeto com que viera, e quanto mais medo e mais terror ele trouxe, tanto mais fortaleza e mais vigor encontrou. Ele tinha pensado que podia abater de novo os servos de Deus e arruinar, da forma acostumada, pessoas inexperientes e rudes, como se fosse gente malpreparada e menos cautelosa. Ao dirigir a um só, primeiro, o seu ataque, ele tentara, como um lobo, separar a ovelha do rebanho; como um falcão, separar a pomba da revoada. Pois, aquele a quem faltam forças suficientes para atacar a todos trata de assediar a solidão de cada um.

2,3 Contido, porém, pela fé e pelo vigor de um exército reunido, ele percebeu que os soldados de Cristo já estão sóbrios a velar e permanecem de pé, preparados para combater; que não podem ser vencidos; que podem morrer, mas que, por isso mesmo, permanecem invictos, a saber, porque não temem a morte; que não revidam os ataques, visto que, para quem é inocente, não é lícito matar nem sequer quem faz o mal, mas que prontamente entregam tanto as almas como o sangue para, sendo tão grandes a malícia e a crueldade que operam no mundo, tomar distância o mais rapidamente possível dos maus e dos cruéis.

2,4 Que glorioso foi aquele espetáculo aos olhos de Deus! Qual não foi o gáudio de sua Igreja, na presença de seu Cristo, ao ver que ao combate que o inimigo tentara infligir não marchou um soldado de cada vez, mas o acampamento todo ao mesmo tempo! E consta que teriam vindo todos se o tivessem podido ouvir, pois todos os que ouviram acorreram pressurosos e vieram.

2,5 Quantos caídos foram aí reintegrados por uma gloriosa confissão! Ficaram firmes e, tendo-se tornado, pela própria dor da penitência, mais fortes para combater, a fim de que se visse que, embora tenham sido, há pouco, surpreendidos e tendo tremido pelo pavor de uma realidade nova e inesperada, depois voltaram a si e, recobrada uma fé verdadeira e reunidas as forças a partir do temor de Deus, foram robustecidos com constância e firmeza para toda a paciência e já não estão a esperar o perdão de um pecado, mas a coroa da paixão.

3,1 E o que dirá Novaciano de tudo isso, irmão caríssimo? Será que já depõe o seu erro? Ou então, pelo contrário, como é costume dos dementes, pelas boas e prósperas notícias de nossa parte terá sido ainda mais estimulado em

seu furor, e quanto mais e mais cresce entre nós a glória da fé e da dileção, tanto mais recrudesce entre os de sua facção a insânia da dissensão e da inveja? O miserável não cura a própria ferida, e fere ainda mais gravemente a si e aos seus, fazendo ressoar a sua língua para a perdição dos irmãos e arremessando os dardos de uma eloquência envenenada; tornado mais inflexível pela perversidade de uma filosofia secular, do que pacífico pela suavidade da sabedoria do Senhor; desertor da Igreja, inimigo da misericórdia, exterminador da penitência, doutor da soberba, corruptor da verdade, destruidor da caridade?

3,2 Já reconhece ele, por acaso, quem é o sacerdote de Deus, qual é a Igreja, a casa de Cristo,[311] quem são os servos de Deus que o diabo atormenta, quem são os cristãos que o Anticristo ataca? Não procura, com efeito, os que já derrotou; nem trata de derrubar aqueles que já tornou seus. O inimigo e adversário da Igreja despreza e deixa de lado, como cativos e vencidos, os que da Igreja ele afastou, tendo-os conduzido para fora dela, mas procura atacar aqueles em quem vê que Cristo habita.

4 Por mais que algum daqueles venha a ser preso, não é motivo de que se lisonjeie como se estivesse em condições de confessar o nome, pois quando gente assim é morta fora da Igreja, não se trata de coroa da fé, mas de castigo da perfídia, e não hão de habitar na casa de Deus entre os unânimes[312] os que vemos afastados, pelo furor da discórdia, da pacífica e divina casa.

5,1 Exortamos abertamente, irmão caríssimo, tanto quanto podemos, em nome da caridade mútua pela qual estamos unidos um ao outro, a que − porque somos instruídos pela providência do Senhor que nos admoesta e avisados pelos salutares conselhos da divina misericórdia com relação ao dia do nosso certame, da nossa luta, que já se aproxima − não deixemos de insistir, com todo o povo, nos jejuns, nas vigílias e nas orações. Entreguemo-nos aos gemidos assíduos e às súplicas frequentes. São essas, para nós, as armas celestes que fazem ficar de pé e perseverar com denodo. São essas as defesas espirituais, os dardos divinos que protegem.

5,2 Lembremo-nos um do outro, concordes e unânimes, e oremos sempre e de ambas as partes por nós, suavizando as tribulações e as angústias pela caridade mútua. E, caso algum de nós passe à frente do outro, graças à rapidez da divina clemência, que nossa dileção persevere diante do Senhor e

não cesse, ante a misericórdia do Pai, a oração pelos nossos irmãos e irmãs. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 61

Cipriano com seus colegas ao irmão Lúcio,[313] saudação.

1,1 Não faz muito tempo, irmão caríssimo, que nos congratulamos contigo[314] pelo fato de a mercê divina te ter constituído à frente da administração da sua Igreja com uma honra dupla, a saber, na condição de confessor e de sacerdote. Mas agora não nos congratulamos menos contigo, com teus companheiros e com toda a comunidade, uma vez que, com a mesma glória e os mesmos louvores que vos acompanham, a benigna e dadivosa proteção do Senhor vos fez retornar novamente aos que são seus.

1,2 Desse modo, restitui-se o pastor ao rebanho que se deve apascentar, o piloto à nau que se deve pilotar, o reitor ao povo que se deve reger, e manifesta-se que vosso afastamento foi tão divinamente disposto que não visava a que um bispo exilado e expulso viesse a faltar à Igreja, mas a que à Igreja ele retornasse ainda maior do que antes fora.

2,1 Tampouco foi menor a dignidade do martírio entre os três jovens[315] pelo fato de, evitada a morte, terem saído incólumes da fornalha ardente; por outro lado, Daniel, que não chegou a consumar o seu sacrifício, sobressaiu em seus louvores, pois quem fora lançado como presa aos leões[316] sobreviveu para a glória, protegido pelo Senhor. Entre os confessores de Cristo, os martírios diferidos não diminuem o mérito da confissão, mas mostram as maravilhas da divina proteção.

2,2 Vemos em vós representado o que aqueles fortes e ilustres jovens declararam na presença do rei, a saber, que estavam dispostos a arder entre as chamas para não terem de servir aos deuses dele, nem de adorar a imagem que ele fizera, mas que o Deus a quem adoravam − e que nós também adoramos − era poderoso para libertá-los da fornalha ardente, das

mãos do rei e dos presentes sofrimentos.[317] Defrontamo-nos agora com a realização disso na fidelidade da vossa confissão e na proteção do Senhor a vós dispensada, pois, quando estáveis preparados e prontos para sofrer todo e qualquer suplício, o Senhor, todavia, subtraiu-vos à pena e reservou-vos para a Igreja.

2,3 Ao voltardes, não foi menoscabada no bispo a dignidade da sua confissão, mas cresceu ainda mais a autoridade sacerdotal, a ponto de, junto ao altar de Deus, estar um pontífice que não exorta apenas com palavras o povo a tomar as armas da confissão e a fazer-se mártir, mas também com os gestos, e que, na iminência da vinda do Anticristo, prepara os soldados para a batalha não apenas com o incentivo da voz ou da palavra, mas com o exemplo da fé e da coragem.

3,1 Entendemos, irmão caríssimo, e podemos vislumbrar com toda a luz do nosso coração os santos e salutares desígnios da divina majestade: compreendemos a razão de ter havido aí, recentemente, uma repentina perseguição,[318] de se ter precipitado de repente o poder secular contra a Igreja de Cristo, contra o bispo Cornélio, bem-aventurado mártir, e contra todos vós. Isso tinha a finalidade de que o Senhor mostrasse, para confundir e deter os hereges, qual era a Igreja, quem era o seu único bispo, escolhido por ordem divina, quem eram os presbíteros, unidos ao bispo pela dignidade sacerdotal, quem era o congregado e verdadeiro povo de Cristo, unido pela caridade do rebanho do Senhor, quem eram os que o inimigo golpeava e, pelo contrário, quem eram os que o diabo poupava como gente sua.

3,2 Com efeito, o adversário de Cristo não persegue nem ataca senão o acampamento e os soldados de Cristo. Aos hereges, uma vez prostrados e feitos seus, ele despreza e deixa de lado, procurando abater os que vê estarem de pé.[319]

4,1 Quem dera pudéssemos, irmão caríssimo, estar aí agora, no vosso regresso, nós que vos amamos com uma caridade mútua, para que, presentes com os outros, experimentássemos a muito alegre satisfação da vossa chegada! Que exultação não terá sido a de todos os irmãos por aí, que concurso de povo e que abraços não se dava cada um dos que se encontravam? Mal se pode encontrar satisfação nos beijos dos que se abraçavam, mal os próprios rostos e os olhos do povo se podem saciar de

ver. Com o gáudio experimentado à vossa chegada, a comunidade começou a fazer ideia por aí de qual e de quanta alegria se há de seguir à vinda de Cristo, de cujo advento, porquanto logo se fará presente, como que uma imagem já se antecipou em vós, para que, assim como o seu precursor João, vindo antes dele, pregou que Cristo vinha,[320] fosse agora manifestado, ao regresso do bispo, confessor e sacerdote do Senhor, que o próprio Senhor também já volta.

4,2 Enviamos, portanto, esta carta, tanto eu como os meus colegas e toda a comunidade, como que fazendo as nossas vezes, irmão caríssimo, e fazendo-vos chegar, pela epístola, nosso regozijo, manifestamos os fiéis obséquios da caridade, sem cessar de dar aqui também graças a Deus Pai e ao Cristo, seu Filho e nosso Senhor, nos nossos sacrifícios e orações, nem de orar, igualmente, e suplicar que aquele que é perfeito e aperfeiçoa guarde e aperfeiçoe em vós a gloriosa coroa da vossa confissão. Pois ele, talvez, vos tenha chamado de volta para que a vossa glória não ficasse oculta, ao serem consumados fora os martírios da vossa confissão. De fato, a vítima que dá à comunidade um exemplo de coragem e de fé há de imolar-se na presença dos irmãos.[321] Desejamos, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 62

Cipriano aos irmãos Januário, Máximo, Próculo, Víctor, Modiano, Nemesiano, Nâmpulo e Honorato,[322] saudação.

1,1 Com muito grande lamento de nosso espírito e não sem lágrimas, lemos vossa carta, irmãos caríssimos, que nos enviastes como prova da solicitude da vossa dileção, acerca do cativeiro de nossos irmãos e irmãs.[323] Quem há, pois, que não se comova em casos assim, ou quem há que não tenha na conta de própria a dor de seu irmão, quando fala o apóstolo Paulo, dizendo: "Se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria"? [324] E noutra passagem: "Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco?".[325]

1,2 Por isso, agora, o cativeiro dos irmãos é tido também por nós na conta de nosso cativeiro, e a dor dos que se acham em perigo é considerada como nossa dor, uma vez que é único o corpo da nossa adunação, e não apenas a dileção, mas também a religião nos deve instigar e encorajar a redimir aqueles membros dos irmãos.

2,1 Pois, se o apóstolo Paulo, de novo, afirma: "Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?",[326] por mais que a caridade não nos impulsionasse a realizar essa obra pelos irmãos, há de considerar-se aqui, todavia, que são templos de Deus os que se encontram cativos e que não devemos tolerar, com tanta indiferença e negligência na dor, que templos de Deus permaneçam por longo tempo em cativeiro, mas, antes, empenhar-nos com todas as forças que pudermos e cuidar com toda a pressa de conquistar o favor do Cristo, Juiz e Senhor nosso Deus, com nossos atos de reverência.

2,2 Tendo dito, pois, o apóstolo Paulo: "Todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo",[327] em nossos irmãos cativos, Cristo há de ser contemplado e resgatado da ameaça do cativeiro, pois ele nos redimiu da ameaça da morte. Assim sendo, quem nos arrancou das fauces do diabo, e agora é o mesmo que habita e permanece em nós, seja arrancado também das mãos dos bárbaros. Seja redimido com uma quantia em dinheiro quem nos redimiu na cruz e com o seu sangue. Ele não permite, enquanto isso, que tais fatos ocorram senão para que seja provada a nossa fé, e para que cada um faça pelo outro o que quisera fizessem por si,[328] caso estivesse ele próprio cativo junto aos bárbaros.

2,3 Ora, quem é que, com algum sentimento de humanidade e instigado pela mútua dileção, caso seja um pai, não tem os que ali se encontram na conta de seus filhos? E, caso seja um marido, não pense que sua esposa está ali aprisionada, em meio ao sofrimento e com o senso da honra de seu vínculo matrimonial? Quão grande, por outro lado, é para todos nós a aflição e a dor experimentada ante o risco que ali correm as virgens; por elas, não se há de chorar apenas pela perda da liberdade, mas também pela perda de sua dignidade, e não se hão de deplorar tanto os grilhões dos bárbaros como as desonras que tenham vindo a sofrer por parte de rufiães e de prostitutas, ao temermos que membros a Cristo consagrados e devotados à eterna honra da continência, por uma virtude pudica, venham a ser maculados pelo contágio da luxúria de insolentes.[329]

3,1 Pensando aqui a nossa comunidade em tudo isso, de acordo com vossa carta, e refletindo com aflição, todos contribuíram prontamente, de bom grado e com largueza, com subsídios monetários em favor dos irmãos. Quem, por certo, esteve sempre disposto a fazer a obra de Deus, conforme a firmeza de sua fé, inflamou-se agora ainda mais a empreender essas salutares ações ante a contemplação de dor tão grande. Pois, se o Senhor diz no seu Evangelho: "Estive doente, e me visitastes",[330] como não há de dizer, oferecendo pelo nosso gesto uma recompensa maior: "Estive cativo, e me redimistes"? E, ainda, se ele diz: "Estive na prisão, e viestes ver-me", [331] quanto mais prêmio não havemos de receber do Senhor, chegado o seu dia, quando ele começar a dizer: "Estive na prisão do cativeiro", jazi encerrado e dominado pelos bárbaros, e daquele cárcere de escravidão me libertastes?

3,2 Em suma, nós vos damos as maiores graças por terdes querido fazer-nos partícipes da vossa solicitude e de tão boa e necessária ação, oferecendo-nos férteis campos em que pudéssemos lançar as sementes da nossa esperança e de que houvéssemos de esperar a colheita dos abundantíssimos frutos que provêm dessa obra celeste e salutar. Lançamos, por nossa parte, cem mil sestércios que foram recolhidos aqui na Igreja[332] que, por indulgência do Senhor, presidimos, através de uma cotização do clero e do povo estabelecido junto a nós, e de que fareis uso por aí, segundo a vossa diligência.

4,1 Desejamos, certamente, que doravante nada ocorra de tais coisas e que nossos irmãos, protegidos pela majestade do Senhor, sejam guardados incólumes de ameaças como essas. Se, porém, para sondar a caridade do nosso espírito e experimentar a fé de nosso peito, algo disso tornar a ocorrer, não hesiteis em no-lo anunciar por meio de cartas de vossa parte, tendo como coisa certa e sabendo que a nossa Igreja e toda a comunidade daqui oram com suas preces para que tais fatos não venham a ocorrer, mas que, se acontecerem, de bom grado e largamente, oferecem seu socorro.

4,2 Para que, por outro lado, tenhais em mente nas vossas orações os nossos irmãos e irmãs, que nessa ação tão necessária se empenharam prontamente e de bom grado, ajam sempre dessa maneira, e vós lhes retribuais por sua boa obra com o serviço de vossos sacrifícios e de vossas preces, acrescentei os nomes de cada um, mas também ajuntei os nomes dos nossos colegas e irmãos no sacerdócio que estavam presentes[333] e contribuíram com algo

como puderam quer em nome próprio, quer em nome de seus fiéis.[334] Além de nossa própria quantia, indiquei e escrevi também as pequenas somas deles. De todos eles, conforme a fé e a caridade o exigem, deveis recordar-vos nas vossas preces e orações. Desejamos, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem no Senhor e vos recordeis de nós.

Epístola 63

Cipriano ao irmão Cecílio,[335] saudação.

1,1 Por mais que eu saiba, irmão caríssimo, que muitos bispos, constituídos à frente das igrejas do Senhor, por divina mercê, em todo o mundo, guardam a regra da verdade evangélica e da tradição do Senhor, e que não se afastam, com uma instituição humana e nova, daquilo que o Cristo Mestre ordenou e realizou, porque há alguns, todavia, que, ou por ignorância, ou por ingenuidade, quando consagram o cálice do Senhor e o ministram ao povo, não fazem o que fez e ensinou nosso Deus e Senhor Jesus Cristo, Autor e Doutor desse sacrifício, considerei piedoso e necessário escrever-vos uma carta sobre o assunto,[336] a fim de que, se alguém estiver ainda preso por mencionado erro, uma vez que tenha vislumbrado a luz, volte à raiz e à origem da tradição do Senhor.

1,2 E não penses, irmão caríssimo, que ponhamos nós por escrito pensamentos nossos ou tão somente humanos, nem que tomemos audaciosamente tal tarefa sobre nós com uma vontade espontânea, quando consideramos sempre, com humilde e discreta moderação, o nosso limite. Quando, porém, algo é ordenado por inspiração e mandato de Deus, é necessário que um servo fiel obedeça a seu Senhor e seja escusado diante de todos, pois não toma arrogantemente para si tarefa alguma quem se vê compelido pelo temor de cometer uma ofensa ao Senhor, caso não faça o que se lhe ordena.

2,1 Deveis saber, por outro lado, que fomos admoestados a observar a tradição do Senhor no oferecimento do cálice, de modo a não fazermos

outra coisa a não ser o que o Senhor fez primeiro por nós, a saber, que se ofereça misturado com vinho o cálice que se oferece em sua comemoração. [337] Pois, tendo Cristo dito: “Eu sou a verdadeira videira”,[338] o sangue de Cristo não é, por certo, água, mas sim vinho.

2,2 E não se pode dizer que o sangue dele, pelo qual fomos redimidos e vivificados, está no cálice quando ao cálice falta o vinho,[339] que torna presente o sangue de Cristo, anunciado pelas figuras e pelos testemunhos de todas as Escrituras.

3 Encontramos, pois, já no Gênesis que Noé prefigurou esse mesmo sacramento, manifestando ali uma figura da paixão do Senhor, ao ter bebido vinho, ao ter-se embriagado, ao ter ficado nu em sua casa, ao ter-se deitado com as coxas à vista, ao ter sido percebida pelo filho do meio, e anunciada do lado de fora, aquela nudez do pai, coberta pelos outros dois filhos, ou seja, pelo mais velho e pelo mais novo,[340] além dos demais acontecimentos que não precisam ser mencionados, bastando aqui apenas que se retenha que Noé, ao mostrar um tipo da verdade futura, não bebeu água, mas vinho e, assim, manifestou uma imagem da paixão do Senhor.

4,1 Do mesmo modo, vemos no sacerdote Melquisedec uma imagem prefigurada do sacrifício do Senhor, conforme atesta a divina Escritura, ao dizer: “Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho; ele era sacerdote do Deus Altíssimo. Ele pronunciou esta bênção: ‘Bendito seja Abraão’ ”.[341] Que Melquisedec trouxesse em si uma figura de Cristo, o Espírito Santo o declara, nos Salmos, quando fala em nome do Pai, dirigindo-se ao Filho: “Antes da aurora, eu te gerei [...]. Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”.[342] Tal ordem é, sem dúvida, a que vem daquele sacrifício, derivando de que Melquisedec tenha sido sacerdote do Deus Altíssimo, de que tenha oferecido pão e vinho, e de que tenha abençoado Abraão. Ora, quem mais é sacerdote do Deus Altíssimo do que nosso Senhor Jesus Cristo, que ofereceu um sacrifício a Deus Pai, oferecendo o mesmo que Melquisedec oferecera, a saber, pão e vinho,[343] ou seja, o seu corpo e o seu sangue?

4,2 E aquela bênção dada em precedência a Abraão dizia respeito ao nosso povo,[344] porque, se Abraão creu em Deus e isso lhe foi tido em conta de justiça;[345] logo, todo aquele que crê em Deus e vive da fé é encontrado justo e mostra ter sido já, há bastante tempo, abençoado e justificado no fiel

Abraão, como o demonstra o apóstolo Paulo, dizendo: “Abraão creu em Deus e isto lhe foi levado em conta de justiça. Sabei, portanto, que os que são pela fé são filhos de Abraão. Prevendo que Deus justificaria os gentios pela fé, a Escritura prenunciou a Abraão esta boa-nova: Em ti serão abençoadas todas as nações. De modo que os que são pela fé são abençoados juntamente com Abraão, que teve fé”.[346] Daí que no Evangelho encontremos que das pedras se suscitam,[347] isto é, que dos pagãos se reúnem filhos a Abraão; e que, louvando o Senhor a Zaqueu, tenha tomado a palavra, dizendo: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão”.[348]

4,3 Para que, portanto, no Gênesis, a bênção a Abraão se pudesse celebrar de modo conveniente, por parte do sacerdote Melquisedec, precedeu-a a imagem do sacrifício, formada pelo pão e pelo vinho. Levando à perfeição essa realidade e cumprindo-a, o Senhor ofereceu o pão e o cálice misturado com vinho. Aquele que é a plenitude deu cumprimento à verdade da imagem prefigurada.

5,1 Mas também, por meio de Salomão, o Espírito Santo revela antecipadamente um tipo do sacrifício do Senhor, fazendo menção da hóstia imolada, tanto do pão, como do vinho, e ainda do altar e dos apóstolos. “A Sabedoria” − diz − “construiu a sua casa, talhando suas sete colunas. Abateu seus animais, misturou o vinho e pôs a mesa”.

5,2 “Enviou os seus servos para anunciar nos pontos que dominam a cidade: ‘Os ingênuos venham aqui. Quero falar aos sem juízo. Vinde comer do meu pão e beber do vinho que misturei’.”[349] Declara ter misturado o vinho, ou seja, prenuncia com voz profética o cálice do Senhor, em que se misturam água e vinho, para que ficasse claro que se realizou, na paixão do Senhor, o que fora anteriormente predito.

6,1 Na bênção dada a Judá, igualmente, o mesmo se significa, pois uma imagem de Cristo nela se dá também a conhecer, visto que deveria ser louvado e adorado por seus irmãos, que haviam de pesar sobre o dorso de inimigos que se retirariam e fugiriam as mesmas mãos com que tomou a cruz e venceu a morte, e que ele próprio é o leão da tribo de Judá, que se deita, dormindo, na paixão, para levantar-se depois e tornar-se a esperança das nações.[350] A isso, a divina Escritura acrescenta, dizendo: “Lavará sua roupa no vinho, seu manto no sangue das uvas”.[351] Quando, pois, se diz

“sangue das uvas”, que outra coisa se mostra a não ser que o vinho é o sangue do cálice do Senhor?

7,1 Outra vez, em Isaías, o Espírito Santo atesta isso mesmo acerca da paixão do Senhor, dizendo: “E por que essa cor vermelha do teu traje? Por que as tuas vestes se parecem com as de alguém que tenha pisado a uva no lagar?”[352] Porventura pode a água tornar avermelhado um traje, ou é água o que se pisa no lagar ou se espreme numa prensa? Faz-se aqui, portanto, menção do vinho, para que pelo vinho se entenda o sangue do Senhor e fosse, assim, apregoado pelo anúncio dos profetas o que seria depois manifestado, no cálice do Senhor.

7,2 A calcadura, a pressão do lagar, é mencionada aqui repetidamente também porque, assim como não se pode chegar a beber vinho se o cacho não for antes pisado e espremido, tampouco poderíamos nós chegar a beber o sangue de Cristo, a menos que Cristo fosse primeiro pisado e espremido, e bebesse em primeiro lugar o cálice com que daria de beber aos que creem.

8,1 Todas as vezes em que, por outro lado, somente a água é nomeada nas Sagradas Escrituras, é o batismo que se prega, como vemos que se dá a entender em Isaías. “Não fiqueis a lembrar” − diz − “coisas passadas, não vos preocupeis com acontecimentos antigos. Eis que vou fazer uma coisa nova, ela já vem despontando: não a percebeis? Com efeito, estabelecerei um caminho no deserto, e rios em lugares ermos... a fim de dar de beber ao meu povo, o meu eleito. O povo que formei para mim proclamará o meu poder”.[353] Deus prenunciou aí pelo profeta que, junto aos pagãos, em lugares que antes foram desertos, jorrariam doravante rios, que dariam então de beber ao povo eleito de Deus, ou seja, aos que se tivessem feito filhos de Deus pela regeneração do batismo.

8,2 Do mesmo modo, foi já prognosticado e profetizado que os judeus, caso tivessem sede e procurassem o Cristo, haveriam de beber junto conosco, ou seja, haveriam de alcançar a graça do batismo. “Se tiverem sede” − diz − “pelo deserto, ele fará brotar água da rocha para seu uso, fender-se-á a rocha e a água jorrará”.[354] E isso se cumpre no Evangelho, quando Cristo, que é a rocha,[355] é fendido pelo golpe da lança na paixão.[356]

8,3 E ele, que admoesta também conforme o que fora predito pelo profeta, clama, dizendo: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba, aquele que crê

em mim! Conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva".[357] Para que ficasse ainda mais claro que o Senhor fala ali não do cálice, mas do batismo, a Escritura acrescentou: "Ele falou do Espírito que deviam receber aqueles que tinham crido nele".[358] Ora, pelo batismo é que se recebe o Espírito Santo e assim, uma vez que se é batizado e se recebe o Espírito Santo, chega-se a beber o cálice do Senhor.

8,4 Que ninguém, por outro lado, se inquiete pelo fato de a Escritura divina dizer, quando fala do batismo, que nós temos sede e bebemos, se até mesmo o Senhor, no Evangelho, afirma: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça",[359] pois aquilo que se toma com um desejo ávido e sedento mais plena e abundantemente se haure. Assim como, noutra passagem, o Senhor fala à mulher samaritana, dizendo: "Todo aquele que beber desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede".[360] Por essas mesmas palavras se significa o batismo da água salutar, que é recebido uma só vez e não se reitera; ao passo que o cálice do Senhor é sempre intensamente desejado e sempre bebido na Igreja.

9,1 Não há necessidade de vários argumentos, irmão caríssimo, para demonstrarmos que, pela referência à água, o batismo é sempre significado e como tal nós devemos entendê-la, pois, quando o Senhor veio ao mundo, manifestou a verdade do batismo e do cálice, tendo mandado que no batismo se desse aquela água fiel, aquela água da vida eterna, aos que cressem e tendo, por outro lado, ensinado, pelo exemplo do seu magistério, que o cálice deveria ser misturado pela união do vinho e da água.

9,2 Com efeito, na véspera da paixão, tomando o cálice, abençoou-o e o deu a seus discípulos, dizendo: "Bebei dele todos, pois isto é o sangue da Aliança, que será derramado por muitos para remissão dos pecados. Eu vos digo: desde agora não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que convosco beberei o vinho novo no Reino do meu Pai".[361] Encontramos nessa passagem que o cálice oferecido pelo Senhor fora misturado, e que fora vinho o que ele disse ser seu sangue.

9,3 É claro, a partir daí, que não se oferece o sangue de Cristo caso falte vinho ao cálice, nem se celebra o sacrifício do Senhor com uma legítima santificação, caso a nossa oblação e o nosso sacrifício não correspondam ao que sucedeu na paixão. Como, pois, beberemos com Cristo o vinho novo do fruto da videira no Reino do Pai, se não oferecemos vinho no sacrifício de

Deus Pai e de Cristo, nem misturamos o cálice do Senhor segundo a tradição que ele nos deixou?

10,1 Igualmente, o bem-aventurado apóstolo Paulo, que foi escolhido e enviado pelo Senhor e constituído pregador da verdade evangélica, afirma essas mesmas realidades em sua epístola, dizendo: "Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: 'Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim'. Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: 'Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim'. Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha".[362]

10,2 Se, portanto, tal prática é ordenada pelo Senhor e o mesmo se confirma e transmite por seu Apóstolo, a saber, que todas as vezes que bebermos, nós façamos em memória do Senhor o mesmo que o próprio Senhor também fez, concluímos que não será observado por nós o que foi mandado, a menos que façamos, igualmente, as mesmas coisas que o Senhor fez, e misturando, por igual motivo, o cálice, não nos afastemos do magistério do Senhor.

10,3 Além disso, que não devamos, em absoluto, afastar-nos dos preceitos evangélicos, e que aquilo mesmo que o Mestre ensinou e fez haja de ser, outrossim, observado e praticado pelos discípulos são coisas que, noutra passagem, o bem-aventurado Apóstolo ensina de modo ainda mais claro e premente, dizendo: "Admiro-me que tão depressa abandoneis aquele que vos chamou pela graça de Cristo, e passeis a outro Evangelho. Não que haja outro, mas há alguns que vos estão perturbando e querendo corromper o Evangelho de Cristo. Entretanto, se alguém − ainda que nós mesmos ou um anjo do céu − vos anunciar um Evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema. Como já vo-lo dissemos, volto a dizê-lo agora: se alguém vos anunciar um Evangelho diferente do que recebestes, seja anátema".[363]

11,1 Como, portanto, nem o próprio Apóstolo, nem um anjo do céu podem anunciar ou ensinar coisa diferente daquilo que o Cristo ensinou uma única vez e seus apóstolos anunciaram, eu fico bastante curioso por saber a partir de quando se usurpou a prática, contrária à disciplina evangélica e apostólica, de que nalguns lugares se ofereça água no cálice do Senhor, haja vista que a água sozinha não pode tornar presente o sangue de Cristo.

11,2 E o Espírito Santo tampouco cala, nos Salmos, o mistério dessa realidade, ao fazer menção do cálice do Senhor, dizendo: “Teu cálice inebriante, de todo excelente”.[364] Ora, o cálice que inebria foi, sem dúvida, misturado com vinho, pois a água não pode inebriar quem quer que seja.

11,3 E ainda, de tal maneira inebria o cálice do Senhor que, no Gênesis, também Noé se embriagou ao beber vinho.[365] Mas porque a embriaguez do cálice e do sangue do Senhor não se compara à embriaguez do vinho mundano, quando o Espírito Santo disse no salmo: “Teu cálice inebriante”, logo acrescentou “de todo excelente”. Pois o cálice do Senhor inebria de tal maneira os que o bebem que os torna sóbrios, que reconduz as mentes à sabedoria espiritual, de modo que cada um volte a si, afastando-se desse sabor secular, e se oriente ao conhecimento de Deus. Assim como, com esse vinho comum, a mente se dissipa, a alma se relaxa e toda tristeza se abandona, também quando se beber o sangue do Senhor, o cálice salutar, que se abandone a memória do homem velho, que se promova o esquecimento da anterior forma de vida mundana,[366] e o peito, melancólico e triste por ter estado antes oprimido por pecados que o sufocavam, distenda-se com a alegria da divina indulgência. Esse cálice só pode então alegrar a quem o bebe na Igreja do Senhor, se aquilo que se bebe conserva a verdade da sua instituição.

12,1 Quão perverso e quão oposto é que, enquanto o Senhor fez da água vinho naquelas bodas,[367] façamos nós do vinho água, quando o mistério daquela realidade nos deve admoestar e instruir, a fim de que, nos sacrifícios do Senhor, ofereçamos, pelo contrário, vinho! Com efeito, quando entre os judeus começava a faltar a graça espiritual, faltou também o vinho: “A vinha do Senhor dos Exércitos era a casa de Israel”.[368]

12,2 Cristo, porém, ensinando e mostrando que o povo dos gentios seria, também ele, exaltado, e nós chegaríamos depois, por merecimento da fé, ao lugar que os judeus tinham perdido, fez da água vinho, isto é, mostrou que, uma vez que se afastavam os judeus, o povo dos gentios seria o que mais confluiria e se congregaria para as núpcias de Cristo e da Igreja. Que as águas signifiquem, pois, os povos, a Escritura divina o declara no Apocalipse, dizendo: “As águas que viste, sobre as quais a Prostituta está sentada, são povos e multidões, nações e línguas”.[369] Coisa que vemos, certamente, contida no mistério do cálice.

13,1 Como, pois, a todos nos carregava Cristo, que carregava, também, os nossos pecados,[370] vemos que, na imagem da água, se dá a entender o povo e, por sua vez, na do vinho, se mostra o sangue de Cristo. Quando, então, no cálice, a água é misturada ao vinho, o povo se une a Cristo, e a multidão dos crentes se associa e se põe junto àquele em quem creu.

13,2 Tal associação, tal conjunção da água e do vinho, de tal modo se mistura no cálice do Senhor que aquela mescla não se pode mais desfazer pela separação mútua de seus elementos.[371] Por isso, a Igreja, ou seja, o povo constituído fiel e firmemente na Igreja e perseverante naquilo em que crê, jamais poderá ser separada de Cristo a ponto de que não persista sempre e permaneça entre ambos uma indivisível dileção.

13,3 Destarte, ao consagrar-se o cálice do Senhor, não se pode oferecer apenas água, assim como não se pode oferecer, tampouco, vinho puro. Pois, se alguém oferece apenas vinho, o sangue de Cristo começa a existir ali sem nós. Se, por outro lado, a água estiver sozinha, o povo começa a estar ali sem Cristo. Quando, pois, ambos os elementos se misturam e unem-se um ao outro numa união tal que chegam a confundir-se, cumpre-se então o mistério celeste e espiritual.

13,4 O cálice do Senhor não é, pois, água pura nem vinho puro, senão ambos os elementos misturados entre si, assim como o corpo do Senhor não pode ser farinha pura nem água pura, se ambos os elementos não forem agregados, reunidos e consolidados na massa de um único pão.[372]

13,5 Por esse mesmo mistério, mostra-se o nosso povo congregado, pois, assim como muitos grãos reunidos, moídos e misturados fazem um único pão, também em Cristo, que é o pão celeste,[373] devemos saber que não há senão um só corpo, ao qual se uniu e associou a nossa multidão.[374]

14,1 E, portanto, irmão caríssimo, não há motivo para que alguém pense que se haja de seguir o costume de certas pessoas que, no passado, pensaram que apenas água se deveria oferecer no cálice do Senhor. Esses tais têm de procurar saber a quem seguiram. Pois, no sacrifício que Cristo ofereceu, não se há de seguir a não ser a Cristo e, é claro, convém que observemos e façamos o que Cristo fez e mandou que se fizesse, quando ele próprio disse no Evangelho: “Se praticais o que vos mando, já não vos chamo servos [...], mas eu vos chamo amigos”.[375] E que se deva ouvir

apenas a Cristo é coisa que o Pai dos céus atesta, dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo, ouvi-o!”.[376]

14,2 E se somente Cristo há de ser ouvido, não devemos dar atenção ao que alguém antes de nós pensou que se deveria fazer, mas àquilo que Cristo, que existe antes de todos, fez em primeiro lugar. Não convém, pois, seguir um costume de homem, mas a verdade de Deus, quando, por meio do profeta Isaías, Deus fala: “Sem motivo me prestam culto os que ensinam mandamentos humanos, coisas aprendidas de homens”;[377] e o Senhor retoma, uma segunda vez, essa mesma censura no Evangelho, dizendo: “Sabeis muito bem desprezar o mandamento de Deus para observar a vossa tradição”,[378] mas ainda, noutra passagem, assevera: “Aquele que violar um só desses menores mandamentos e ensinar os homens a fazerem o mesmo será chamado o menor no Reino dos Céus”.[379]

14,3 Ora, se não é permitido violar nem sequer um só dos menores mandamentos do Senhor, quanto menos lícito será infringir mandamentos tão grandes, tão sublimes, tão concernentes ao próprio mistério da paixão do Senhor e da nossa redenção, ou mudá-los, por humana tradição, em algo diferente do que foi divinamente instituído?

14,4 Pois, se nosso Deus e Senhor Jesus Cristo é, ele próprio, o sumo sacerdote de Deus Pai, se ele se ofereceu a si mesmo ao Pai, em primeiro lugar, como sacrifício e mandou que isso fosse feito em sua memória,[380] faz verdadeiramente, sem dúvida, as vezes de Cristo, aquele sacerdote que imita o que Cristo fez; e ele não oferece a Deus Pai um sacrifício verdadeiro e pleno a menos que se ponha a oferecê-lo de acordo a como vê que o próprio Cristo ofereceu.

15,1 De resto, subverte-se a disciplina de toda a religião e da verdade se não se observa fielmente o que espiritualmente se prescreve, a menos que alguém, por ocasião dos sacrifícios matutinos, tenha receio de, pelo aroma do vinho, exalar o sangue de Cristo.[381] É assim, portanto, que a comunidade começa a perder o seu fervor ante a paixão de Cristo nas perseguições, na medida em que aprende, nas oblações, a envergonhar-se do seu sangue derramado.

15,2 Além disso, diz o Senhor no Evangelho: “Aquele que se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará

dele”,[382] e o Apóstolo também fala: “Se eu quisesse agradar aos homens, não seria servo de Cristo”.[383] Como podemos, então, derramar o sangue por Cristo se nos envergonhamos de beber o sangue de Cristo?

16,1 Será que alguém se deixa atrair pela observação: ainda que de manhã se pareça oferecer apenas água, quando vimos à hora da ceia, todavia, oferecemos o cálice misturado? Quando ceamos, porém, não podemos convocar o povo ao nosso convívio para celebrarmos a verdade do sacramento na presença de toda a comunidade.

16,2 Ora, com efeito, não foi de manhã, mas depois de cear, que o Senhor ofereceu o cálice misturado. E por acaso devemos celebrar o [sacrifício] do Senhor depois da ceia para, deste modo, oferecer o cálice misturado aos que comparecem ao sacrifício? Convinha que Cristo o oferecesse por volta do fim do dia,[384] para que se mostrasse, pela própria hora do sacrifício, o ocaso e o fim do mundo, assim como está escrito no Êxodo: “E toda a assembleia da comunidade de Israel o imolará ao crepúsculo”.[385] E ainda nos Salmos: “Minhas mãos erguidas como oferta vespertina”.[386] Nós, porém, celebramos de manhã a ressurreição do Senhor.

17,1 E porque fazemos menção da sua paixão em todos os sacrifícios, pois a paixão do Senhor é o sacrifício que oferecemos, não devemos fazer nada além do que ele fez. De fato, a Escritura diz que todas as vezes que oferecemos o cálice em memória do Senhor e da sua paixão,[387] devemos fazer o que consta ter feito o Senhor.

17,2 Arranje-se lá, irmão caríssimo, algum dos nossos predecessores, se, quer por ignorância, quer por ingenuidade, não observou nem reteve o que o Senhor, com seu exemplo e magistério, nos ensinou a fazer; o perdão se pode conceder à sua ingenuidade da parte da indulgência do Senhor. A nós, contudo, não se poderá perdoar, uma vez que, agora, fomos admoestados e instruídos pelo Senhor a oferecer o cálice do Senhor misturado com vinho, conforme o Senhor ofereceu,[388] bem como a endereçar cartas a esse respeito também aos nossos colegas, a fim de que a lei evangélica e a tradição do Senhor sejam em toda parte observadas e não se tome distância daquilo que o Cristo ensinou e fez.

18,1 Desprezar doravante essas recomendações e perseverar no erro de outrora não será senão incorrer na censura do Senhor que increpa no

salmo, dizendo: “Que te adianta recitar meus preceitos e ter minha aliança na boca, uma vez que detestas a disciplina e rejeitas as minhas palavras? Se vês um ladrão, tu corres com ele, e junto aos adúlteros tens a tua parte”. [389] Na verdade, expor os preceitos do Senhor e a sua Aliança, e não fazer o mesmo que o Senhor fez, que outra coisa é senão lançar à terra as suas palavras e desprezar a disciplina do Senhor, cometer furtos e adultérios não terrenos, mas espirituais? Pois quem rouba da verdade evangélica as palavras e os gestos do Senhor corrompe e adultera os preceitos divinos.

18,2 Tal como, em Jeremias, está escrito: “Que tem” − diz − “a palha em comum com o grão? [...] Por isso, eis que estou contra os profetas − oráculo do Senhor − que roubam um do outro a minha palavra [...] e seduzem o meu povo com suas mentiras e com seus enganos”;[390] e ainda noutra passagem do mesmo profeta: “Ela cometeu adultério” − diz − “com a pedra e com a madeira. Apesar de tudo isso, não voltou a mim”.[391] Para que esse furto e esse adultério não venham a cair também sobre nós, devemos acautelar-nos solícita e humildemente, observando piedosamente o que se nos ordena.

18,3 Pois, se somos sacerdotes de Deus e de Cristo, não encontro a quem mais devamos seguir a não ser Deus e Cristo, uma vez que ele próprio diz no Evangelho: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida”.[392] Para não andarmos, portanto, nas trevas, devemos seguir a Cristo e observar os seus preceitos, pois ele próprio, noutra passagem, ao enviar os apóstolos, disse: “Toda a autoridade sobre o céu e sobre a terra me foi entregue. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei”.[393]

18,4 Se quisermos, então, caminhar na luz de Cristo, não nos afastemos de seus preceitos e de suas admoestações, dando graças porque, enquanto ele instrui acerca do que devemos fazer no futuro, perdoa aquilo em que, no passado, erramos por ingenuidade. E porque a segunda vinda dele já está próxima de nós, sua clemência benigna e generosa ilumina cada vez mais os nossos corações com a luz da verdade.

19 Convém, pois, à nossa piedade, ao nosso temor e à nossa própria condição e ofício sacerdotal, irmão caríssimo, guardar a verdade da tradição do Senhor ao misturarmos e oferecermos o seu cálice e corrigir, por admoestação do Senhor, o que anteriormente parece ter sido feito por

alguns de forma errada, para que ele, quando começar a vir em sua glória e majestade celeste, encontre-nos guardando o que nos ordenou, observando o que nos ensinou e fazendo o que fez. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 64

Cipriano e outros colegas que, em número de sessenta e seis, estiveram reunidos em concílio,[394] ao irmão Fido,[395] saudação.

1,1 Lemos tua carta,[396] irmão caríssimo, em que nos escreveste acerca de Víctor,[397] outrora presbítero, pelo fato de nosso colega Terápio[398] lhe ter dado temerariamente a paz, cedo demais e com uma afobada pressa, antes que ele fizesse uma penitência completa e oferecesse reparação ao Senhor Deus contra quem delinquira. Essa situação tocou-nos bastante, visto que se tomou distância da autoridade da nossa disposição, pois, antes de completar-se o tempo legítimo de satisfação, sem que o povo tomasse conhecimento disso ou o pedisse, sem qualquer enfermidade urgente ou necessidade que o obrigasse, a paz lhe foi concedida.[399]

1,2 Tendo deliberado entre nós, pareceu-nos suficiente repreender o nosso colega Terápio por ter agido de modo temerário, instruindo-o a não fazer mais isso daqui para a frente. Não pensamos, todavia, que se devesse revogar a paz, dada uma vez, de uma maneira ou de outra, por um sacerdote; por isso, permitimos que Víctor gozasse da comunhão que lhe fora concedida.

2,1 No que concerne à causa das crianças, disseste não convir que sejam batizadas no segundo ou no terceiro dia de nascidas, pois se havia de considerar a lei da antiga circuncisão, de modo que não pensavas que se devesse batizar e santificar o que nasceu, senão no oitavo dia.[400] Em nossa assembleia, pareceu-nos mui diferentemente. Ninguém concordou que se devesse proceder como pensavas, mas, antes, todos nós consideramos que a homem algum, uma vez nascido, se há de negar a misericórdia nem a

graça de Deus.[401]

2,2 Pois, tendo o Senhor dito em seu Evangelho: “O Filho do Homem não veio para perder as vidas dos homens, mas para salvá-las”,[402] no que depender de nós, se possível, alma alguma se há de perder. Ora, o que falta àquele que foi formado uma vez no útero pelas mãos de Deus? Aos nossos olhos, os que nasceram parecem receber um incremento conforme o curso dos dias do mundo. De resto, todas as coisas feitas por Deus são perfeitas em decorrência da majestade e da obra do Deus que as fez.

3,1 Em suma, declara-nos a fé da divina Escritura que existe uma única igualdade do dom divino em todos, quer crianças, quer adultos, quando Eliseu estendeu-se, suplicando a Deus, sobre o filho pequeno da viúva, que jazia morto, pondo a cabeça sobre a cabeça dele e o rosto sobre o seu rosto, de modo que os membros de Eliseu deitado se unissem a cada um dos membros do pequeno, e seus pés aos pés dele.[403]

3,2 Se pensarmos segundo as características da nossa natureza e do nosso corpo, uma criança não poderia igualar-se a uma pessoa adulta e mais idosa, nem membros pequenos poderiam unir-se a maiores, adaptando-se suficientemente a eles. Mas ali se exprime uma igualdade divina e espiritual, pois todos os homens são iguais e se equiparam, uma vez feitos por Deus, e nossa idade pode conhecer uma distinção nos incrementos dos corpos, segundo o mundo, não segundo Deus. A menos que se conceda que a própria graça dada aos batizados seria menor ou maior de acordo com a idade dos que a recebem, quando, na verdade, o Espírito Santo é oferecido por igual a todos,[404] não com certa medida, mas com uma piedade e indulgência paternal. Pois Deus, como não faz acepção de pessoas,[405] tampouco faz de idades, oferecendo-se a todos como Pai, em equilibrada igualdade, para que consigam a graça celeste.

4,1 Com relação ao que disseste, a saber, que o pé de uma criança, nos primeiros dias após o parto, não está limpo, o que causa em qualquer um de nós até mesmo certa aversão a beijá-lo, não pensamos que convenha fazer disso um impedimento a que se lhe dê a graça celeste. Está escrito, pois: “Para os puros, todas as coisas são puras”.[406]

4,2 Nem há de causar aversão em nós o que Deus se dignou fazer. Ainda, portanto, que uma criança seja recém-nascida, não é o caso de que alguém

tenha aversão a beijá-la no momento em que se lhe dá a graça, em que se lhe concede a paz, quando, ao beijar a criança, cada um de nós deve considerar, conforme a sua fé, as mãos de Deus que recentemente a formaram e que, de algum modo, beijamos num homem há pouco formado e recém-nascido, ao abraçarmos o que Deus fez.

4,3 Quanto ao fato de que, na carnal circuncisão judaica, se observava o oitavo dia, trata-se de um mistério prefigurado, em meio à sombra e em figura, mas que foi realizado na verdade uma vez que Cristo veio. Pois, como o oitavo dia, isto é, o primeiro após o sábado, havia de ser o dia em que o Senhor ressurgiria[407] e nos vivificaria, outorgando-nos a circuncisão espiritual, esse dia oitavo, isto é, o primeiro após o sábado, o dia do Senhor, precedeu em imagem. Tal imagem cessou, ao sobrevir, mais tarde, a verdade e ao ser-nos dada a circuncisão espiritual.

5,1 Por essa razão, pensamos que ninguém deva ser impedido de obter a graça, uma vez que essa lei já se encontra estabelecida e que a circuncisão espiritual não deve ser impedida pela circuncisão carnal, mas que todos devem ser admitidos à graça de Cristo, quando o próprio Pedro, nos Atos dos Apóstolos, assevera: "O Senhor acaba de mostrar-me que a nenhum homem se deve chamar de profano ou impuro".[408]

5,2 De resto, se algo pudesse impedir os homens de obter a graça, com mais razão os pecados mais graves poderiam impedir os adultos e idosos, que há mais tempo nasceram. Por outro lado, se a remissão dos pecados é concedida a pessoas que cometeram delitos muito graves e muito pecaram anteriormente contra Deus, uma vez que chegam a crer, e se ninguém é excluído do batismo e da graça,[409] quanto menos se há de impedir uma criança que, recém-nascida, não tem pecado algum a não ser por ter contraído, ao nascer carnalmente segundo Adão, o contágio da morte antiga no princípio de sua geração,[410] e que, por isso mesmo, é capaz de receber a remissão dos pecados muito mais facilmente, já que se lhe remetem pecados alheios, e não próprios.[411]

6,1 Por tal razão, irmão caríssimo, foi esta a nossa sentença, definida em concílio: ninguém deve ser impedido por nós de ter acesso ao batismo e à graça de Deus, que é misericordioso, benigno e piedoso para com todos.

6,2 Aquilo que se há de observar e praticar com relação a todos, pensamos

que se deva observar, sobretudo, com relação às próprias crianças e aos recém-nascidos, a saber, merecem mais da nossa ajuda e da divina misericórdia os que, gemendo e chorando desde o primeiro e imediato instante de seu nascimento, outra coisa não fazem senão suplicá-las.[412] Desejamos, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 65

Cipriano ao irmão Epicteto e ao povo estabelecido em Assura,[413] saudação.

1,1 Comovi-me grave e dolorosamente, irmãos caríssimos, quando vim a saber que Fortunaciano, outrora bispo junto a vós, depois de uma penosa queda que levou à sua ruína, pretende agora agir como se estivesse íntegro, tendo chegado a reivindicar para si o episcopado.

1,2 Essa situação contristou-me, em primeiro lugar, por causa dele próprio que, miserável, está completamente cego pelas trevas do diabo, ou então iludido pela sacrílega persuasão de alguns, e enquanto deve reparar o seu pecado e aplicar-se dia e noite às lágrimas, às orações e às preces para suplicar ao Senhor, ousa reivindicar para si até mesmo o sacerdócio que traiu, como se, depois das aras do diabo, fosse lícito aproximar-se do altar de Deus, ou como se não provocasse uma ira, uma indignação ainda maior do Senhor contra si mesmo no dia do juízo quem, não tendo podido ser guia de fé e de coragem para os irmãos, se apresenta agora como mestre da perfídia, da audácia e da temeridade; quem não ensinou os irmãos a permanecer de pé, firmes no combate, e ensina os que foram vencidos e estão prostrados a não suplicar, segundo o que diz o Senhor:

1,3 “Foi a elas que fizestes libações, que oferecestes oblações. Devo eu satisfazer-me com isso?”[414] E noutro lugar: “Quem sacrificar a outros deuses, fora o Senhor, será entregue ao anátema”.[415] De igual maneira, o Senhor fala mais uma vez, dizendo: “Adoram a obra das suas mãos, aquilo que os seus dedos fizeram. O homem se rebaixa, o varão se humilha: mas

não lhes perdoarei!”.[416] Também no Apocalipse, lemos acerca da ira do Senhor que ameaça e diz: “Se alguém adora a Besta e sua imagem, e recebe a marca na fronte ou na mão, esse também beberá o vinho do furor de Deus, preparado na taça de sua ira; será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos: os que adoram a Besta e a sua imagem, e quem quer que receba a marca do seu nome nunca têm descanso, dia e noite”.[417]

2,1 Uma vez que o Senhor ameaça com tais tormentos, com tais suplícios reservados para o dia do juízo os que obedecem ao diabo e sacrificam aos ídolos, como pensa que pode agir como sacerdote de Deus quem obedeceu e serviu aos sacerdotes do diabo? Ou como pensa que pode deslocar sua mão tornada cativa pelo sacrilégio e pelo crime ao sacrifício de Deus e à prece do Senhor, quando, nas divinas Escrituras, Deus impedia que sacerdotes incursos até mesmo no mais leve crime tivessem acesso ao sacrifício, ao dizer no Levítico: “Nenhum homem se aproximará para oferecer dons a Deus, se tiver algum defeito”?[418] Igualmente se lê no Êxodo: “Mesmo os sacerdotes que se aproximarem do Senhor devem santificar-se, para que o Senhor não os abandone”.[419] E ainda: “Os que se aproximam do altar do Santo não trarão delito consigo, para que não morram”.[420]

2,2 Os que carregaram sobre si pecados graves, portanto, isto é, os que, ao oferecerem aos ídolos, celebraram sacrifícios sacrílegos não podem reivindicar para si o sacerdócio de Deus nem fazer, em sua presença, prece alguma pelos irmãos, quando, no Evangelho, está escrito: “Deus não ouve os pecadores; mas, se alguém é religioso e faz a sua vontade, a este ele escuta”.[421] E os peitos de alguns se tornaram de tal modo cegos pela tão profunda escuridão das trevas que os cobrem, a ponto de não poderem perceber o menor raio dos salutares preceitos, que, tendo-se afastado da reta direção do caminho da verdade, são arrebatados pela noite e pelo erro de seus crimes, precipitando-se de cabeça no abismo.

3,1 E não admira que aqueles que negaram o Senhor refutem agora os nossos conselhos ou os preceitos do Senhor. Desejam esmolas, ofertas e lucros, aos quais se aplicavam antes insaciáveis; anelam agora também por ceias e banquetes, cujo persistente fastio, até bem pouco tempo, eructavam por dias em decorrência da indigestão,[422] demonstrando de modo muito claro que não serviram anteriormente à religião, e sim ao próprio ventre e ao lucro,[423] com cupidez profana.

3,2 Daí que possamos ver e crer que tal juízo lhes sobreveio por iniciativa de Deus, a fim de que não continuassem a estar junto ao altar, e o pudor não fosse mais tocado por impuros; a fé por pérfidos; a religião por profanos; realidades divinas por gente terrena; coisas santas por sacrílegos.

3,3 Deve-se velar com todas as forças para que esses tais não retornem outra vez para contaminação do altar e contágio dos irmãos, deve-se empregar todo o vigor, na medida de nossas possibilidades, para dissuadi-los da audácia de seu crime, de modo a não pretenderem mais desempenhar função sacerdotal os que, chegados que foram aos extremos da morte, ultrapassaram os leigos que tinham caído, ao se precipitarem pelo peso de uma ruína maior.

4,1 Se, porém, persistir entre os insanos essa insanável loucura e, ao afastar-se deles o Espírito Santo, continuar a noite da sua iniciada cegueira, nosso parecer é que se há de separar cada um dos irmãos da falácia deles e, a fim de que ninguém incorra nos laços do erro, apartá-los do seu contágio, pois a oblação não pode santificar-se ali onde o Espírito Santo não está, e o Senhor não se faz propício a quem quer que seja por meio das orações e das preces daquele mesmo que o ofendeu.[424]

4,2 Se, pois, Fortunaciano, por não se lembrar de seu crime graças à cegueira do diabo, ou por se ter tornado ministro e servo do diabo a fim de enganar a comunidade, perseverar na sua loucura, esforçai-vos quanto puderdes e resgatai do erro as mentes dos irmãos que se acham nessa obscuridade do enfurecido diabo: que não consintam facilmente na demência alheia, que não se façam partícipes dos delitos de desesperados, mas conservem, íntegros, a norma da sua salvação e o vigor perpétuo da integridade por eles conservada e custodiada.

5,1 Os que caíram, por sua vez, reconhecendo a magnitude de seu delito, não deixem de suplicar ao Senhor, nem abandonem a Igreja católica, que é uma só e foi pelo Senhor constituída, mas, perseverando nas satisfações e implorando a misericórdia do Senhor, batam à porta da Igreja[425] para que possam ser recebidos ali onde já estiveram e voltem a Cristo, de quem se afastaram. E não ouçam aqueles que os enganam com uma sedução falsa e mortal, pois está escrito: "Ninguém vos engane com palavras vãs, porque por essas coisas vem a ira de Deus sobre os desobedientes. Não vos torneis, pois, participantes das suas ações".[426] Ninguém ande, portanto, na

companhia de desobedientes, de gente que não teme a Deus e se afastou completamente da Igreja.

5,2 Se alguém se mostrar impaciente para suplicar ao Senhor que foi ofendido, e não quiser obedecer-nos, seguindo aqueles desesperados e perdidos, isso lhe será imputado quando vier o dia do juízo. Como poderá, com efeito, suplicar ao Senhor naquele dia quem negou, antes de tudo, a Cristo e, agora, também a Igreja de Cristo e, sem obedecer aos bispos sãos, íntegros e que vivem pela graça, se ofereceu como companheiro e partidário de gente que está à morte? Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 66

Cipriano, que também se chama Táscio, ao irmão Florêncio, que também se chama Pupiano,[427]saudação.

1,1 Eu tinha pensado, irmão, que já estarias por fim arrependido de, no passado, teres ouvido a nosso respeito coisas tão nefandas, tão torpes, tão execráveis até para pagãos, ou de teres acreditado nelas. Por outro lado, em tua carta, dou-me conta de que também agora és o mesmo que antes foras, de que pensas de nós as mesmas coisas, que persistes no que acreditaste. Para que, talvez, a dignidade da tua glória e do teu martírio não se macule pela comunhão conosco, investigas minuciosamente os nossos costumes e, depois do Deus Juiz, que constitui os sacerdotes, pretendes julgar, não digo a mim − afinal, que importância tenho eu? −, mas o juízo de Deus e de Cristo.

1,2 Isto significa não crer em Deus, ou seja, mostrar-se rebelde contra Cristo e contra o seu Evangelho, a saber, que, enquanto ele diz: "Não se vendem dois pássaros por um asse? E, no entanto, nenhum deles cai em terra sem o consentimento do vosso Pai",[428] e sua majestade e verdade provam que nem sequer as menores coisas se realizam sem o consentimento e a permissão de Deus, tu consideras que sacerdotes de Deus venham a ser

ordenados na Igreja sem o consentimento dele. Pois, o que significa crer que os ordenados são indignos e impuros, senão declarar que não é por desígnio de Deus nem pelo poder de Deus que os seus sacerdotes se constituem na Igreja?

2,1 Ou pensas que é maior o meu testemunho do que o testemunho de Deus a meu próprio respeito, quando o Senhor mesmo ensina e diz que um testemunho não é verdadeiro caso alguém se apresente como testemunha de si próprio, uma vez que cada um, por certo, se favorece e não traz a lume contra si coisas desabonadoras e adversas[429] e, por outro lado, é demonstração sincera de verdade, quando se fala de nós, que seja outro quem fale e testemunhe? "Se eu der" − diz − "testemunho de mim mesmo, meu testemunho não será verdadeiro; outro é que dá testemunho de mim, e sei que é verdadeiro o testemunho que presta de mim".[430]

2,2 Ora, se o próprio Senhor, que há de vir a julgar todas as criaturas, não quis que se acreditasse nele por força de seu testemunho, mas preferiu ser justificado pelo juízo e pelo testemunho de Deus Pai, quanto mais convirá que seus servos observem esse modo de proceder, dado que são não apenas justificados pelo juízo e pelo testemunho de Deus, mas são, até mesmo, glorificados? Prevaleceu, porém, em ti, contra o desígnio divino e contra a nossa consciência, sustentada pelas forças da sua fé, o comentário de gente inimiga e maligna, como se de gente caída, profana e colocada fora da Igreja, de gente de cujos peitos o Espírito Santo saiu, pudesse provir algo senão uma mente perversa, uma língua falaz, envenenados ódios e mentiras sacrílegas. É necessário que quem acredita em tais coisas seja encontrado em companhia de gente assim, quando vier o dia do juízo.

3,1 Com relação ao que disseste ainda, a saber, que os sacerdotes devem ser humildes, pois também o Senhor e seus apóstolos foram humildes,[431] [hás de saber que] todos os irmãos e até os pagãos conhecem perfeitamente e amam a minha humildade, como tu também a conhecias e amavas quando ainda estavas na Igreja e tinhas comunhão comigo.

3,2 Quem de nós está longe da humildade: por acaso eu, que sirvo diariamente aos irmãos e acolho benignamente a cada um dos que vêm à Igreja, com agrado e com alegria, ou tu, que te constituis bispo do bispo, juiz do juiz que foi por Deus temporariamente concedido, quando o Senhor Deus afirma no Deuteronômio: "O homem que agir com soberba, não

obedecendo ao sacerdote [...] nem ao juiz, tal homem deverá ser morto [...] e ouvindo, todo o povo temerá e nunca mais agirá impiamente”[432] e, noutra ocasião, fala a Samuel, dizendo: “Não é a ti que eles rejeitam, mas é a mim que eles rejeitam!”,[433] e quando o Senhor, ainda, no Evangelho − ao lhe terem dito: “Assim respondes ao sumo sacerdote?” −, observando e ensinando que convém respeitar a honra sacerdotal, nada falou contra o sumo sacerdote, mas respondeu, apenas mostrando a sua inocência: “Se falei mal, testemunha sobre o mal; mas, se falei bem, por que me bates?”. [434]

3,3 Do mesmo modo, o bem-aventurado Apóstolo, quando lhe foi dito: “Tu insultas o sumo sacerdote de Deus?”, nada falou de forma injuriosa contra o sacerdote, embora tivesse podido manifestar-se corajosamente contra aqueles que tinham crucificado a Deus e que tinham perdido já o Senhor, o Cristo, o templo e o sacerdócio. Pensando, porém, que havia, mesmo naqueles sacerdotes falsos e despojados, a sombra tênue do nome sacerdotal, ele disse: “Não sabia, irmãos, que este é o sumo sacerdote. Pois está escrito: ‘Não amaldiçoarás o chefe do teu povo’”.[435]

4,1 A menos que eu tenha sido para ti um sacerdote, antes da perseguição, quando comungavas comigo e, depois da perseguição, tenha deixado de sê-lo. Pois a perseguição, ao sobrevir, elevou-te à excelsa sublimidade do martírio, mas precipitou-me com a honorificência da proscrição, quando se lê publicamente: “Se alguém tiver em mãos ou possuir [algum d]os bens de Cecílio Cipriano, bispo dos cristãos [...]”,[436] a fim de que até quem não cria no Deus que constitui o bispo cresse ao menos no diabo que o proscreve.

4,2 E não me jacto dessas coisas, mas profiro-as dolorido, enquanto te fazes juiz de Deus e de Cristo, que diz aos apóstolos e, por isso, a todos os prelados que aos apóstolos sucedem com uma vicária ordenação: “Quem vos ouve, a mim ouve e àquele que me enviou; quem vos despreza, a mim despreza e àquele que me enviou”.[437]

5,1 É daí, portanto, que nasceram e despontam os cismas e as heresias: a partir do momento em que, com a soberba presunção de alguns, se despreza o bispo que é um só e que preside a Igreja,[438] e o homem honrado pela dignação de Deus é por homens julgado indigno. Ora, que tumor de soberba é esse? Que arrogância de espírito? Que inchaço de mente é convocar prelados e sacerdotes ao próprio juízo? E caso não sejamos considerados

inocentes diante de ti, nem venhamos a ser absolvidos por tua sentença, eis que então há seis anos que tampouco a comunidade conta com um bispo, o povo não dispõe de um prelado, a grei carece de pastor, a Igreja não possui um piloto, Cristo não tem um antístite, Deus está desprovido de sacerdote. [439]

5,2 Que venha Pupiano, que dite sua sentença e ratifique o julgamento de Deus e de Cristo: não seja que um tão grande número de fiéis que morreram sob o nosso cuidado pareça ter partido sem esperança de salvação e de paz; que o novo povo dos fiéis julgue não ter alcançado por nosso intermédio graça alguma do batismo e do Espírito Santo; que se anulem, com o juízo da tua autoridade, a paz e a comunhão concedidas, após exame de nossa parte, a tantos caídos e penitentes. Consente, alguma vez, digna-te pronunciar sentença a nosso respeito e confirmar o nosso episcopado com o vigor do teu juízo, para que Deus e seu Cristo possam dar-te graças, já que, por ti, ter-se-á restituído, igualmente, um antístite ao seu altar e um reitor ao povo.

6 As abelhas têm um rei, os rebanhos um guia a quem prestam fidelidade, os ladrões obedecem ao seu chefe com uma deferência cheia de humildade. Como são mais simples e melhores do que vós as brutas reses, os mudos animais e, até mesmo, os bandidos sanguinários e furiosos, que vivem entre espadas e armas! Entre estes se reconhece e se teme a quem preside, e que não foi constituído tal por divino desígnio, tendo-o consentido, porém, uma facção perdida, uma caterva de malfeitores.

7,1 Disseste, sem dúvida, que se haveria de tirar do teu espírito um escrúpulo em que tropeçaste. Tropeçaste, é verdade, mas devido à tua ímpia credulidade. Tropeçaste, mas por tua mente e vontade sacrílega, na medida em que ouves facilmente relatos imundos, ímpios e nefandos contra um irmão, contra um sacerdote, na medida em que acreditas neles de bom grado, em que defendes as mentiras alheias como se fossem próprias e particulares, e não recordas que está escrito: "Circunda com espinheiros as tuas orelhas, não dês ouvido a uma língua malvada".[440] E ainda: "O mau fica atento à língua dos iníquos, o justo, porém, não dá atenção aos lábios mentirosos".[441]

7,2 Por que não tropeçaram nesse escrúpulo os mártires, repletos do Espírito Santo e já próximos, pela sua paixão, à presença de Deus e de seu

Cristo, que, de seu cárcere, escreveram ao bispo Cipriano, reconhecendo o sacerdote de Deus e testemunhando em seu favor?[442]

7,3 Por que não tropeçaram nesse escrúpulo tantos irmãos no episcopado, colegas meus, que, ao se afastarem do nosso meio, foram proscritos, ou presos no cárcere e postos em grilhões, ou que, mandados ao exílio, caminharam para o Senhor através de gloriosa senda, ou ainda que, em certos lugares adversos, receberam da glorificação do Senhor as celestes coroas? Por que não tropeçaram nesse escrúpulo, dentre os membros desse nosso povo que está junto a nós e que a nós foi confiado por mercê divina, tantos confessores interrogados e torturados, tornando-se gloriosos pela memória de insignes feridas e cicatrizes, tantas íntegras virgens, tantas louváveis viúvas e, por fim, todas as igrejas que pelo mundo inteiro se acham ligadas a nós pelo vínculo da unidade?

7,4 A menos que todos esses que estão em comunhão comigo, de acordo com o que escreveste, tenham sido maculados por nossa maculada boca e tenham perdido, pelo contágio da nossa comunhão, a esperança da vida eterna. Só Pupiano, que não quis misturar-se a nós, permaneceu íntegro, inviolado, santo, pudico e habitará sozinho no paraíso e no Reino dos Céus.

8,1 Escreveste também que a Igreja tem, agora, uma porção sua que se dispersou por minha culpa, quando todo o povo da Igreja está congregado, reunido e agrupado conjuntamente em indivisa concórdia. Só ficaram de fora aqueles que, mesmo estando dentro, teriam de ser arrojados dela. O Senhor, protetor e tutor de seu povo, não tolera que o trigo seja arrebatado de sua eira,[443] mas só as palhas podem ser separadas da Igreja, pois também o Apóstolo afirma:

8,2 "E que acontece se alguns deles negaram a fé? A infidelidade deles não anulará a fidelidade de Deus? De modo algum! Confirma-se, pelo contrário, que Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso",[444] e o Senhor, igualmente, no Evangelho, na ocasião em que os discípulos o abandonavam por causa do que ele falava, voltando-se aos Doze, disse: "'Não quereis também vós partir?' Pedro respondeu-lhe: 'Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que és o Filho do Deus vivo' ".[445]

8,3 Ali fala Pedro, sobre quem fora edificada a Igreja,[446] ensinando em

nome dela e mostrando que, por mais que se afaste a contumaz e soberba multidão dos que não querem obedecer, a Igreja, contudo, não se afasta de Cristo: essa Igreja é o povo reunido ao sacerdote, o rebanho que adere ao seu pastor. Daí que devas saber que o bispo está na Igreja e a Igreja está no bispo, que, se alguém não estiver com o bispo, não estará na Igreja. Enganam-se inutilmente os que, sem ter comunhão com os sacerdotes de Deus, se insinuam e, às escondidas, creem estar em comunhão com certas pessoas, pois a Igreja, que é católica, é uma só e não está cindida nem dividida,[447] mas, por certo, conexa e reunida pelo liame dos sacerdotes mutuamente ligados entre si.

9,1 Por isso, irmão, se tiveres em mente a majestade de Deus, que ordena os sacerdotes de Cristo; se olhares ao menos uma vez para Cristo, que, segundo o seu arbítrio, o seu poder e a sua presença, governa os próprios prelados e, com os prelados, a Igreja; se acreditares no juízo divino acerca da inocência dos sacerdotes e não no que propala o humano ódio; se, ainda que tardiamente, começares a fazer penitência por tua temeridade, por tua soberba e por tua insolência; se prestares mui completa reparação ao Senhor e ao seu Cristo, a quem sirvo e a quem sem cessar ofereço sacrifícios, com pura e imaculada boca, quer em tempo de perseguição, quer em tempo de paz, poderemos ocupar-nos da tua comunhão, sempre, porém, permanecendo firmes entre nós o respeito e a reverência pelo divino juízo.

9,2 Consultarei, em primeiro lugar, a meu Senhor se permite, com algum sinal ou indicação de sua parte, que se te dê a paz e se te admita à comunhão da sua Igreja.

10,1 Lembro, com efeito, o que já me foi mostrado, aliás, o que foi mandado pela divina autoridade do Senhor ao servo que lhe obedece e o teme. Entre outras coisas que se dignou mostrar e revelar, ele acrescentou: “e assim, quem não crê no Cristo que institui o sacerdote virá a crer, depois, no Cristo que vinga o sacerdote”.

10,2 Embora eu saiba que sonhos parecem ridículos e visões inúteis aos olhos de certos homens, sobretudo aos olhos daqueles que preferem crer contra os sacerdotes a crer no sacerdote, nada disso, contudo, causa admiração, pois a respeito de José, seus irmãos disseram: “Eis que chega o sonhador! Vinde, matemo-lo”,[448] e, mais tarde, o sonhador obteve o que sonhara, ao passo que seus assassinos e vendedores ficaram confundidos, de

modo que os que antes não creram nas palavras viessem a crer, depois, nos fatos.

10,3 Acerca daquelas coisas que fizeste, quer em tempo de perseguição, quer em tempo de paz, seria loucura de minha parte querer julgar-te, uma vez que tu te erigiste em juiz nosso. Eu te respondi de acordo com a pura consciência do meu espírito e com a confiança [que tenho] no meu Senhor e Deus. Tens minha carta e eu tenho a tua. No dia do juízo, ambas se recitarão diante do tribunal de Cristo.

epístolas escritas entre o final de 254 e o outono de 256/257

Epístola 67

Cipriano, Cecílio, Primo, Policarpo, Nicomedes, Luciano, Sucesso, Sedato, Fortunato, Januário, Secundino, Pompônio, Honorato, Víctor,Aurélio, Sátio, Pedro, outro Januário, Saturnino, outro Aurélio, Venâncio, Quieto, Rogaciano, Tenaz, Félix, Fausto, Quinto, outro Saturnino, Lúcio, Vicente, Liboso, Gemínio, Marcelo, Jambo, Adélfio, Vitórico e Paulo,[1] ao presbítero Félix e aos povos estabelecidos em Leão e em Astorga e, igualmente, ao diácono Hélio e ao povo estabelecido em Mérida,[2] irmãos no Senhor, saudação.

1,1 Tendo-nos reunido, lemos a vossa carta,[3] irmãos caríssimos, que a nós enviastes por intermédio de Félix e de Sabino, irmãos nossos no episcopado, em nome da integridade de vossa fé e do temor de Deus de que estais imbuídos. Nela, vós nos dizeis não convir que Basílides e Marcial,[4] maculados juntos por libelos de idolatria e ligados pela consciência de crimes infames, exerçam o episcopado e administrem o sacerdócio de Deus, [5] e manifestais o desejo de que se vos responda quanto a isso e que se sustente a vossa justa e igualmente necessária solicitude com o consolo ou o auxílio da nossa sentença.

1,2 Mas a esse vosso desejo, respondem, pois, não tanto os nossos conselhos como os divinos preceitos, por meio dos quais, faz já bastante tempo, se determina com uma voz celeste e se prescreve com a lei de Deus como convém que sejam os que servem ao altar e celebram os sacrifícios divinos. No Êxodo, com efeito, Deus fala a Moisés e admoesta, dizendo: “Os sacerdotes que se aproximarem do Senhor devem santificar-se, para que o Senhor não os abandone”.[6] E ainda: “Os que se aproximam do altar do Santo não trarão delito consigo, para que não morram”.[7] Do mesmo

modo, no Levítico, o Senhor ordenou, dizendo: “Nenhum homem se aproximará para oferecer dons a Deus, se tiver algum defeito”.[8]

2,1 Uma vez que isso nos foi anunciado e mandado, é necessário que prestemos os nossos obséquios aos preceitos divinos, e que não se faça acepção de pessoas nessas coisas, nem a condescendência humana possa oferecer algo a quem quer que seja quando se interpõe e legisla a prescrição divina. De fato, tampouco devemos perder de vista o que o Senhor falou aos judeus, por intermédio do profeta Isaías, increpando-os indignado porque, tendo desprezado os preceitos divinos, seguiam doutrinas humanas: “Este povo” − diz − “me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim. Sem motivo me prestam culto os que ensinam mandamentos humanos, coisas aprendidas de homens”.[9] E o Senhor o repete, uma vez mais, no Evangelho, dizendo: “Desprezais o mandamento de Deus para observar a vossa tradição”.[10]

2,2 Tendo tudo isso diante dos olhos e considerando-o solícita e piedosamente, quando das ordenações de sacerdotes, não havemos de escolher senão antístites imaculados e íntegros que, ao oferecerem santa e dignamente os sacrifícios a Deus, possam ser ouvidos nas preces que fazem pela incolumidade do povo do Senhor, pois está escrito: “Deus não ouve os pecadores; mas, se alguém é religioso e faz a sua vontade, a este ele escuta”.[11] Por isso, com plena diligência e após um sincero exame, convém que sejam eleitos para o sacerdócio de Deus aqueles que, segundo consta, hão de ser ouvidos por Deus.

3,1 E que o povo não se deixe enganar como se pudesse permanecer imune ao contágio do delito ao estar em comunhão com um sacerdote pecador, ao dar seu consentimento ao episcopado injusto e ilícito do seu prelado, quando, por meio do profeta Oseias, a censura divina ameaça, dizendo: “Os sacrifícios deles serão como o pão de luto, todos os que os comerem se tornarão impuros”,[12] e assim ensina e mostra que absolutamente todos os que forem contaminados pelo sacrifício de um sacerdote profano e injusto acabarão atados ao pecado.

3,2 Encontramos o mesmo pensamento manifestado nos Números, quando Coré, Datã e Abiram reivindicaram para si a licença de sacrificar, opondo-se ao sacerdote Aarão.[13] Ali também, o Senhor ordenou por meio de Moisés que o povo se separasse deles, para que não fosse ele próprio

atingido pelo mesmo crime, caso unido permanecesse aos criminosos. “Separai-vos” − disse − “das tendas destes homens ímpios e não toqueis em nada daquilo que lhes pertence, para que não sejais apanhados em todos os pecados deles”.[14] Por essa razão, o povo que obedece aos preceitos do Senhor e teme a Deus deve separar-se de um prelado pecador, e não pode unir-se aos sacrifícios de um sacrílego sacerdote, máxime quando esse mesmo povo tem o poder de escolher sacerdotes dignos ou de recusar os indignos.

4,1 E vemos que isto provém da autoridade divina, a saber, que o sacerdote seja eleito na presença do povo e aos olhos de todos, e que se comprove sua dignidade e idoneidade por juízo e testemunho público, tal como o Senhor ordenou a Moisés no livro dos Números, dizendo: “Toma Aarão e Eleazar, seu filho, e faze-os subir à montanha na presença de toda a assembleia. Então despirás Aarão das suas vestes e as porás em Eleazar, seu filho, e Aarão se reunirá aos seus: é ali que ele deve morrer”.[15]

4,2 Em presença de toda a assembleia, Deus mandou que se constituísse o sacerdote, isto é, ensinou e mostrou que não convém proceder às ordenações sacerdotais senão com o conhecimento do povo que assiste, a fim de que, na presença do povo, ou se descubram os crimes dos maus, ou se louvem os méritos dos bons, e seja, assim, justa e legítima a ordenação que tiver sido avalizada pelo sufrágio e pelo juízo de todos. Isso se observa mais tarde, conforme os ensinamentos divinos, quando Pedro fala ao povo, nos Atos dos Apóstolos, no momento em que se devia ordenar um bispo para o lugar de Judas: “Pedro levantou-se” − diz o texto − “no meio dos irmãos congregados”.[16]

4,3 E percebemos que os apóstolos não observavam tal procedimento tão somente quando das ordenações de bispos ou de sacerdotes, mas o faziam até mesmo nas ordenações de diáconos, pois também isso está escrito nos seus Atos: “Os Doze” − diz − “convocaram então a multidão dos discípulos e disseram”.[17]

4,4 Procedia-se, então, tão diligente e cautelosamente, uma vez convocado o povo todo, para que alguém indigno não se acercasse de improviso >à posição sacerdotal ou ao ministério do altar. Que se ordenam algumas vezes, de fato, pessoas indignas − não de acordo com a vontade de Deus, mas conforme uma presunção humana − e que desagrada a Deus tudo o que não

procede de uma legítima e justa ordenação, o próprio Deus o manifesta, por meio do profeta Oseias, dizendo: “Eles instituíram reis sem o meu consentimento”. [18]

5,1 Assim sendo, há de observar-se diligentemente e reter o que nos vem de uma tradição divina e da observância apostólica, o que é seguido igualmente por nós e por todas as províncias, a saber, que, para que as ordenações sejam legitimamente celebradas, devem dirigir-se àquele povo em favor do qual se ordena o novo prelado os bispos da mesma província, que lhe sejam mais próximos, e o bispo seja eleito em presença do povo, que conhece muito bem a vida de cada um dos candidatos e pôde testemunhar a conduta de cada um deles a partir da convivência.

5,2 Vemos que esse modo de proceder foi usado também por vós, na ordenação do nosso colega Sabino, de modo que, pelo sufrágio de toda a comunidade e pelo juízo dos bispos que estavam presentes, ou que vos escreveram a respeito, o episcopado lhe fosse confiado e se lhe impusessem as mãos no lugar de Basílides.

5,3 E não pode invalidar uma ordenação legítima o fato de Basílides, depois que seus crimes foram descobertos e que ele fez até uma confissão completa do que lhe pesava na consciência, dirigindo-se a Roma, ter enganado o nosso colega Estêvão, cuja sede se encontra longe e que ignora a verdade e os fatos passados,[19] ambicionando ser reposto injustamente num episcopado do qual fora justamente deposto. Com isso, os delitos de Basílides não só não foram abolidos, como também chegaram ao cúmulo, tendo ele acrescentado aos pecados anteriores o crime de falácia e de engano.

5,4 Não se há de culpar tanto, com efeito, aquele que se deixou enganar por negligência, como se deve execrar este, que fraudulentamente enganou. Se Basílides, por outro lado, pôde seduzir os homens, não pode seduzir a Deus, pois está escrito: “de Deus não se zomba”.[20] Nem sequer a Marcial pôde aproveitar a falácia, envolvido como está, também ele, por graves delitos, para que venha a conservar o episcopado, quando o Apóstolo admoesta igualmente, dizendo: “Convém que o bispo seja irrepreensível, dispensador que é das coisas de Deus”.[21]

6,1 Ora, Basílides e Marcial contaminaram-se com o nefando libelo da idolatria, conforme escrevestes, irmãos diletíssimos, conforme asseveram os

nossos colegas Félix e Sabino e como dá a entender com sua carta outro Félix, de Saragoça,[22] homem de fé e defensor da verdade.

6,2 Basílides, ainda por cima, além da mácula do libelo, ao cair enfermo, blasfemou contra Deus e confessou ter blasfemado.[23] Depondo espontaneamente a dignidade episcopal de acordo com o que lhe pesava na consciência, pôs-se a fazer penitência, suplicando a Deus e dando-se por satisfeito que ao menos lhe fosse permitido comungar como leigo.[24] Marcial, por sua vez, além de ter participado em torpes e ofensivos festins de pagãos, frequentando-os por longo período como membro de um colégio, [25] e de ter sepultado os próprios filhos no mesmo colégio, à maneira dos pagãos, em sepulcros profanos e entre pagãos, declarou em pública sessão, ante o procurador ducenário, que tinha obedecido aos ditames da idolatria e renegado a Cristo. Muitos e graves são, portanto, os delitos em que Basílides e Marcial se veem implicados.

6,3 Tais pessoas se esforçam em vão para usurpar o episcopado, pois é muito claro que homens assim não podem presidir a Igreja de Cristo nem devem oferecer sacrifícios a Deus, principalmente quando faz já muito tempo que também o nosso colega Cornélio, sacerdote pacífico e justo, honrado ainda com o martírio por mercê do Senhor, decretou, junto conosco e com absolutamente todos os bispos estabelecidos no mundo inteiro, que homens como esses podem, certamente, admitir-se à penitência, mas se lhes hão de vedar o clericato e o sacerdócio.[26]

7 Não deveis espantar-vos, irmãos diletíssimos, se em certas pessoas, nestes últimos tempos, a fé claudica, insegura, ou o temor de Deus vacila, tornando-se ímpio, ou a concórdia pacífica não persevera. Foi prenunciado que tais coisas haveriam de ocorrer no fim do mundo, tendo-se predito pela palavra do Senhor e pelo testemunho dos apóstolos que, num mundo já decadente e na iminência da aproximação do Anticristo, o que há de bom decairá e, pelo contrário, o que há de mau e adverso progredirá.[27]

8,1 Por mais que estejamos nos últimos tempos, não decaiu, todavia, na Igreja de Deus, o vigor evangélico, nem languesceu a robustez da fé e da coragem cristã a ponto de não restar uma porção de sacerdotes que não tenha sucumbido, de modo algum, ante essas ruínas das coisas, ante esses naufrágios da fé, mas que conserve, fortes e estáveis, a honra da divina majestade e a dignidade sacerdotal com uma observância cheia de temor.

8,2 Lembramos e temos bem presente que Matatias tomou fortemente a defesa da lei de Deus, ainda que outros sucumbissem e caíssem;[28] que Elias, entre judeus que desfaleciam e se afastavam da religião divina, permaneceu firme e lutou de modo sublime;[29] que Daniel, sem deixar-se abater pela solidão de uma região estrangeira nem pela ameaça da perseguição constante, deu frequente e fortemente testemunhos gloriosos; [30] que, do mesmo modo, os três jovens, sem vacilar por sua curta idade nem pelas ameaças, resistiram fielmente às chamas babilônicas e venceram um rei vencedor em sua própria condição de cativos.[31]

8,3 Veja lá o que faz esse contingente dos prevaricadores ou dos traidores que começam agora a elevar-se na Igreja e contra a Igreja e a causar dano igualmente à fé e à verdade. Permanece em muitos um espírito sincero, uma piedade íntegra e uma alma não devotada senão ao seu Senhor e Deus. A perfídia alheia não prostra na ruína a fé cristã, porém mais a estimula e a exalta até a glória, conforme o bem-aventurado Apóstolo exorta e diz: "E que acontece se alguns deles negaram a fé? A infidelidade deles não anulará a fidelidade de Deus? De modo algum! Confirma-se, pelo contrário, que Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso".[32] Ora, se todo homem é mentiroso e só Deus é veraz, que outra coisa devemos fazer nós, que somos servos e, mais ainda, sacerdotes de Deus, senão abandonar os erros humanos e as mentiras e, guardando os preceitos do Senhor, permanecer na verdade de Deus?

9,1 E ainda que despontem alguns dos nossos colegas,[33] irmãos diletíssimos, que pensam que se deva negligenciar a deífica disciplina e mantenham temerariamente a comunhão com Basílides e com Marcial, isso não deve perturbar a vossa fé, pois o Espírito Santo ameaça tais pessoas nos Salmos, ao dizer: "Detestas a disciplina e rejeitas as minhas palavras. Se vês um ladrão, tu corres com ele, e junto aos adúlteros tens a tua parte",[34] mostrando que se tornam cúmplices e participantes de alheios delitos os que se encontram unidos aos delinquentes.

9,2 O apóstolo Paulo escreve a mesma coisa, quando diz: "detratores, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes, fanfarrões, engenhosos no mal [...] Apesar de conhecerem bem que Deus é justo, eles não compreenderam que os autores de semelhantes ações são dignos de morte; e não somente seus autores, mas também aqueles que os aprovam". [35] "Os autores de semelhantes ações" − ele diz − "são dignos de morte".

Manifesta e demonstra que são dignos de morte e se encaminham ao castigo não apenas os que fazem más ações, mas também os que dão seu consentimento aos que as fazem, os que, enquanto se misturam aos maus, aos pecadores e aos que não fazem penitência por uma ilícita comunhão, acabam maculados por nocivos contatos e, ao se unirem a eles na culpa, deles não se separam tampouco na pena.

9,3 Por tudo isso, irmãos diletíssimos, louvamos e aprovamos igualmente a piedosa solicitude da vossa integridade e da vossa fé, exortando-vos, como podemos, através de nossa carta, a que não vos mistureis com sacerdotes profanos e maculados por meio de uma comunhão sacrílega, mas guardeis, com um piedoso temor, a íntegra e sincera firmeza da vossa fé. Desejo, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 68

Cipriano ao irmão Estêvão, saudação.

1,1 Nosso colega Faustino, estabelecido em Lião, irmão caríssimo, escreveu-me mais de uma vez para dar-me a conhecer coisas que, como eu sei, já vos foram anunciadas, tanto por ele, como por outros irmãos nossos no episcopado,[36] sediados naquela mesma província, a saber, que Marciano, estabelecido em Arles, se teria unido a Novaciano,[37] afastando-se da unidade da Igreja católica e do consenso do nosso corpo e sacerdócio e defendendo a severíssima perversão da presunção herética, segundo a qual se há de vedar o acesso aos subsídios e às consolações da suavidade paterna e da divina piedade aos servos de Deus arrependidos e contritos que, com lágrimas, gemido e dor, batam às portas da Igreja. Não se hão de admitir, para ele, os feridos à cura das feridas, mas, abandonados sem qualquer esperança de paz e de comunhão, se devem lançar à rapina dos lobos, ao botim do diabo.

1,2 Cabe a nós, irmão caríssimo, prover a tal situação e prestar o nosso auxílio, na medida em que, tendo em mente a divina clemência e observando

o equilíbrio no governo da Igreja, manifestamos uma vigorosa censura aos pecadores, de modo a não negarmos os remédios da misericórdia e da bondade divina aos feridos que hão de ser curados, aos caídos que hão de ser levantados.

2,1 Convém, por isso, que escrevas cartas bem completas[38] aos nossos irmãos no episcopado estabelecidos na Gália, a fim de que não mais tolerem que o pervicaz e soberbo Marciano, inimigo da divina piedade e da salvação dos irmãos, insulte o nosso colégio, visto que ainda não parece ter sido excomungado por nós. Ora, faz já muito tempo que ele se jacta e se vangloria de se ter separado da nossa comunhão para tomar partido de Novaciano e seguir a sua pervicácia, quando o próprio Novaciano, a quem se segue, fora outrora excomungado e julgado inimigo da Igreja. Além disso, na ocasião em que enviou legados até nós, na África,[39] com o desejo de ser admitido à nossa comunhão, recebeu de um concílio[40] dos vários sacerdotes que estávamos, então, presentes à sentença de que passara a estar fora [da Igreja] e não poderia ter comunhão com qualquer um de nós quem havia tentado, uma vez eleito Cornélio na Igreja católica, pelo desígnio de Deus e pelo sufrágio legítimo tanto do clero como do povo, erigir um altar profano, instalar uma cátedra adúltera e oferecer sacrílegos sacrifícios contra o verdadeiro sacerdote de Deus. Se quisesse, portanto, tornar a si e retomar o parecer de uma mente sadia, teria feito penitência e voltado súplice à Igreja.

2,2 Quão inútil é, irmão caríssimo, que, depois de ter sido Novaciano, há pouco, rejeitado, refutado e excomungado pelos sacerdotes de Deus no mundo inteiro, permitamos agora que seus aduladores ainda se burlem de nós e julguem acerca da majestade e da dignidade da Igreja!

3,1 Que se envie à província e ao povo estabelecido em Arles uma carta tua, em virtude da qual, uma vez excomungado Marciano, outro ocupe o seu lugar, e o rebanho de Cristo, que hoje em dia se encontra disperso por causa dele e que, ferido, foi por ele abandonado, seja reunido. Já basta que muitos dos nossos irmãos tenham morrido ali nos últimos anos sem [receber] a paz.[41] Que pelo menos se preste auxílio aos outros que restam e gemem dia e noite, que, suplicando a divina e paterna misericórdia, imploram o consolo da nossa assistência.

3,2 Por esse motivo, irmão caríssimo, é copioso o corpo dos sacerdotes,

unido pelo liame da mútua concórdia e pelo vínculo da unidade; de modo que, se alguém do nosso colégio tentar promover uma heresia, dilacerar e devastar a grei de Cristo, os outros possam acudir em seu socorro e, como pastores úteis e misericordiosos, congreguem no rebanho as ovelhas do Senhor.

3,3 O que ocorreria, pois, se algum porto marítimo, rotos os seus diques, viesse a se tornar ameaçador e perigoso para os navios? Por acaso não dirigiriam os navegadores suas embarcações a outros portos próximos, onde houvesse um acesso resguardado, uma entrada favorável e um seguro lugar de ancoragem? Ou, se, numa estrada, certa hospedaria fosse tomada e ocupada por salteadores, de modo que qualquer um que viesse a entrar nela caísse ali na vexação dos agressores; por acaso os viajantes, inteirados disso, não procurariam outras hospedarias mais seguras no caminho, em que houvesse uma hospedagem digna de confiança, abrigos resguardados à disposição dos caminheiros?

3,4 O mesmo há de dar-se agora entre nós, irmão caríssimo, a saber, que recebamos bem dispostos, com uma compaixão pronta e benigna, os nossos irmãos que demandam os portos da Igreja, depois que se desviaram dos escolhos de Marciano, e que ofereçamos uma hospedaria aos caminheiros, tal como se acha no Evangelho,[42] em que os que foram agredidos e feridos por salteadores possam ser recebidos, tratados e defendidos pelo hospedeiro.

4,1 E que cuidado oferecido por pastores é maior e melhor do que prover, com uma diligente solicitude e um remédio salutar, à cura e à conservação das ovelhas? Ainda mais quando é o Senhor quem o diz: "Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a que está doente, não tratastes a ferida da que sofreu fratura, não reconduzistes a desgarrada, não buscastes a perdida, mas dominastes sobre elas com dureza e violência. Por falta de pastor, elas dissiparam-se e acabaram por servir de presa para todos os animais do campo [...]. Não há quem o procure ou quem vá em sua busca. [...] Por isso, diz o Senhor, eis-me contra os pastores. De suas mãos requererei prestação de contas a respeito do rebanho e os impedirei de apascentar o meu rebanho. Deste modo, os pastores já não tornarão a apascentá-lo. Livrarei minhas ovelhas da sua boca [...]. Eu as apascentarei com justiça".[43]

4,2 Ora, se o Senhor ameaça assim a tais pastores por meio dos quais se

negligenciam e perecem as suas ovelhas, o que mais nos convém fazer, irmão caríssimo, senão manifestar uma diligência total em reunir e tratar as ovelhas de Cristo e empregar o medicamento da paterna piedade para curar as feridas dos caídos, admoestados que fomos, no Evangelho, pelo Senhor que diz: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os doentes"?[44] Pois, ainda que sejamos muitos pastores, apascentamos um único rebanho e devemos reunir todas as ovelhas que Cristo procurou com sua paixão e seu sangue, cuidando delas, e não podemos tolerar que nossos irmãos súplices e contritos sejam cruelmente desprezados e pisoteados pela soberba presunção de alguns.

4,3 Está escrito, com efeito: "Aquele que presume e é contumaz, o homem arrogante, ainda que tenha escancarado a sua alma como os infernos, não conseguirá em absoluto coisa alguma".[45] E o Senhor culpa e condena homens assim no seu Evangelho, dizendo: "Vós sois os que querem passar por justos diante dos homens, mas Deus conhece os corações; o que é elevado para os homens, é abominável diante de Deus".[46] Ele diz serem abomináveis e detestáveis os que se comprazem em si mesmos, os que, intumescidos e inchados, reservam para si arrogantemente alguma coisa. [47] E já que Marciano passou a ser desses e, unindo-se a Novaciano, mostrou-se adversário da piedade e da misericórdia, que não venha a ditar sentença, mas a receba, nem aja como se julgasse o colégio dos sacerdotes, pois ele próprio é quem por todos os sacerdotes foi julgado.

5,1 Há de conservar-se, por outro lado, a gloriosa honra dos nossos predecessores, os bem-aventurados mártires Cornélio e Lúcio. E por mais que todos nós honremos a sua memória, muito mais deves tu honrá-la e guardá-la, irmão caríssimo, com tua circunspecção e tua autoridade, pois foste feito vigário e sucessor deles. Cheios do Espírito de Deus, com efeito, e elevados à condição de um glorioso martírio, eles decretaram que a paz fosse dada aos caídos, indicando, com suas cartas, que o fruto da comunhão e da paz não se havia de negar uma vez cumprida a penitência.[48]

5,2 E absolutamente todos nós retivemos oportuna, em toda parte, referida determinação.[49] Nem podia haver em nós, em quem o Espírito é um só, [50] um parecer diferente. É, por isso, muito claro que não possui a verdade do Espírito Santo com os demais quem vemos ser de outro parecer. Dar-nos-ás a conhecer abertamente quem há de ocupar o lugar de Marciano, em Arles, a fim de sabermos a quem encaminhar os nossos irmãos e a quem

devemos escrever. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 69

Cipriano ao filho Magno,[51] saudação.

1,1 Movido por tua piedosa diligência, consultaste[52] a nossa escassa capacidade, filho caríssimo, para saber se, como a outros hereges, convém batizar e santificar na Igreja católica, com o legítimo, verdadeiro e único batismo, também os que provêm da facção de Novaciano, tendo recebido a sua profana ablução.[53] Quanto a isso, conforme sugerem a capacidade da nossa fé, além da santidade e da verdade das divinas Escrituras, dizemos que absolutamente nenhum dos hereges e dos cismáticos tem seja lá o que for de poder ou de jurisdição. Razão pela qual Novaciano não pode nem deve ser eximido de contar-se também ele, que se estabelece fora da Igreja e age contra a paz e a caridade de Cristo, entre os adversários e os anticristos.[54]

1,2 Com efeito, nosso Senhor Jesus Cristo, ao declarar em seu Evangelho que seus adversários seriam aqueles que com ele não estivessem, não designou alguma espécie de heresia, mas mostrou que absolutamente todos os que com ele não estivessem e, não recolhendo com ele, dispersassem o seu rebanho seriam seus adversários, ao dizer: "Quem não está comigo, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa".[55] Igualmente, nem o próprio bem-aventurado apóstolo João fez distinção de heresia alguma ou de qualquer cisma, tampouco considerou algumas dessas realidades como especialmente separadas, mas a todos os que tinham saído da Igreja, ou agido contra ela, chamou de anticristos, dizendo: "Ouvistes dizer que o Anticristo deve vir; e já vieram muitos anticristos: daí reconhecemos que é chegada a última hora. Eles saíram do nosso meio, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco".[56] Fica claro, então, que são adversários do Senhor e anticristos todos aqueles de quem se comprove terem-se afastado da caridade e da unidade da Igreja católica.[57]

1,3 O Senhor ainda afirma no seu Evangelho: “Se nem mesmo à Igreja der ouvido, trata-o como o gentio ou o publicano”.[58] Ora, se os que não dão ouvidos à Igreja hão de ser considerados como o gentio e o publicano, muito mais necessário será que se tenham por gentios e publicanos os rebeldes e inimigos que fabricam altares falsos, sacerdócios ilícitos, sacrifícios sacrílegos e nomes adulterados,[59] pois gente que peca em coisa menor, com apenas não dar ouvidos à Igreja, já é considerada por sentença do Senhor como pagã e publicana.

2,1 Que a Igreja seja uma só, [60] declara-o o Espírito Santo no Cântico dos Cânticos, dizendo em nome de Cristo: “Uma só é minha pomba sem defeito, uma só a preferida pela mãe que a gerou”.[61] Sobre ela, igualmente, afirma uma segunda vez: “És jardim fechado, minha irmã, noiva minha, és jardim fechado, uma fonte lacrada [...] poço de água viva”.[62] Ora, se é um jardim fechado a esposa de Cristo, que é a Igreja, não se pode abrir o que é fechado a estranhos e profanos.[63] E se é fonte lacrada, aquele que está de fora e a quem não se dá passagem não pode beber dela, nem com ela lacrar-se. Se um só é, também, o poço de água viva e está dentro, não pode santificar-se nem vivificar-se com aquela água quem se coloca do lado de fora, pois não se concedeu senão a quem está dentro fazer uso e beber dela.

2,2 Também Pedro, demonstrando que a Igreja é uma só e que só aqueles que estão na Igreja podem batizar-se, afirmou: “na arca de Noé, poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas por meio da água. Aquilo que lhe corresponde é o batismo que agora vos salva”,[64] provando e atestando com isso que a única arca de Noé foi um tipo da única Igreja. Se foi possível, então, salvar-se pela água, naquele batismo de um mundo expiado e purificado, quem não estava na arca de Noé, pode também agora ser vivificado pelo batismo quem não está na Igreja, à qual e somente à qual foi concedido o batismo.

2,3 Mas também o apóstolo Paulo, manifestando a mesma coisa e de um modo ainda mais evidente e claro, escreve aos Efésios e diz: “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água”.[65] Ora, se uma só é a Igreja que é por Cristo amada, e se só ela é purificada pelo seu banho, como é que quem não está na Igreja pode ser amado por Cristo, ou lavar-se e purificar-se com o seu banho?

3,1 Por conseguinte, uma vez que só a Igreja tem a água vital e a potestade

de batizar e de lavar o homem, quem diz que alguém pode ser batizado e santificado junto a Novaciano há de mostrar, em primeiro lugar, e provar que Novaciano está na Igreja ou que a preside. A Igreja, de fato, é uma só: e a que é uma só não pode estar dentro e fora ao mesmo tempo.

3,2 Se, então, está com Novaciano, não esteve com Cornélio. Se, porém, esteve com Cornélio, que sucedeu ao bispo Fabiano mediante uma legítima ordenação e que o Senhor glorificou, além da dignidade sacerdotal, também com o martírio, Novaciano não está na Igreja, nem se pode considerar um bispo quem, desprezando a tradição evangélica e apostólica e não sucedendo a quem quer que fosse, de si mesmo nasceu. Não pode, por isso, ter a Igreja ou regê-la de modo algum quem não foi ordenado na Igreja.

4,1 O testemunho fiel das divinas Escrituras manifesta que a Igreja não está do lado de fora, nem pode cindir-se contra si mesma ou dividir-se, mas guarda a unidade de uma casa inseparável e indivisível, pois está escrito a respeito do mistério da Páscoa e do cordeiro, cordeiro este que designava a Cristo:[66] "Há de comer-se numa só casa, e não levareis dessa casa nenhum pedaço de carne".[67] Do mesmo modo, acerca de Raab, que representava, também ela, um tipo da Igreja, vemos que isso se expressou, ao ser-lhe ordenado: "Reunirás contigo, na tua casa, teu pai, tua mãe, teus irmãos e toda a família de teu pai. Qualquer pessoa que sair das portas da tua casa, o seu sangue cairá sobre sua cabeça".[68]

4,2 Por esse mistério, é declarado que convém reunir numa única casa, isto é, na Igreja, os que hão de vencer e escapar da destruição do mundo. Quem quer que, por outro lado, se separe dos que estão ali reunidos e saia, ou seja, se alguém, mesmo depois de ter alcançado a graça na Igreja, se afastar e sair dela, há de tornar-se culpado ou, em outras palavras, há de ser-lhe imputado o fato de vir a perecer. Por isso, o apóstolo Paulo explica, ensinando e ordenando, que se há de evitar o convívio com o herege por ser este um pervertido e pecador, condenado por si mesmo.[69] Será culpado por si mesmo, com efeito, não aquele que tiver sido expulso pelo bispo, mas quem a si mesmo se condenou ao afastar-se espontaneamente da Igreja por uma herética presunção.[70]

5,1 Eis por que o Senhor, insinuando-nos que a unidade provém da divina autoridade, afirma: "Eu e o Pai somos um".[71] E, reconduzindo a sua Igreja a essa unidade, diz novamente: "E haverá um só rebanho e um só

pastor”.[72] Ora, se o rebanho é um só, como pode contar-se no rebanho quem no rebanho não está? Ou como pode considerar-se pastor quem − enquanto permanece o verdadeiro pastor, que preside a Igreja de Deus em virtude de uma ordenação que se segue a outra −, sem suceder a quem quer que seja e começando por si mesmo, se constitui como pastor alheio e profano, inimigo da paz do Senhor e da unidade divina, que não habita na casa de Deus, ou seja, na Igreja de Deus, na qual não habitam senão os concordes e unânimes, como diz, nos Salmos, o Espírito Santo: “Deus, que faz habitar os unânimes na casa”?[73] Em suma, também os próprios sacrifícios do Senhor declaram a unanimidade cristã, coesa em si mesma por firme e inseparável caridade. Pois, quando o Senhor chama seu corpo ao pão, confeccionado pela reunião de muitos grãos, indica o nosso povo reunido, que ele portava em si; e quando chama seu sangue ao vinho, espremido a partir de cachos e bagos diversos, e condensado em uma só bebida, dá a entender igualmente o nosso rebanho, unido pela comistão de uma multidão congregada. Se Novaciano se acha unido a esse pão do Senhor, se, no cálice de Cristo, foi também ele misturado, é plausível que possa ter a graça do único batismo eclesiástico, caso se demonstre que ele conserva a unidade da Igreja.

6,1 Em suma, quão inseparável seja o mistério da unidade e como sejam pessoas sem esperança, que obtêm para si a maior perdição, oriunda da indignação divina, todos os que promovem cismas e, abandonando o bispo, constituem para si um falso bispo por fora, a divina Escritura o declara nos livros dos Reis, na passagem em que dez tribos se separaram das tribos de Judá e de Benjamim e, abandonando o seu rei, constituíram por fora outro para si: “Por isso o Senhor” − diz o texto − “rejeitou toda a raça de Israel, humilhou-a e entregou-a aos saqueadores, e enfim baniu-a para longe de sua face, pois foi Israel separado da casa de Davi e constituíram para si como rei Jeroboão, filho de Nabat”.[74] O texto afirma que o Senhor se indignou e entregou-os à perdição porque se tinham separado da unidade e constituíram para si outro rei.

6,2 E tanta foi a indignação do Senhor contra aqueles que promoveram o cisma, que até quando um homem de Deus foi enviado a Jeroboão para censurar-lhe os seus pecados e anunciar-lhe o castigo que estava por vir, se lhe proibiu comer o pão ou beber a água na companhia deles. Ao não ter o homem observado essa prescrição e tendo comido, contra o preceito de Deus, foi imediatamente atingido pela majestade da divina censura e, ao

regressar de lá, ele acabou morto no caminho pelo ataque e pela mordida de um leão.[75] E ousa alguém dizer que a água salutar do batismo e a graça celeste podem ser tidas em comum com os cismáticos, com os quais não se deve ter em comum nem sequer a bebida terrena e secular?[76]

6,3 Insiste ainda o Senhor no seu Evangelho e manifesta, com um maior esclarecimento à inteligência, que se contavam entre os profanos e gentios aqueles mesmos que então se separaram das tribos de Judá e Benjamim e, abandonando Jerusalém, se retiraram para a Samaria. Pois, ao enviar, inicialmente, os seus discípulos ao ministério da salvação, ordenou-lhes, dizendo: "Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos".[77] Enviando-os primeiro aos judeus, ele manda que os gentios sejam, por enquanto, deixados de lado; acrescentando, além disso, que se devia desviar de uma cidade de samaritanos, onde havia cismáticos, mostra que os cismáticos se equiparam aos gentios.[78]

7,1 Se alguém opuser o argumento segundo o qual Novaciano conserva a mesma lei conservada pela Igreja católica, batiza segundo o mesmo símbolo que nós, reconhece o mesmo Deus e Pai, o mesmo Cristo Filho, o mesmo Espírito Santo e, por isso, ele pode usurpar a potestade de batizar ao parecer que não discrepa de nós na interrogação do batismo, saiba em primeiro lugar, quem pensa argumentar assim, que não há uma única lei do símbolo para nós e para os cismáticos, nem a mesma interrogação.

7,2 De fato, quando dizem: "Crês na remissão dos pecados e na vida eterna pela santa Igreja?", mentem com essa interrogação, haja vista que não têm a Igreja. Então, consequentemente, eles confessam com sua voz que não se pode dar a remissão dos pecados a não ser pela santa Igreja, e ao não a terem eles mesmos, mostram que os pecados não se podem remir ali.

8,1 Nem sequer o fato de que digam reconhecer o mesmo Deus Pai que nós, o mesmo Cristo Filho e o mesmo Espírito Santo pode ajudar tais pessoas.[79] Pois também Coré, Datã e Abiram reconheciam o mesmo Deus com o sacerdote Aarão e com Moisés, vivendo sob uma lei igual, uma igual religião, invocando o único e verdadeiro Deus que havia de ser cultuado e invocado. Uma vez, porém, que transgrediram o ministério da sua posição contra o sacerdote Aarão, que recebera um sacerdócio legítimo, por clemência e ordem de Deus, e reivindicaram para si a licença de sacrificar, tombaram por conta de seus anseios ilícitos, divina e imediatamente

golpeados com castigos, sem que pudessem agradar nem aproveitar aqueles sacrifícios oferecidos de um modo ímpio e ilícito, contra o direito da divina disposição.

8,2 Até os próprios turíbulos, nos quais fora ilicitamente oferecido incenso, para que não servissem mais ao uso dos sacerdotes, mas fossem, antes, uma recordação da indignação e do castigo divinos e se expusessem para admoestação das gerações vindouras, por mandato do Senhor, foram queimados e purificados pelo fogo, sendo derretidos em lâminas maleáveis e afixados ao altar, conforme o que diz a divina Escritura. "Elas lembram aos filhos de Israel" − diz o texto − "que nenhum profano, estranho à descendência de Aarão, deverá aproximar-se para queimar incenso perante o Senhor, sob pena de sofrer a sorte de Coré".[80]

8,3 E, contudo, aqueles homens não promoveram um cisma, nem se rebelaram, dirigindo-se para fora, de modo desavergonhado e hostil contra os sacerdotes de Deus, coisa que fazem agora estes, que dividem a Igreja e pretendem, rebelando-se contra a paz e a unidade de Cristo, constituir para si uma cátedra, assumir um primado[81] e reivindicar a licença de batizar e de oferecer [o sacrifício].[82] Como podem levar a bom termo o que fazem ou, ao nutrirem ilícitos desejos, impetrar de Deus alguma coisa, os que empreendem contra Deus o que não lhes é permitido? Os que patrocinam Novaciano e outros cismáticos do mesmo tipo, portanto, pretendem em vão que alguém possa batizar-se e santificar-se com o batismo salutar ali onde consta que quem batiza não possui a licença de batizar.

9,1 Para que se possa, de resto, compreender ainda mais qual é o rigor da censura divina contra uma audácia dessas, constatamos que, num crime de tal monta, não se destinam aos castigos apenas os seus líderes e autores, mas também os que nele tomaram parte, se não se tiverem separado da comunhão com os maus, ao ordenar o Senhor por meio de Moisés, dizendo: "Separai-vos das tendas destes homens ímpios e não toqueis em nada daquilo que lhes pertence, para que não sejais apanhados em todos os pecados deles".[83] E o que o Senhor ameaçara por meio de Moisés foi cumprido, de modo que quem não se separou de Coré, de Datã e de Abiram recebeu imediatamente os seus castigos, por causa dessa ímpia comunhão.

9,2 Com tal exemplo, mostra-se e prova-se que hão de ser culpados e passíveis de pena todos os que se misturarem aos cismáticos por uma ímpia

temeridade, opondo-se aos prelados e aos sacerdotes. Assim como atesta o Espírito Santo, através do profeta Oseias, dizendo: “Os sacrifícios deles serão como o pão de luto, todos os que os comerem se tornarão impuros”, [84] provando, pois, e demonstrando que se unem aos autores no suplício todos os que se tiverem contaminado pelo pecado deles.[85]

10,1 Quais podem ser, portanto, diante de Deus, os méritos daqueles a quem divinamente se infligem suplícios?[86] Ou como podem tais pessoas justificar e santificar os batizados, ao se constituírem inimigas dos sacerdotes, ansiando usurpar o que é alheio, ilícito e que por direito algum não lhes corresponde? No entanto, não nos admira que se empenhem em sua perversidade. É forçoso que cada um defenda o que faz e não queira ceder, facilmente derrotado, por mais que saiba não ser lícito o que faz.

10,2 Há de causar admiração, ou antes, indignação e dor que cristãos apoiem os anticristos, que prevaricadores da fé e traidores da Igreja, dentro da própria Igreja, se levantem contra ela. Mas porque esses tais, noutras coisas pertinazes e indóceis, pelo menos confessam que nenhum dos hereges ou dos cismáticos possui o Espírito Santo e, por isso, podem certamente batizar, mas não podem conferir o Espírito Santo, são por nós apanhados nesse mesmo argumento, quando lhes mostramos que tampouco podem batizar absolutamente os que não têm o Espírito Santo.

11,1 Pois, dado que no batismo a cada um se lhe perdoam os seus pecados, o Senhor, por outro lado, prova e declara, em seu Evangelho, que os pecados só se podem perdoar por meio daqueles que têm o Espírito Santo. De fato, depois da ressurreição, ao enviar os seus discípulos, ele lhes fala: “‘Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio’. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes, ser-lhes-ão retidos’”.[87] Nessa passagem, mostra que só pode batizar e conferir a remissão dos pecados quem tem o Espírito Santo.

11,2 Até mesmo João, que havia de batizar ao próprio Cristo nosso Senhor, [88] recebeu antes o Espírito Santo quando ainda estava no ventre de sua mãe,[89] a fim de que ficasse claro e manifesto que não podem batizar senão aqueles que têm o Espírito Santo. Assim sendo, os que apoiam os hereges ou cismáticos devem responder-nos se aqueles tais têm ou não têm o Espírito Santo.

11,3 Se tiverem, por que aos que foram batizados entre eles se impõem as mãos, quando vêm a nós, para que recebam o Espírito Santo, quando este foi certamente recebido ali onde, se de fato estava, pôde ser dado? Se, pelo contrário, todos os hereges e cismáticos, por estarem fora, estão privados do Espírito Santo e, por isso mesmo, entre nós se impõem as mãos, para que aqui se receba o que ali não estava nem pode ser dado, está claro que tampouco a remissão dos pecados pode ser dada por aqueles que, como consta, não têm o Espírito Santo.[90] Por esse motivo, para que, segundo a divina disposição e a verdade evangélica, possam alcançar a remissão dos pecados, santificar-se e tornar-se templos de Deus,[91] hão de ser batizados com o batismo da Igreja absolutamente todos os que vêm à Igreja de Cristo, provenientes dos adversários e dos anticristos.

12,1 Perguntaste ainda, filho caríssimo, o que me parece acerca daqueles que obtêm a graça de Deus em meio à doença e à debilidade física: se hão de ser considerados como legítimos cristãos, ao não terem sido lavados com a água salutar, mas apenas aspergidos. A respeito disso, nossa discrição e modéstia não julgam previamente a ninguém, deixando a cada um a faculdade de pensar e de agir conforme o próprio discernimento.

12,2 Por nossa parte, na medida em que nossa mediocridade o concebe, estimamos que os benefícios divinos em nada podem ser mutilados e debilitados, nem poderia haver diminuição de coisa alguma ali onde se recebe, com uma fé plena e total, tanto da parte de quem dá, como da de quem acolhe, o que foi haurido dos divinos dons. Pois, no sacramento salutar, não se lavam os contágios dos delitos da mesma maneira como as impurezas da pele e do corpo são removidas pelo banho carnal e mundano, [92] havendo para isso necessidade de espumas de nitro e de outros produtos, de tinas ou piscinas, por meio dos quais esse pobre corpo possa ser lavado e limpo. De outra forma se lava o peito do fiel, de outra maneira o espírito do homem se purifica pelos méritos da fé. Nos sacramentos salutares, quando é caso de necessidade, e prodigalizando Deus a sua indulgência, as divinas abreviações conferem tudo aos que creem.

12,3 E ninguém deve perturbar-se pelo fato de os doentes parecerem ser apenas aspergidos ou borrifados quando alcançam a graça do Senhor, já que a santa Escritura afirma por meio do profeta Ezequiel: “Borrifarei água sobre vós e ficareis puros; sim, purificar-vos-ei de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos imundos. Dar-vos-ei coração novo,

porei no vosso íntimo espírito novo”.[93] O mesmo se lê nos Números: “O homem que ficará impuro até a tarde purificar-se-á com esta água, no terceiro e no sétimo dias, e ficará puro; contudo, se não se purificar no terceiro e no sétimo dias, não ficará puro [...] tal homem será eliminado de Israel, visto que as águas lustrais não foram aspergidas sobre ele”.[94] E ainda: “O Senhor falou a Moisés e disse: ‘Toma os levitas do meio dos israelitas e purifica-os. A fim de os purificar, procederás da seguinte maneira: farás sobre eles uma aspersão de água lustral’”.[95] E também: “A água lustral é a purificação”.[96] É claro, portanto, que também a aspersão de água vale à maneira do banho salutar e, quando tais gestos se realizam na Igreja, havendo uma fé íntegra tanto da parte de quem recebe como da de quem ministra, tudo está em ordem, podendo consumar-se e chegar à perfeição pela majestade do Senhor e pela verdade da fé.[97]

13,1 Quanto ao fato, porém, de que alguns chamem os que conseguiram a graça de Cristo por meio da água salutar e de uma fé legítima não de cristãos, mas de clínicos, eu não sei de onde é que eles tomaram essa denominação, a não ser que os que leram abundantes e mui obscuros escritos, em Hipócrates ou em Sorano,[98] tenham deduzido dali esses clínicos.[99]

13,2 Eu conheço, pois, um clínico tomado do Evangelho.[100] Sei que no caso daquele paralítico, debilitado pela longa duração da vida e que jazia num leito, sua enfermidade em nada obstou a que alcançasse de modo muito perfeito a firmeza celeste, e não apenas foi erguido, pela indulgência do Senhor, daquele leito, mas, uma vez consolidadas e reanimadas as suas forças, tomou ele próprio o seu leito. Portanto, na medida em que nos é dado conceber e pensar por meio da fé, meu parecer é que se considere legítimo cristão quem quer que tenha alcançado a divina graça na Igreja, pela lei e pelo direito da fé. Ou, se alguém pensa que nada conseguiram aqueles, pelo fato de terem sido apenas aspergidos, mas permanecem ainda desprovidos e vazios, que não sejam eles enganados e assim, caso escapem aos incômodos da doença e recuperem a saúde, sejam batizados. Se, porém, não podem ser batizados os que já foram santificados com um batismo eclesiástico, por que escandalizá-los em sua fé e com relação à indulgência do Senhor? Por acaso terão obtido a graça do Senhor, numa medida, todavia, mais restrita e menor do dom divino e do Espírito Santo, de modo a serem tidos como cristãos, mas não equiparáveis aos demais?

14,1 Verdade seja dita: o Espírito Santo não é dado por medida,[101] mas é derramado por inteiro sobre quem crê. Com efeito, se o dia desponta igualmente para todos, e se o sol se difunde sobre todos[102] com uma luz igual e comum, quanto mais o Cristo, Sol e Dia verdadeiro, concede na sua Igreja a luz da vida eterna com semelhante igualdade! Vemos que uma imagem dessa igualdade é celebrada no Êxodo, ao cair do céu o maná, mostrando, em prefiguração das futuras realidades, o alimento do pão celeste, o manjar do Cristo que viria.[103] Naquele momento, sem qualquer discriminação de sexo nem de idade, cada um recolhia, igualmente, a medida de um gomor.

14,2 Aparecia já, a partir daí, que a indulgência e a graça celeste de Cristo, que viriam a dar-se numa época posterior, distribuem-se igualmente a todos, sem levar em conta a variedade de sexo, sem fazer diferença de idades e sem acepção de pessoas:[104] o dom da graça espiritual se infunde sobre todo o povo de Deus. É claro que a mesma graça espiritual que se recebe igualmente pelos fiéis no batismo, com o passar do tempo, ao longo de nossa vida e conforme a nossa conduta, diminui ou aumenta, assim como, no Evangelho, a semente do Senhor é igualmente semeada, mas, em decorrência da variedade de terrenos, uma parte se perde, enquanto outra se multiplica em uma multiforme abundância, com um exuberante fruto que rende trinta, sessenta ou cem por um.[105] E mais, uma vez que cada um é chamado ao denário,[106] por que se diminui por uma interpretação humana o que por Deus igualmente se distribui?

15,1 Se alguém fica desconcertado pelo fato de alguns que se batizam, quando enfermos, serem ainda tentados pelos espíritos imundos, saiba que a pertinaz malícia do diabo chega até o momento em que se recebe a água salutar, pois, no batismo, perde todo o veneno da sua maldade. Podemos ver uma imagem disso no faraó, que por tanto tempo relutou e persistiu em sua perfídia, tendo conseguido resistir e prevalecer demoradamente até chegar à água; quando à água chegou, foi vencido e aniquilado.[107] Que aquele mar fosse uma figura do batismo, declara-o o bem-aventurado apóstolo Paulo, dizendo: "Não quero que ignoreis, irmãos, que os nossos pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés".[108] E acrescenta ainda: "Esses fatos aconteceram para nos servir como figuras".[109]

15,2 É o que sucede também hoje, quando por meio dos exorcistas, através

da voz humana e da potestade divina, o diabo é flagelado, queimado, torturado e, frequentemente, diz que sai e deixa os homens de Deus.[110] Engana, porém, naquilo que diz, agindo como outrora o faraó,[111] ao proceder com a mesma mentira, fruto da obstinação e do logro. Quando se chega, porém, à água salutar e à santificação do batismo, devemos saber e confiar que o diabo é ali esmagado, e o homem a Deus é dedicado por divina indulgência, liberta-se.[112] Pois, se os escorpiões e as serpentes, que são mais ágeis na terra seca,[113] podem prevalecer também se forem lançados na água e conservar o seu veneno, também os espíritos malignos, que se denominam escorpiões e serpentes e que, mesmo assim, são por nós pisoteados conforme o poder que nos foi dado pelo Senhor,[114] podem permanecer ainda no corpo do homem em que, por ter sido batizado e santificado, o Espírito Santo começa a habitar.

16,1 Em suma, e temos experiência de tais coisas, há pessoas que foram batizadas durante uma doença, em caso de necessidade urgente, e obtiveram a graça, que carecem já do espírito imundo pelo qual se moviam antes, vivem na Igreja de forma louvável e exemplar, e progridem cada dia mais, pelo crescimento da fé, em vista do aumento da graça celeste. Por outro lado, amiúde, se alguns daqueles que foram batizados em estado de perfeita saúde começam, depois, a pecar, são atormentados pelo espírito imundo que regressa − sendo, por isso mesmo, manifesto que, no batismo, o diabo é expulso pela fé do crente e regressa, caso a fé venha depois a desfalecer.

16,2 A menos que a alguns pareça justo considerar terem sido batizados os que, fora da Igreja, junto aos adversários e anticristos, foram manchados com uma água profana, enquanto lhes parece que conseguiram menos da indulgência e da graça divina os que foram batizados na Igreja; ou ter em tanta honra os hereges que vêm de fora, a ponto de não lhes perguntar sequer se foram lavados ou aspergidos, se são clínicos ou peripatéticos, quando entre nós, por outro lado, se desacredita a íntegra verdade da fé e se nega ao batismo eclesiástico a sua majestade, a sua santidade.

17 Respondi, filho caríssimo, à tua carta, na medida em que nossa escassa capacidade pôde fazê-lo, e mostrei o nosso parecer, de acordo com o nosso pensamento, sem determinar a ninguém que aja diferentemente de como pensa, havendo cada prelado de prestar contas de seus atos ao Senhor, conforme o bem-aventurado apóstolo Paulo escreve na sua Epístola aos

Romanos, dizendo: “Cada um de nós prestará contas a Deus de si próprio. Deixemos, portanto, de julgar-nos uns aos outros”.[115] Desejo, filho caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 70

Cipriano, Liberal, Caldônio, Júnio, Primo, Cecílio, Policarpo, Nicomedes, Félix, Marrúcio, Sucesso, Luciano, Honorato, Fortunato, Víctor, Donato, Lúcio, Herculano, Pompônio, Demétrio, Quinto, Saturnino, Januário, Marcos, outro Saturnino, outro Donato, Rogaciano, Sedato, Tértulo, Hortensiano, ainda outro Saturnino e Sátio,[116] aos irmãos Januário, Saturnino, Máximo, Víctor, outro Víctor, Cássio, Próculo, Modiano, Citino, Gargílio, Eutiquiano, outro Gargílio, outro Saturnino, Nemesiano, Nâmpulo, Antoniano, Rogaciano e Honorato,[117] saudação.

1,1 Reunidos em concílio,[118] irmãos caríssimos, lemos a vossa carta,[119] que escrevestes a respeito daqueles que parecem ter sido batizados junto aos hereges e cismáticos, perguntando-nos se devem ser batizados ao virem à Igreja católica, que é uma só.

1,2 A esse respeito, ainda que vós próprios guardeis aí a verdade e a firmeza da regra católica, por considerardes, em virtude de nossa comum dileção, que nós devamos ser consultados, emitimos um parecer nosso, que não é novo, mas coisa estabelecida já há bastante tempo por nossos antecessores[120] e observada por nós, ao nos unirmos convosco em igual concórdia. Estimamos, sem dúvida, e temos por certo que ninguém pode ser batizado do lado de fora, à margem da Igreja, uma vez que existe um só batismo[121] constituído na santa Igreja e está escrito, tendo-o dito o Senhor: “Eles me abandonaram, a mim, fonte de água viva, e cavaram para si cisternas furadas que não podem conter água”,[122] e, mais uma vez, a Escritura admoesta, dizendo: “Abstém-te da água alheia, e de fonte estranha não bebas”.[123]

1,3 É preciso, pois, que a água seja, em primeiro lugar, purificada e

santificada pelo sacerdote, para que possa lavar, com seu batismo, os pecados do homem que se batiza, porque, por meio do profeta Ezequiel, diz o Senhor: “Borrifarei água sobre vós e ficareis puros; sim, purificar-vos-ei de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos imundos. Dar-vos-ei coração novo, porei no vosso íntimo espírito novo”.[124] Como pode purificar e santificar a água quem é, em si mesmo, imundo e junto a quem não está o Espírito Santo? Pois diz o Senhor nos Números: “Tudo aquilo que o impuro tocar ficará impuro”.[125] Ou: como quem batiza pode conferir a outrem a remissão dos pecados, quando, ao estar ele próprio fora da Igreja, não pode desfazer-se dos seus?

2,1 Por outro lado, a própria pergunta que se faz no batismo é testemunha da verdade. De fato, ao dizermos: “crês na vida eterna e na remissão dos pecados pela santa Igreja?”,[126] entendemos que a remissão dos pecados não se dá senão na Igreja; entre os hereges, portanto, onde a Igreja não está, os pecados não podem perdoar-se. Ora, assim sendo, que os que defendem os hereges mudem a pergunta ou tomem a defesa da verdade, a menos que concedam que a Igreja esteja também entre aqueles que eles alegam ter o batismo.

2,2 É necessário também que quem foi batizado seja ungido, para que, uma vez recebido o crisma, isto é, a unção, possa ele ser um ungido de Deus e ter em si a graça de Cristo. Além disso, é a partir da Eucaristia que os batizados são ungidos, o óleo é santificado no altar. Não pôde, então, santificar o óleo quem não teve altar nem Igreja. Daí que nem possa existir a unção espiritual entre os hereges, porque consta que, entre eles, não pode santificar-se absolutamente o óleo, nem fazer-se a Eucaristia.[127] Devemos saber e recordar que está escrito: “Que o óleo do ímpio não me perfume a cabeça”,[128] palavras que o Espírito Santo prenunciou nos Salmos, a fim de que ninguém, exorbitando e desviando-se do caminho da verdade, viesse a ser ungido entre hereges e adversários de Cristo.

2,3 E que prece pode fazer em favor do batizado um sacerdote sacrílego e pecador? Pois está escrito: “Deus não ouve os pecadores; mas, se alguém é religioso e faz a sua vontade, a este ele escuta”.[129] Quem pode, com efeito, dar o que não tem? Ou como pode administrar bens espirituais quem perdeu o Espírito Santo?[130] Por isso, há de ser batizado e renovado quem vem à Igreja ainda rude, a fim de que, dentro dela, seja santificado pelo ministério de santos, pois está escrito: “‘Sede santos, porque eu sou santo’,

diz o Senhor";[131] a fim de que quem, seduzido no erro, foi lavado fora, deponha também, no batismo verdadeiro e eclesiástico, a culpa que contraiu quando, ao encaminhar-se a Deus e ao buscar um sacerdote, deu com um sacrílego pela fraude do erro.

3,1 De resto, equivaleria a aprovar o batismo dos hereges e dos cismáticos consentir que eles tenham batizado. Não é possível que uma parte do que fazem seja vã e outra parte tenha valor. Se alguém pôde batizar, pôde também conferir o Espírito Santo. Se, porém, não pode dar o Espírito Santo quem, ao constituir-se fora, não está com o Espírito Santo, tampouco pode batizar a quem se acerca, pois o batismo é um só,[132] o Espírito Santo é um só e uma só é a Igreja, fundada sobre Pedro[133] por Cristo nosso Senhor, origem e princípio de unidade.

3,2 Daí que, ao ser tudo vão e falso entre eles, nada do que tenham feito deva ser por nós aprovado.[134] Por que pode, pois, ser ratificado e confirmado diante do Senhor o que fazem aqueles que o Senhor designa como seus inimigos e adversários, ao afirmar no seu Evangelho: "Quem não está comigo, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa",[135] e uma vez que também o bem-aventurado apóstolo João, observando os mandatos e preceitos do Senhor, afirmou em sua epístola: "Ouvistes dizer que o Anticristo deve vir; e já vieram muitos anticristos; daí reconhecemos que é chegada a última hora. Eles saíram do nosso meio, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco".[136]

3,3 A partir disso, também nós devemos deduzir e considerar se os que são adversários do Senhor e que foram chamados de anticristos podem dar a graça de Cristo. Por conseguinte, os que estamos com o Senhor, conservamos a unidade do Senhor e administramos, por dignação dele, o seu sacerdócio na Igreja, devemos repudiar e rejeitar tudo aquilo que seus adversários e anticristos fazem, tendo-os por gente profana. Quanto àqueles que vêm, deixando para trás o erro e a perversidade, e reconhecem a verdadeira fé da única Igreja, devemos dar-lhes, por meio de todos os sacramentos da divina graça, a verdade da unidade e da fé. Desejamos, irmãos caríssimos, que sempre estejais bem.

Epístola 71

Cipriano ao irmão Quinto,[137] saudação.

1,1 Nosso irmão no presbiterado, Luciano,[138] referiu-me, irmão caríssimo, que desejavas que te manifestássemos o nosso sentir sobre aqueles que parecem ter sido batizados entre os hereges e cismáticos. A respeito disso, e para que soubesses o que vários colegas bispos, na companhia dos colegas presbíteros que se fizeram então presentes, decidimos em concílio, enviei-te uma cópia da epístola exarada no mesmo evento.[139]

1,2 Não sei, na verdade, por que obstinação alguns dos nossos colegas se deixam conduzir, a ponto de pensarem não convir que os que foram banhados junto aos hereges sejam batizados quando vêm a nós, afirmando que o batismo é um só.[140] Ora, o batismo é, de fato, um só, vale dizer, na Igreja católica, porque a Igreja é uma só e não pode haver batismo fora dela. Visto que não pode haver dois batismos, se os hereges verdadeiramente batizam, são eles que têm o batismo. E quem lhes concede a esse respeito o patrocínio de sua autoridade cede ante eles e consente que um inimigo, um adversário de Cristo, parece ter a potestade de lavar, de purificar e de santificar o homem.

1,3 Nós, porém, dizemos que os que vêm de lá não são rebatizados entre nós, mas batizados. Com efeito, não recebem o que quer que seja ali, onde nada existe, mas vêm até nós para o receberem aqui, onde se encontram toda a graça e toda a verdade, pois tanto a graça como a verdade é uma só.[141] Além disso, alguns de nossos colegas preferem honrar os hereges a concordar conosco e, enquanto se recusam a batizar os que vêm apoiados na afirmação de que há um só batismo, ou instituem dois batismos, dizendo que há batismo entre os hereges, ou o que é, por certo, mais grave, pretendem antepor e preferir a sórdida e profana ablução dos hereges ao verdadeiro, único e legítimo batismo da Igreja católica, sem considerar que está escrito: "Quem é batizado por um morto, que proveito tira de sua ablução?".[142] É claro que os que não estão na Igreja de Cristo são contados entre os mortos e não pode ser alguém vivificado por aquele que, em si mesmo, não vive, pois uma só é a Igreja, que obteve a graça da vida

eterna e vive para sempre, vivificando o povo de Deus.

2,1 E eles dizem seguir, nesse ponto, um antigo costume, quando, na verdade, entre os antigos, davam-se os primeiros inícios da heresia e do cisma e neles estavam os que se afastavam da Igreja, mas, primeiro, tinham sido batizados nela. Ao regressarem, então, tais pessoas à Igreja, e tendo feito penitência, não havia necessidade de batizá-las.

2,2 E isso nós observamos também hoje, de modo que, se constar que as pessoas foram aqui batizadas e se passaram, depois, aos hereges, caso venham depois, uma vez reconhecido o seu pecado e lançado fora o seu erro, a regressar à verdade e ao seio maternal, seja suficiente impor-lhes as mãos em penitência, e o pastor receba, assim, em seu redil essa ovelha que fora roubada e vagava errante, porque ovelha já fora.[143]

2,3 Se, por outro lado, quem vem dos hereges não foi primeiro batizado na Igreja, mas vem de todo alheio e profano, há de ser batizado para que seja feito ovelha, e uma só é a água que, na santa Igreja, faz as ovelhas. Por essa razão, porque nada pode haver de comum entre a mentira e a verdade, entre as trevas e a luz, entre a morte a e imortalidade, entre o Anticristo e Cristo,[144] devemos guardar a unidade da Igreja católica, sem ceder em coisa alguma aos inimigos da fé e da verdade.

3,1 Não se trata, por sua vez, de matéria em que se há de prescrever o que quer que seja por força do costume, mas em que se há de convencer pela força da razão. Pois nem sequer Pedro, que o Senhor elegeu em primeiro lugar e sobre o qual edificou a sua Igreja,[145] quando Paulo discordou dele mais tarde acerca da circuncisão,[146] reivindicaria insolentemente o que quer que fosse para si ou se atribuiria arrogantemente o que quer que fosse, dizendo ter o primado e que convinha ser obedecido, antes, por aqueles mais novos e que vieram depois, nem desprezaria a Paulo por ter sido este, primeiro, um perseguidor da Igreja,[147] mas aceitaria o conselho da verdade e daria facilmente seu consentimento à razão legítima que Paulo defendia, dando-nos um testemunho de concórdia e de paciência, a fim de que não amemos pertinazmente as nossas opiniões, mas, antes, tenhamos por nossas as que nos são sugeridas útil e salutarmente por irmãos e colegas nossos, caso sejam verdadeiras e legítimas.

3,2 Tendo isso em vista e empenhando-se ainda fielmente pela concórdia e

pela paz, Paulo afirmou em sua Epístola: “Quanto aos profetas, dois ou três tomem a palavra e os outros julguem. Se alguém que esteja sentado recebe uma revelação, cale-se o primeiro”.[148] Com essas palavras, ele ensinou e mostrou que muitas coisas são reveladas a cada um de uma forma melhor e que não se há de ater pertinazmente quem quer que seja àquilo que uma vez sustentou e tinha por certo, mas, caso lhe seja mostrado algo melhor e mais útil, abrace-o de bom grado. De fato, não somos vencidos quando se nos oferecem coisas melhores, mas somos instruídos, principalmente naquilo que diz respeito à unidade da Igreja e à verdade da nossa fé e esperança. Assim sendo, que nós, sacerdotes de Deus e prelados da sua Igreja por mercê dele próprio, saibamos que não se pode conceder a remissão dos pecados senão na Igreja e que os adversários de Cristo não podem atribuir-se o que quer que diga respeito à sua graça.

4,1 É o que Agripino, varão de feliz memória, na companhia de seus outros irmãos no episcopado que naquele momento governavam a Igreja do Senhor na província da África e na Numídia,[149] estabeleceu e confirmou, após um equilibrado discernimento do parecer comum. Sua piedosa, legítima e salutar sentença, em pleno acordo com a fé e a Igreja católica, nós também temos seguido.

4,2 E para que conheças a carta que sobre esse assunto escrevemos, movidos pela comum dileção, enviamos dela um exemplar para informação tua, bem como dos nossos irmãos no episcopado que aí se encontram. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 72

Cipriano e outros ao irmão Estêvão, saudação.

1,1 A fim de dispor acerca de certas matérias que haviam de discernir-se necessariamente pelo exame de um parecer comum, irmão caríssimo, fomos vários sacerdotes obrigados a reunir-nos e a celebrar um concílio,[150] no qual muitas coisas foram, por certo, tratadas e deliberadas. Mas, pelo

menos, devíamos escrever-te e confrontar com tua gravidade e sabedoria o que mais diz respeito quer à autoridade sacerdotal, quer à unidade e à dignidade da Igreja católica, que provêm da ordem da divina disposição, a saber, que convém batizar os que foram lavados fora, à margem da Igreja, e entre os hereges e os cismáticos se mancharam com a nódoa de uma água profana, quando eles vêm a nós e à Igreja que é uma só, razão pela qual é pouco que se lhes imponham as mãos para que recebam o Espírito Santo, a menos que recebam também o batismo da Igreja.[151]

1,2 Então poderão santificar-se realmente, tornando-se filhos de Deus,[152] ou seja, ao nascerem em virtude de ambos os sacramentos, pois está escrito: "Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus".[153] Encontramos, com efeito, também nos Atos dos Apóstolos, que essa prática foi guardada e observada pelos apóstolos na verdade da fé salutar, pois, ainda que, em casa do centurião Cornélio, o Espírito Santo já tivesse descido sobre os pagãos que ali se faziam presentes, fervorosos pelo ardor da fé e crendo no Senhor de todo o seu coração,[154] e, em virtude do mesmo Espírito, os que dele estavam cheios bendiziam a Deus em línguas diversas, o bem-aventurado apóstolo Pedro, não obstante, recordando-se do preceito e do Evangelho divino, ordenou que fossem batizados aqueles mesmos que já estavam repletos do Espírito Santo,[155] para que não se parecesse omitir coisa alguma e os ensinamentos apostólicos em tudo observassem a lei do divino preceito e do Evangelho.

1,3 Que não exista um batismo de que possam fazer uso os hereges, e que ninguém entre aqueles que se opõem a Cristo pode obter o que quer que seja pela graça de Cristo, são temas que se acham expostos na epístola que acerca desse assunto foi escrita ao nosso colega Quinto, estabelecido na Mauritânia, igualmente na carta que nossos colegas enviaram aos irmãos no episcopado que presidem na Numídia:[156] fiz seguir à presente um exemplar de cada uma dessas epístolas.

2,1 Acrescentamos, na verdade, e ajuntamos, irmão caríssimo, por comum consenso e autoridade, que também se alguém tiver sido ordenado presbítero ou diácono, ou na Igreja católica, vindo, depois, a tornar-se pérfido e rebelde contra a Igreja, ou tiver sido promovido entre hereges, por falsos bispos e anticristos, contra a disposição de Cristo e com uma ordenação profana, tendo tentado oferecer do lado de fora, contra o único e divino altar, sacrifícios falsos e sacrílegos, há de ser recebido, quando volta,

com a seguinte condição: que comungue como leigo e tenha por bastante que seja admitido à paz quem se mostrara inimigo da paz, não devendo os que voltam conservar entre nós as insígnias da ordenação e da honra, com as quais contra nós se rebelaram.[157]

2,2 Convém, pois, que os sacerdotes e ministros que servem ao altar e aos sacrifícios sejam íntegros e imaculados, visto que fala o Senhor no Levítico, dizendo: "Nenhum homem se aproximará para oferecer dons a Deus, se tiver algum defeito ou vício",[158] e, igualmente no Êxodo, ordena essas mesmas coisas ao dizer: "Mesmo os sacerdotes que se aproximarem do Senhor devem santificar-se para que o Senhor não os fira",[159] e ainda: "Os que se aproximam do altar do Santo não trarão delito consigo, para que não morram".[160] Que maior delito pode haver ou que mácula mais deforme do que a de se ter posicionado contra Cristo, do que a de ter dissipado a sua Igreja, que ele adquiriu e estabeleceu com o seu sangue, do que a de ter combatido contra o unânime e concorde povo de Deus, esquecendo-se da paz e da dileção evangélica, com o furor de uma hostil discórdia?

2,3 Os que tais coisas perpetraram, ainda que voltem depois eles próprios à Igreja, não podem, contudo, restituir e trazer consigo os que foram por eles seduzidos e, ao serem surpreendidos pela morte enquanto estavam fora, pereceram à margem da Igreja, sem a comunhão e sem a paz. No dia do juízo, pedir-se-ão contas dessas almas às mãos daqueles que se revelaram autores e guias de sua perdição. Por isso é que basta dar o perdão a esses tais, quando regressam, não se devendo, porém, promover a perfídia na casa da fé. O que reservamos, pois, aos bons e inocentes, que da Igreja não se afastaram, se honramos aqueles que de nós se afastaram e contra a Igreja se posicionaram?

3,1 Eis o que houvemos por bem trazer ao teu conhecimento, irmão caríssimo, em razão de uma honra que temos um pelo outro e da sincera dileção que nos une, crendo, por tua piedade e pela verdade da tua fé, que também a ti há de agradar o que é conforme tanto à piedade como à verdade.[161] De resto, sabemos que alguns não desejam deixar de lado as ideias que uma vez conceberam, nem mudar facilmente seu propósito, mas, resguardado o vínculo da paz e da concórdia entre os colegas, retêm certos usos próprios, uma vez adotados entre eles.

3,2 Com relação a isso, tampouco fazemos nós violência a quem quer que seja nem impomos uma lei, uma vez que cada prelado dispõe, na administração da Igreja, do livre-arbítrio da sua vontade, havendo de dar contas de seu agir ao Senhor. Desejamos, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 73

Cipriano ao irmão Jubaiano,[162] saudação.

1,1 Escreveste-me,[163] irmão caríssimo, desejando que te fosse manifestado o sentir do nosso espírito e o nosso parecer acerca do batismo dos hereges, que, estabelecidos do lado de fora e à margem da Igreja, reivindicam para si uma coisa que não é direito seu nem está em seu poder. E nós não podemos ter por algo bem-feito ou legítimo o que, segundo consta, é entre eles ilícito. Visto que já manifestamos em nossas cartas o nosso parecer acerca da matéria, para ser breve, enviei-te uma cópia destas, a saber, do que decidimos em concílio, ao nos reunirmos em grande número, e igualmente do que, mais tarde, eu respondi a Quinto,[164] nosso colega, que me perguntava sobre o mesmo assunto.

1,2 E agora também, ao nos reunirmos os bispos tanto da província da África como da Numídia, em número de setenta e um,[165] confirmamos por nossa sentença a mesma decisão, declarando haver um só batismo,[166] que foi constituído na Igreja católica, e que, por isso, não é rebatizado, mas sim batizado por nós todo aquele que vem de uma água adúltera e profana, e que há de lavar-se e santificar-se pela verdade da água salutar.

2,1 Não nos perturba, irmão caríssimo, o que disseste em tua carta, a saber, que os novacianos rebatizam aqueles que arrebatam de nós,[167] pois não nos diz respeito, de modo algum, o que fazem os inimigos da Igreja, contanto que nós mesmos conservemos a honra de nossa potestade e a firmeza da razão e da verdade. Com efeito, Novaciano, à maneira dos macacos que, não sendo homens, imitam gestos humanos, pretende

reivindicar para si a autoridade e a verdade da Igreja católica,[168] quando ele próprio não está na Igreja e, mais ainda, quando se declarou inimigo, rebelando-se contra a Igreja. Sabendo também que o batismo é um só,[169] ele reivindica para si esse único batismo, afirmando assim que a Igreja está do seu lado e fazendo de nós hereges.

2,2 Nós, porém, que possuímos a Cabeça e a Raiz da única Igreja, sabemos, com toda certeza e convicção, que nada é lícito àquele que se acha fora da Igreja, e que o batismo, que é um só,[170] está conosco, junto a quem também ele fora batizado antes, quando possuía tanto o princípio como a verdade da divina unidade. Ora, se Novaciano pensa que os batizados na Igreja devem ser rebatizados fora da Igreja, deveria começar por si, de modo que fosse o primeiro a rebatizar-se com aquele batismo extrínseco e herético quem opina que, depois da Igreja, ou melhor, contra a Igreja, os fiéis hão de batizar-se fora.

2,3 Que argumento é esse, por outro lado, de, pelo fato de Novaciano ousar agir dessa maneira, nós pensarmos que não devemos fazê-lo? Novaciano a usurpa, e nós devemos, porventura, renunciar à cátedra por isso? E pelo fato de Novaciano empenhar-se em erigir um altar e em oferecer sacrifícios contra a lei, convém que nos afastemos do altar e deixemos os sacrifícios, a fim de não parecermos celebrar com ele sacrifícios equiparáveis e semelhantes? É um proceder vão e absolutamente estulto que a Igreja abandone a verdade pelo fato de Novaciano reivindicar para si, fora da Igreja, a imagem da verdade.

3,1 Entre nós, por outro lado, não é coisa nova ou repentina que pensemos que devam ser batizados os que vêm à Igreja, provenientes da heresia, pois já há muitos anos e há bastante tempo que, sob Agripino, varão de feliz memória, diversos bispos reunidos o estabeleceram e, desde então e até hoje, muitos milhares de hereges que se converteram à Igreja em nossas províncias não se recusaram a receber a graça do banho vital, do batismo salutar, nem hesitaram em fazê-lo, antes, ativeram-se a isso conscientemente e de bom grado.

3,2 Nem é difícil, de fato, a quem instrui, dar a conhecer coisas verdadeiras e legítimas àquele que, tendo condenado a perversidade herética e abraçado a eclesiástica verdade, vem para instruir-se e instrui-se para viver. Não demos nós aos hereges o pasmo do nosso apoio e da nossa concordância, e

eles se submetem de bom grado e prontamente à verdade.

4,1 E, sem dúvida, porque encontro escrito na epístola, cuja cópia me enviaste,[171] que não se há de investigar quem administrou o batismo, pois quem foi batizado pôde receber a remissão dos pecados segundo a sua fé, pensei que não se devia passar ao largo desse trecho, e mais ainda quando percebo que, na mesma epístola, se faz menção de Marcião, ao dizer-se que não convém que sejam batizados nem sequer os que dele provêm, por parecer que já foram batizados em nome de Jesus Cristo.

4,2 Assim sendo, devemos considerar a fé daqueles que creem de fora, se, segundo essa fé, podem eles obter algo de graça. Pois, se a fé é uma só, tanto para nós como para os hereges, pode haver também uma só graça. Se confessarem o mesmo Pai, o mesmo Filho, o mesmo Espírito Santo e a mesma Igreja, juntamente conosco, os patripassianos, os antropianos, os valentinianos, os apelecianos, os ofitas, os marcionitas e outras pestes de hereges,[172] autênticas espadas e venenos preparados para subverter a verdade, poderá haver um só batismo[173] ali onde a fé é, igualmente, uma só.

5,1 Para que não se faça longo um discurso que pretenda abordar todas as heresias, assinalando as inépcias e as insânias de cada uma delas, já que tampouco agrada falar sobre o que horroriza ou envergonha saber, examinemos, com relação tão somente a Marcião, de quem se fez menção na epístola que por ti nos foi transmitida, se é coisa segura a utilidade do seu batismo.

5,2 O Senhor, ao enviar os seus discípulos depois da ressurreição, instruiu-os sobre como deviam batizar e ensinou-os, dizendo: “Todo o poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.[174] Ele manifesta a Trindade, em cujo mistério os gentios se haviam de batizar. Por acaso Marcião admite essa Trindade? Por acaso afirma o mesmo Deus Pai criador que nós confessamos? Reconhece o mesmo Cristo Filho, nascido da Virgem Maria,[175] Palavra que se fez carne,[176] que carregou os nossos pecados,[177] que venceu a morte ao morrer, que deu início em si mesmo à ressurreição da carne e mostrou aos seus discípulos que na mesma carne ressuscitara?

5,3 É bem outra a fé de Marcião e daqueles outros hereges. Aliás, nada há entre eles a não ser perfídia, blasfêmia e contenda, realidades opostas à sã doutrina e à verdade. Como, pois, pode parecer que os batizados entre eles tenham conseguido a remissão dos pecados e a graça da divina indulgência por meio de sua fé, ao não terem a verdade da própria fé? Se, conforme parece a alguns, há quem pôde receber alguma coisa segundo a própria fé, mesmo estando fora, à margem da Igreja, é forçoso que tenha recebido o que creu. Ora, quem crê no que é falso não pôde receber o verdadeiro, mas terá recebido, na verdade, o que é adúltero e profano.

6,1 O profeta Jeremias toca ligeiramente nesse tema de um batismo profano e adúltero quando diz: "Por que os que me contristam prevalecem? Por que a minha ferida é incurável e recusa a ser tratada? Fez-se para mim qual água enganadora que não tem a fé".[178] O Espírito Santo faz menção, por meio do profeta, de uma água enganadora que não tem a fé. Qual é essa água enganadora e pérfida? Certamente a que arremeda a imagem do batismo e frustra a graça da fé por forjada simulação.

6,2 Se, então, conforme essa fé depravada, alguém pôde ser batizado fora e obter a remissão dos pecados; conforme a mesma fé, ele pôde obter também o Espírito Santo e não é necessário que se imponha a mão ao que vem para que receba o Espírito Santo e seja assinalado. Ou pôde conseguir fora, portanto, ambas as coisas, em virtude de sua fé; ou nenhuma das duas recebeu aquele que estivera fora.

7,1 É evidente, por outro lado, onde e por meio de quem se pode conferir a remissão dos pecados que, na verdade, se dá no batismo. Pois o Senhor deu essa potestade, em primeiro lugar, a Pedro, sobre o qual edificou a Igreja e a partir do qual instituiu e revelou a origem da unidade, a fim de que fosse desligado na terra o que ele desligasse.[179]

7,2 E também, depois da ressurreição, falando aos apóstolos, disse: "'Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio'. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: 'Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes, ser-lhes-ão retidos'".[180] A partir dessas palavras, entendemos que não é lícito batizar e conferir a remissão dos pecados senão aos prelados estabelecidos na Igreja, pela lei evangélica e pela ordenação do Senhor. Não se pode, por outro lado, ligar nem desligar coisa alguma de fora, onde não se encontra

quem possa ligar ou desligar.

8,1 Não é sem contar com o respaldo da autoridade da Escritura divina, irmão caríssimo, que o propomos, ao dizermos que tudo isso foi disposto divinamente por uma lei precisa e particular ordenação e que ninguém pode usurpar, contra bispos e sacerdotes, o que não é de seu direito nem recai sob o seu poder. Pois também Coré, Datã e Abiram, contra Moisés e o sacerdote Aarão, tentaram tomar para si a licença de sacrificar,[181] e não fizeram impunemente o que ousaram fazer ilicitamente.

8,2 E os filhos de Aarão, que ofereceram ao altar um fogo alheio, foram mortos de imediato na presença do Senhor, que com eles se indignou.[182] Tal suplício aguarda os que derramam água alheia num batismo falso, pois a divina censura toma vingança e se desafronta de que façam os hereges contra a Igreja o que tão somente à Igreja é lícito fazer.

9,1 Quanto ao que dizem outros, a saber, que tendo vindo os apóstolos Pedro e João aos que tinham sido batizados na Samaria, sobre estes se impôs tão somente a mão, a fim de que recebessem o Espírito Santo,[183] e não foram rebatizados, vemos, irmão caríssimo, que esse argumento não diz respeito em absoluto à presente questão. Com efeito, os que na Samaria tinham crido, com uma fé verdadeira tinham crido e dentro da Igreja – que é única e a quem, e somente a quem, se permite conferir a graça do batismo e desligar de pecados – foram batizados pelo diácono Filipe, que os próprios apóstolos enviaram.[184] Por esse motivo, por terem recebido um batismo legítimo e eclesiástico, não era necessário batizá-los outra vez, tendo-se realizado por Pedro e João apenas aquilo que lhes faltava, de modo que, elevando-se em favor deles a oração e impondo-se-lhes a mão, fosse invocado e derramado sobre eles o Espírito Santo.

9,2 Coisa que se faz agora, também, entre nós, pois os que são batizados na Igreja apresentam-se aos prelados da Igreja para, por nossa oração e pela imposição da mão, receberem o Espírito Santo e serem consumados no sinal do Senhor.[185]

10,1 Não há, portanto, irmão caríssimo, razão para pensarmos se deva ceder aos hereges, outorgando-lhes o batismo que não foi dado senão somente à única Igreja. É próprio do bom soldado que defenda o acampamento de seu imperador contra os rebeldes e os inimigos. É atribuição de um glorioso

chefe guardar as insígnias que lhe foram confiadas. Está escrito: “O Senhor Deus é um Deus ciumento”.[186]

10,2 Os que recebemos o Espírito de Deus, devemos ter zelo pela verdadeira fé, zelo esse com que Fineias agradou a Deus e, tendo-lhe conquistado o favor, aplacou sua ira de indignação enquanto perecia o povo.[187] Por que fazermos caso de uma [igreja] adúltera, alheia e inimiga da unidade divina, os que não conhecemos senão um único Cristo e sua única Igreja?

10,3 A Igreja, à maneira do paraíso, manifesta ter encerrado, do lado de dentro de seus muros, árvores frutíferas,[188] dentre as quais a que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.[189] Ela as rega com quatro rios,[190] isto é, os quatro Evangelhos, mediante os quais concede a graça do batismo, em salutar e celeste inundação. Porventura pode ser regado a partir das fontes da Igreja quem dentro da Igreja não está? Por acaso pode ministrar a alguém as bebidas salubres e salutares do paraíso quem é perverso, foi condenado por si mesmo,[191] ressecou-se, banido das fontes do paraíso, e desfaleceu pela secura de uma eterna sede?

11,1 Clama o Senhor que quem tem sede venha e beba dos rios de água viva que jorraram de seu seio.[192] Aonde há de ir o sedento: por acaso aos hereges, junto aos quais absolutamente não há uma fonte, um rio de água vital, ou à Igreja que é uma só e foi fundada pela palavra do Senhor sobre um só, que suas chaves recebeu?[193] Esta é a única que retém e possui toda a potestade de seu Esposo e Senhor.

11,2 É nela que presidimos, que lutamos por sua honra e unidade, defendendo-lhe igualmente a graça e a glória com uma fiel devoção. Por divina permissão, nós regamos o sedento povo de Deus, nós guardamos os limites das fontes vitais. Se conservamos, pois, o direito de nossa possessão, se reconhecemos a unidade do sacramento, por que somos tidos por prevaricadores da verdade, por traidores da unidade? A água da Igreja, fiel, salutar e santa, não pode corromper-se nem adulterar-se, assim como a própria Igreja é incorrupta, casta e pudica.

11,3 Se os que se devotam à Igreja e nela estão constituídos são hereges, podem fazer uso do seu batismo e de seus outros bens salutares. Se, porém, não estão na Igreja, antes, se até agem contra ela, como podem batizar com o batismo da Igreja?

12,1 Não é coisa pequena ou sem importância a que se concede aos hereges quando se tem por aceitável o batismo deles, pois é daí que partem a origem de toda a fé, o ingresso à esperança da vida eterna e salutar e a divina mercê de purificar e de vivificar os servos de Deus.

12,2 Pois, se alguém pôde ser batizado entre os hereges, por certo também pôde obter a remissão dos pecados. Se conseguiu a remissão dos pecados, foi santificado; se foi santificado, foi feito templo de Deus[194] − e eu pergunto: de que Deus? Do Deus criador? Isso teria sido impossível a quem nele não creu. De Cristo? Tampouco pode ter sido feito templo dele quem nega que Cristo é Deus. Do Espírito Santo? Ora, sendo esses três um só,[195] como o Espírito Santo pode ter sido aplacado por quem se fez inimigo do Filho ou do Pai?

13,1 Em vão, portanto, alguns que pela razão são vencidos nos opõem um costume, como se o costume fosse maior que a verdade ou não se devesse seguir, nas realidades espirituais, o que foi revelado como sendo o melhor pelo Espírito Santo. Pode-se perdoar, com efeito, a quem erra ingenuamente, assim como de si mesmo fala o bem-aventurado apóstolo Paulo: "que outrora" − diz − "fui blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância".[196]

13,2 Mas quem, depois de recebida a inspiração e feita a revelação, persevera refletida e conscientemente naquilo em que errara, peca sem a escusa da ignorância.[197] Empenha-se, pois, por certa presunção e obstinação, quando se vê derrotado pela razão.

13,3 E que ninguém diga: "o que recebemos dos apóstolos, isso é o que seguimos", pois os apóstolos não transmitiram senão uma única Igreja e um único batismo,[198] que não foi estabelecido senão na mesma Igreja, e nós a ninguém encontramos que, depois de batizado entre hereges, tenha sido admitido nesse mesmo batismo pelos apóstolos e tenha participado da sua comunhão, como se os apóstolos aprovassem o batismo dos hereges.

14,1 Com relação ao que dizem alguns, como se servisse para respaldar os hereges aquilo que disse o apóstolo Paulo: "De qualquer maneira − ou com segundas intenções ou sinceramente − Cristo é proclamado",[199] vemos que isso tampouco pode aproveitar em coisa alguma para suporte daqueles que dão respaldo aos hereges e os aplaudem.

14,2 Paulo, com efeito, não falava dos hereges em sua Epístola, nem do batismo deles, para que se possa demonstrar que tenha afirmado algo que diga respeito ao nosso assunto. Falava de irmãos que ou andavam de forma desordenada e contra a disciplina eclesiástica, ou observavam a verdade evangélica no temor de Deus. E afirmou que alguns desses anunciaram a Palavra de Deus de modo constante e intrépido, enquanto os outros, agindo com inveja e espírito de dissensão; que alguns tinham para com ele próprio uma caridade benévola, enquanto os outros, uma dissensão malévola, mas que ele suportava pacientemente tudo isso, contanto que, ou com segundas intenções ou sinceramente, o nome de Cristo, que Paulo pregava, chegasse ao conhecimento de muitos,[200] e que a semeadura da Palavra, ainda nova e rudimentar, se intensificasse pela pregação dos que falavam.

14,3 Além disso, uma coisa é que os que estão dentro da Igreja falem do nome de Cristo, outra é que os que estão fora, e agem contra a Igreja, batizem em nome de Cristo. Por essa razão, os que patrocinam os hereges não venham citar o que Paulo afirmou acerca de irmãos, mas provem que ele pensou que algo se devia conceder ao herege, ou aprovou a fé e o batismo deles, ou determinou que pérfidos e blasfemos podem receber a remissão dos pecados fora da Igreja.

15,1 Se, por outro lado, considerarmos o que os apóstolos pensaram acerca dos hereges, encontraremos em todas as suas epístolas que eles execraram e detestaram a sacrílega perversidade herética. De fato, tendo dito que a palavra deles é como a gangrena que corrói,[201] como pode dar a remissão dos pecados a palavra que, como uma gangrena, corrói os ouvidos de quem a ouve? E tendo dito que não pode haver afinidade entre a justiça e a iniquidade, nem comunhão entre a luz e as trevas,[202] como podem as trevas iluminar, ou a iniquidade justificar? Tendo dito, ainda, que eles não são de Deus, mas do espírito do Anticristo,[203] como podem realizar obras espirituais e divinas os inimigos de Deus, aqueles cujos peitos foram tomados pelo espírito do Anticristo?

15,2 Se, deixados os erros da humana contenda, nos voltarmos com uma fé sincera e piedosa à autoridade evangélica e à apostólica tradição, entenderemos que, em relação à graça eclesiástica e salutar, nada é lícito àqueles que, dispersando e combatendo a Igreja de Cristo, são chamados adversários pelo próprio Cristo e, pelos apóstolos dele, anticristos.

16,1 Não venha alguém, ainda, a opor o nome de Cristo com o objetivo de derrubar a verdade cristã, dizendo: “os que em nome de Jesus Cristo foram batizados, onde quer que seja e da maneira que for, receberam a graça do batismo”,[204] quando o próprio Cristo fala: “Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos Céus”,[205] e ainda adverte e ensina que ninguém se deixe enganar facilmente por falsos profetas e falsos cristos que viriam em seu nome.

16,2 “Muitos virão” − diz ele − “em meu nome, dizendo: ‘O Cristo sou eu’, e enganarão a muitos”,[206] e pouco depois acrescenta: “Quanto a vós, porém, ficai atentos. Eu vos preveni a respeito de tudo”.[207] A partir daí se vê claramente que não hão de levar-se em conta de imediato nem de acatar-se as coisas que se apregoam em nome de Cristo, mas as que se realizam na verdade de Cristo.[208]

17,1 Quanto ao fato de que, nos Evangelhos e nas Epístolas dos apóstolos, se faça entrar o nome de Jesus Cristo para a remissão dos pecados, isso não se há de entender como se, sem o Pai ou contra o Pai, o Filho sozinho pudesse valer a quem quer que seja. Servia, porém, para mostrar aos judeus, que se jactanciavam de ter o Pai, que o Pai em nada lhes poderia valer, a menos que cressem no Filho que ele enviara[209] − pois quem conhecia o Deus Pai criador, devia conhecer também o Cristo Filho −, e para que eles não se vangloriassem nem se aplaudissem por conhecer tão somente o Pai, sem o Filho, que também dizia: “Ninguém vem ao Pai a não ser por mim”.[210] Ele próprio manifesta que o que salva é o conhecimento dos dois, ao dizer: “A vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo”.[211] Ora, já que, pela pregação e pelo testemunho do próprio Cristo, há de ser conhecido antes de tudo o Pai que enviou e, então, o Cristo que foi enviado, e não pode haver esperança de salvação a menos que ambos sejam, ao mesmo tempo, conhecidos, como se pensa que quem diz ter sido batizado em nome de Cristo, entre os hereges − não conhecendo, antes, blasfemando contra Deus Pai −, conseguiu a remissão dos pecados?

17,2 Uma era a condição dos judeus, no tempo dos apóstolos, outra a dos pagãos. Aqueles que tinham obtido já o antiquíssimo batismo da lei e em Moisés,[212] deviam ser batizados também em nome de Jesus Cristo, conforme o que Pedro fala nos Atos dos Apóstolos, ao dizer: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a

remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós é a promessa, assim como para vossos filhos e para quantos o Senhor nosso Deus chamar".[213] Pedro faz menção de Jesus Cristo não como se o Pai fosse omitido, mas para que o Filho fosse também acrescentado ao Pai.

18,1 Finalmente, depois da ressurreição, quando os apóstolos foram enviados às nações pelo Senhor, foi-lhes ordenado que batizassem os pagãos em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.[214] Como então dizem alguns que qualquer pagão batizado fora da Igreja, e até contra a Igreja, apenas em nome de Jesus Cristo, de onde quer que provenha e da maneira que for, pode obter a remissão dos pecados, quando o próprio Cristo ordena batizar os povos na completa e adunada Trindade?

18,2 A menos que se diga que, apesar de ser negado por Cristo aquele que o nega,[215] quem nega o Pai dele, que o próprio Cristo confessou, não seria negado, e que quem blasfema contra o Pai, a quem o Cristo designou seu Senhor e Deus, conseguiria, ao ser remunerado pelo Cristo, a remissão dos pecados e a santificação do batismo. Em virtude de que poder quem nega o Deus criador e Pai de Jesus Cristo pode conseguir no batismo a remissão dos pecados, quando Cristo recebeu esse poder pelo qual somos batizados e santificados do próprio Pai, que afirmou ser maior do que ele,[216] a quem pediu que fosse glorificado[217] e cuja vontade cumpriu até a obediência de beber o cálice e de sofrer a morte?[218]

18,3 Que outra coisa é, senão tornar-se partícipe de hereges blasfemadores, querer defender e sustentar que se possa receber a remissão dos pecados em nome de Cristo ao se blasfemar e ao se pecar gravemente contra o Pai, Senhor e Deus de Cristo? Além disso, como pode ser que quem nega o Filho não tenha o Pai[219] e quem nega o Pai pareça ter o Filho, quando o próprio Filho atesta, dizendo: "Ninguém pode vir a mim se isso não lhe for concedido por meu Pai"?[220] Daí é evidente que, no batismo, nenhuma remissão dos pecados pode ser recebida do Filho, que não tenha sido dada pelo Pai, máxime quando o mesmo Filho ainda o repete, ao dizer: "Toda planta que não foi plantada por meu Pai celeste será arrancada".[221]

19,1 Caso os discípulos de Cristo não queiram aprender do próprio Cristo o quanto de veneração e de honra se deve prestar ao nome paterno, que pelo menos o aprendam com os exemplos terrenos e seculares, sabendo que, não

sem grande reprimenda, Cristo afirmou: “Os filhos deste século são mais prudentes do que os filhos da luz”.[222] Se alguém tiver feito uma injúria ao pai de outrem; se, ofensivo e insolente, tiver lacerado com maledicência o pudor e a honra dele, seu filho ficará indignado, irado e se empenhará em vingar, com todas as forças de que puder dispor, a injúria feita ao pai afrontado. E tu pensas que Cristo deixa impunes os ímpios, os sacrílegos e os que blasfemam contra seu Pai e perdoa os pecados no batismo a quem, uma vez batizado, continuará ainda, certamente, a lançar insultos contra a Pessoa do Pai, e a pecar com o delito incessante de uma língua blasfema? Um cristão e servo de Deus pode conceber tal coisa em sua mente, pode crê-lo com sua fé, pode pronunciá-lo com sua palavra?

19,2 Como ficarão os preceitos divinos da lei, que dizem: “Honra pai e mãe”?[223] A não ser que o nome do pai, que se ordena que seja honrado num homem, seja impunemente violado em Deus. Como entender o que o próprio Cristo afirmou no Evangelho, ao dizer: “Aquele que maldisser pai ou mãe certamente deve morrer”?[224] A não ser que quem manda punir e matar os que maldizem os pais carnais vivifique os que amaldiçoam o Pai celeste e espiritual e se fazem inimigos da mãe Igreja.

19,3 Coisa execranda e detestável é, em suma, afirmada por alguns, quando se diz que aquele que ameaça a quem tiver blasfemado contra o Espírito Santo de tornar-se réu de um pecado eterno[225] santifica com o batismo salutar os que blasfemam contra Deus Pai. E agora, os que estimam que se há de ter comunhão com tais pessoas que vêm à Igreja sem batismo não pensam que comungam com pecados alheios, aliás, eternos, os que admitem sem batismo a quem não pode senão no batismo depor o fardo dos pecados de suas blasfêmias?

20,1 Quão inútil é, além do mais, e quão perverso que, quando os próprios hereges, uma vez repudiado e abandonado seu erro ou seu pecado em que antes viveram, reconhecem a verdade da Igreja, nós mutilemos os direitos e os sacramentos da mesma verdade e digamos aos penitentes que já conseguiram a remissão de seus pecados, enquanto eles próprios confessam que pecaram e por isso recorrem à indulgência da Igreja!

20,2 Eis por que, irmão caríssimo, devemos guardar e ensinar firmemente a fé e a verdade da Igreja católica, mostrando, por meio de todos os preceitos evangélicos e apostólicos, o plano da divina disposição e da unidade.

21,1 Por acaso a força do batismo pode ser maior e de mais valor do que a confissão, do que a paixão, em que alguém confessa a Cristo diante dos homens e vem a ser batizado no próprio sangue? E, contudo, nem esse batismo aproveita ao herege caso morra tendo confessado a Cristo fora da Igreja, a não ser que os defensores e advogados dos hereges proclamem mártires os que morreram na falsa confissão de Cristo e, contrariamente ao que atesta o Apóstolo, ao afirmar que isso em nada lhes pode aproveitar, ainda que tenham sido queimados ou mortos,[226] atribuam-lhes a glória e a coroa da paixão.

21,2 Se ao herege não pode servir para a salvação nem sequer o batismo da pública confissão e do sangue, pois não há salvação fora da Igreja,[227] quanto menos lhe aproveitará se, molhado no esconderijo e no covil dos ladrões[228] pelo contágio de uma água adúltera, não só não tiver abandonado seus antigos pecados, mas tiver ainda acumulado pecados novos e maiores!

21,3 O batismo, portanto, não pode ser comum a nós e aos hereges, com os quais não nos é comum Deus Pai, nem o Cristo Filho, nem o Espírito Santo, nem a fé, nem sequer a própria Igreja. Por isso, é preciso que sejam batizados os que provêm da heresia à Igreja, a fim de que se preparem, pela divina regeneração, com o verdadeiro, legítimo e único batismo da santa Igreja, para o Reino de Deus, e nasçam em virtude de ambos os sacramentos,[229] pois está escrito: "Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus".[230]

22,1 A esta altura, e como se pudessem anular a verdade da pregação evangélica pela argumentação humana, alguns nos opõem o caso dos catecúmenos. Se um deles, antes de ter sido batizado na Igreja, for preso pela confissão do nome e chegar a ser morto, por acaso perderá a esperança da salvação e o prêmio da confissão por não ter renascido, primeiro, da água?

22,2 Saibam, pois, esses homens, apoiadores e favorecedores de hereges, que aqueles catecúmenos têm, antes de tudo, uma fé íntegra e a verdade da Igreja, ao avançarem a partir do acampamento divino para derrotar o diabo com pleno e sincero conhecimento de Deus Pai, de Cristo e do Espírito Santo e ao não se verem privados nem sequer do sacramento do batismo, uma vez que são batizados naquele mui glorioso e supremo batismo de

sangue, a respeito do qual dizia o Senhor ter outro batismo com que havia de ser batizado.[231] Que, por outro lado, os que são batizados no próprio sangue e santificados na paixão chegam ao mais alto grau de excelência, obtendo a graça da divina promessa, o mesmo Senhor o declara no Evangelho, quando ao ladrão, que creu durante a própria paixão e confessou, ele se dirige e promete que haveria de estar consigo no paraíso. [232]

22,3 Eis por que nós, que presidimos à fé e à verdade, não devemos lograr e enganar os que vêm à fé e à verdade e suplicam, ao fazerem penitência, que lhes sejam perdoados os pecados, mas, uma vez corrigidos por nós e reformados, instruí-los para o Reino dos Céus com as celestes disciplinas.

23,1 Mas diz alguém: "o que será feito então dos que, tendo vindo da heresia à Igreja, no passado, foram admitidos sem batismo?". Poderoso é o Senhor, em sua misericórdia, para dar a indulgência e para não separar dos dons da sua Igreja os que foram admitidos à Igreja de boa-fé e na Igreja vieram a morrer.

23,2 Contudo, pelo fato de se ter errado uma vez, não se há de errar sempre, mais ainda por convir muito mais a pessoas sábias e que temem a Deus prestar de bom grado e sem hesitação o seu obséquio à verdade que reconhecem e descobrem, do que opor-se de modo pertinaz e obstinado contra os irmãos e contra os sacerdotes em prol dos hereges.

24,1 Nem pense alguém que os hereges, porque se lhes opõe o batismo, ficam escandalizados por esse termo, como se de um segundo batismo se tratasse e, por isso, retardam sua vinda à Igreja.

24,2 Antes, pelo contrário, eles são impelidos por esse mesmo testemunho de uma verdade que se lhes demonstra e comprova, à necessidade de vir. Com efeito, se virem que se decreta e estabelece, por juízo e sentença nossa, que o batismo com que foram batizados se tem por justo e legítimo, pensarão possuir justa e legitimamente a Igreja e também os outros dons da Igreja e não haveria motivo de virem a nós, ao parecer-lhes que, tendo o batismo, teriam igualmente todo o resto.

24,3 Por outro lado, quando conhecem que não pode haver batismo algum do lado de fora nem se pode conceder a remissão dos pecados fora da Igreja,

mais ávida e prontamente se apressam para vir a nós, implorando os dons e as graças da mãe Igreja, certos de que não podem chegar absolutamente à verdadeira promessa da divina graça a menos que tenham vindo, antes, à verdade da Igreja. E os hereges não recusarão ser batizados entre nós com o legítimo e verdadeiro batismo da Igreja quando aprenderem que foram, igualmente, batizados por Paulo os que já tinham sido batizados com o batismo de João,[233] como lemos nos Atos dos Apóstolos.[234]

25,1 Agora, porém, entre alguns dos nossos, o batismo dos hereges é defendido e, por uma espécie de aversão a rebatizar, considera-se como algo ilícito batizar depois que os inimigos de Deus o fizeram, ainda que constatemos terem sido batizados os que João batizara: aquele João, tido como o maior entre os profetas,[235] repleto da graça divina ainda no seio materno,[236] animado pelo espírito e pelo poder de Elias,[237] que não foi adversário do Senhor, mas seu precursor e pregador, que não o prenunciou apenas com palavras, mas mostrou-o presente também diante dos olhos[238] e batizou o próprio Cristo, por quem são batizados os outros.[239]

25,2 Ora, se o herege pôde obter o direito de batizar pelo fato de ter batizado primeiro, o batismo não será então de quem o possui, mas de quem dele se apodera; e como o batismo e a Igreja não podem ser em absoluto separados entre si, quem se apoderou primeiro do batismo pôde apoderar-se também da Igreja, e tu começas a parecer-lhe um herege por teres chegado mais tarde, por teres abandonado, cedendo e confessando-te vencido, o direito que receberas.

25,3 Quão perigoso é, por outro lado, em se tratando das realidades divinas, que alguém ceda o que está em seu direito e em seu poder, a Escritura santa o declara quando, no Gênesis, Esaú veio a perder os seus direitos de primogenitura e não os pôde reaver mais tarde, por tê-los cedido uma vez.[240]

26,1 Eis o que te respondemos em breves palavras, irmão caríssimo, e conforme a nossa medíocre capacidade, sem prescrever a quem quer que seja nem impedir que cada um dos bispos aja como pensar, tendo ele a livre potestade do próprio arbítrio.[241]

26,2 Quanto ao que nos concerne, não entramos em contenda por causa de

hereges com colegas e irmãos nossos no episcopado, com os quais temos a divina concórdia e a paz do Senhor, especialmente quando também o Apóstolo diz: “Se, no entanto, alguém quiser contestar, não temos esse costume, nem tampouco a Igreja de Deus”.[242] Sejam por nós conservados, paciente e mansamente, a caridade do espírito, a dignidade do colégio, o vínculo da fé, a concórdia do sacerdócio. É por isso também que, conforme nos valeu a nossa mediocridade e sob a permissão e inspiração do Senhor, escrevemos agora este livrinho sobre o bem da paciência,[243] que, em nome da dileção que nos une, te enviamos. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 74

Cipriano ao irmão Pompeu,[244] saudação.

1,1 Ainda que tenhamos recapitulado de modo exaustivo o que se há de dizer com relação à necessidade de batizar os hereges nas epístolas cujas cópias te enviamos, irmão caríssimo, visto que desejaste que fosse levado ao teu conhecimento o que me teria respondido nosso irmão Estêvão a partir da nossa carta, enviei-te uma cópia do seu rescrito.[245] Tendo-o lido, perceberás cada vez mais o erro dele, alguém que se empenha em defender a causa dos hereges contra os cristãos e contra a Igreja de Deus.

1,2 Entre outras coisas, com efeito, arrogantes, ou não concernentes ao problema em questão, ou em contradição com o que ele próprio sustenta, que inábil e incautamente escreveu,v[246] acrescentou ainda o seguinte: “se alguém vier até nós, proveniente seja de que heresia for, em nada se inove, mas tão somente se aja de acordo com a tradição, a saber, que se lhe imponha a mão em penitência, pois os próprios hereges não batizam conforme o seu rito particular os que vêm até eles provenientes de outra seita, mas apenas os admitem à comunhão”.[247]

2,1 Ele proibiu que fosse batizado na Igreja quem vem seja lá de que heresia for, ou seja, estimou como justos e legítimos os batismos de todos os hereges.

E como cada heresia tem um batismo diferente e pecados que lhe são peculiares, ele, ao declarar-se em comunhão com o batismo de todas, recolheu amontoados em seu regaço os pecados de todas.

2,2 E mandou que em nada se inovasse, mas que se agisse tão somente de acordo com a tradição, como se estivesse a inovar em algo quem, conservando a unidade, reivindica o único batismo[248] para a única Igreja e não, pelo contrário, quem, esquecendo-se da unidade, se apropria das mentiras e das nefastas influências de uma ablução profana. Em nada se inove, ele diz, mas tão somente se aja de acordo com a tradição. Donde provém tal tradição? Porventura se deriva da autoridade do Senhor e do Evangelho, ou provém das determinações e das Epístolas dos apóstolos?

2,3 Ora, Deus atesta que se há de fazer o que está escrito e exorta a Josué, dizendo: "Que o livro da lei não se afaste da tua boca: nele meditarás dia e noite para teres o cuidado de fazer tudo o que nele está escrito".[249] Do mesmo modo, o Senhor, ao enviar os seus apóstolos, manda que os povos sejam batizados e que se lhes ensine a observar tudo quanto ele ordenou.[250] Se, portanto, tiver sido ordenado no Evangelho ou se estiver contido nas Epístolas ou nos Atos dos Apóstolos que não se devem batizar os que provêm seja lá de que heresia for, mas que tão somente se lhes imponha a mão em penitência, que seja observada esta santa e divina tradição.[251] Se, porém, os hereges ali não se nomeiam senão como adversários e anticristos, tachados como gente que se há de evitar, gente perversa e que por si mesma se condena,[252] qual será o motivo para não serem condenados por nós aqueles que, segundo o testemunho apostólico, já estão condenados por si mesmos?

2,4 De modo que ninguém deve difamar os apóstolos, como se eles tivessem aprovado o batismo dos hereges ou os tivessem admitido à comunhão sem o batismo da Igreja, uma vez que eles escreveram tais coisas a respeito dos hereges − e isso quando ainda não tinham irrompido pestes heréticas mais acerbas, quando não tinha emergido do Ponto Marcião Pôntico,[253] cujo mestre Cerdão veio a Roma, sob o bispo Higino,[254] que fora o nono na Urbe. Tendo-o seguido Marcião, e ajuntando desavergonhadamente outras amplificações a seu crime, estabeleceu de súbito que se blasfemasse contra o Deus Pai criador e dotou ainda mais infame e gravemente de armas sacrílegas o furor herético que se rebela contra a Igreja.

3,1 Por conseguinte, se consta que as heresias se fizeram depois mais numerosas e piores; se, antes, em parte alguma foi absolutamente mandado ou escrito que se impusesse ao herege tão somente a mão em penitência e, desse modo, se lhe admitisse a comunhão, e se o batismo não é senão um só[255] e está conosco, dentro da Igreja, e só a ela foi concedido por divina mercê, que obstinação é essa? Que presunção é essa de antepor uma tradição humana à divina disposição, e de não perceber que Deus fica indignado e irado toda vez que uma tradição humana anula os divinos preceitos e passa ao largo deles, tal como ele clama por meio do profeta Isaías, dizendo: "Sem motivo me prestam culto os que ensinam mandamentos humanos, coisas aprendidas de homens"?[256]

3,2 Afirma o Senhor igualmente no Evangelho, ao increpar de modo semelhante e censurar, dizendo: "Sabeis muito bem desprezar o mandamento de Deus para observar a vossa tradição".[257] Recordando-se desse preceito, o bem-aventurado apóstolo Paulo exorta, também ele, e instrui, ao dizer: "Se alguém ensinar outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina dele, está cheio de estupidez [...], afasta-te de gente assim".[258]

4,1 Propõe-se, sem dúvida, pelo ensinamento de nosso irmão Estêvão, uma tradição preclara e legítima que nos fornece idônea autoridade. De fato, na mesma passagem da sua epístola, ele acrescenta, ajuntando: "pois os próprios hereges não batizam conforme o seu rito particular os que vêm até eles provenientes de outra seita, mas apenas os admitem à comunhão". Precipitou-se a Igreja de Deus e esposa de Cristo a tal nível de males que segue os exemplos dos hereges, que a luz pede às trevas o empréstimo da disciplina segundo a qual há de celebrar os sacramentos celestes, que os cristãos fazem aquilo que fazem os anticristos.

4,2 Que cegueira de espírito é essa? Que perversidade é essa de não querer reconhecer a unidade da fé que procede de Deus Pai e da tradição de nosso Senhor e Deus Jesus Cristo? Pois, se não está entre os hereges a Igreja, que é uma só e não pode dividir-se, e se, por isso, o Espírito Santo não está ali, já que é um só e não pode estar entre profanos e estranhos; logo, tampouco o batismo, que repousa, por certo, na mesma unidade, pode existir entre os hereges, haja vista que não pode separar-se nem da Igreja, nem do Espírito Santo.

5,1 Ou então, se eles atribuem o efeito do batismo à majestade do nome, pensando que os batizados em nome de Jesus Cristo, em qualquer lugar e de qualquer modo, são renovados e santificados, é no mesmo nome de Cristo que ali também se impõe a mão ao batizado para que receba o Espírito Santo: por que não prevalece, na imposição da mão, a mesma majestade do nome que eles alegam ter prevalecido na santificação do batismo?

5,2 De fato, se quem nasceu fora da Igreja pode tornar-se templo de Deus, [259] por que não se pode infundir o Espírito Santo sobre o templo? Quem, ao abandonar os pecados, foi santificado no batismo e reformado espiritualmente como homem novo[260] tornou-se idôneo para receber o Espírito Santo, uma vez que o Apóstolo diz: "Todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo".[261]

5,3 Quem pode revestir-se de Cristo, ao ser batizado entre os hereges, com muito mais razão pode receber o Espírito Santo que Cristo enviou. Do contrário, o enviado será maior do que quem o envia, caso comece alguém, de fora, a revestir-se de Cristo, sem que possa receber o Espírito Santo, como se pudesse alguém revestir-se de Cristo sem o Espírito, ou como se pudesse separar de Cristo o Espírito.

5,4 E tal argumento é também falho porque, ao ser espiritual o segundo nascimento, por meio do qual nascemos em Cristo pelo banho da regeneração,[262] alegam que pode alguém nascer espiritualmente entre os hereges, em cujo meio negam que esteja o Espírito Santo. Com efeito, a água sozinha não pode purificar dos pecados nem santificar o homem, a menos que tenha também o Espírito Santo. Portanto, ou é necessário que concedam que o Espírito esteja ali onde dizem que existe o batismo, ou então que tampouco existe o batismo onde o Espírito não está: pois o batismo não pode existir sem o Espírito.

6,1 A que vem isso, então, de afirmar e de defender que podem ser filhos de Deus os que não nasceram na Igreja? O bem-aventurado Apóstolo manifesta e prova ser no batismo, com efeito, que o homem velho morre e o novo nasce,[263] dizendo: "salvou-nos pelo banho da regeneração".[264]

6,2 Se, portanto, no banho, isto é, no batismo, produz-se a regeneração, como pode gerar filhos para Deus, por meio de Cristo, uma heresia que não é a esposa de Cristo? A Igreja é, pois, a única que, por estar unida e ligada a

Cristo, gera filhos espiritualmente, no dizer, outra vez, do mesmo Apóstolo: “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água”.[265] Se essa é, pois, a dileta, a única esposa santificada por Cristo, a única purificada pelo seu banho, é claro que a heresia, que não é esposa de Cristo nem pode ser purificada ou santificada pelo banho dele, não pode gerar filhos para Deus.

7,1 Além disso, não pela imposição da mão nasce alguém, quando recebe o Espírito Santo, e sim no batismo; de modo que quem já nasceu recebe o Espírito, tal como ocorreu em Adão, o primeiro homem.[266] Deus plasmou-o antes, insuflando depois em seu rosto o sopro de vida.

7,2 Não pode o Espírito ser recebido a menos que haja, antes, quem o receba. Uma vez que o nascimento dos cristãos se dá no batismo e que a geração e a santificação do batismo só existem na esposa de Cristo, que pode dar à luz espiritualmente e gerar filhos para Deus, onde, de quem e para quem nasceu quem não é filho da Igreja? Para que alguém possa ter a Deus por Pai, tenha antes a Igreja por Mãe.[267]

7,3 Ora, já que nenhuma heresia em absoluto e nenhum cisma podem ter, de fora, a santificação do batismo salutar, a dura obstinação de nosso irmão Estêvão chegou a tal ponto que defende nascerem filhos para Deus até mesmo do batismo de Marcião, bem como do de Valentim, do de Apeles e do de outros que blasfemam contra Deus Pai; que diz conceder-se a remissão dos pecados em nome de Jesus Cristo ali onde se blasfema contra o Pai e contra o Cristo, nosso Senhor e Deus.

8,1 A esta altura, irmão caríssimo, há de considerar-se, em prol da fé e da santidade da função sacerdotal que desempenhamos, se consta que, no dia do juízo, se possa dar razão a um sacerdote de Deus que declare, demonstre e tenha por válidos os batismos dos blasfemadores, enquanto o Senhor ameaça e diz: “Agora, é para vós esta ordem, ó sacerdotes: Se não escutardes, se não levardes a sério dar glória ao meu nome” − disse o Senhor −, “mandarei contra vós a maldição e amaldiçoarei a vossa bênção”.[268]

8,2 Dá glória a Deus quem tem comunhão com o batismo de Marcião? Dá glória a Deus quem julga que se concede a remissão dos pecados entre aqueles que blasfemam contra Deus? Dá glória a Deus quem afirma que do

lado de fora, de mãe adúltera e fornicadora, nascem filhos de Deus? Dá glória a Deus quem, sem conservar a unidade e a verdade que provêm da lei divina, toma o partido dos hereges contra a Igreja? Dá glória a Deus quem, fazendo-se amigo dos hereges e inimigo dos cristãos, pensa que devam ser excomungados os sacerdotes de Deus, que defendem a verdade de Cristo e a unidade da Igreja?

8,3 Se é assim que se dá glória a Deus, se é assim que se observam o temor de Deus e a disciplina, por parte dos que lhe prestam culto e dos sacerdotes, abaixemos as armas, rendamo-nos ao cativeiro, entreguemos ao diabo a ordenação do Evangelho, a lei de Cristo, a majestade de Deus. Desfaçam-se os juramentos da divina milícia, entreguem-se as insígnias do celeste acampamento, sucumba a Igreja e ceda às heresias, a luz às trevas, a fé à perfídia, a esperança ao desespero, a razão ao erro, a imortalidade à morte, a caridade ao ódio, a verdade à mentira, o Cristo ao Anticristo.

8,4 Com razão, a cada dia, surgem cismas e heresias, crescem rápida e vigorosamente e, pululando com suas serpentinas caudas, lançam contra a Igreja de Deus, com as maiores forças, a secreção dos seus venenos, enquanto, em virtude do patrocínio de alguns, se lhes reconhece autoridade e firmeza, enquanto se defende o batismo deles, enquanto são traídas a fé e a verdade, enquanto o que se promove, de fora, contra a Igreja, dentro da própria Igreja encontra defesa.

9,1 Se existe, pois, entre nós, irmão diletíssimo, o temor de Deus, se prevalece o modo de proceder próprio da fé, se guardamos os preceitos de Cristo, se defendemos a santidade incorrupta e inviolada da sua esposa, se aderem aos nossos sentidos e ao nosso coração as palavras do Senhor, que diz: "Quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?", [269] quais fiéis soldados de Deus que militamos para Deus na fé sincera e na piedade, conservemos com fiel coragem o acampamento que nos foi divinamente confiado.

9,2 Um costume que se introduzira furtivamente junto a alguns não deve impedir que a verdade prevaleça e vença. Pois o costume sem a verdade é o envelhecimento do erro.[270] Por isso, abandonado o erro, sigamos a verdade, sabendo que, também pelo que se lê em Esdras, a verdade vence, conforme está escrito: "A verdade permanece e cresce para sempre, vive e prevalece pelos séculos dos séculos.[271] Não se faz junto a ela acepção de

pessoas, ela não observa distinções, mas faz o que é justo e não há em seu juízo o que é iníquo, e sim a fortaleza, o reino, a majestade e o poder por todos os séculos. Seja bendito o Deus da verdade".[272] Ao mostrar-nos Cristo essa verdade em seu Evangelho, diz: "Eu sou a Verdade".[273] Portanto, se nós estamos em Cristo e se temos Cristo em nós, se permanecemos na verdade e a verdade permanece em nós, conservemos o que é verdadeiro.

10,1 Ocorre, porém, por uma tendência presunçosa e contumaz, que se costume defender as perversas e falsas opiniões próprias mais do que consentir nas retas e verdadeiras opiniões de outrem. Tendo isso em vista, o bem-aventurado apóstolo Paulo escreve a Timóteo, exortando que o bispo não deve ser amante de litígios e contendas, mas sim manso e desejoso de aprender.[274] Ora, desejoso de aprender é aquele que, por seu caráter dócil e manso, está disposto à paciência que requer a aprendizagem. Convém, pois, que os bispos não apenas ensinem, mas que também aprendam, uma vez que ensina melhor aquele que cresce diariamente e progride ao aprender melhores coisas.

10,2 E o mesmo apóstolo Paulo o ensina, advertindo que, se a algum dos que estiverem sentados for revelado algo melhor, o primeiro [que tomou a palavra] deverá calar-se.[275] Há, pois, nas almas piedosas e simples, um caminho mais curto para depor o erro e encontrar e extrair a verdade. Com efeito, se retornarmos ao princípio e à origem da divina tradição, cessa o erro humano e, contemplada a razão dos mistérios celestes, tudo o que se ocultava escurecido sob a caligem e a nuvem das trevas abre-se à luz da verdade. De modo que, se um curso d'água, que fluía antes de modo copioso e abundante, cessasse de repente, porventura não se haveria de ir até a fonte para conhecer ali a causa da sua cessação: se, ao secarem-se os veios na cabeceira, a água secou-se; ou então se, fluindo dali íntegra e copiosa, foi interrompida no meio do caminho, como se, por defeito de um conduto interrompido ou poroso, se tivesse impedido que o curso d'água contínuo fluísse ininterrupta e constantemente, e nesse caso, uma vez refeito e restabelecido o canal, a água recolhida pudesse ser novamente oferecida ao uso e consumo da cidade, com a mesma abundância e integridade com que jorra da fonte?

10,3 O mesmo convém que façam agora os sacerdotes de Deus que observam os preceitos divinos, a saber, se em algo a verdade hesita e vacila,

voltemos à sua origem no Senhor e à tradição evangélica e apostólica, e erga-se a norma do nosso proceder a partir de onde se ergueu a nossa ordem e a nossa origem.

11,1 Foi-nos transmitido, pois, que existe um único Deus, um único Cristo, uma só esperança, uma só fé e uma só Igreja, além de um só batismo,[276] que não se estabelece senão na única Igreja, de cuja unidade necessariamente se encontra afastado quem quer que esteja na companhia dos hereges e que, ao defendê-los contra a Igreja, dê combate ao sacramento da divina tradição.

11,2 Vemos uma imagem clara dessa unidade também no Cântico dos Cânticos, na passagem em que, falando em nome de Cristo, se diz: "És jardim fechado, minha irmã, noiva minha, uma fonte lacrada [...] poço de água viva [...] paraíso de árvores frutíferas".[277] Ora, se a Igreja é um jardim fechado e uma fonte lacrada, como pode entrar nesse jardim e beber de sua fonte quem na Igreja não está?

11,3 Do mesmo modo, o próprio Pedro, demonstrando e defendendo a unidade, declarou e advertiu que nós podemos ser salvos somente pelo único batismo da única Igreja. "Na arca de Noé", − ele diz − "poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas por meio da água. Aquilo que lhe corresponde é o batismo que agora vos salva".[278] Nesse compêndio breve e espiritual, manifestou o mistério da unidade. Como naquele batismo do mundo, em virtude do qual a iniquidade antiga foi purificada, quem não esteve na arca de Noé não pôde salvar-se pela água, assim tampouco pode considerar-se salvo agora pelo batismo quem não foi batizado na Igreja, que foi erigida na unidade do Senhor conforme a imagem da arca única.

12 Que seja, assim, observada por nós, irmão caríssimo, e guardada, depois que se examinou e se contemplou a verdade, a seguinte disciplina, a saber, que todos aqueles que se convertem à Igreja, provindo seja de que heresia for, sejam batizados no único e legítimo batismo, à exceção daqueles que, tendo sido antes batizados na Igreja, passaram aos hereges nesse estado. Com relação a estes últimos, de fato, convém que, ao voltarem, depois de feita a penitência, sejam recebidos apenas por meio da imposição de mão e restituídos ao aprisco de onde tinham saído,[279] afastando-se do pastor. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem.

Epístola 75

Firmiliano[280] ao irmão Cipriano, saudação no Senhor.

1,1 Recebemos por meio de nosso caríssimo diácono Rogaciano,[281] enviado por vós, a carta que nos escreveste,[282] irmão diletíssimo, e rendemos por causa disso copiosas ações de graças a Deus,[283] pelo fato de os que nos encontramos mutuamente afastados quanto ao corpo estarmos tão unidos em espírito,[284] como se não só ocupássemos a mesma região, mas também habitássemos juntos numa só e mesma casa.[285]

1,2 É lícito, aliás, dizê-lo, pois a casa espiritual de Deus é uma só.[286] "Dias virão" − diz o profeta − "em que o monte da casa do Senhor será estabelecido no mais alto das montanhas e se alçará acima de todos os outeiros".[287] Na casa do Senhor se reúnem os que a ela acorrem com alegria, segundo aquilo que se pede ao Senhor também no salmo, a saber, habitar na casa do Senhor por todos os dias da vida.[288] Daí que ainda noutra passagem se tenha manifestado que há entre os santos a grande caridade da vontade[289] de congregar-se em unidade. "Vede como é bom" − diz-se −, "como é agradável habitar todos juntos como irmãos".[290]

2,1 O ato de congregar-se, pois, a paz e a concórdia não dá o maior prazer apenas aos homens fiéis e que conhecem a verdade,[291] mas até mesmo aos próprios anjos celestes, entre os quais diz a Palavra divina haver alegria por um só pecador que se arrepende e retorna ao vínculo da unidade.[292]

2,2 Isso, por certo, não seria dito dos anjos que têm sua morada nos céus, [293] se também eles próprios, que se alegram com a nossa união, não estivessem unidos conosco, assim como se, pelo contrário, não se entristecessem, de fato, ao ver os diversos pareceres e as vontades divididas de certas pessoas, como se não se invocasse ao mesmo tempo um só e mesmo Deus[294] e, separados como estão e divididos uns dos outros, já nem pudesse haver entre eles conversação ou palavra comum.

2,3 E não podemos senão dar nisto graças a Estêvão, a saber, por termos podido fazer experiência, por meio de sua descortesia, de vossa fé e sabedoria.[295] Mas, se recebemos por causa de Estêvão essa graça de um benefício, não é verdade que Estêvão tenha feito diretamente algo que fosse digno de benefício e de graça. Pois tampouco Judas, por sua perfídia e pela traição com que agiu criminosamente em relação ao Salvador,[296] pode parecer digno, como se tivesse sido a causa de tão grandes bens, mesmo que, graças a ele, viessem o mundo e o povo dos gentios a ser libertados pela paixão do Senhor.

3,1 Deixe-se, por ora, de lado o que foi feito por Estêvão, para não acontecer que, ao nos lembrarmos de sua audácia e insolência, nos venhamos a causar tristeza mais duradoura por causa das ações por ele improbamente realizadas. No que diz respeito a vós, por outro lado, ao estarmos informados que dispusestes conforme a regra da verdade e a sabedoria de Cristo o assunto que agora nos ocupa, exultamos com grande alegria e demos graças a Deus por termos encontrado em irmãos estabelecidos tão longe de nós tão grande comunhão de fé e de verdade[297] conosco.

3,2 Poderosa é, com efeito, a graça de Deus para congregar e reunir no vínculo da caridade e da unidade[298] até mesmo aquelas realidades que parecem divididas por um muito vasto espaço de terra; assim como também outrora o poder divino congregou Ezequiel e Daniel, embora tardios em sua época e separados, por um intervalo de tempo, de Jó e de Noé, que tinham vivido primeiro,[299] num vínculo de unanimidade, de modo que, por mais que estivessem separados por um tempo longo, tivessem, contudo, o mesmo sentir, segundo a divina inspiração.

3,3 É o que percebemos agora em vós, ao demonstrardes estar unidos conosco em pensamento e em espírito, não obstante estejais separados de nós por vastíssimas regiões. Tudo isso se realiza pela divina unidade. Pois ao ser um só e o mesmo o Senhor que habita em nós, ele congrega os seus em toda parte e os reúne pelo vínculo da unidade. Daí que por toda a terra se tenha espalhado o som[300] daqueles que foram enviados por Deus e correm velozmente[301] com o espírito da unidade, assim como, pelo contrário, de nada serve a alguns o fato de estarem próximos e juntos uns dos outros com seus corpos, se dissentem quanto ao espírito e à mente, pois não podem absolutamente reunir-se aquelas almas que se separam da unidade de Deus. “Sim” − afirma-se −, “os que se afastam de ti se perdem”.

[302]

3,4 Tais pessoas, porém, sofrerão o juízo do Senhor de acordo com seus merecimentos, ao se afastarem das palavras daquele que suplica ao Pai pela unidade, dizendo: “Pai, dá que, como tu e eu somos um, assim também eles sejam um em nós”.[303]

4,1 Quanto a nós, porém, recebemos o que foi por vós escrito como se tivesse sido escrito por nós mesmos e não o lemos de modo superficial, mas, repetindo-o amiúde, confiamo-lo à memória. E não estorva a utilidade salutar que se repitam as mesmas coisas no intuito de confirmar a verdade, nem que a elas se acrescentem algumas para reforçar a demonstração.

4,2 Se, por outro lado, alguma coisa for acrescentada por nós, não o será como se algo tivesse sido dito por vós de modo insuficiente, mas porque a palavra divina ultrapassa a natureza humana, não podendo a alma concebê-la toda e em sua perfeição, razão pela qual é tão grande o número dos profetas, a fim de que a múltipla e divina sabedoria seja distribuída por meio de muitos.[304] Por isso se ordena ao primeiro que fala em profecia que se cale, caso algo seja revelado a um segundo.[305]

4,3 Pela mesma razão, faz-se necessário entre nós que, a cada ano, os anciãos e prelados nos reunamos para tratar daquelas coisas confiadas ao nosso cuidado, de modo que, se houver questões que sejam mais graves, sejam resolvidas por um parecer comum, e que também se procure o remédio por meio da penitência aos irmãos caídos e aos feridos pelo diabo depois de terem passado pelo banho salutar, não como se obtivessem de nós a remissão dos pecados, mas para que, convertidos por nosso intermédio à compreensão de seus delitos,[306] sejam impelidos a satisfazer de modo pleno ao Senhor.

5,1 E porque este legado por vós enviado tinha pressa de regressar a vós e o inverno se aproximava, respondemos ao vosso escrito na medida de nossas possibilidades.

5,2 Quanto àquilo que, por certo, Estêvão disse, como se os apóstolos tivessem proibido que se batizassem os que provêm da heresia[307] e transmitido esse preceito para ser observado pelas gerações seguintes, vós mesmos respondestes, de modo bem completo, que ninguém seria tão estulto

a ponto de crer que os apóstolos tenham transmitido isso, uma vez que consta também que as mesmas heresias execrandas e detestáveis vieram depois. Com efeito, vê-se que, bem depois dos apóstolos e após longo tempo transcorrido desde a sua época, Marcião, discípulo de Cerdão, introduziu a sua tradição sacrílega contra Deus. Igualmente, Apeles, concordando com a blasfêmia dele, acrescentaria ainda muitas outras coisas novas e mais graves contrárias à fé e à verdade. Mas também o tempo de Valentim e de Basílides é conhecido, pois eles, depois dos apóstolos, desde os quais transcorrera já um período longo, do mesmo modo se rebelaram com suas criminosas mentiras contra a Igreja de Deus.[308]

5,3 Consta ainda que outros hereges introduziram depois as suas seitas depravadas e invenções perversas, à medida que cada um foi seduzido pelo erro. É claro que todos eles foram condenados por si mesmos[309] e, antes do dia do juízo, pronunciaram contra si mesmos uma sentença que não se pode refutar.[310] Quem confirma o batismo deles, o que faz senão colocar-se ao seu nível e condenar-se a si mesmo, ao fazer-se partícipe de tais coisas?

6,1 Que, por outro lado, os que vivem em Roma não observam em tudo o que foi transmitido desde o início e pretendem em vão a autoridade dos apóstolos, qualquer um pode saber também pelo fato de haver entre eles algumas diferenças quanto aos dias em que se há de celebrar a Páscoa e quanto a outros muitos mistérios da religião, e de não observarem tudo ali da mesma forma como se observa em Jerusalém, conforme também nas várias outras províncias muitas coisas variam de acordo com a diversidade de lugares e de denominações, sem que por isso se tenha alguém afastado, num momento ou noutro, da paz e da unidade da Igreja católica.[311]

6,2 Isso ousou fazer agora Estêvão, rompendo contra vós a paz que seus antecessores sempre custodiaram convosco no amor e na consideração recíproca e, ainda por cima, difamando os bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo, como se eles próprios, que execraram os hereges em suas Epístolas,[312] exortando-nos a que os evitássemos, tivessem transmitido algo assim. Revela-se, pois, claramente, que é humana a tradição que respalda os hereges, alegando que eles têm o batismo que não existe senão somente na Igreja.

7,1 Respondestes bem, igualmente, àquela parte em que Estêvão, em sua epístola, disse que os próprios hereges concordam com respeito ao batismo e

que, quando se passa de uma seita a outra, não batizam os que vêm até eles, mas apenas lhes dão a comunhão,[313] como se nós devêssemos fazer isso também.

7,2 Nessa passagem, ainda que já tenhais demonstrado ser bastante ridículo que alguém siga os que erram, acrescentamos, todavia, de sobejo, não admirar que os hereges ajam assim. Por mais que discrepem, de fato, em certas coisas menores, eles conservam no que é principal um único e mesmo consenso, quando blasfemam contra o Criador, forjando para si não sei que tipo de sonhos e de fantasmas de um Deus desconhecido. É coerente, portanto, que consintam na vaidade do seu batismo, assim como consentem em repudiar a verdade da divindade.[314]

7,3 A respeito deles, seria longo responder a cada uma de suas infelizes e inconsistentes afirmações. Basta dizer, em resumo, que aqueles que não reconhecem o verdadeiro Senhor e Pai não podem reconhecer tampouco a verdade do Filho, nem a do Espírito Santo, assim como os que se chamam catafrígios[315] e se empenham em atribuir-se profecias novas não podem ter o Pai, nem o Filho, nem o Espírito Santo.[316] Se perguntarmos deles que Cristo pregam, responderão que pregam o Cristo que enviou o Espírito que falou por meio de Montano e de Prisca. Ao nos darmos conta de que neles não esteve o Espírito da verdade, mas o do erro, nós reconhecemos que os que reivindicam a sua falsa profecia, contra a fé de Cristo, não podem ter Cristo.

7,4 Mas tampouco quaisquer outros hereges, a partir do momento em que se separaram da Igreja de Deus, podem ter o que quer que seja de potestade ou de graça, quando toda potestade e toda graça estão estabelecidas na Igreja, a que presidem os anciãos,[317] que possuem tanto a potestade de batizar, como a de impor a mão e a de ordenar. Assim, pois, como não é lícito ao herege ordenar nem impor a mão, não o é, do mesmo modo, batizar nem fazer santa e espiritualmente seja o que for, por ser ele alheio à santidade deífica e espiritual.

7,5 Nós já confirmamos toda essa doutrina, há bastante tempo, reunidos em Icônio,[318] localidade da Frígia, a partir da Galácia, da Cilícia e de outras regiões próximas, para que fosse sustentada firmemente e defendida contra os hereges, havendo, por parte de alguns, certa dúvida sobre o assunto.[319]

8,1 E já que Estêvão e os que com ele concordam alegam que a remissão dos pecados e o segundo nascimento[320] podem surgir no batismo dos hereges, junto aos quais eles próprios confessam que não existe o Espírito Santo, que considerem e entendam de uma vez que não pode haver nascimento espiritual sem o Espírito Santo. De acordo com isso, o bem-aventurado apóstolo Paulo batizou de novo, com um batismo espiritual, os que tinham sido batizados por João, antes que o Espírito Santo tivesse sido enviado pelo Senhor, e impôs-lhes a mão para que recebessem o Espírito Santo.[321]

8,2 Com base em que argumento, pois, ao vermos que Paulo batizou novamente os seus discípulos, depois do batismo de João, vamos nós hesitar em batizar os que vêm à Igreja, provenientes da heresia e depois da sua ilícita e profana ablução? A menos que Paulo tenha sido menor que esses bispos de agora, uma vez que estes podem dar o Espírito Santo, apenas pela imposição da mão, aos hereges que se acercam, enquanto Paulo não foi capaz de dar o Espírito Santo pela imposição da mão àqueles que tinham sido batizados por João, se não os tivesse batizado primeiro também com o batismo da Igreja.

9,1 É absurdo também que não pensem que se há de investigar quem foi a pessoa que batizou, por sustentarem que quem foi batizado pôde ter obtido a graça desde que se tenha invocado a Trindade dos nomes do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Ora, qual será a sabedoria que Paulo escreve existir naqueles que são perfeitos?[322] Quem é perfeito e é sábio na Igreja pode defendê-lo ou crer nisso, a saber, que a simples invocação daqueles nomes baste para a remissão dos pecados e a santificação do batismo, quando tais nomes servem, por certo, contanto que também quem batiza possua o Espírito Santo, pois o próprio batismo não foi instituído sem o Espírito Santo?

9,2 Mas dizem que aquele que foi batizado fora, da maneira que for, pode obter a graça do batismo por sua mente e por sua fé. Também isso é, sem dúvida, ridículo, como se a mente perversa pudesse trazer a si, do céu, a santificação dos justos, ou uma falsa fé obtivesse a verdade dos que creem. Nem todos, por outro lado, que invocam o nome de Cristo são ouvidos, nem sua invocação pode impetrar algo de graça,[323] conforme o próprio Senhor o declara ao dizer: "Muitos virão em meu nome, dizendo: 'O Cristo sou eu!', e enganarão a muitos".[324] Não há, com efeito, diferença alguma entre o falso profeta e o herege. Pois, assim como aquele engana em nome de

Deus e de Cristo, este o faz no sacramento do batismo. Ambos se apoiam na mentira para enganar as vontades dos homens.

10,1 Quero expor-vos também uma história que se passou entre nós e que diz respeito ao nosso tema. Há cerca de vinte e dois anos, nos tempos que se seguiram ao imperador Alexandre,[325] ocorreram por aqui muitos conflitos e tribulações, que afetaram todos os homens em comum ou, particularmente, os cristãos. Houve também vários e frequentes terremotos, de modo que, tanto ao longo da Capadócia como do Ponto, muitas edificações vieram abaixo e algumas cidades foram também tragadas por uma fenda do solo rachado e arrastadas para o abismo. Daí que contra nós se levantasse ainda uma grande perseguição do nome cristão, que, depois da longa paz que se viveu na época anterior, ainda mais terrível se fez, ao tratar-se de um mal inesperado e insólito, para a perturbação do nosso povo. Sereniano[326] era então o governador da nossa província, um perseguidor severo e cruel.

10,2 Estando os fiéis em meio a essa perturbação, fugindo daqui para ali pelo medo da perseguição,[327] abandonando suas pátrias e passando a outras regiões − havia, com efeito, a possibilidade de mudar-se, pois aquela perseguição não se estendia ao mundo inteiro, mas era de caráter local −, surgiu por aqui, de repente, certa mulher que, num estado de êxtase, declarou-se profetisa, agindo como se estivesse cheia do Espírito Santo. De tal modo era ela movida pelo impulso dos principais demônios, que por muito tempo seduziu e enganou a comunidade, realizando algumas obras admiráveis e portentosas e chegando até a prometer que faria com que a terra se movesse. Não que o poder do demônio fosse tão grande a ponto de fazer, por sua própria força, a terra mover-se ou abalarem-se os elementos, mas talvez porque, ao pressentir e entender que havia de ocorrer um terremoto, o espírito maligno simulou que ele próprio causaria o que via estar para acontecer.

10,3 Com essas mentiras e agitações, subjugara as mentes de cada um para que lhe obedecessem e o seguissem aonde quer que ele os mandasse e conduzisse. Ele faria ainda com que aquela mulher, num rigoroso inverno, caminhasse com os pés descalços sobre a enregelada neve e não se visse de forma alguma incomodada nem ferida por aquele deslocamento, e ela ainda dizia que se apressava para voltar à Judeia e a Jerusalém, fingindo que de lá tinha vindo.

10,4 Enganou ainda, por aqui, um dos presbíteros do campo e, igualmente, um diácono, levando-os a juntar-se àquela mulher, coisa que, pouco depois, foi descoberta. Com efeito, apresentou-se de repente diante dela um dos exorcistas, varão de virtude provada e sempre bem versado na disciplina eclesiástica, o qual, animado também pela exortação de vários irmãos que igualmente permaneciam fortes e louváveis na fé, ergueu-se contra aquele espírito maligno para derrotá-lo. Tal espírito, aliás, com uma sutil falácia, já predissera pouco antes que haveria de vir alguém que lhe seria contrário, um tentador infiel. O exorcista, todavia, inspirado pela graça de Deus, resistiu fortemente e mostrou ser muito maligno aquele espírito que, antes, se pensava que fosse santo.

10,5 Aquela mulher, por outro lado, que antes, pelos prodígios e falácias do demônio, promovia muitas coisas para engano dos fiéis, entre outras coisas com que enganara a muitos, ousou fazer também o seguinte: com uma invocação não desprezível, simulava consagrar o pão, confeccionar a Eucaristia e oferecer o sacrifício ao Senhor não sem o mistério da acostumada prece; batizava também a muitos, fazendo uso das legítimas e frequentemente usadas palavras da interrogação, de modo que nada parecia discrepar da regra eclesiástica.

11,1 Que diremos, pois, desse batismo, no qual um demônio muito maligno batizou através daquela mulher?[328] Por acaso Estêvão e aqueles que com ele concordam o aprovam, máxime ao não lhe faltar o símbolo da Trindade, nem a legítima e eclesiástica interrogação? Pode crer-se que se tenha dado a remissão dos pecados ou que se tenha produzido convenientemente a regeneração da ablução salutar, onde tudo, apesar de ter a imagem da verdade, foi realizado por um demônio? A menos que os que aprovam o batismo dos hereges defendam que o demônio tenha dado a graça do batismo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Entre os hereges, sem dúvida, encontra-se o mesmo erro, a mesma falácia dos demônios, uma vez que entre eles não está, em absoluto, o Espírito Santo.

12 Qual é ainda o significado de Estêvão querer que a presença e a santidade de Cristo estejam junto aos que se batizam entre os hereges? Pois, se o Apóstolo não mente[329] ao dizer: “todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo”,[330] todo aquele que ali foi batizado em Cristo revestiu-se de Cristo por certo. Se, porém, revestiu-se de Cristo, pôde receber o Espírito Santo, que por Cristo foi enviado; e em vão se impõe a

mão a quem vem a nós, para que receba o Espírito Santo, a não ser que esses tais separem de Cristo o Espírito, de modo que, entre os hereges, esteja Cristo, sem que ali esteja, porém, o Espírito Santo.

13,1 Passemos brevemente em revista também as outras coisas que foram por vós abundante e mui completamente ditas, máxime quando nosso caríssimo diácono Rogaciano tem pressa de regressar a vós.

13,2 Segue-se, com efeito, aquela passagem segundo a qual os que defendem os hereges devem ser interrogados por nós sobre se o batismo deles é carnal ou espiritual.[331] Ora, se é carnal, em nada o fazem diferente do batismo dos judeus, que dele faziam um uso tal como o de uma ablução comum e vulgar, para limpar-se tão somente da impureza exterior. Se, porém, é espiritual, como pode existir um batismo espiritual entre aqueles em cujo meio o Espírito Santo não está? Por isso, a água com que se lavam é para eles apenas uma ablução carnal, não o sacramento do batismo.

14,1 Se o batismo dos hereges pode conter a regeneração de um segundo nascimento, não se hão de ter por hereges, mas por filhos de Deus, os que se batizam entre eles, pois o segundo nascimento que se dá no batismo gera filhos de Deus. Se, porém, a esposa de Cristo é uma só, a Igreja católica, ela é a única que gera filhos para Deus. Não há, com efeito, muitas esposas de Cristo, tendo dito o Apóstolo: "Desposei-vos a esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura";[332] por dizer-se ainda: "Ouve, ó filha, vê e inclina teu ouvido: esquece o teu povo [...], que o rei desejou tua beleza",[333] e mais: "Vem do Líbano, noiva minha, virás e atravessarás desde o princípio da fé",[334] e: "Já vim ao meu jardim, minha irmã, noiva minha".[335] Vemos que, em todas essas passagens, trata-se de uma única pessoa, pois a esposa é, também ela, uma só.

14,2 Não é, por outro lado, uma só conosco a sinagoga dos hereges, pois nem a esposa é uma adúltera ou fornicadora. Por isso, aquela não pode dar à luz filhos para Deus. A menos que, segundo o que a Estêvão parece, a heresia dê à luz e exponha os recém-nascidos, e a Igreja, por sua vez, acolha os expostos e nutra como se fossem seus aqueles que ela própria não engendrou, ainda que não possa ser mãe de filhos alheios. A esse respeito, Cristo nosso Senhor, manifestando que a sua esposa é uma só e mostrando um sinal da sua unidade, diz: "Quem não está comigo, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa".[336] Se, portanto, Cristo está conosco,

os hereges, por sua vez, não estão, sendo coisa certa que os hereges estão contra Cristo; e se nós ajuntamos com Cristo, e os hereges não ajuntam conosco, sem dúvida, dispersam>

15,1 Tampouco há de ser por nós transcurado o que foi necessariamente dito por vós, a saber, que, segundo o Cântico dos Cânticos, a Igreja é um "jardim fechado, uma fonte lacrada... um paraíso de árvores frutíferas".[337] Aqueles que nunca entraram nesse jardim, nem viram o pomar plantado pelo Deus criador,[338] como puderam dar a alguém a água viva do banho salutar, tomada da fonte que está fechada dentro [do jardim] e lacrada com o selo divino?

15,2 Ao não ter sido a arca de Noé outra coisa senão uma imagem da Igreja de Cristo, que resguardou então, enquanto pereciam todos os que fora dela se achavam, apenas aqueles que estavam dentro, somos claramente instruídos a contemplar a unidade da Igreja, conforme Pedro também afirmou, ao dizer: "Assim também o batismo que agora nos salva",[339] mostrando que, assim como os que não estiveram na arca com Noé não apenas não foram purificados nem salvos, mas também pereceram de imediato por causa daquele dilúvio,[340] do mesmo modo, agora, quem quer que não esteja na Igreja com Cristo há de perecer do lado de fora, a menos que se converta, arrependendo-se, ao único e salutar lavado da Igreja.

16,1 Qual é o erro e quão grande a cegueira de quem diz que, nas sinagogas dos hereges, se pode conceder a remissão dos pecados, e não permanece no fundamento da única Igreja, consolidada por Cristo uma vez por todas sobre a rocha?[341] Podem ser compreendidos a partir do fato de Cristo ter dito apenas a Pedro: "o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus".[342] E, de novo, no Evangelho, Cristo soprou tão somente sobre os apóstolos, dizendo: "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes, ser-lhes-ão retidos".[343] Logo, a potestade de perdoar pecados foi dada aos apóstolos, às igrejas que eles, enviados por Cristo, constituíram e aos bispos que lhes sucederam por uma ordenação vicária.

16,2 Ora, os inimigos da única Igreja católica, em que nós nos encontramos, os que se opõem a nós que sucedemos aos apóstolos, reivindicando para si

sacerdócios ilegítimos contra nós e erigindo altares profanos, o que são senão sacrílegos, em virtude de um crime semelhante ao de Coré, Datã e Abiram, prestes como eles a sofrer castigos em companhia dos que os apoiam,[344] assim como, outrora, os que participavam dos crimes daqueles e os apoiavam pereceram com eles, em semelhante morte?

17,1 Fico eu aqui justamente indignado diante da tão clara e manifesta estultícia de Estêvão, pois quem tanto se gloria da Sé de seu episcopado, alegando guardar a sucessão de Pedro, sobre o qual foram estabelecidos os fundamentos da Igreja, introduz muitas outras pedras e constitui os novos edifícios de muitas igrejas, ao defender, com sua autoridade, que há nelas o batismo.

17,2 Pois, os batizados são os que, sem dúvida, perfazem o contingente da Igreja; quem aprova o seu batismo, confirma que, a partir daqueles batizados, a Igreja está ali. E não percebe que obscurece e, de algum modo, suprime a verdade da Rocha cristã quem trai desse modo e abandona a unidade. O Apóstolo proclama que os judeus, todavia, por mais que estivessem cegos pela ignorância e fossem culpados de gravíssimo crime, estavam imbuídos de zelo por Deus.[345] Estêvão, que anuncia ter a cátedra de Pedro por sucessão, não é animado por zelo algum contra os hereges, ao conceder-lhes a não módica, mas máxima potestade da graça, dizendo e sustentando que eles purificam, pelo sacramento do batismo, as manchas do velho homem,[346] perdoam os antigos pecados mortais, constituem filhos de Deus por uma celeste regeneração e preparam para a vida eterna pela santificação de uma divina ablução.

17,3 E se concede e atribui aos hereges esses grandes e celestes dons da Igreja, o que faz senão manter a comunhão com aqueles em favor dos quais defende e reivindica tão grande cabedal de graça? É em vão que ele hesita em consentir-lhes também noutras coisas, em ter parte com eles de modo a reunir-se a eles, a misturar igualmente suas orações às deles e a constituir com eles um altar, um sacrifício comum.

18,1 Mas − ele diz − muito ajuda o nome de Cristo com relação à fé e à santificação do batismo, de modo que quem quer que seja batizado em nome de Cristo, e onde quer que o seja, consegue imediatamente a graça de Cristo. A esse argumento se pode replicar, brevemente, dizendo-se que, se o batismo no nome de Cristo teve qualquer valor para purificar o homem fora

da Igreja, tem ali valor também a imposição de mão em nome do mesmo Cristo para quem receber o Espírito Santo.

18,2 E começarão também outras coisas, entre os hereges, a parecer justas e legítimas, contanto que se realizem em nome de Cristo, ao passo que, conforme vós sustentastes em vossa epístola, o nome de Cristo não pode ter valor senão e tão somente na Igreja, à qual e unicamente à qual Cristo concedeu a potestade da graça celeste.

19,1 Quanto ao que diz respeito à refutação do costume que eles parecem opor à verdade, quem será tão desprovido de inteligência que prefira o costume à verdade ou que, tendo visto a luz, não abandone as trevas?

19,2 A menos que [se conceda] que o antiquíssimo costume ajuda em algo aos judeus, uma vez que veio Cristo, isto é, a Verdade, pois, abandonado o novo caminho da verdade, eles permaneceram na vetustez.

19,3 E isso, contra Estêvão, podeis dizer vós, africanos, que abandonastes o erro do costume quando viestes ao conhecimento da verdade. De resto, nós unimos o costume à verdade, e ao costume dos romanos contrapomos um costume, mas o costume da verdade, ao guardarmos desde o princípio o que foi transmitido por Cristo e pelos apóstolos. E não lembramos que isso tenha começado entre nós alguma vez, tendo nós observado sempre por aqui o princípio de não se reconhecer senão a única Igreja de Deus e de não se ter por santo senão o batismo da santa Igreja.[347]

19,4 Por certo, visto que alguns tinham dúvidas acerca do batismo daqueles que, ainda que o tivessem recebido de novos profetas, pareciam, contudo, reconhecer conosco o mesmo Pai e o mesmo Filho, tratamos desse assunto diligentemente, tendo-nos reunido em grande número em Icônio, e confirmamos que se há de repudiar absolutamente todo e qualquer batismo que se administre fora da Igreja.

20 Com relação ao fato de afirmarem e dizerem que, em favor dos hereges, o Apóstolo teria dito: “De qualquer maneira − ou com segundas intenções ou sinceramente − Cristo é proclamado”,[348] é desnecessário que respondamos, quando está claro que o Apóstolo, na Epístola em que diz isso, não fez menção alguma dos hereges nem do batismo deles, mas se referiu apenas a irmãos que, ou falavam perfidamente em relação a ele, ou

perseveravam numa fé sincera. E não convém discorrer sobre isso com um tratado longo; basta que se leia a Epístola e se entenda o que disse o Apóstolo a partir de suas próprias palavras.

21,1 O que se há de fazer − perguntam − daqueles que, tendo provindo de entre os hereges, foram admitidos sem o batismo da Igreja? Se já saíram deste mundo, sejam considerados, sem dúvida, no número daqueles que foram por nós catequizados, mas que morreram antes de ser batizados − uma vantagem não pequena de verdade e de fé, a que tiveram acesso uma vez abandonado o erro, por mais que não tenham conseguido a consumação da graça, surpreendidos como foram pela morte.

21,2 Os que ainda permanecem no mundo, que sejam batizados com o batismo da Igreja para que possam conseguir a remissão dos pecados e não venham a morrer sem a consumação da graça, permanecendo no antigo erro pela presunção alheia.

21,3 Aliás, que tipo de delito é esse, tanto dos que são admitidos, como daqueles que os admitem, que, ao não terem sido lavadas as manchas, nem expulsos os pecados pelo banho da Igreja, com uma comunhão temerariamente usurpada, venham a tocar o corpo e o sangue do Senhor, [349] embora esteja escrito: "Todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor"? [350]

22,1 Nós julgamos também que se deveriam considerar como não batizados os que tivessem sido batizados pelos que antes foram bispos na Igreja católica e se arrogaram, mesmo depois de sair dela, a potestade da ordenação clerical. E isso é observado por nós, de modo que quem quer que tenha sido por eles lavado, quando vem a nós, seja tido por alheio, por gente que nada conseguiu, e seja batizado entre nós com o único e verdadeiro batismo da Igreja católica para obter a regeneração do lavado vital.

22,2 Grande diferença, todavia, existe entre aquele que sucumbiu contra a sua própria vontade, coagido pela necessidade da perseguição, e aquele que se rebela, audacioso, contra a Igreja, movido por uma vontade sacrílega, ou blasfema, com palavras ímpias contra o Deus e Pai de Cristo, criador do mundo inteiro. E Estêvão não tem vergonha de afirmar que a remissão dos pecados pode ser dada por pessoas que estão, elas próprias, em meio a todos

os pecados, como se pudesse haver, na casa da morte, o banho da salvação.

23,1 Qual é, pois, o sentido do que está escrito: "Abstém-te da água alheia e de fonte estranha não bebas",[351] se, abandonada a fonte lacrada da Igreja,[352] tomas água alheia como se fosse tua e manchas a Igreja com profanas fontes? Quando tens comunhão com o batismo dos hereges, o que fazes senão beber do abismo e do lodaçal deles e manchar-te, pelo contato de impurezas alheias, depois de teres sido purificado pela santificação da Igreja?

23,2 Não temes o juízo de Deus, tu que dás testemunho dos hereges contra a Igreja, quando está escrito: "A falsa testemunha não ficará impune"?[353] Antes, tu és pior do que todos os hereges. Com efeito, enquanto muitos deles, reconhecendo o próprio erro, vêm a ti para receberem a verdadeira luz da Igreja, tu promoves os erros dos que vêm e, obscurecendo a luz da verdade eclesiástica, acumulas as trevas da noite herética. Enquanto eles confessam estar em pecado, não ter um mínimo sequer de graça e que, por isso mesmo, vêm à Igreja, tu lhes subtrais a remissão dos pecados que se dá no batismo, ao dizeres que já foram batizados e, mesmo fora da Igreja, conseguiram a graça da Igreja. Não entendes que se pedirá conta de suas almas à tua mão quando vier o dia do juízo,[354] por teres negado a bebida da Igreja aos sedentos,[355] por teres sido causa da morte para os que queriam viver? E, como se isso não bastasse, ainda te indignas!

24,1 Vê com que imperícia ousas tu repreender os que se empenham pela verdade e contra a mentira! Quem é que mais injustamente se deveu indignar contra outrem? Quem defende os inimigos de Deus, ou, pelo contrário, quem se une, contra os inimigos de Deus, em favor da verdade da Igreja?

24,2 A menos que se leve em conta que os imperitos sejam também claramente belicosos e iracundos, na medida em que, por falta de bom senso e de eloquência, eles se voltam com facilidade para a ira, de modo que a nenhum outro mais do que a ti se refira a Escritura divina: "O homem irado prepara litígios, e o enfurecido acumula as transgressões".[356] Ora, quantos litígios e quantas dissensões preparaste ao longo das igrejas do mundo inteiro? Quão grande pecado acumulaste contra ti, quando de tantos rebanhos te separaste! Separaste, pois, a ti próprio, não te enganes: se alguém é, na verdade, um cismático, trata-se daquele que apostatou da

comunhão da unidade eclesiástica. Enquanto pensas que todos podem ser excomungados por ti, tu sozinho te excomungaste de todos.

24,3 Nem sequer te puderam conter, nos limites da regra da verdade e da paz, os preceitos do Apóstolo, que admoesta, dizendo: "Exorto-vos, pois, eu, o prisioneiro do Senhor, a andardes de modo digno da vocação a que fostes chamados: com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos".[357]

25,1 Quão diligentemente cumpriu Estêvão esses mandatos, essas salutares exortações do Apóstolo, observando, em primeiro lugar, a humildade de pensamento e a mansidão![358] O que pode haver de mais humilde e de mais manso que o fato de, ao dissentir de tantos bispos no mundo inteiro, romper a paz com cada um deles por diversos tipos de discórdia? Ora com os orientais, coisa que imaginamos não ser de vós desconhecida;[359] ora convosco que estais ao sul, cujos bispos legados recebeu com tanta paciência e mansidão, que nem sequer os admitiu à discussão num simples colóquio, e, bem lembrado da dileção e da caridade, ordenou a toda a comunidade que ninguém os recebesse em casa, de modo que aos que chegassem não só fossem negadas paz e comunhão, mas também teto e hospedagem.

25,2 Isto é "conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz",[360] a saber, separar-se da unidade da caridade, tornar-se, em tudo, um estranho para os irmãos e rebelar-se, pelo furor da discórdia, contra o sacramento e o vínculo da paz? Pode haver um só corpo e um só Espírito[361] junto a um homem assim, no qual talvez não haja nem mesmo uma só alma, ao ser ele tão fugidio, volúvel e inconstante? Deixemos, porém, o que lhe diz respeito.

25,3 Discutamos, antes, o que está, principalmente, em questão. Os que alegam que convém receber os batizados pelos hereges, como se tivessem obtido já a graça de um legítimo batismo, dizem que há, para nós e para eles, um batismo só e que não há diferença alguma. Mas o que diz o apóstolo Paulo? "Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus."[362] Ora, se o batismo dos hereges é o único e o mesmo batismo que nós temos, sua fé, sem dúvida, é também a única. Se, por sua vez, sua fé é a única,

certamente também seu Senhor é o único. Se seu Senhor é o único, é coerente dizer que seu Deus é o único. Então, se existe também entre os hereges essa unidade que não se pode absolutamente separar nem dividir, por que discutimos ainda? Por que os chamamos hereges, e não cristãos? Por outro lado, ao não haver entre nós e os hereges um único Deus, nem um único Senhor, nem uma única Igreja, nem uma única fé, nem um único Espírito, nem um corpo único, está claro que tampouco o batismo pode ser comum a nós e a eles, para os quais nada é comum, em absoluto.

25,4 Apesar disso, Estêvão não tem vergonha de oferecer seu patrocínio a tais pessoas contrárias à Igreja, nem de romper a comunidade por favorecer hereges, nem mesmo de dizer que Cipriano seria um falso cristo,[363] um falso apóstolo, um pérfido operário. Consciente de ser tudo isso, adiantou-se para lançar em rosto a outro, por meio da mentira, as acusações que ele próprio deveria ouvir merecidamente. Todos nós desejamos, com todas as veras, que sempre estejas bem juntamente com todos os bispos que residem na África, com todos os clérigos e a comunidade inteira, a fim de vos termos unidos a nós, perpetuamente unânimes e num mesmo sentir, ainda que de longe.

Últimas epístolas Outono de 258

Epístola 76

Cipriano aos irmãos no episcopado Nemesiano, Félix, Lúcio, outro Félix, Liteu, Poliano, Víctor, Jáder e Dativo,[1] igualmente aos irmãos no presbiterado, aos diáconos e aos outros irmãos condenados às minas, mártires de Deus Pai todo-poderoso e de Jesus Cristo, nosso Senhor, nosso Deus e protetor, saudação eterna.

1,1 Vossa glória, por certo, estava a pedir, beatíssimos e diletíssimos irmãos, que eu próprio devesse ir ver-vos e abraçar-vos, caso não estivesse também eu detido, pela confissão do nome, e não me circundassem os definidos limites deste lugar.[2] Faço-me presente ante vós, todavia, na medida de minhas possibilidades; e por mais que não me seja dado ir até vós corporalmente e com meus pés, vou, contudo, em virtude da dileção e em espírito.[3] Ao expressar nesta carta o meu espírito, no qual exulto alegre por vossas virtudes e pelos louvores de que sois dignos, considero-me partícipe dos vossos méritos, pois, embora não o seja pelo sofrimento corporal, sou-o pela comunhão da caridade.

1,2 Poderia eu permanecer calado e reprimir minha voz com o silêncio, ao ter conhecimento de tantas e tão gloriosas gestas a respeito dos meus caríssimos, com as quais a divina clemência vos honrou, a ponto de uma parte de vós já ter avançado pela consumação de seu martírio, havendo de receber a coroa dos seus méritos das mãos do Senhor, enquanto outra parte ainda se demore nos claustros dos cárceres ou nas minas e em cadeias e dê, com essa mesma demora de suplícios, maiores testemunhos para corroborar e fortalecer os irmãos, avançando pela tardança dos tormentos em direção a mais amplos títulos de méritos e havendo de alcançar tantas mercês em meio aos prêmios celestes, quantos são os dias que agora conta em meio às

penas?

1,3 Não me admira, por certo, fortíssimos e beatíssimos irmãos, que tais coisas vos tenham acontecido, ao considerar o mérito da vossa piedade e da vossa fé, nem que o Senhor vos tenha feito avançar tanto assim em direção ao sublime píncaro das glórias pela honra de sua glorificação, pois sempre florescestes em sua Igreja pelo teor da fé que custodiastes, ao conservardes firmemente os divinos mandatos; na simplicidade, a inocência; na caridade, a concórdia; a modéstia na humildade; a diligência no ministério; a vigilância na ajuda aos que se encontram em dificuldade; a misericórdia em assistir os pobres; a constância em defender a verdade; a severidade no rigor da disciplina.

1,4 Além disso, para que nada faltasse em vós como exemplo de boas obras, ainda agora, na confissão da vossa palavra e no sofrimento do vosso corpo, animais as mentes dos irmãos ao divino martírio, mostrando-vos como guias nas virtudes, a fim de que, enquanto o rebanho segue os seus pastores e imita o que vê ser feito por seus prelados, seja coroado pelo Senhor com iguais méritos de obediência.

2,1 Pelo fato de terdes sido, primeiro, cruelmente golpeados com varas, inaugurastes, afligidos por tais castigos, os piedosos primórdios da vossa confissão, e tal pena não é execranda para nós. Com efeito, não temeu ante o bastão um corpo cristão, cuja esperança toda está no lenho. O servo de Cristo reconhece o sacramento da sua salvação; redimido pelo lenho para a vida eterna, é pelo lenho que avançou em direção à coroa.

2,2 Que há de admirável se, quais vasos de ouro e de prata,[4] fostes entregues às minas, ou seja, ao lugar habitual do ouro e da prata, a não ser o fato de que a natureza das minas se tenha agora transformado e, de lugares que costumavam dar, anteriormente, ouro e prata, tenham começado a recebê-los?

2,3 Impuseram ainda grilhões a vossos pés e ligaram os felizes membros e templos de Deus[5] com infames cadeias, como se o espírito pudesse ser amarrado com o corpo, ou se o vosso ouro pudesse manchar-se pelo contato do ferro. Para homens consagrados a Deus, que atestam a sua fé com uma piedosa coragem, tais coisas são ornamentos, e não cadeias; que não juntam os pés dos cristãos para sua desonra, mas os glorificam para a coroa. Oh,

pés felizmente atados, que o próprio Senhor desata e não o serralheiro! Oh, pés felizmente atados, que, por um caminho salutar, ao paraíso se dirigem! Oh, pés ligados neste mundo e por um instante, para que sejam sempre livres na presença de Deus! Oh, pés, por enquanto vacilantes pelo peso dos grilhões e das barras, mas que hão de correr céleres para Cristo, por um glorioso caminho! Que uma crueldade invejosa e maligna vos aprisione por aqui, quanto queira, com suas correntes e cadeias, pois rapidamente passareis das realidades terrenas e desses suplícios ao Reino dos Céus.

2,4 O corpo não é acalentado nas minas por um leito ou travesseiros, mas pelo refrigério e pela consolação de Cristo. Jazem no solo as entranhas cansadas pelos trabalhos, mas não é uma pena jazer com Cristo. Imundos estão, sem banho, os membros deformes pela sujeira do lugar; lava-se, porém, espiritualmente e por dentro, o que carnalmente e por fora se suja. O pão é ali exíguo, mas "o homem não vive apenas de pão, e sim da Palavra de Deus".[6] Falta veste aos que sentem frio, mas quem se reveste de Cristo encontra-se abundantemente vestido e adornado.[7] Eriçam-se os cabelos de uma cabeça meio raspada, mas, como a cabeça do varão é Cristo,[8] é forçoso que, como quer que esteja, fique bem aquela cabeça tornada insigne pelo nome do Senhor. Toda essa deformidade, detestável e funesta para os pagãos, com que esplendor se pagará! Como essa pena mundana e breve se transformará pela recompensa de uma honra gloriosa e eterna, quando, segundo a palavra do bem-aventurado Apóstolo, o Senhor tiver mudado "o corpo da nossa humildade, conformando-o ao corpo da sua glória".[9]

3,1 Mas tampouco se pode ver, irmãos diletíssimos, algum prejuízo da piedade ou da fé no fato de que aí, agora, não se dê aos sacerdotes de Deus a oportunidade de oferecer e de celebrar os divinos sacrifícios. Vós, pelo contrário, celebrais e ofereceis a Deus um sacrifício igualmente precioso, glorioso e que em muito vos há de aproveitar com vistas à retribuição dos prêmios celestes, pois fala a divina Escritura, dizendo: "Sacrifício a Deus é um espírito contrito. Um coração contrito e humilhado, Deus não despreza".[10]

3,2 Ofereceis a Deus esse sacrifício, celebrais esse sacrifício sem interrupção, dia e noite, tendo-vos tornado hóstias para Deus e apresentando-vos a vós mesmos quais santas e imaculadas vítimas, conforme o Apóstolo exorta, ao dizer: "Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus [...] E

não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, que é boa, agradável e perfeita".[11]

4,1 É isso, com efeito, que agrada principalmente a Deus; é assim que nossas obras chegam a granjear com maiores méritos a vontade de Deus; é somente assim que os obséquios de nossa fé e devoção retribuem ao Senhor por seus grandes e salutares benefícios, visto que o Espírito Santo o anuncia e atesta nos Salmos, dizendo: "Como retribuirei ao Senhor todo o bem que me fez? Erguerei o cálice da salvação invocando o nome do Senhor [...] É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus justos."[12]

4,2 Quem não erguerá de bom grado o cálice da salvação? Quem não procurará, jubiloso e alegre, aquilo com que poderá retribuir pessoalmente a seu Senhor? Quem não receberá, com fortaleza e constância, uma morte que é preciosa aos olhos do Senhor, para agradar aos olhos daquele que, olhando de cima, aprova os que queremos entrar na refrega por seu nome, ajuda os que combatemos, coroa os que vencemos, recompensando em nós, com uma retribuição de bondade e de piedade paterna, tudo aquilo que ele próprio nos concedeu e honrando o que ele próprio levou à perfeição?

5 Ora, que graças a ele vençamos e à palma do maior certame cheguemos, uma vez derrotado o adversário, é o Senhor quem o declara e ensina no seu Evangelho, dizendo: "Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós".[13] E novamente: "Tende presente em vossos corações não premeditar vossa defesa; pois eu vos darei eloquência e sabedoria, às quais nenhum de vossos adversários poderá resistir, nem contradizer".[14] Palavras em que se assentam, por certo, quer a grande confiança dos fiéis, quer a gravíssima culpa dos pérfidos, por não crerem naquele que promete dar sua ajuda aos que nele confiam, nem temerem a esse mesmo, que ameaça com a pena eterna os que o negam.[15]

6 Tudo isso inculcastes, fortíssimos e fidelíssimos soldados de Cristo, em nossos irmãos, realizando com os gestos o que antes ensinastes com palavras, e, por isso, haveis de ser grandes no Reino dos Céus, já que é o Senhor quem o promete, ao dizer: "Quem praticar e ensinar [os mandamentos], esse será chamado grande no Reino dos Céus".[16] Em suma, tendo grande parte do povo seguido o vosso exemplo, confessou

juntamente convosco e foi igualmente coroada, unida a vós pelo vínculo de uma caridade fortíssima, sem separar-se de seus prelados, nem pelo cárcere, nem pelas minas. Ao seu contingente não faltam virgens, nas quais o fruto centuplicado acrescentou-se ao que se produzira à proporção de sessenta por um[17] e as elevou, por dupla glória, à coroa celeste. Nos meninos, também, uma coragem maior do que a idade transcendeu os seus anos pelo louvor da confissão, de modo que todo sexo e toda idade ornassem o ditoso rebanho do vosso martírio.

7,1 Qual não é, agora, diletíssimos irmãos, o vigor da vossa consciência vitoriosa? Qual a sublimidade do vosso espírito? Que exultações experimentais? Que triunfo carregais no peito, ao estar cada um de vós firme ante o prometido prêmio de Deus, seguro com relação ao dia do juízo; ao andar num corpo que, por certo, está cativo numa mina, mas com um coração que reina; ao saber que Cristo está presente consigo e se alegra com a paciência dos seus servos, que avançam pelos seus passos e pelos seus caminhos em direção ao Reino eterno?

7,2 Esperais diariamente e com alegria o dia salutar de vossa partida e, havendo de deixar este mundo de uma hora para outra, vós vos apressais para a recompensa dos mártires, para as divinas moradas. Depois das trevas deste mundo, haveis de ver a candidíssima luz e receber uma glória maior do que todos os sofrimentos e todas as lutas, segundo o testemunho do Apóstolo, que diz: "Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós".[18]

7,3 E porque agora, sem sombra de dúvida, a vossa palavra é mais eficaz nas preces,[19] e a oração tem mais facilidade para impetrar o que se pede em meio às tribulações, pedi e rogai mui fortemente que a divina clemência leve a bom termo a confissão de todos nós; que Deus nos liberte também a nós, juntamente convosco, íntegros e gloriosos, dessas trevas e dos laços do mundo, a fim de que nós, que aqui permanecemos juntos de pé, unidos pelo vínculo da caridade e da paz,[20] contra as injúrias dos hereges e as opressões dos pagãos, igualmente nos alegremos no Reino celeste. Desejo, beatíssimos e diletíssimos irmãos, que estejais bem no Senhor e de nós sempre e em toda parte vos lembreis.

Epístola 77

Nemesiano, Dativo, Félix e Víctor[21] ao irmão Cipriano, saudação eterna no Senhor.

1,1 Sempre tens falado com grande sensatez em tuas cartas, Cipriano diletíssimo, conforme a condição do momento. Por meio de sua leitura, assiduamente feita, corrigem-se os perversos e corroboram-se os homens de reta fé. Pois, ao não cessares, em teus escritos, de desvendar os mistérios ocultos, tu nos fazes crescer na fé e permites que os homens do mundo venham a crer.

1,2 De fato, quaisquer que tenham sido os bens que colocaste em teus muitos livros, não fizeste senão descrever-te a ti mesmo, ainda que não o saibas, para nós. Tu és, com efeito, o maior de todos os homens na exposição da doutrina, o mais eloquente no discurso, o mais sábio no conselho, o mais simples na sabedoria, o mais abundante nas obras, o mais santo na abstinência, o mais humilde na obediência e o mais irrepreensível no bem agir. Sabes também tu mesmo, caríssimo, que nosso profundo desejo é ver-te alcançar, qual mestre nosso e que tanto nos ama, a coroa da grande confissão.

2,1 Como um bom e verdadeiro mestre, pronunciaste primeiro, no processo verbal do procônsul, o que nós, discípulos, deveríamos dizer ao magistrado depois de seguir-te.[22] Qual tuba canora, animaste os soldados de Deus, treinados com armas celestes, a entrar no renhido combate; na luta da primeira fila, mataste o diabo com a espada espiritual, compondo, ainda, aqui e ali, as fileiras dos irmãos com tuas palavras, de modo que fossem armadas, por todos os lados, insídias ao inimigo e fossem calcados aos pés os cadáveres do próprio adversário e suas cadeias feitas em pedaços.

2,2 Crê-nos, caríssimo, que tua alma irrepreensível não rende menos que o cento por um,[23] pois não temeu as primeiras investidas do mundo, não recusou partir ao exílio,[24] não hesitou em abandonar a cidade, nem ficou horrorizada com ter de habitar em lugar deserto; e, porque deu a muitos o testemunho da confissão, ela própria sofreu primeiro o martírio.[25] Com

seu exemplo, de fato, provocou que outros também abraçassem o martírio, e não apenas passou a ser companheira dos mártires que estão a ponto de deixar este mundo, mas uniu-se também em celeste amizade aos que ainda haveriam de fazê-lo mais tarde.

3,1 Rendem a ti, portanto, as maiores graças diante de Deus os que foram condenados conosco, Cipriano caríssimo, por teres confortado com tua carta aqueles peitos sofredores, curado aqueles membros feridos por golpes, soltado aqueles pés ligados por grilhões, arrumado aquela cabeleira meio raspada, iluminado as trevas do cárcere, aplainado a irregularidade da mina e oferecido até mesmo flores perfumadas àqueles narizes, ao dissipares um horrível odor de fumaça.[26]

3,2 Por outro lado, o teu ministério e o de nosso diletíssimo Quirino têm providenciado e seguido o donativo que, por meio do subdiácono Hereniano e dos acólitos Lucano, Máximo e Amâncio,[27] mandaste que fosse distribuído para remediar o que quer que tivesse faltado à necessidade dos corpos.[28]

3,3 Sejamos, pois, por nossas orações, ajudantes uns dos outros e roguemos, conforme mandaste,[29] que, em todas as nossas ações, tenhamos Deus, Cristo e os anjos por fautores. Desejamos, senhor e irmão, que sempre estejas bem e te recordes de nós. Saúda a todos os que estão contigo. Todos os nossos, que estão conosco, te amam, te saúdam e desejam ver-te.

Epístola 78

Lúcio[30] e todos os irmãos que com ele estão ao irmão e colega Cipriano, saudação no Senhor.

1,1 Enquanto exultávamos e nos alegrávamos em Deus, por nos ter armado para o combate e por nos ter feito, conforme a sua dignação, vitoriosos na luta, chegou-nos tua carta, irmão caríssimo, que nos enviaste por meio do subdiácono Hereniano e dos acólitos Lucano, Máximo e Amâncio.[31]

Tendo-a lido, recebemos um afrouxamento nas cadeias, um consolo na tribulação, um auxílio na necessidade; fomos estimulados e mais fortemente animados para o caso de haver algo mais de penas a suportar.

1,2 Com efeito, antes de sofrer, fomos por ti provocados à glória, já que primeiro nos ofereceste uma guia segura para a confissão do nome de Cristo.[32] Por nossa parte, tendo seguido os passos da tua confissão, esperamos receber contigo semelhante graça. Quem é o primeiro na corrida é também, naturalmente, o primeiro a ganhar o prêmio.[33] Assenhoreando-te dele primeiro, partilhaste então conosco o que conquistaste, demonstrando assim a indivisível caridade com que sempre nos amaste, a fim de que, para os que sempre tiveram um único Espírito no vínculo da paz,[34] houvesse igualmente, pela graça das tuas preces, a coroa única da confissão.[35]

2,1 Acrescentou-se, porém, para ti, irmão caríssimo, à coroa da confissão a retribuição das obras, uma medida abundante que receberás do Senhor no dia da remuneração,[36] pois te fizeste presente diante de nós com tua carta ao manifestares esse teu cândido e ditoso peito, que sempre conhecemos, e de acordo com a sua largueza, ao elevares conosco louvores a Deus, não segundo aquilo que merecemos ouvir, mas conforme o que tu podes dizer.

2,2 Com tuas palavras, dispuseste o que em nós ainda não se achava preparado e o fortaleceste para o enfrentamento daqueles mesmos sofrimentos que agora padecemos, seguros já do prêmio celeste, da coroa do martírio e do Reino de Deus, a partir da profecia que, cheio do Espírito Santo, pressagiaste em tua carta.[37] Tudo isso acontecerá, diletíssimo, se nos tiveres em mente nas tuas orações, coisa que, confio, tu fazes, como também nós, sem dúvida, fazemos [com relação a ti].

3,1 Assim sendo, irmão saudosíssimo, recebemos o que enviaste da parte de Quirino e da tua própria, o sacrifício de toda obra pura.[38] Tal como Noé ofereceu a Deus e Deus se agradou do odor de suavidade, olhando para o sacrifício dele,[39] Deus olha também para o vosso e se alegra ao dar-vos a recompensa dessa obra tão boa.

3,2 Peço, por outro lado, que mandes transmitir-se a carta que escrevemos a Quirino. Desejo, irmão caríssimo e saudosíssimo, que sempre estejas bem e te recordes de nós. Saúda a todos os que estão contigo. Passa bem.

Epístola 79

Félix, Jáder e Poliano,[40] juntamente com os irmãos no presbiterado e com todos os detidos conosco na mina siguense,[41] ao caríssimo e diletíssimo irmão Cipriano, saudação eterna no Senhor.

1 Retribuímos-te a saudação, irmão caríssimo, por meio do subdiácono Hereniano e de nossos irmãos Lucano e Máximo,[42] encontrando-nos, graças à ajuda das tuas orações, fortes e incólumes. Desses irmãos recebemos a quantia, sob o nome de oferenda, juntamente com tua carta que enviaste e em que te dignaste confortar-nos como a filhos, com palavras celestes.

2 Demos graças e continuamos a dá-las a Deus Pai todo-poderoso, por meio de Cristo, por termos sido tão confortados e corroborados por tua alocução, [43] enquanto pedimos à candura da tua alma que te dignes ter-nos em mente com tuas assíduas orações, a fim de que o Senhor leve a termo a confissão, tanto vossa como nossa, que se dignou conceder que houvesse em nós. Saúda a todos os que estão contigo. Desejamos, irmão caríssimo, que sempre estejas bem no Senhor. Eu, Jáder, o assinei. Eu, Poliano, o li. Saúdo o meu senhor Eutiquiano.[44]

Epístola 80

Cipriano ao irmão Sucesso,[45] saudação.

1,1 A razão de não vos ter escrito imediatamente,[46] irmão caríssimo, é que todos os clérigos, na iminência da luta, não puderam, de forma alguma,

ausentar-se daqui, preparados todos, como estavam, conforme a devoção de seu espírito, para a divina e celeste coroa. Deveis saber, por outro lado, que já chegaram os que eu enviara à Urbe a fim de nos trazerem a verdade que averiguassem, qualquer que fosse a decisão tomada a nosso respeito.[47] Circulam, pois, muitas coisas, variadas e incertas, a título de opiniões.

1,2 O que se tem por certo, porém, é que Valeriano respondeu ao senado que os bispos, os presbíteros e os diáconos fossem logo punidos com a morte; que os senadores, os varões ilustres e os romanos da nobreza equestre, uma vez perdida a sua dignidade, fossem também despojados de seus bens, e se, depois de confiscadas as suas posses,[48] perseverassem em ser cristãos, fossem igualmente submetidos à pena capital; que as matronas, depois de confiscados os seus bens, fossem mandadas para o exílio; e que todos os da casa de César,[49] por sua vez, que tenham já confessado ou que venham a confessar agora, sofressem confisco de bens e fossem enviados prisioneiros, repartidos entre os domínios de César.

1,3 O imperador Valeriano acrescentou ainda a seu rescrito[50] uma cópia da carta que escreveu a nosso respeito aos governadores das províncias. Esperamos todos os dias a chegada dessa carta, permanecendo de pé, de acordo com a firmeza da fé, para suportar os sofrimentos e na expectativa de receber a coroa da vida eterna em virtude do auxílio e da misericórdia do Senhor.

1,4 Com relação a Sisto, deveis saber que foi morto no cemitério, no oitavo dia dos idos de agosto,[51] em companhia de quatro diáconos. Mas os prefeitos na Urbe também insistem diariamente nessa perseguição, de modo que, se alguém lhes for entregue, será condenado à morte, e seus bens, requisitados pelo fisco.

2 Peço que essas coisas cheguem ao conhecimento, por vosso intermédio, dos outros colegas nossos, a fim de que, por todas as partes, graças à exortação deles, a comunidade possa ver-se fortalecida e preparada para travar o combate espiritual, de modo que cada um dos nossos não pense tanto na morte como na imortalidade e, com plena fé e íntegra coragem, os consagrados ao Senhor se regozijem, mais do que temam, nessa confissão na qual sabem que os soldados de Deus e de Cristo não perecem, mas vêm a ser coroados. Desejo, irmão caríssimo, que sempre estejas bem no Senhor.

Epístola 81

Cipriano aos presbíteros, aos diáconos e a todo o povo,[52] saudação.

1 Quando nos foi dito, irmãos caríssimos, que os oficiais de justiça tinham sido enviados para conduzir-me a Útica,[53] tentando-se persuadir-me, através do conselho de pessoas muito caras, a que me afastasse por um momento dos nossos hortos,[54] consenti, uma vez que, para isso, havia um motivo justo.[55] Com efeito, convém que um bispo confesse o Senhor naquela cidade em que preside à Igreja do Senhor e que, assim, todo o povo venha a ser honrado pela confissão de seu prelado ali presente.

2 Ora, o que quer que, no momento exato da confissão, um bispo confessor venha a falar sob a inspiração de Deus, fala pela boca de todos.[56] De resto, a honra da nossa Igreja tão gloriosa será mutilada se eu, um bispo posto à frente de outra Igreja, uma vez aceita em Útica a sentença oriunda da confissão, marchar dali como mártir para o Senhor, razão pela qual eu, não menos por meu próprio bem do que pelo vosso, suplico em contínuas orações, desejo com toda minh'alma e devo poder confessar junto a vós, aí padecer e daí marchar ao Senhor.[57]

3 Esperamos, pois, aqui, no lugar retirado em que nos encontramos, a chegada do procônsul que retorna a Cartago, havendo de ouvir dele o que terão ordenado os imperadores[58] no que concerne aos cristãos, leigos ou bispos, e de dizer o que o Senhor quiser que se diga naquele momento.

4 Quanto a vós, irmãos caríssimos, em nome do ensinamento que, tomado dos mandamentos do Senhor, sempre recebestes de mim e segundo aquilo que aprendestes, expondo-vo-lo eu com muita frequência, mantende a calma e a tranquilidade.[59] Que nenhum de vós seja causa de algum tumulto para os irmãos, nem se ofereça espontaneamente aos pagãos. Uma vez que tiver sido preso e entregue, há de falar, pois fala em nós naquele momento o Senhor que está em nós e que mais quer de nós uma confissão do que uma profissão de fé.

5 Quanto ao que, de resto, convém que observemos antes que o procônsul dite sentença a meu respeito, pela confissão do nome do Senhor, disporemos juntos, seguindo a instrução do mesmo Senhor. Que o Senhor Jesus vos faça permanecer incólumes na sua Igreja, irmãos caríssimos, e se digne conservar-vos assim.

Coleção PATRÍSTICA

1. Padres apostólicos, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué

2. Padres apologistas, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmias

3. I e II apologias e diálogo com Trifão, Justino de Roma

4. Contra as heresias, Irineu de Lion

5. Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão

6. Sermões, Leão Magno

7. A Trindade, Santo Agostinho

8. O livre-arbítrio, Santo Agostinho

9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), Santo Agostinho

9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), Santo Agostinho

9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), Santo Agostinho

10. Confissões, Santo Agostinho

11. Solilóquios – A vida feliz, Santo Agostinho

12. A graça I, Santo Agostinho

13. A graça II, Santo Agostinho

14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia

15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia

16. Dos bens do matrimônio – A santa virgindade – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana, Santo Agostinho

17. A doutrina cristã, Santo Agostinho

18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão, Santo Atanásio

19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, Santo Agostinho

20. Contra Celso, Orígenes

21. Comentário ao Gênesis, Santo Agostinho

22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, Santo Hilário de Poitiers

23. Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia, São João Crisóstomo

24. Contra os Acadêmicos – A ordem – A grandeza da alma – O Mestre, Santo Agostinho

25. Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos, Santo Agostinho

26. Examerão – Os seis dias da criação, Santo Ambrósio

27/1. Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a epístola aos Romanos – Comentários sobre a epístola aos Gálatas – Homilias sobre a epístola aos Efésios, São João Crisóstomo

27/2. Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda carta aos Coríntios, São João Crisóstomo

27/3. Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, São João Crisóstomo

28. Regra pastoral, Gregório Magno

29. A criação do homem – A alma e a ressurreição – A grande catequese,

Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, São Jerônimo

32. A fé e o símbolo – Primeira catequese aos não cristãos – A continência – A disciplina cristã, Santo Agostinho

33. Demonstração da pregação apostólica, Irineu de Lion

34. Homilias sobre o Evangelho de Lucas, Orígenes

35/1. Obras completas I, Cipriano de Cartago

35/2. Obras completas II, Cipriano de Cartago

36. O sermão da montanha – Escritos sobre a fé, Santo Agostinho

37. A Trindade – Escritos éticos – Cartas, Novaciano

38. Homilias – Comentário sobre o Cântico dos cânticos, Orígenes

39. A mentira – Contra a mentira, Santo Agostinho

40. A natureza do bem – O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças, Santo Agostinho

41. A Simpliciano – Réplica à carta de Parmeniano, Santo Agostinho

42. Tratado sobre o batismo, Santo Agostinho

43. Retratações, Santo Agostinho

Título original:

Epistolarium

Tradução:

Luciano Rouanet Bastos

Introdução e notas:

Heres Drian de O. Freitas e Luciano R. Bastos

Direção editorial:

Sílvio Ribas

Coordenação editorial:

Heres Drian de Oliveira Freitas

Coordenação de revisão:

Tiago José Risi Leme

Preparação do original:

André Tadashi Odashima

Coordenação de desenvolvimento digital:

Rodrigo Moura

Desenvolvimento digital:

Leidson de Farias Barros

Conversão EPUB:

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cipriano, Santo, Bispo de Cartago

Obras completas II. Volume 35/2 [livro eletrônico] / Cipriano de Cartago; tradução de Luciano Rouanet Bastos. São Paulo: Paulus, 2020.

3,21 Mb (Coleção Patrística)

ISBN 978-65-5562-108-2 (e-book)

Título original: Epistolarium

1. Cipriano, Santo, Bispo de Cartago 2. Mártires cristãos 3. Padres da Igreja primitiva I. Título II. Bastos, Luciano Rouanet

CDD 230

20-3505CDU 23

Índice para catálogo sistemático:

1. Padres da Igreja primitiva: Escritos: Teologia cristã

1ª edição: 2020 (ebook)

© PAULUS – 2020

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[Facebook] • [Twitter] • [Youtube] • [Instagram]

Seja um leitor preferencial PAULUS.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro



NOTAS

O CORPUS EPISTOLAR DE CIPRIANO DE CARTAGO

[1] Entre outras poucas, e em meio a alguns compiladores, temos DIÃO CÁSSIO, Historia romana 75-80; HERODIANO, Historia augusta 3-8; e, de pouco mais tarde, AURÉLIO VITOR, De Caesaribus, e as obras que o acompanham. Para a biografia, e contexto, de Cipriano, veja-se "Cipriano de Cartago – Introdução geral", e bibliografia aí reportada, em Cipriano de Cartago – Obras completas I, São Paulo: Paulus (Coleção Patrística – doravante PatrPaulus – vol. 35/1), 2016, p. 13-38, juntamente com G. W. CLARKE, The Letters of St. Cyprian of Carthage – Letters 1-27, New York: Newman Press [Ancient Christian Writers – The Works of the Fathers in Translation 43], 3 vol., 1984, vol. 1, p. 12-21; e M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, "Introductión", em Cipriano de Cartago – Cartas, Madrid: Gredos [Biblioteca Clásica Gredos 255], 1998, p. 9-51. Para a perseguição de Décio, além da bibliografia reportada em PatrPaulus 35/1, 2016, p. 69-83, particularmente p. 71-76, CLARKE, vol. 1, p. 21-39.

[2] EUSÉBIO, Historia ecclesiastica – doravante HE, não acompanhada do autor –, é obra de pouco mais tarde, bem como LACTÂNCIO, De mortibus persecutorum. Com efeito, o século IV é mais rico em fontes.

[3] Sancti Cypriani Episcopi Epistolarium, edição crítica de G. F. DIERKS, realizada para a Corpus Christianorum Series Latina – doravante CCL –, Turnhout: Brepols, vol. 3B, 1994, e vol. 3C, 1996, da qual foi feita a presente tradução. Cf. também, abaixo, nota 7.

[4] Cipriano é o destinatário das ep. 23, 24, 30, 31, 36, 42, 49, 50, 53, 75, 77, 78 e 79. São de outros remetentes e a outros destinatários as ep. 8, 21 e 22. São sinodais, ou conciliares, as ep. 4, 57, 61, 64, 67, 70, 72; B. ALTANER, Patrologia, Gênova: Marietti, 2002 (1977), p. 180-181, e J. QUASTEN, op. cit., vol. 1, p. 595-598, sugerem que essas epístolas sinodais sejam composição de Cipriano mesmo.

[5] Cf., por exemplo, ep. 20,2,1; 25,2; 32,1 e 35,1.

[6] O leitor encontrará várias vezes "[carta(s)] não conservada(s)" nas notas. Para detalhes, a esse respeito, vejam-se A. von HARNACK, "Über verlorene Briefe und Aktenstücke, die sich aus der Cyprianischen Briefsammlung ermitteln lassen", Texte und Untersuchungen zur altchristlichen Literatur 23/2 [Neue Folge 8/2], Leipzig: J. C. Hinrich, 1902, p. 1-45; e, sub voce "Lettres Chrétiennes", Dictionnaire de Archeologie Chétienne et de Liturgie 8, 1929, 2754ss.; e indicação bibliográfica à nota seguinte.

[7] R. SALCEDO GÓMEZ, El corpus epistolar de Cipriano de Cartago (249-258): estructura, composición y cronologia, Tese, Universitat de Barcelona, 2007, a partir do epistolário conservado – obviamente – identificou e reconstituiu parcialmente 46 epístolas perdidas. Assim, o corpus completo teria, pelo menos, 127 cartas. Infelizmente, não tivemos acesso ao texto dessa tese em tempo hábil até o envio desta introdução ao prelo.

[8] Como ocorre, muito mais tarde, grosso modo, com o Registrum epistularum de Gregório Magno, em preparação para publicação nesta coleção. Mas também é certo que Cipriano não deve ter tido chancelaria e scriptorium pares aos do referido bispo de Roma, afinal, mesmo se já bastante bem organizada, a Igreja ainda não tinha a estrutura curial que terá no tempo de São Gregório.

[9] Os manuscritos com as epístolas cipriânicas normalmente variam em seu número e sua ordem. Só um deles contém todas as 81 cartas (cf. J. QUASTEN, Patrologia, 5 vol., Gênova: Marietti, 2000 [1980], vol. 1, p. 596). O leitor encontra maiores considerações sobre os manuscritos nas introduções de G. F. DIERKS, em CCL 3D, 1999; G. W. CLARKE, The Letters of St. Cyprian of Carthage – Letters 1-27, New York: Newman Press [Ancient Christian Writers – The Works of the Fathers in Translation 43], 3 vol., 1984, vol. 1, p. 3-49, p. 8; M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, Cipriano de Cartago – Cartas, Madrid: Gredos [Biblioteca Clásica Gredos 255], 1998, p. 9-51, p. 36-37.

[10] Cf., acima, exemplo à nota 5. Não parece impossível que Cipriano, em meio à discussão das questões do momento, dispusesse de alguma ordem ao arquivar as missivas enviadas e recebidas de modo a poder servir-se delas quando necessário, tendo-as facilmente à mão. S. DÖPP e W. GEERLINGS (ed.), sub voce "Cipriano di Cartagine", Dizionario di Letteratura Cristiana Antica, Vaticano/Roma: Urbaniana University Press/Città Nuova, 2006, p. 185, dizem poder ter havido uma perdida coleção inicial, mas não especificam por disposição de quem.

[11] Ou mesmo relacionado às discussões prévias, de modo que as epístolas cipriânicas tivessem certo caráter, digamos, legislativo, diretor da justa abordagem das matérias então em questão, o que será evidente mais tarde, quando textos das missivas do santo bispo de Cartago forem citados em

concílios e, mais tarde ainda, integrados, entre outras coleções de cânones, à Collectio Canonum, do séc. XI, e ao Decretum Gratiani – como comumente é conhecida a Concordia Discordantium Canonum –, do séc. XII, para os quais o leitor encontrará remissões nas notas de algumas cartas.

[12] Não menos importante é a problemática onomástica dos correspondentes de Cipriano. De muitos deles não temos mais que a citação do nome, principalmente nos cabeçalhos das epístolas. Todavia, essas citações são fundamentais para compor um possível quadro dos ocupantes das sedes episcopais – se indicadas, certamente – de então. Nisso, aliás, juntamente com as Sententiae episcoporum – documento resultado do concílio cartaginês de 256 sobre o (re)batismo, que bem pode classificar-se entre os cipriânicos –, as cartas do santo bispo mártir de Cartago são as únicas fontes. Veja-se estudo de Y. Le BOHEC, "Remarques onomastiques sur la correspondance de s. Cyprien", em C. HAMDOUNE (dir.), Ubique amici – Mélanges offerts à Jean-Marie Lassère, Université Montpellier III, 2001, p. 287-308. J. L MAIER, L'épiscopat de l'Afrique romanaine, vandale et byzantine, Roma/Neuchâtel: Institut Suisse de Rome, 1973 (Bibliotheca Helvetica Romana 11) [reimpr. Basel: Schwabe], continua sendo recurso fundamental a esse respeito. Para as Sententiae episcoporum, cf. E. CONTRETAS, "Sententiae episcoporum numero LXXXVII de haereticis baptizandis", Augustinianum 27 (1987) 407-421; e a mais recente edição crítica de G. F. DIERKS, em CCL 3E, 2004; ambas com indicações de estudos. A identificação precisa de muitas das antigas sedes episcopais, desaparecidas ao longo dos séculos, depende ainda de muito trabalho arqueológico; todavia, o leitor encontra um ótimo instrumento de trabalho em A. di BERARDINO (org.), Atlante Storico del Cristianesimo Antico, Bologna: EDB, 2010, p. 244-258 ("África romana"), igualmente com bibliografia.

[13] Cf. ep. 67.

[14] Cf. ep. 68,1,1.

[15] Cf. ep. 75.

[16] Cf., por exemplo, ep. 9 e 20.

[17] Algumas eram copiadas e encaminhadas com as cartas enviadas (cf., por exemplo, ep. 8,3,4; 25,2; 27,2,1; 30,3,1; 32,1; 45,4,3; 59,2,1; 73,1,1), não raramente para que seu conteúdo ou as atitudes que representavam fossem publicamente conhecidos. Acerca da circulação das cartas, recentemente E. BAUMKAMP, Kommunikation in der Kirche des 3. Jahrhunderts. Bischöfe und Gemeinden zwischen Konflikt und Konsens im Imperium Romanum, Tübinguen: Mohr Siebeck (Studien und Texte zu Antike und Christentum 92), 2014, mediante o estudo das cartas de Dionísio de Alexandria e de Cipriano de Cartago, defende que, no período da perseguição e devido aos conflitos – lapsos e cismas – desta nascidos, houve uma institucionalização da correspondência, e que a troca de informações e a busca por consenso, particularmente mediante o pronunciamento sinodal por parte da autoridade eclesiástica, foram essenciais para a formação da Igreja e seu crescimento no Império Romano. Conclusão semelhante, mas a partir de uma análise sociológica, é apresentada por P. LEY, Kirche im Konflikt: der Bußstreit – Konstellationen-Losungswege-Folgen eines sozialen Konflikts in der Alten Kirche, Berlin: Lit Verlag, 2016, que propõe que o santo bispo mártir de Cartago se empenha em solucionar não só conflitos restritos à disciplina eclesiológica, mas também em estabelecer estrutura e identidade sociais. Para a contribuição de São Cipriano à formação do cristianismo na África, seu pano de fundo, a teologia e a prática, veja-se: J. PATOUT BURNS Jr. e R. M. JENSEN, Christianity in Roman Africa – The development of its practices and beliefs, Grand Rapids: Eerdmans, 2014.

[18] Cf. ep. 45,2,1-5.

[19] Cf.ep. 45,4,2 e 59,19,1.

[20] Algo parecido pode ter acontecido em Cartago, o que explicaria o fato de Cipriano propor alguém para acompanhar a reprodução de suas cartas para o clero (cf. ep. 32,1,2).

[21] Cf. ep. 59,2,1. A essa lamentação subjazeria o desejo de que a referida epístola tivesse sido eliminada?

[22] De quem algumas palavras não aparecem senão numa citação na ep. 74,1,2. E, por essa mesma carta, sabe-se que Cipriano teve pelo menos uma réplica de Estêvão, que foi copiada e enviada a Pompeu (cf. ep. 74,1,1). O fato de Pompeu tê-la pedido (cf. ep. 74,1,1) leva-nos a crer que houvesse notícia da existência da referida réplica, mas não se sabe por que não foi feita circular.

[23] A seleção donatista de epístolas cipriânicas é estudada por H. K. MENGIS, Ein donatistisches Corpus cyprianischer Briefe, dissertação, Freiburg i. Br.: Albert Ludwigs Universität, 1916.

[24] Se escreveu alguma carta como leigo – o que pode ser certo, particularmente devido a sua posição social –, esta não se conservou.

[25] As ep. 1-4. Veja-se, abaixo, p. 23-33.

[26] Vejam-se, por exemplo, as ep. 10 e 22, nas quais se menciona São Mapálico. Na primeira (10,4,1), há uma referência a seu martírio, enquanto na segunda (22,2,2) ele vive. Há vários exames e propostas de datação e sequência precisas das cartas, que o leitor encontrará na bibliografia presente nas notas 6, 7 e 9, acima, e 37, abaixo, bem como nas classificações gerais de B. ALTANER, op. cit, p. 180-181; J. QUASTEN, op. cit., vol. 1, 595-598; S. DÖPP e W. GEERLINGS (ed.), op. cit., p. 185, que reproduzimos, aproximadamente, aqui.

[27] Cf. ep. 15-19; 21-27; 30; 32-36.

[28] Cf. ep. 41-43.

[29] Cf. ep. 5-7; 10-14; 28; 37.

[30] Cf.ep. 8.

[31] Cf. ep. 20.

[32] Cf. ep. 56; 57; 64; 65.

[33] Cf. ep. 67.

[34] Cf. ep. 76, e respectivas respostas (77-79).

[35] Cf. ep. 80.

[36] Cf. ep. 81.

[37] Há diversos exames da cronologia do epistolário. Eis alguns dos que o leitor pode encontrar com maior facilidade: L. BAYARD, Saint Cyprien – Correspondence, 2 vol., Paris: Belles Lettres, 1925; L. DUQUENNE, Chronologie des lettres de S. Cyprien – Le dossier de la persécution de Dèce, Bruxelles: Société del Bollandistes (Studia Hagiographica 54), 1972; G. W. CLARKE, "Chronology of the Letters", em CCL 3D, 1999, p. 691-705. Vejam-se também, acima, indicações às notas 6, 7 e 9.

[38] Cf. n. precedente.

[39] Cf., acima, p. 12-13.

[40] A teologia sacramental, de fato, particularmente a batismal, precisará esperar ainda por séculos, até que se estabeleça para todo o orbe católico, passando inevitavelmente por Agostinho de Hipona, que dará ulterior desenvolvimento a sua base escriturística. E Agostinho mesmo, em polêmica com os donatistas – fortemente apoiados na autoridade de Cipriano –, relerá vários dos textos do santo bispo mártir de Cartago, ainda que nem sempre endosse plena e irrestritamente as posições dele. Para não exagerar – ainda mais – nas já sobrecarregadas notas, fundamentalmente de caráter prosopográfico, o leitor encontra as referências agostinianas a Cipriano nas obras do Doutor da Graça sobre tal matéria.

[41] Cf. ep. 5-43.

[42] Cf. ep. 17,1,2; proposta que o leitor encontrará repetidas vezes no respectivo bloco de cartas, e cujo valor é reconhecido além-mar nos dias mesmos de Cipriano (cf. ep. 30,5,3 e 31,6,2).

[43] Cf., por exemplo, ep. 66,8,3.

[44] Cf. ep. 5,1,2; 7,2; 12,2,2 e 14,2,1, por exemplo.

EPÍSTOLAS DE DIFÍCIL DATAÇÃO

[1] Sede episcopal, mas difícil dizer se se trata de Furnos Minus ou Furnos Maius, ambas na África Proconsular.

[2] É possível que o falecido Víctor (embora não seja claro seu status na ordem clerical, possivelmente era bispo) e o sacerdote Faustino fossem irmãos, e que Faustino (Geminius a Furnis) seja o próximo bispo de Furnos, presente no sínodo de setembro de 256 (cf. Sententiae episcoporum – doravante sent. episc. – 59). Talvez não se devesse excluir a possibilidade de que fosse já bispo no concílio de 253 (cf. ep. 57, cabeçalho), embora, se se trata da mesma pessoa, cause certa estranheza que apareça como Faustino numa carta (ep. 57, cabeçalho) e como Gemínio em outra (ep. 67, cabeçalho). Certamente inconfundível, porém, com Faustino de Lyon (cf. ep. 68 e sua n. 36, p. 358). Acerca dos Víctores mencionados neste corpus epistolar, cf., abaixo, n. 28, p. 33.

[3] A legislação romana estabelecia a tutela (cf. GAIO, Institutionum iuris civilis comentarii 1,144ss.), que a legislação católica, evocada em seguida por Cipriano – que, leigo, recebera uma tutoria (cf. PÔNCIO, Vita Cypriani 4,1) – para preservar a função sacerdotal, proibia.

[4] 2Tm 2,4.

[5] Cf. Nm 3,6-10; 18,2-7.20-24.

[6] Essa proibição atesta o valor objetivo do sacrifício eucarístico.

[7] A informação contrasta com o que dissera pouco antes em 1,1 sobre esse concílio, realizado "já há algum tempo", acerca de cuja data Cipriano silencia. Não encontramos explicação plausível para tal contraste. A não indicação da localidade de sua realização, porém, faz pensar em Cartago.

[8] O descuido do clero, particularmente do bispo, das realidades espirituais – que não exclui o cuidado para com os necessitados (cf., p. ex., abaixo, 2,2,2) – em favor da administração das "mundanas" é posto por Cipriano como causa da queda de muitos cristãos. Cf. De lapsis 6.

[9] Talvez seja o bispo de Thaenae, na Bizacena, presente no concílio de setembro de 256 (cf. sent. episc. 29).

[10] Cf. Ad Donatum 8. Vejam-se também TERTULIANO, Apologeticum 15,1 e De spectaculis 22.

[11] Comunhão de toda a Igreja (cf. ep. 66,8), que, enraizada na Eucaristia, desdobra-se no cotidiano dos fiéis (cf. 63,13), unidos pela unidade da Trindade (cf. De dominica oratione 23).

[12] Cf. Dt 22,5.

[13] Cf. Mt 8,11.

[14] Pode ser o bispo de Nova, talvez na Numídia, presente no concílio de 1º setembro de 256 (cf. sent. episc. 60), destinatário, com outros bispos númidas, também da ep. 70. A não se confundir com outros quatro homônimos: o bispo que, com outros conciliares, é signatário da ep. 57 e da já citada 70 (cf. seus cabeçalhos) – note-se, porém, que, embora seja certo que há dois bispos de nome Rogaciano, é difícil identificá-los com precisão –; o presbítero confessor encarregado de auxiliar na administração da diocese de Cartago na ausência de Cipriano (cf. ep. 3,4; 7,2; 13, cabeçalho; 43,1,1), destinatário das ep. 13 e 41; o confessor leigo, destinatário da ep. 6 (no cabeçalho não se menciona que seja presbítero; não se exclua, todavia, a possibilidade de tratar-se da mesma pessoa); e o diácono (ep. 75,1,1.5,1.13,1).

[15] Não conservada.

[16] Cf. ep. 17,2; 43,3; 55,9.

[17] Dt 17,12-13.

[18] Cf. Nm 16,1-35; exemplificação que se repete em Cipriano – para quem o comportamento do sacerdote é moldado na legislação veterotestamentária –; cf., por exemplo, ep. 67,3; 69,8; 73,8.

[19] Cf. 1Sm 8,5ss.

[20] Cf. 1Sm 8,11-18.

[21] Eclo 7,31.

[22] Eclo 7,33.

[23] Cf. At 23,4-5.

[24] Mt 8,4.

[25] Cf. Jo 18,23.

[26] Cf. 2Tm 3,2.

[27] 1Tm 4,12.

[28] Cecílio, bispo de Biltha (sent. episc. 1), na África Proconsular, é destinatário único da ep. 63 e subscreve as ep. conciliares 57, 67 e 70. Quanto a Víctor, é difícil dizer de qual se trata. As sent. episc. contêm três Víctores: de Gor (Gorduba: sent. episc. 40), de Assuras (sent. episc. 68), na Proconsular, e de Octava (sent. episc. 78). Gor e Octava podem ser sedes númidas (são mencionados dois Víctores entre os destinatários númidas da ep. 70, seriam Víctor de Gor e Víctor de Octava, e um entre seus cossignatários, possivelmente Víctor de Assuras; cf. respectivo cabeçalho); um é cossignatário também da ep. 57. A ep. 62, endereçada a bispos númidas, menciona um só Víctor como destinatário. Reaparece um Víctor, bispo, destinatário da ep. 42, e um remetente da ep. 77. Mencionam-se neste corpus outros Víctores: o já visto Víctor de Furnos (ep. 1,1.2,2); um presbítero lapso readmitido à comunhão (ep. 64,1,1-2); um diácono (ep. 5,2,2; talvez o mesmo de que se fala na ep. 13,7); um leigo confessor morto no cárcere (ep. 22,2,2). Sedato pode ser bispo de Thuburbo (cf. sent. episc. 18, mas difícil dizer se de Thuburbo Maius ou de Thuburbo Minus, ambas na Proconsular), é cossignatário também das ep. 67 e 70. A ausência de um Tértulo nas sent. episc. poderia fazer pensar em um leigo. Com efeito, menciona-se um Tértulo nas ep. 12,2,1 e 14,1,2, que parece ter acesso a Cipriano em seu "retiro" e pode, por isso, ser portador de sua correspondência. Nessas duas cartas, destinadas aos presbíteros e diáconos cartagineses, o bispo de Cartago fala de Tértulo como se não pertencesse ao grupo. Embora aí o chame de irmão, o termo não parece referir-se nem a presbítero nem a bispo. Nesta ep. 4, contudo, é estranho que Cipriano – que parece seguir uma disposição hierárquica nos cabeçalhos – mencione um leigo juntamente com os bispos e antes dos presbíteros. O cossignatário desta epístola pode, portanto, muito possivelmente, identificar-se com o bispo cossignatário também das ep. 57 e 70, cuja sede é desconhecida.>

[29] Pompônio pode ser o bispo de Dionysiana (cf. sent. episc. 48), cossignatário das ep. 57, 67 e 70.

[30] Seu status é desconhecido. Não é sempre que irmão designa presbítero ou bispo; cf., por exemplo, logo acima, n. 28.

[31] A questão das comunidades mistas, denominada syneîsaktismo – ocorrente na primeira metade do séc. III na Palestina, é uma das reprovações aos priscilianistas espanhóis no séc. IV –, recebe destaque no pseudocipriânico De singularitate clericorum, que pode ter tido como autor um dos cossignatários desta carta (cf. J. QUASTEN, op. cit., vol. 1, p. 59-60, 142 e 599).

[32] Jr 3,15.

[33] Sb 3,11.

[34] Cf. Sl 2,12.

[35] Cf. Ef 6,11.

[36] Ef 4,27.

[37] Cf. 1Cor 7,9.

[38] 1Cor 8,13.

[39] Cf. De habitu virginum 3 e 20.

[40] Cf. TERTULIANO, De paenitentia 9-12. Sobre a exomológēsis, veja-se PatrPaulus 35/1, 2016, p. 76-78, particularmente, p. 77, n. 30.

[41] Dt 17,12-13.

[42] Cf. Rm 2,29.

[43] Cf. 1Tm 3,15.

[44] Pr 15,10.12.

[45] Cf. Mt 7,13-14.

[46] Mt 19,12.

[47] Gl 4,16.

[48] Gl 1,10.

EPÍSTOLAS ESCRITAS ENTRE A PRIMAVERA DE 250 E A PRIMAVERA DE 251

[1] O início da perseguição de Décio (cf. “Introdução”, p. 15) leva Cipriano a “retirar-se” de sua sede, mas não reduz seu zelo pastoral, expresso nesta primeira de outras cartas que se seguirão neste período. A permanência e a atividade dos presbíteros e dos diáconos fazem pensar que estes últimos não eram ameaçados como os bispos – e somente alguns (por exemplo, Caldônio é exilado, mas retorna a Cartago; cf. ep. 24 e sua n. 193; Herculano é bispo e ajuda na administração de Cartago, durante a ausência de Cipriano; cf. ep. 41, 42, 57) – e que, então, inicialmente, a perseguição, embora tenha feito prisioneiros (cf., logo em seguida, 2,2), não tinha a intensidade que terá pouco mais tarde (cf. ep. 20,2, que acena a distintos momentos na perseguição).

[2] Cf. De habitu virginum 11; De opere et eleemosynis; De unitate Ecclesiae catholicae 26.

[3] Cf. Mt 11,29.

[4] Cf. Rm 12,11.

[5] Sobre Víctor, cf., acima, n. 28, p. 33.

[6] Cf. Gl 1,2; Fl 4,22; Tt 3,15.

[7] Sérgio, não identificado como presbítero, talvez seja leigo. Não reaparece neste corpus epistolar, talvez porque se tenha unido ao grupo de opositores a Cipriano (cf. ep. 13,4-5). Sobre Rogaciano, veja-se, acima, n. 14, p. 28.

[8] Mt 28,20.

[9] Cf. TERTULIANO, Ad martyres 2.

[10] Cf. Sl 116,15.

[11] Sl 51,19.

[12] Sb 3,4-6.8.

[13] Cf. Gn 4,8. Vejam-se também ep. 58,5,1; De dominica oratione 24; De bono patientiae 12.

[14] Cf. Mt 23,34-35; Lc 11,49-51.

[15] Jo 12,25.

[16] Mt 10,28.

[17] Rm 8,16-17.

[18] Rm 8,18.

[19] Cf. Sl 33,20.

[20] Cf. Dn 3,49-50. Veja-se também De lapsis 31.

[21] Dn 3,16-18.

[22] Cf. ep. 37,3,1.

[23] Cf., acima, n. 14, p. 28.

[24] Seria o mesmo Felicíssimo, diácono rebelde, da ep. 41?

[25] Cf. De opere et eleemosynis; De dominica oratione 33.

[26] Cf., acima, n. 14, p. 28.

[27] Os acólitos aparecem, particularmente, como portadores de cartas (cf. ep. 45,4,3; 52,1 e 59,1) e como distribuidores de esmolas (ep. 77,3,2 e 78,1). Não há outras referências a Narico, que nos é desconhecido.

[28] Sem remetente nem destinatário, o conteúdo evidencia que se trata, respectivamente, do clero administrador da Sé Vacante de Roma (cf. ep. 8,1,1) e do clero cartaginês, e Cipriano mesmo o dirá pouco mais tarde (cf. ep. 20,3,2). O clero romano, elogiando, indiretamente, o martírio de seu bispo (cf. ep. 8,1,1-2) e dando ordens aos cartagineses (cf. ep. 8,3,1-4), parece ignorar Cipriano e, também de modo indireto, censurar sua fuga (cf. ep. 8,2,1-2). Note-se, além disso, que, ao pedirem que sua carta seja divulgada (ep. 8,3,4), os presbíteros romanos não dizem que uma cópia sua deva ser enviada a Cipriano. É possível que esta carta ou acompanhasse uma descrição do martírio de Fabiano ou fosse posterior a um comunicado oficial, que não se conservou (cf., abaixo, ep. 9, n. 40).

[29] Frequentemente, como os acólitos, os subdiáconos aparecem neste corpus como portadores de cartas (ep. 20; 36; 45; 77; 79). O mesmo Cremêncio – cuja Igreja de pertença parece ser a de Cartago –, provavelmente, reaparece nas ep. 9,1,1.2,1 e 20,3,2. Talvez seja ele a ter dado "informações confusas" ao clero romano quanto ao "retiro" de Cipriano (cf. ep. 20).

[30] Acerca do termo papa, veja-se PatrPaulus 38, 2018, p. 21, n. 1.

[31] Cf. 2Tm 2,5.

[32] Cf. Ez 34,2.

[33] Cf. Ez 34,3-4.

[34] Cf. Jo 10,11-12.

[35] Jo 21,15-17.

[36] Cf. 1Cor 16,13.

[37] Cf. 1Pd 2,21; 1Jo 2,6.

[38] Cf. Lc 19,17.

[39] Talvez um membro do clero romano (cf. ep. 22,3,2).

[40] Cipriano, que ouvira falar da morte de Fabiano, refere-se a uma carta que lhe é endereçada. Não se trata, portanto, da ep. 8. A referência, então, é a outra epístola que não se conservou. Sobre o subdiácono Cremêncio, cf., logo acima, n. 29.

[41] De fato, a ep. 8 não contém qualquer detalhe acerca do martírio de Fabiano; cf., logo acima, n. 28.

[42] A construção de todo o período faz pensar que o referido testemunho seja um texto não conservado, com a descrição, provavelmente encomiástica, do martírio de Fabiano. Mas não é de todo claro que se trate da carta não conservada destinada a Cipriano (cf., logo acima, n. 40).

[43] Trata-se da ep. 8. Mas não há qualquer registro de que, como diz Cipriano, Cremêncio a devesse entregar a ele.

[44] Se Cipriano obteve uma resposta, essa não chegou até nós. Não há, entre as outras epístolas da coleção, conteúdo que remeta à solicitação do bispo de Cartago. Difícil dizer se razões de seu "retiro" foram pedidas. Mas é fato que sua próxima carta – conservada, obviamente – para o clero romano justifica-o (cf. ep. 20), com possível referência à ep. 8 (cf. 20,3,2). Não é impossível que, tendo chegado a suas mãos a ep. 8, ele se sentisse no dever de fazê-lo, particularmente quanto às informações transmitidas aos romanos (cf., abaixo, ep. 20,1,1 e sua n. 156).

[45] Cf. ep. 74,7,2. Vejam-se também ep. 59,13,2; De unitate Ecclesiae 6 e 23; TERTULIANO, Ad martyres 1.

[46] Cf. 1Jo 4,4.

[47] Cf. Sl 115,15.

[48] Cf. Ad Donatum 4.

[49] Mt 10,19-20.

[50] Veja-se também, abaixo, 4,3. Mapálico foi martirizado entre 16 e 20 de abril de 250. Cipriano não acena à sua biografia, mas somente a seu respeito pela disciplina eclesiástica, embora tenha pedido bilhetes de paz para sua mãe e sua irmã. Ainda assim, a questão parece ter sido isolada – Cipriano fala da motivação disso em seu afeto filial –, mesmo tendo estado com os encarcerados com Luciano (ep. 22,2,2 e 27,1,1).

[51] Is 7,13-14. Cf. TERTULIANO, Adversus Iudaeos 9 e Testimonium animae 2,9.

[52] 1Cor 9,24-25.

[53] 2Tm 4,6-8.

[54] Cf. TERTULIANO, Ad martyres 3.

[55] A quantidade de apóstatas parece ter aumentado pelo tempo da composição da carta, em relação ao início da perseguição.

[56] Em síntese, a vida do cristão é a vida de Cristo, na paixão e na glória. Note-se a unidade entre ambos. O fiel não só enfrenta o martírio por Cristo, mas, em Cristo.

[57] Cf. Ap 2,23. Veja-se também, imediatamente acima, nesta carta, 1,2.2,3.4,4, com a n. precedente, e o contraste da atitude em Cristo com a que é manifestada pelos cristãos relapsos, e mesmo pelos confessores, que, sofrendo por Cristo, gabam-se de si mesmos (cf., abaixo, ep. 11,1,3; 22,1,1).

[58] Cf. De zelo et livore 9.

[59] Cf. Jo 5,30; 6,38.

[60] Cf. De lapsis 4.

[61] Cf. 2Tm 3,2.

[62] Lc 12,47.

[63] Sl 88,31-33.

[64] Sl 88,34.

[65] Cf. Mt 7,7; Lc 11,9.

[66] Cipriano registra discretamente suas revelações (cf., em seguida, 4,1 e ep. 11,3-6; 40,1; 66,10; 73,21) e reconhece algumas de outros (cf. ep. 16,4; 39,1,1; 57,5).

[67] Sl 67,7.

[68] At 4,32.

[69] Jo 15,12.

[70] Mt 18,19.

[71] Cf. Jo 14,27.

[72] Cf. Mt 26,40-41; Mc 14,37-38; Lc 22,45-46.

[73] Cf. Pr 3,12; Ap 3,19; Hb 12,6.

[74] Cl 4,2.

[75] Lc 6,12.

[76] Cf. 1Pd 2,24.

[77] Lc 22,31-32.

[78] Cf. 1Jo 2,1-2.

[79] Rm 8,35.

[80] Cf. Ef 4,22.

[81] Lc 9,62.

[82] Cf. Gn 19,17.26; Lc 17,31-32.

[83] Cf. ep. 5, 7, talvez a 10 e 11. Encontraremos conteúdo correspondente na ep. 14,2,2.

[84] Cf. TERTULIANO, Ad martyres 1.

[85] Mt 10,32.

[86] Mt 10,22.

[87] Ap 2,10.

[88] Sobre Tértulo, veja-se, acima, n. 28, p. 33.

[89] A seu respeito, cf., acima, n. 14, p. 28.

[90] Talvez a ep. 6.

[91] Cf. ep. 28,2,4.

[92] Jo 5,14.

[93] Cf. 1Rs 11,1-13; 1Sm 15,10-28.

[94] Cf. Mt 7,14.

[95] Cf. Is 66,2.

[96] Cf. Rm 2,24.

[97] Mt 5,16.

[98] Cf. Fl 2,15.

[99] 1Pd 2,11-12.

[100] Cf. 1Pd 4,15-16.

[101] Rm 11,20-21.

[102] Cf. Is 53,7; At 8,32.

[103] Cf. Is 50,5-6.

[104] Cf. At 17,28.

[105] Jo 13,16; 15,20.

[106] Lc 9,48.

[107] Cf. 1Cor 3,16; 2Cor 6,16.

[108] Cf. Gl 5,20. Veja-se também De zelo et livore 6.

[109] Cf. Jo 14,27.

[110] Gl 5,14-15.

[111] Cf. 1Cor 6,10.

[112] Cf. Mt 19,27.

[113] Cf. Jo 14,27.

[114] Cf. ep. 12.

[115] Talvez se trate daquele a que o bispo de Cartago se refere na ep. 5,2,2. Sobre os Víctores do epistolário, cf., acima, n. 28, p. 33.

[116] A seu respeito, veja-se, acima, n. 28, p. 33.

[117] Cf. De opere et eleemosynis 5. Vejam-se também ep. 5,1; 7,2; 12,1-2; 14,2.

[118] Cf. ep. 12.

[119] Eclo 11,30.

[120] Ap 2,10.

[121] Mt 10,22; 24,13.

[122] Jo 13,14-15.

[123] Cf. 2Cor 11,23-26.

[124] Cf. 2Cor 12,1-6.

[125] 2Ts 3,8.

[126] Cf. Mt 23,12; Lc 14,11; 18,14.

[127] Cf. 1Cor 6,15.

[128] Podem ser quatro dos cinco opositores ao episcopado de Cipriano (cf. ep. 43; 66,1,2) – o quinto seria Gaio Didense (cf. ep. 34,1) –, que acabaram cismáticos (cf. ep. 43,3,4; 45,4,1; 52,2,3; 59,9,2). Mas, cf., acerca desses opositores de Cipriano, PatrPaulus 35/1, 2016, p. 14, e, abaixo, n. 347, p. 172.

[129] Cf. ep. 19,2,2. Provável referência à readmissão dos lapsos que pediam

reintegração à comunidade. A ep. 15 começa a lidar com a questão, visto que havia presbíteros administrando a disciplina eclesiástica à revelia do bispo.

[130] O endereçamento a mártires e confessores (cf. também ep. 10) indica uma distinção conceitual, pelo menos na mente de Cipriano, entre essas categorias. Mas o bispo de Cartago não no-la dá, talvez por ser – ainda – incipiente, pois ele se refere a mártires em vida (cf. ep. 18,1,2; 19,2,1; 20,3,1), ora aparentemente prestes a morrer (cf. ep. 16,3,2; 22,2), ora sem indícios aparentes de morte iminente (cf. ep. 15,1,1; 16,3,2; 17,2,1). Mas, contra o que disséramos, isto é, que os termos são usados sinonimicamente, em PatrPaulus 35/1, 2016, p. 76 (cf. também H. A. M. HOPPENBROUWERS, Recherches sur la terminologie du martyre de Tertullien à Lactance, Paris: Dekker & Van de Vegt, 1961; e Y. DUVAL, "Le début de la persecution de Dèce à Rome", Revue des Études Augustiniennes 46 [2000] 157-172, p. 163), G. W. CLARKE, op. cit., vol. 1, p. 273 – que lembra, de modo bastante convincente, que Cipriano jamais diz que os mártires estarão nos concílios, mas estarão os confessores (cf. ep. 17,3,2) –, afirma que a distinção é certa, e que a referência a mártires vivos é questão de lisonja, salvo no caso daqueles que estão prestes a morrer, e variação retórica.

[131] Cf. Ad Donatum 4.

[132] Cf. De habitu virginum 1.

[133] 1Cor 11,27. Cf. também ep. 55,20. Entre o rigorismo e o laxismo, que irrefletidamente se manifestam, Cipriano prepara condições para a readmissão (paz) à comunidade eclesial, tendo deixado claro que a decisão

deve ser conciliar (cf. ep. 14,4). Acerca da disciplina penitencial e das questões suscitadas pelos lapsos arrependidos, veja-se a "Introdução" a Os lapsos, no volume 35/1, p. 69, desta Coleção.

[134] Cf. Mt 19,28.

[135] Cf. Dt 1,17; Lc 20,21.

[136] Cf. ep. 16 e 17. A prescrição de sua leitura encontra-se, respectivamente, em 4,2 e 3,2. Essa indicação leva a crer que as cartas 15-17 foram escritas contemporaneamente.

[137] Mt 10,32-33.

[138] Mc 3,28-29.

[139] 1Cor 10,21.

[140] 1Cor 11,27.

[141] Cf. ep. 15,1,2 e 17,1,2. A carta a que aí se refere Cipriano não se conservou.

[142] Cf. Mt 10,23.

[143] Cf. Lc 18,2.

[144] Cf. De lapsis 14.

[145] Esta e a ep. 43 são as duas únicas em que Cipriano dirige-se diretamente ao povo.

[146] 2Cor 11,29.

[147] 1Cor 12,26.

[148] Cf. ep. 15,1 e 16,3; De lapsis 16.

[149] Considerando-se a gravidade de cada caso (cf. ep. 23 e 27,2) e aqueles

que merecem particular benevolência (cf. ep. 56).

[150] Cf. ep. 15 e 16, respectivamente.

[151] Cf. ep. 5; 7; 11; 12; 14; 16, bem como cópias de outras (cf. loc. cit.).

[152] Cf. ep. 15,1; 16,2; 19,2.

[153] Não conservada.

[154] Cf. Ap 2,5.

[155] Cf. Mt 11,29.

[156] Cipriano justifica-se diante do colégio de presbíteros de Roma por ter-se retirado de sua sede, não tanto devido ao que este último possa ter pensado a respeito (cf. ep. 8 e sua n. 28), mas particularmente devido às notícias parciais e falsas a partir das quais o pensaram.

[157] Cf. Mt 10,23, cuja interpretação de Cipriano, abrangente quanto a de Orígenes (cf. Contra Celsum 8,44), diverge da restritiva de "seu mestre", que entende a passagem – evocando sua continuação – referida somente aos apóstolos (TERTULIANO, De fuga in persecutione 6).

[158] Referência ao início da perseguição, janeiro de 250.

[159] Cf. 1Cor 5,3; Cl 2,5.

[160] Cf. ep. 5; 7; 11; 12; 14; 16; 18; 19.

[161] Cf. ep. 6; 10; 13; 15.

[162] Cf. ep. 13,4,1 e 14,3.

[163] Cf. ep. 17.

[164] Segundo momento da perseguição, por volta de abril de 250.

[165] Cf. ep. 10 e 12.

[166] Cf. ep. 5; 7; 12; 14; 15; 16.

[167] Consequência da perseguição, no verão de 250.

[167] Cf. ep. 18 e 19.

[169] Cf. ep. 8.

[170] Destinatário da ep. 22, e citado também nas ep. 37 e 39 (praticamente toda a seu respeito), Celerino é um jovem confessor cartaginês encarcerado em Roma, de família cristã (ep. 39,3,1-3), leitor e possível futuro sacerdote (cf. ep. 39,1,1-2.5,2). Informa ter escrito outras cartas (2), mas só esta chegou até nós. Figura – com membros de sua família (ep. 39,3,1) – no Martyrologium Romanum (3/2, 4 [séc. III]).

[171] Acerca de Luciano, veja-se, abaixo, n. 177, p. 102, e ep. 27.

[172] Ou a seu lugar de encarceramento ou ao porto do qual foi levado para o cárcere (cf. M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, Cipriano de Cartago –

Cartas, Madrid: Gredos, 1998, p. 120, n. 139). N. MARINANGELI (ed.), S. Cipriano di Cartagine – Le Lettere, Edizioni Paoline, 1979, p. 134, n. 1, sugere que se trate do porto, e G. TOSO (org.), Opere di San Cipriano, Torino: UTET, 1980, p. 485, afirma-o.

[173] Cf., logo acima, n. 167.

[174] Cf. Mt 11,21; Lc 10,13.

[175] Cf. Gn 28,13.

[176] Sl 19,5.

[177] Provável referência ao reconhecimento de Luciano, por parte dos seus companheiros confessores, como seu líder, ou porta-voz. Só assim, e à luz da última súplica do parágrafo precedente, entende-se o pedido do parágrafo seguinte. Não há qualquer indício de que Luciano tenha exercido, de fato, um ministério ordenado. Seu ministério, portanto, seria de intercessor ou distribuidor dos libelli pacis (bilhetes de paz, de perdão para os apóstatas). Não temos mais informações a seu respeito.

[178] Localidade em que, no Fórum, no caminho para o Capitólio, encontravam-se as estátuas das três divindades do destino.

[179] Referência à Sé vacante de Roma. Em vez de esperar, porém, Celerino parece preferir informar-se, pelo menos, sobre os bilhetes de paz dos confessores cartagineses.

[180] No epistolário de Cipriano parece haver referências a dois confessores de nome Macário. Aqui, e na carta seguinte, trata-se daquele encarcerado em Cartago. O outro, romano, pode ser um dos "vários irmãos" confessores romanos que aderiram ao cisma de Novaciano (ep. 49,2,2; cf. também ep. 51, 52 e 54). Para G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 283, esse Macário romano deve ser identificado com o Celerino – que seria o nome cristão de Macário – mencionado na carta de Cornélio a Fábio de Antioquia (cf. HE 6,43,6).

[181] Provavelmente destinada aos companheiros confessores cartagineses de Luciano, essa carta não se conservou.

[182] Cf. ep. 21.

[183] Provável referência ao imperador Décio.

[184] Cf. ep. 27; 33 e 35.

[185] Mas, cf. ep. 27 e 35.

[186] No cofre de penhores: o original latino diz in pignerario (CCL 3B,118). A expressão tem recebido diversas traduções que normalmente não descostam do significado de penhor – salvo, dentre as que consultamos, E. B. PUSEY, The Epistles of S. Cyprian, Oxford/London: J. Parker/Rivingtons (A Library of Fathers), 1868, p. 53, que preferiu nas minas (in the mines), seguindo uma variante conjetural (in petrario; cf. Id., Ibid., p. 53, nota n; e CCL 3B, 118, aparato crítico). Trata-se seguramente de uma das duas celas a que Luciano se refere pouco antes (2,1), talvez improvisada.

[187] Mapálico ainda vive, diversamente da ep. 10, que seria, então, posterior a esta. Sobre Mapálico, vejam-se a ep. 10,4, e respectiva nota, e a ep. 27,1,1.

[188] Excetuando-se Numéria e Cândida, todos os demais constam no Martyrologium Romanum (19/04/250, 1).

[189] Luciano parece conhecer as disposições de Cipriano a respeito da concessão da paz aos lapsos (cf. ep. 23).

[190] Talvez o mesmo referido na ep. 8.

[191] Sobre o termo papa, comumente referido a Cipriano (cf., por exemplo, saudações das ep. 30, 31, 36), veja-se indicação acima, n. 30, p. 49. A carta, um bilhete propriamente, tem mais o caráter de um memorando que faz do bispo – cujas decisões os confessores parecem respeitar – simplesmente um comunicador das decisões destes últimos. A evocação da presença de um exorcista, de um leitor e de parte do clero dá certa solenidade – caráter sinodal ou conciliar? – ao bilhete.

[192] Mas, veja-se ep. 26.

[193] Caldônio parece distante de Cartago, talvez exilado (cf. CLARKE, op. cit., vol. 1, p. 349), mas ainda ligado à Igreja-mãe cartaginesa – e, ao que tudo indica, sem informação quanto ao que lá acontece. Logo de início, porém, manifesta uma disposição semelhante à de Cipriano. Esta sua carta reaparece nas ep. 26,1,3 e 27,3,2. Caldônio, encarcerado durante a perseguição (1,1), conhecedor das Escrituras (ep. 25,1,1), de volta a Cartago, com outros, torna-se vigário de Cipriano (ep. 41,1,2). Destinatário da ep. 25, é um dos remetentes também da ep. 42 e dos signatários das ep. 57 e 70. Provavelmente ancião, parece não ter tomado parte do Concílio de 1º de setembro de 256, pois seu nome não figura na sent. episc. Cipriano cita-o também nas ep. 41, 42, 44, 45 e 48.

[194] Cf. Mt 19,27; Lc 18,28.

[195] O caso de Bona não é único. A esse respeito, veja-se HE 6,41,4.

[196] A seu respeito, veja-se, logo acima, n. 193.

[197] Ep. 24.

[198] O louvor de Cipriano não é gratuito, se se tem presente que então a formação do clero, bispos inclusive, era bastante rudimentar (cf. V. SAXER, Vie liturgique et quotidienne à Carthage vers le milieu du III e siècle: le témoignage de saint Cyprien et de ses contemporains d'Afrique, Città del Vaticano: Pontificio Istituto di Archeologia Cristiana, 1969, p. 257-284, particularmente p. 282-283).

[199] Cf. At 18,24-25.

[200] Cf. Mt 12,37. Veja-se tal disposição na ep. 19.

[201] Talvez as ep. 15-19, propositalmente copiadas em um único volume.

[202] Is 66,2.

[203] Cf. ep. 23.

[204] Cf. ep. 19.

[205] Embora não conservadas, estando ao que reporta Cipriano, essas cartas, como a de Caldônio (ep. 24), manifestam a comunhão dos bispos quanto às disposições em relação aos lapsos.

[206] Cf. ep. 24 e 25.

[207] Cf. ep. 20.

[208] Cf. ep. 22.

[209] Cf., acima, ep. 10,4,1, com sua n. 50, e ep. 22,2,2.

[210] Cf. At 5,29.

[211] Mas, cf. nota à ep. 38,1,2.

[212] Cf. ep. 20, a cópia da carta enviada aos confessores é da ep. 15 – ou do conjunto das ep. 15-17.

[213] Cf. ep. 23.

[214] Cf. ep. 26.

[215] Respectivamente, ep. 24 e 25.

[216] Respectivamente, ep. 21 e 22.

[217] Cf. Mt 28,19.

[218] Cf. Mc 16,16; Jo 3,5.

[219] Cf. At 9,15.

[220] Gl 1,6-9.

[221] Estas duas cartas, a que foi enviada pelo clero romano ao clero cartaginês e a que os confessores romanos enviaram aos confessores de Cartago, não se conservaram.

[222] Todos confessores em Roma; cf. HE 6,3. São autores da ep. 31, e destinatários também da ep. 37 – bem como de outras: ep. 46 e 54; mas, veja-se nota, sobre Moisés, ao cabeçalho da ep. 37. Podem ter sido encarcerados logo depois do martírio do bispo romano Fabiano (20/01/250) (cf. Y. DUVAL, art. cit., p. 162). Sobre Máximo e Nicóstrato, veja-se nota ao cabeçalho da ep. 31.

[223] Mt 28,18-20.

[224] 1Jo 2,3-4.

[225] Sobre o martírio como dom, ep. 6,3,3; 10,5; 11,1,3; 59,6; 67,6,3.

[226] As discussões acerca das disposições – do bispo, de confessores, de laxistas, de rigoristas... – quanto aos lapsos apontam, no fundo, uma questão que diz respeito ao seguimento de Cristo em sua Igreja: como conciliar a liberdade do ter-se posto no seguimento de Cristo com a obediência a esse seguimento? Para Cipriano, qualquer que seja a resposta, se essa nega o

Evangelho de Cristo, não se pode dizer que tenha sido dada no seguimento de Cristo, bem como não é possível afirmar seguir o Cristo do – e o – Evangelho, opondo-se à Igreja. Seguimento de Cristo e eclesialidade são inseparáveis, e são elementos objetivos na identificação de um e de outro (cf. De unitate Ecclesiae 23; vejam-se também os parágrafos 5; 6; 8).

[227] Se se refere à correspondência com os confessores romanos, e seguindo a cronologia, a resposta de Cipriano parece ser a carta precedente, ep. 28. Tem-se apontado, porém, a partir do cruzamento de conteúdos, que a resposta a que o bispo de Cartago se refere seja a ep. 33 (CCL 3B, 137, aparato de notas), o que seria mais um indício de uma ordem não rigorosamente cronológica das epístolas. Mas é certo que a carta que lhe fora enviada não se conservou.

[228] Possivelmente a ep. 27. A Urbe é Roma.

[229] Embora não fosse incomum que acólitos e subdiáconos fossem portadores das cartas (cf., acima, n. 24 e 26, p. 47-48), além das ocupações quotidianas daqueles que estão na Sé de Cartago, Cipriano parece precisar de ministros confiáveis. Mas não age à revelia do colégio presbiteral, como atesta o parágrafo seguinte (2; cf. também ep. 4; 16; 20). Veja-se, a respeito, CLARKE, op. cit., vol. 1, p. 108-109).

[230] É mencionado também nas ep. 32 e 35.

[231] NOVACIANO, ep. 1. Para considerações a respeito, veja-se nosso “Os

escritos éticos e as cartas de Novaciano", em PatrPaulus 37, 2017, 147-149, juntamente com G. W. CLARKE, op. cit., vol. 1, p. 362.

[232] Rm 1,8.

[233] Seria a mesma mencionada na ep. 27,4? Independentemente de qual seja, trata-se de uma carta não conservada.

[234] A obtenção fraudulenta de libelos, igualmente fraudados, que atestavam um sacrifício não realizado não torna o cristão o mais fiel por não ter realizado o sacrifício. Pelo contrário. É execrável e pecaminosa, mesmo se não no mesmo grau da apostasia.

[235] "Longe da Igreja romana... comunhões que por certo não favorecem"; cf. Decretum Gratiani 1,50,26. Vejam-se também ep. 15-17.

[236] Seria a mesma mencionada na ep. 28,2,1? Referência a Celerino (ep. 21), que teria se retratado? Em todo caso, trata-se de uma carta não conservada.

[237] Cf. ep. 27,3,3.

[238] Cf. ep. 28.

[239] Difícil dizer de quantas cartas se trate. Veja-se a respeito G. W. CLARKE, op. cit., vol. 1, p. 127.

[240] Cf. ep. 55,5,1. Vejam-se também ep. 15,2,1; 16,4,2; 17,1,2; 20,3,2; 26,2.

[241] É possível que haja, aqui, uma alusão ao aumento de lapsos na Urbe, em relação ao início da perseguição (cf. ep. 8,2,2).

[242] Cf. Mt 7,7-8; Lc 11,9-10.

[243] Cf. 1Pd 3,16.

[244] Cf. Ef 6,16.

[245] Mt 18,32.

[246] Mt 10,33; Lc 12,9.

[247] Cf. Mt 22,13.

[248] Cf. 2Pd 2,4.

[249] Cf. 1Tm 6,16.

[250] NOVACIANO, ep. 2 [PatrPaulus 37, 2017, 217-225]. Cf., acima, n. 228, p. 119, juntamente com G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 133-134.

[251] O presbítero Máximo, sempre presente no cabeçalho das cartas dos e aos confessores romanos (cf. respectivamente ep. 28; 37; 46; 54; e, além desta, ep. 53), pode ter tido um papel de destaque entre o grupo. Mesmo se, momentaneamente, tomou partido de Novaciano em seu cisma (cf. ep. 46), voltou à unidade da Igreja (ep. 49,1,3 e 51); não se confunda, portanto, com outro presbítero Máximo cismático, emissário de Novaciano (ep. 44,1,1) e por este último feito bispo (ep. 59,9,3.10,2). A esse respeito, veja-se ep. 44,1,1. Sobre o acólito africano Máximo, cf., abaixo, n. 27, p. 191. Nicóstrato era diácono (ep 32,1,1) e, embora tenha tido o mérito da confissão (ep. 27), fugiu de Roma para Cartago e foi deposto do diaconato (ep. 52,1,2), ou por sua participação no cisma ou por seus crimes, senão por ambos os motivos (cf. ep. 50,1,2). Só mais tarde (cf. ep. 50), Cipriano será informado disso.

[252] Cf. ep. 20.

[253] Cf. Mt 10,32; Lc 12,8.

[254] Mt 10,37-38; Lc 14,26-27.

[255] Mt 5,10-12.

[256] Mt 10,18.21-22; Mc 13,9.12-13.

[257] Ap 3,21.

[258] Rm 8,35-37.

[259] Cf. Ef 6,13-17; 1Ts 5,8.

[260] Cf. ep. 6; 10; 13; 28.

[261] Cf. ep. 7,2 e 13,7.

[262] O autor da carta (cf., acima, n. 228, p. 119) demonstra conhecimento da ep. 20 e de seus anexos.

[263] Cf. ep. 17; 15,3,1; 19,2,1.

[264] Cf. Mt 7,6.

[265] Cf. ep. 17,2,1.

[266] Cf., entre outros possíveis paralelos e sem relação de dependência, ep. 14,4; 19,2,2; 30,5,3.

[267] Cf. ep. 27 e 30, para o e do clero romano; ep. 31, dos confessores romanos. Talvez também das ep. 20 (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 141) e 28 (cf. G. TOSO, op. cit., p. 516). Sobre Moisés, veja-se, abaixo, n. 304, p. 153; sobre Máximo e Nicóstrato, cf., acima, n. 251, p. 131. O diácono confessor Rufino somente aparece mencionado aqui e no cabeçalho da carta precedente (31).

[268] Essa circulação ou presença de membros estrangeiros do clero em Cartago pode ter sua causa num abrandamento da perseguição (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 142).

[269] Cf. ep. 29,2.

[270] Cf. ep. 66,7,2; De unitate Ecclesiae 7; 14 e 24-26.

[271] Cf. ep. 26,2; 25.

[272] Sem cabeçalho, não contém destinatário. Seu conteúdo (cf. De unitate Ecclesiae 4), porém, deixa claro que é endereçada a lapsos, provavelmente cartagineses.

[273] Mt 16,18-19. Sobre a figura e o significado de Pedro, vejam-se, por exemplo, ep. 59,7,3.14,1-2; 73,7,1-2; De unitate Ecclesiae 4 – dúplice redação; Ad Fortunatum 11. É vasta a bibliografia a respeito, bem como sobre o papel da Igreja de Roma; o leitor não terá dificuldade alguma em encontrá-la.

[274] Trata-se, como será evidente em seguida (2,1), de duas cartas, obviamente não conservadas: uma de um grupo intransigente, que se apresenta como Igreja (1,2); outra de um grupo que parece reconhecer seu pecado e dirige-se à Igreja (2,1).

[275] Cf. TERTULIANO, De pudicitia 21.

[276] Lc 20,38.

[277] Veja-se, logo acima, n. 271.

[278] Lc 17,10.

[279] Veja-se, logo acima, n. 271.

[280] Cipriano parece prever a possibilidade de retornar à sua Sé. Mas, independentemente de onde esteja, é certo que cada caso deve ser analisado, sem admissão genérica ao seio da comunidade. Ignora-se, porém, (a) se todos os lapsos, dos dois grupos destinatários desta carta, fizeram o que pediu seu bispo, (b) se Cipriano respondeu por escrito, e para cada um, a quem o fez ou se se tratou de deliberação, sobre cada caso certamente, sinodal – ou conciliar – não registrada.

[281] De Dida, na Proconsular. Possivelmente seja o mesmo Gaio, opositor de Cipriano, que aderiu ao cisma de Felicíssimo (cf. ep. 43,3,1).

[282] Carta não conservada.

[283] Ap 2,5.

[284] Cf. Is 30,15.

[285] Cf. Is 3,12.

[286] Cipriano pode referir-se especificamente às ep. 16, 18, 19, 26.

[287] Veja-se, logo acima, sobre a circulação dos clérigos, n. 265. É possível que se suspeitasse que seu desaparecimento se devesse ao fato de terem sido lapsos. Como Cipriano atesta em seguida (4,2), os citados não foram os únicos a desaparecer. Favorino, Filomeno e Fortunato são mencionados somente aqui. Reaparece um subdiácono Fortunato na ep. 36 (1,1), mas talvez seja romano. Sobre outros Fortunatos, dois bispos, cf., abaixo, n. 6, p. 182, e, sobre o pseudobispo, n. 273, p. 278, e 322, p. 302.

[288] É possível que se trate, aqui, da divisão daquilo que se oferecia à Igreja, do qual uma parte seria destinada ao clero; veja-se a respeito ep. 1,1,2; 39,5,2; 65,3,1; juntamente com G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, 157-

158.

[289] Cf. ep. 29 – ou 27 (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 161).

[290] Cf. ep. 22.

[291] Carta não conservada.

[292] Respectivamente, ep. 33, possivelmente, e, talvez, 34 – ou 29 (cf. G. W. CLARKE., op. cit., vol. 2, p. 161; CCL 3B, 172, aparato de notas).

[293] NOVACIANO, ep. 3 [PatrPaulus 37, 2017, 227-231]; cf., acima, n. 228, p. 119, juntamente com N. MARINANGELI, op. cit., p. 193, n. 1; G. TOSO, op. cit., p. 522; G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 165.

[294] Cf. ep. 35. Provavelmente, com essa carta, seguiu um dossiê de outras cartas – perdidas – para apreciação do colégio presbiteral romano, como a 33 e outra perdida, pelo menos (cf., acima, n. 293, e logo abaixo, 296).

[295] Talvez o mesmo mencionado na ep. 34.

[296] Cf. ep. 33, cujo conteúdo parece conhecido pelos romanos.

[297] Cf. ep. 22 e 23.

[298] Sugestão, acertada, de uma “liderança rebelde”.

[299] A carta dos lapsos, não conservada; cf. ep. 35,1.2.

[300] Cf. ep. 33.

[301] Referência a uma carta perdida. Veja-se a respeito G. W. CLARKE, op. cit., p. 170. Bispo deposto de Lambese, na Numídia, Privato parece ter sido condenado antes do episcopado de Cipriano, quando se encontravam Donato na Sé de Cartago e Fabiano na de Roma (cf. ep. 59,10,1). Pode ter-se aproveitado da Sé vacante de Roma para apelar ao colégio de presbíteros e obter uma carta que o restabelecesse em sua sede (cf., em seguida, 4,2).

[302] Cf. n. precedente.

[303] Embora pareça ter tido certo destaque na questão com Privato (cf., logo acima, n. 298), Futuro estranhamente não voltará a ser mencionado juntamente com aquele (cf. ep. 59). Esta é a única vez em que aparece no corpus epistolar cipriânico.

[304] Moisés, um dos destinatários também da ep. 28, não será mencionado nas cartas seguintes aos ou dos confessores romanos (ep. 46; 53 e 54). Com efeito, morre no cárcere (HE 6,43,20). Subscreveu decisões de Novaciano (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 245-246), mas não parece ter morrido cismático (cf. ep. 55,5,2). Aliás, estando a uma informação de Eusébio, mesmo encarcerado, percebeu as intenções de Novaciano e o excomungou (HE 6,43,20). Figura no Martyrologium Romanum (25/11/251, 3; sobre a datação, cf. Y. DUVAL, art. cit., p. 168-169). Sobre Máximo e Nicóstrato, veja-se, acima, n. 251, p. 131.

[305] Cf. ep. 21, 22 e 39.

[306] Cf. ep. 62,4,2.

[307] Cf. TERTULIANO, Apologeticum 50,1-3.

[307a] Feixe de madeira com uma machadinha no meio, símbolo do poder de punir.

[308] Cf. Gn 1,16.

[309] Cf. TERTULIANO, Ad martyres 2.

[310] Cf. Gl 6,8.

[311] Cf. Mt 3,12; Lc 3,17.

[312] Cf. ep. 6,4.

[313] Cf. Mt 7,24; Lc 6,48.

[314] Cf. ep. 55,8,4; 59,5,2; PÔNCIO, Vita Cypriani 5.

[315] Cf. ep. 29 e 39,1,1.

[316] Não é impossível que se trate do mesmo que tenha estado no cárcere com Luciano, que emitiu bilhetes de paz em seu nome, porque Aurélio não sabia escrever (cf. ep. 27,1,2). Libertado, porém, Aurélio pode ter

esclarecido que, na verdade, não teve nada a ver com os referidos bilhetes de paz (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 179). Luciano pode ter mentido quanto a Aurélio não saber escrever – ou Aurélio pode ter estado momentaneamente impossibilitado de escrever devido às torturas sofridas. De fato, se este último não soubesse escrever e, igual e provavelmente, ler, não poderia tornar-se leitor (cf. ep. 39,4,3). A menos que se trate de dois diferentes e coetâneos Aurélios (cf. G. TOSO, op. cit., p. 528).

[317] Cf. 1Cor 9,24.

[318] Cf. ep. 77,2,2.

[319] Cf. ep. 21, 22, 27, 37. Esta carta é a que mais contém informações sobre Celerino, autor da ep. 21.

[320] Cf. ep. 38,1,1.

[321] Cf. De habitu virginum 20.

[322] Cf. TERTULIANO, Ad martyres 2.

[323] Cf. Gn 3,15; Lc 10,19.

[324] Cf. Jo 20,24-29.

[325] Veja-se, acima, ep. 21 e sua n. 170.

[326] Cf. ep. 57,3,2; 58,1,2; De dominica oratione 18. Veja-se também V. SAXER, op. cit., p. 218-224.

[327] Cf. ep. 38,1,2 e sua n. 316.

[328] Cf. Mt 5,15.

[329] Cf., acima, ep. 34,4,2, com sua n. 288, e também ep. 1,1,2.

[330] Sobre Numídico, cf., abaixo, n. 332, p. 166.

[331] Para G. TOSO, op. cit., p. 534, Cipriano comunica que elevara Numídico ao presbiterado, e este último deve, por isso, constar no elenco do

clero cartaginês. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 196, considera que Numídico já era sacerdote; Cipriano simplesmente o admite como membro do clero de Cartago.

[332] Não parece tratar-se de procedimento oficial, mas de iniciativa da população pagã contra aqueles cristãos que não sacrificaram (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 197).

[333] Cf. ep. 67,6; De lapsi 5-6.

[334] Cf. 1Tm 4,4.

[335] Sobre Caldônio, cf., acima, n. 193, p. 108. O bispo Herculano, cuja sede é desconhecida, é cossignatário das ep. 57 e 70, e um dos remetentes da ep. 42. Não consta nas sent. episc. É um dos vigários de Cipriano para a sede de Cartago durante sua ausência (2) e participa da excomunhão de Felicíssimo (ep. 42). Sobre Rogaciano, cf., acima, n. 14, p. 28; Numídico, presbítero confessor (cf. ep. 43,1,1), é um dos encarregados por Cipriano da administração de sua diocese durante sua ausência (cf., abaixo, 2). É cossignatário da ep. 42 e, portanto, participa da excomunhão de Felicíssimo. Não é claro se se há de identificá-lo com o Numídico, igualmente presbítero e confessor, mencionado na ep. 40,1.

[336] Não conservada.

[337] Que, além de tudo o que será indicado a seguir (1,1-2), à revelia do bispo, será ordenado diácono em Cartago e bispo em Roma pelo presbítero cismático Novato (cf. ep. 52,2,3). Seu caso reaparece também nas ep. 45 e 59. Acerca do cisma promovido por Novato e Felicíssimo – que se mostra como mais uma perseguição (cf. ep. 43,3; 52,2,2) –, e outros laxistas, veja-se "Introdução" a Os lapsos, vol. 35/1, desta coleção Patrística. Talvez não seja o mesmo Felicíssimo da ep. 6,4 (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 204-205); caso contrário, seu comportamento inicial era ardiloso.

[338] Cf. Mt 11,29.

[339] Felicíssimo era leigo, sua ameaça de excomunhão tem sentido se considerada sua associação a "presbíteros rebeldes" (cf., logo acima, n. 337; e ep. 43,1-2). O monte de que fala o texto poderia ser indicador do local de reunião do grupo, na colina de Birsa (cf. M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, op. cit., p. 180, n. 210), onde se erguiam os edifícios públicos de Cartago (cf. N. MARINANGELI, op. cit., p. 210, n. 2).

[340] Isto é, Augendo, diácono cartaginês, aderiu ao cisma de Felicíssimo, e, com esse, foi também excomungado (ep. 42 e, logo abaixo, n. 342). Não se confunda, portanto, com o diácono romano, emissário de Novaciano (ep. 44,1,1), a cujo cisma aderira. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 226, embora reconheça nos dois Augendos distintos personagens, admite que possa tratar-se de uma só e mesma pessoa. Há, ainda, um terceiro Augendo, confessor africano, portador de uma carta não conservada de Cornélio a Cipriano (cf. ep. 50,1 e, abaixo, n. 48, p. 199).

[341] Para Caldônio, cf. n. 193, p. 108; Víctor, n. 28, p. 33; Rogaciano, n. 14, p. 28; Herculano e Numídico, n. 335, p. 167.

[342] Além de Felicíssimo e Augendo, os demais excomungados, desconhecidos, não aparecem alhures no corpus epistolar do bispo de Cartago, e é possível que, como Augendo, tenham aderido ao cisma de Felicíssimo (cf. ep. 41,2-3 e, logo acima, n. 340).

[343] Vírcio não volta a figurar neste epistolário. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 214, considera que, sem registro de que tenha sido exilado ou confessor, possa ter eludido os perseguidores. Sobre Rogaciano, cf. n. 14, p. 28; sobre Numídico, cf. n. 335, p. 167.

[344] Veja-se, logo abaixo, n. 347.

[345] Por ocasião da Páscoa, então em março de 251, a perseguição havia cessado; e Cipriano esperava ter estado de volta.

[346] Cf. PÔNCIO, Vita Cypriani 5,6. O bispo de Cartago afirma oporem-se a seu retorno aqueles mesmos que se tinham oposto à sua ordenação episcopal.

[347] Cf. ep. 13, 15, 16. Parece normal que aqueles que se separam da unidade da Igreja nunca o façam sozinhos e silenciosamente, mas, ludibriando, busquem prosélitos no seio da comunidade, e particularmente entre aqueles que precisam da medicina da penitência (2,2.3,2 e ep. 44,3,1, por exemplo).

[348] Cf. Ef 6,11.

[349] Cf. De lapsis 16, juntamente com G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 217.

[350] Novato, Fortunato, Donato, Górdio e Gaio. Veja-se a respeito G. TOSO, op. cit., p. 539. M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, op. cit., p. 183, n. 212, cita três outros autores (Pamèle, Marand, Lombert) e três distintas indicações, respectivamente, de quem seriam os cinco presbíteros opositores de Cipriano: Félix, Jóvio, Máximo, Reposto e Fortunato; Novato, Fortunato, Donato, Górdio e Gaio; Félix, Jóvio, Máximo, Novato e Fortunato.

[351] Alusão, talvez, a uma visão em que os referidos presbíteros cismáticos tenham-se associado aos perseguidores (cf. M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, op. cit., p. 184, n. 213).

[352] Cf. ep. 30, para os confessores e o colégio presbiteral da Urbe; 25, para os bispos africanos; 27, para os do além-mar.

[353] Cf. De zelo et livore 6.

[354] Cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 219.

[355] Cf. ep. 7 e 14.

[356] Cf. Lc 11,35.

[357] Cf. Dn 13,19-27.

[358] Cf. De lapsis 6.

[359] Jr 23,16-17.

[360] Cf. Ef 4,6.

[361] Cf. Mt 16,18. Veja-se também De unitate Ecclesiae 4.

[362] Cf. Mt 12,30; Lc 11,23.

[363] Cf. 2Tm 2,17.

[364] Mt 15,14.

[365] Dt 13,6.

[366] Mc 7,9.

[367] Cf. 1Tm 6,3-4.11.

[368] Ef 5,6-7.

[369] Cf. Jo 10,11-12.

[370] Cf. Gn 3,4-5.

[371] Cf. 1Cor 10,12.

[372] Dt 17,12.

EPÍSTOLAS ESCRITAS ENTRE A PRIMAVERA DE 251 E A PRIMAVERA DE 254

[1] Para as ep. 62 e 63, contudo, cf., acima, p. 16-17.

[2] Cornélio é eleito para a Sé de Roma em março de 251. Novaciano, seu "concorrente", recusa-se a aceitar sua eleição, acusa-o de laxista e inicia um cisma. A esse respeito, vejam-se PatrPaulus 35/1, 2016, p. 79-80, e PatrPaulus 37, 2017, p. 12-13.

[3] Máximo pertence ao clero romano. G. TOSO, op. cit., p. 545, identifica-o com o homônimo confessor (cf. ep. 27; 28; 29; 31; 32; 37; 46; 53; 54). G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 226, afirma que se trata de distintos personagens. Com efeito, não se acena a que esse tenha sido confessor, como Cipriano costuma fazer. Pode ter sido um dos cinco apoiadores de Novaciano (cf. HE 6,43,20). Será expulso de Cartago (ep. 50,1). Sobre Augendo, cf., acima, n. 340, p. 169). Maqueu e Longino, citados sem menção ao status clerical, provavelmente são leigos. Com excessão de Augendo – de quem a carta não fala, mas é bem possível que estivesse entre eles –, os emissários de Novaciano serão expulsos de Cartago (ep. 51,1).

[4] Não conservada. Cf. ep. 45,2,1-2.

[5] Parece ser que a questão, de fato, instala-se, não com a contestação da eleição de Cornélio, mas quando do recebimento da informação da ordenação episcopal de Novaciano para a Sé romana. Para Cipriano, é inadmissível dois bispos numa mesma sede, pois há cisão da unidade (cf., abaixo, 3,2, e ep. 45,1,1-2 e 46,1,2, por exemplo).

[6] A espera de Caldônio e Fortunato – enviados pela assembleia constituída –, considerada desnecessária, em seguida, com a chegada de Pompeu e Estêvão (1,3), para examinar a questão da eleição de Cornélio e a reivindicação de Novaciano – o cisma parece já consolidado e conhecido – pode ser um indício de que a reunião (cf. n. seguinte) deu-se ao longo de alguns dias. Caldônio, Fortunato, Pompeu e Estêvão são bispos (cf. ep. 45,4,2 e 48,4,1). Sobre Caldônio, cf. n. 193, p. 108. A ep. 57 (cf. cabeçalho) informa haver dois bispos de nome Fortunato. Um deles é bispo de Thuccabor (sent. episc. 17), na Proconsular, talvez o emissário a Roma. O outro, um dos destinatários da ep. 56, pode ter sua sede na Bizacena. Ambos subscrevem a ep. 57, mas é difícil dizer qual, ou se a mesma pessoa, é cossignatário também das ep. conciliares 67 e 70, onde só um deles é mencionado. Há ainda um pseudobispo homônimo (cf., abaixo, n. 160, p. 241; n. 273, p. 278; e n. 322, p. 302) e dois subdiáconos (cf., acima, n. 287, p. 146). Pompeu pode ser o bispo de Sabratha (sent. episc. 83-85), na Tripolitana, destinatário da ep. 74. Não há notícias sobre o bispo Estêvão. Os quatro reaparecem, e pela mesma questão, nas ep. 45 (1,1.1,2) e 48 (2,1.4,1).

[7] Trata-se da reunião sinodal ou conciliar – assim Cipriano parece referir-se a ela na ep. 55,6,1, e explicitamente a qualifica como tal na ep. 59,13,1 – proposta pelo bispo de Cartago na ep. 43,3,2.

[8] É o presbítero Primitivo que leva esta carta para Cornélio, e traz dele uma – não conservada – para Cipriano (ep. 48,1,1).

[9] Cfep. 44,1,2.

[10] Novaciano.

[11] Cf. ep. 44,1,3.

[12] Cf. ep. 44.

[13] Não conservada. A referida província, com sede primacial em Cartago, é constituída pela África Proconsular, a Numídia e as duas Mauritânias (Tintigitana e Cesareiense); cf. ep. 48,3,2.

[14] Cartas não conservadas.

[15] Referência à carta de que se fala em 44,1,1? Seriam atas fraudulentas da eleição de Novaciano?

[16] Sl 33,14.

[17] Sl 49,19-20.

[18] Ef 4,29.

[19] Textos não conservados.

[20] Cf. Rm 14,12.

[21] Não conservadas. Roma é informada do cisma de Felicíssimo em Cartago. Como os cismáticos romanos buscavam apoio em Cartago, pode-se presumir que os cismáticos cartagineses buscassem apoio em Roma.

[22] Respectivamente, ep. 41 e 43.

[23] Métio reaparece, como portador da ep. 46, na ep. 47, também levada por ele. Nicéforo será portador também das ep. 49 e 52 (mas, cf., abaixo, n. 55, p. 202). Subdiácono e acólito, à parte essas referências, não voltam a

figurar no epistolário.

[24] Confessores romanos. Mas já não se encontram encarcerados (cf. ep. 54,2,2). A seu respeito, vejam-se ep. 28, 31 e 37 e notas a seus cabeçalhos. Que tais confessores pudessem apoiar Novaciano – ou já o apoiassem –, não é temor gratuito de Cipriano. Com efeito, Dionísio de Alexandria parece ter-lhes escrito pelo mesmo motivo (cf. HE 6,46,5).

[25] Cf. ep. 28 e 37.

[26] Novaciano.

[27] Cf. ep. 46.

[28] Cf. ep. 45,4,3.

[29] Embora considere necessário escrever aos confessores romanos, Cipriano submete sua iniciativa ao arbítrio do bispo local.

[30] Não conservada. Sobre Primitivo, veja-se, acima, n. 8, p. 183.

[31] Liberal é bispo, talvez ancião. Embora seja cossignatário das ep. 57 e 70, não consta nas sent. episc. Sua Sé é desconhecida, mas se pode pressupor que fosse próxima a Hadrumeto, onde talvez fosse personagem conhecido; o que seria boa razão para o fato de ser ele o acompanhante de Cipriano.

[32] O bispo de Hadrumeto, Policarpo, encontrava-se ausente de sua sede (2,1), tendo-se, talvez, "retirado" durante a perseguição, como Cipriano (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 254). Mas está presente nos concílios de que resultam as ep. 57, 67 e 70 e de 1º de setembro 256 (sent. episc. 3). Não se conservaram as cartas enviadas pelos presbíteros hadrumetanos a Cornélio e ao colégio presbiteral romano – mesmo com Cornélio já estabelecido como bispo de Roma, o que pode ter importunado este último. A questão, ao que tudo indica, tinha a ver com o cisma de Novaciano em Roma (2-3).

[33] Cf. ep. 44.

[34] Cf. ep. 44 e 45.

[35] Cf. ep. 46, que parece não ter tido efeito, pelo que diz Cornélio ao final deste parágrafo.

[36] Novaciano.

[37] Cf. Gn 3,1.

[38] Sobre Máximo, cf. n. 251, p. 131. Os confessores romanos Urbano e Sidônio, provavelmente leigos, com o presbítero Máximo e outros, tinham aderido ao cisma de Novato, mas voltaram ao seio da Igreja (ep. 51,1,1; 52,2,1; cf. também ep. 53 e 54).

[39] Não conservadas.

[40] Dos confessores. HE 6,45 refere-se a estas cartas.

[41] Sobre o anexo, não conservado, veja-se HE 6,43,21. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 271-272, vê paralelismos entre esse modo de proceder de Cornélio e seu sínodo e o que será adotado pelo Concílio de Cartago de 256.

[42] Cf. Mt 5,8.

[43] Cf. HE 6,43,11.

[44] O caso parece excepcional. O normal parece ser que um membro do clero que apostatasse retornasse privado do seu estado (cf., por exemplo, ep. 55,11,3 e 72,2,1).

[45] Cf., logo acima, n. 23, p. 189.

[46] Novaciano.

[47] Cf. ep. 44,1,1.

[48] Sobre Augendo, veja-se n. 340, p. 169. A carta a que Cornélio se refere não se conservou.

[49] Dionísio e Primo – e Zeto (2) – são mencionados somente aqui e na ep. 52. Juntamente com Nicóstrato – além do que é reportado em seguida (2), veja-se, acima, n. 251, p. 131–, parecem ter aderido, em Roma, ao cisma de Novato (cf. ep. 52). O Primo aqui mencionado, obviamente, então, não se identifica com o bispo homônimo, talvez de Misgirpa (sent. episc. 2), cossignatário das ep. 67 e 70. De Dionísio não temos mais notícias. Evaristo talvez fosse bispo ordinário na comunhão católica (ep. 52,1,2), mas, grande apoiador de Novaciano, pode ter ordenado Zeto em seu lugar (2) para dedicar-se à propagação dos ideais dos cismáticos, o que o leva à África, e à excomunhão (ep. 52,1,2).

[50] Talvez Cornélio não se refira aqui nem a Novaciano nem a Nicóstrato, mas a Novato (cf. CCL 3B, 239, aparato de notas. Veja-se também ep. 52,2).

[51] Cf. ep. 49.

[52] Sobre Máximo, cf. n. 251, p. 131. Sobre Urbano e Sidônio, cf., acima, n. 38, p. 195. Sobre Macário, veja-se, acima, n. 180, p. 103. Os quatro reaparecem como remetentes a e destinatários de Cipriano (cf., respectivamente, ep. 53 e 54).

[53] Cf. Lc 15,7.

[54] Cf. ep. 49.

[55] Cf. ep. 50. Nicéforo (1,2) provavelmente leva, juntas, as ep. 49 e 50. É igualmente provável que Cipriano tenha enviado juntas as ep. 51 e 52 a Cornélio. Isso explica a evocação inicial aqui do que fora motivo da ep. 51, o retorno dos confessores romanos à unidade católica.

[56] Nicóstrato, Novato, Evaristo, Primo e Dionísio, dos quais Cornélio advertia Cipriano na ep. 50,1, a cujo conteúdo doravante se dedica Cipriano.

[57] Ef 5,31-32.

[58] Parece que, embora Novato tivesse estado em Roma, Cornélio não o conheceu, apenas teve notícia do cismático cartaginês.

[59] Os confessores romanos mencionados na ep. 51,1,1.

[60] Cf. ep. 50,2.

[61] Isto é, Felicíssimo.

[62] G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 291-292, vê certo exagero retórico de Cipriano na descrição de Novato – talvez ciente de que a associação ao parricídio (ato historicamente execrável; cf. o parricídio de Nero em TÁCITO, Annales 16,6; e o de Domiciano em SUETÔNIO, De vita Caesarum 22 [De vita Domitiani] e PLÍNO, ep. 4,11,6) deixaria Novato em dificuldades (de associação ou reconciliação, talvez). Quem subscreve estas notas, porém, crê que isso seja pouco plausível por dois motivos: primeiramente, porque Cipriano afirma que ações e comportamento de Novato são reprovados por outros bispos (2,1), são portanto conhecidos, e o bispo de Cartago sabe que a correspondência com Cornélio é reproduzida – o que é necessário para conhecimento e esclarecimento da situação de cisma em que se encontram Cartago e Roma –, e a transmissão de uma notícia falsa seria útil somente aos cismáticos.

[63] Mt 15,13.

[64] Cf. ep. 46, 49 e 51. Sobre Máximo, veja-se n. 251, p. 131. Sobre Urbano e Sidônio, n. 38, p. 195. Acerca de Macário, n. 180, p. 103.

[65] Isto é, o cisma a que haviam aderido.

[66] Cf. indicações logo acima, n. 64.

[67] Cf. ep. 53.

[68] Cf. ep. 28.

[69] N. MARINANGELI, op. cit., p. 253, n. 2, entende que o sacramento a que se refere Cipriano é o episcopado, qual responsável pela harmonia e unidade da Igreja.

[70] Isto é, o cisma.

[71] Cf. Mt 13,24-30.

[72] 2Tm 2,20.

[73] Cf. Ap 2,27; Sl 2,9.

[74] Cf. Jo 13,16.

[75] Cf. Jo 5,22.

[76] Cf. Mt 13,30; 3,12.

[77] De lapsis.

[78] De unitate Ecclesiae.

[79] Antoniano é um bispo (cf. ep. 55,30,1) jovem (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 166) na Numídia (G. TOSO, op. cit., p. 569; G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 164-165), provavelmente não participou – talvez por alguma dificuldade (cf. ep. 55,30,2) – do sínodo, ou concílio, de 251 sobre os lapsos (cf. ep. 55,6,1). É um dos destinatários da ep. 70. Pode ser um dos remetentes de uma carta não conservada mencionada na ep. 72,1,3. Não consta nas sent. episc.

[80] Não conservada.

[81] Cf. ep. 45,1,3.

[82] Não conservada.

[83] Quinto, presbítero númida, não se identifica com outros dois homônimos, ambos bispos: um na Mauritânia (ep. 72,1,3; R. B., DONNA, St. Cyprian – Letters 1-81, Washington: CUA Press [The Fathers of the Church], 1981² [1964], p. 134, porém, entende que o presbítero e o bispo mauritano sejam a mesma pessoa), destinatário da ep. 71, outro de Agbia (sent. episc. 65), na Proconsular. Este último pode ser um dos cossignatários das ep. 57, 67 e 70 (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 166).

[84] Sobre Trófimo, veja-se, abaixo, o capítulo 11 desta carta. Não é claro, contudo, qual tenha sido seu erro. O referido capítulo, no entanto, reflete o caso de um dos bispos consagrantes de Novaciano (cf. HE 6,43,9-10). É possível que Novaciano tenha comovido Antoniano pelo fato de os númidas

tenderem ao rigorismo (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 165), apresentado a este último por aquele, provavelmente, com forte argumento bíblico, em que o bispo de Cartago é generoso nesta carta, e desconstruindo a figura de Cornélio, a quem Cipriano apresenta de modo amplo (capítulos 8-10).

[85] Cf. Mt 7,24; Lc 6,48.

[86] Cf. Mt 7,25.

[87] Essas cartas não se conservaram.

[88] Cf. ep. 19,2,3.

[89] Cf. o final do parágrafo 2 e todo o 3, Decretum Gratiani 1,50,35.

[90] Cf. ep. 27 e 28, respectivamente.

[91] Cf. ep. 49, 51 e 52.

[92] Ep. 30,5,3.

[93] Cf. ep. 44.

[94] Ou se trata de um conjunto de deliberações não conservado (cf. G. TOSO, op. cit., p. 572) ou do De lapsis (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 171).

[95] Cf. ep. 49.

[96] Novaciano poderia ter referido (cf., acima, ep. 55,2,1) a Antoniano – não de modo pessoal, as cartas de Novaciano poderiam ser enviadas de modo geral, para conseguir partidários – que Cipriano estivesse se tornando um laxista.

[97] Cf. ep. 16,1-2.

[98] Fabiano foi martirizado em 20 de janeiro de 250. Cornélio tornou-se bispo de Roma pouco mais de um ano depois.

[99] Cf. parte do parágrafo 4 o todo o 5, Decretum Gratiani 2,7,3,5.

[100] Décio.

[101] Cf. ep. 44, 45 e 48.

[102] Cf. Lc 15,4-5.

[103] 1Cor 10,33-11,1.

[104] 1Cor 9,22.

[105] 1Cor 12,26.

[106] Cf. ep. 60,3,1 e, abaixo, 24,1. As referências aqui são a Novaciano.

[107] Cf. Cl 2,8.

[108] Nm 12,3.

[109] Cf. Lc 6,36.

[110] Mt 9,12.

[111] Cf. Sl 6,6.

[112] Cf. Gl 6,7.

[113] Cf. 1Sm 16,7.

[114] Cf. Pr 18,19.

[115] Gl 6,1-2.

>[116] 1Cor 10,12.

[117] Rm 14,4.

[118] 1Jo 2,1-2.

[119] Rm 5,8-9.

[120] Cf. Rm 12,15.

[121] Cf. Lc 10,30-32.

[122] Cf. Mt 22,37; Mc 12,30; Dt 6,5.

[123] Cf. Mt 5,25-26.

[124] M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, op. cit., p. 229, nota 298, vê aqui uma “clara alusão de Cipriano ao purgatório”.

[125] Cf. Decretum Gratiani 2,1,57.

[126] Cf. Rm 14,12.

[127] Ap 2,5.

[128] >Tb 4,10.

[129] Ap 2,20-22.

[130] Lc 15,7.

[131] Sb 1,13.

[132] Jl 2,12-13.

[133] Sl 88,33-34.

[134] Mt 7,9-11.

[135] Cf. Lc 15,11-24.

[136] Cf. Mt 5,4.

[137] Cf. Decretum Gratiani 2,7,5.

[138] Cf. HE 6,43,8.16.

[139] Novaciano.

[140] Cf. parte do parágrafo 2 e todo o 3, Decretum Gratiani 2,7,1,6.

[141] Ef 4,2-3.

[142] Cf. Decretum Gratiani 2,7,4,6.

[143] Cf. Decretum Gratiani 2,23,4,14.

[144] Cf. Mt 13,24-30.

[145] Cf. Mt 3,12.

[146] 2Tm 2,20.

[147] Cf. Sl 2,9; Ap 2,27.

[148] Cf. Ap 2,23.

[149] Jo 5,14.

[150] Cf. 1Cor 3,16; 2Cor 6,16.

[151] 1Cor 6,18.

[152] 2Cor 12,20-21.

[153] Como, por exemplo, Nicóstrato e Novato (cf. ep. 52).

[154] Ef 5,5.

[155] Cl 3,5-6.

[156] Ez 18,20.

[157] Dt 24,16.

[158] >Cf. Sl 6,6.

[159] Cf. Ef 4,2-3.

[160] Todos bispos. Sobre Fortunato, veja-se, acima, n. 6, p. 182. Aímnio provavelmente é o bispo de Ausuaga (sent. episc. 50). De Optato, não se tem mais que o nome. Privaciano pode ser o bispo de Sefetula (sent. episc. 19), na Bizacena. É possível que não se identifique com o homônimo, cuja sede é desconhecida, cossignatário da ep. 57, considerando-se que Sefetula, próximo a Capsa, também na Bizacena, dista mais de 200 km de Cartago. Donátulo de Capsa (sent. episc. 69) talvez tenha sido ele a ser ordenado (1). Há distintos bispos de nome Félix no epistolário, e as sent. episc. atestam seis no Concílio de 1º de setembro de 256: Félix de Bagai (12), na Numídia, de Uthina (26), na Proconsular, de Bamacora (33), de Marazanae (46), na Bizacena, de Buslacenae (63), de Gurgites (74). Para G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 207, o destinatário desta carta pode ser o bispo de Marazanae. Só um Félix – impossível dizer se é o mesmo – subscreve as ep. 57, 67 e 70. Dois são destinatários da ep. 76 e um é cossignatário da ep. 77. Há ainda um pseudobispo Félix, ordenado em um cisma; parece ser anterior ao episcopado de Cipriano, e um dos responsáveis pela elevação de Fortunato ao episcopado em Cartago, num dos cismas ocasionados pela questão dos lapsos (cf. ep. 59,10). Acerca dos homônimos hispânicos, cf., abaixo, n. 2, p. 347.

[161] Carta não conservada.

[162] Cidade da Bizacena, Capsa dista mais de 250 km do sul de Cartago.

[163] Bispo do qual não se tem senão o nome. É possível que os lapsos Nino, Clemente e Floro fossem de sua diocese, e que ele tivesse consultado os seis destinatários da carta, talvez não precisamente informados acerca dos

procedimentos.

[164] Talvez porque, na presença do procônsul, as torturas fossem mais atrozes (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 209).

[165] Pode referir-se aos anos 250-252; ou 251-253. Para as complexas questões de cronologia e as discussões sobre datação, veja-se bibliografia indicada na introdução a este volume, n. 6 e 7, p. 10, e n. 26, p. 15.

[166] Veja-se nota precedente.

[167] Carta conciliar, da primavera de 252 ou de 253. Acerca das discussões sobre a datação, cf. n. 6 e 7, p. 10, e n. 26, p. 15. Secundino, há dois nas sent. episc.: o de Cedias (11), na Numídia, e o de Carpis (24), na Proconsular. É, provavelmente, este último a estar neste concílio e naquele de que resultou a ep. 67. Aurélio, também há dois: o de Utica (sent. episc. 41), na Proconsular, e o de Chullabi (81), localidade desconhecida, provavelmente os mesmos cossignatários também da ep. 67. Mas só um, e não se pode dizer qual nem se o mesmo, subscreve tanto esta carta quanto a 70. Eutiques, Amplo, Prisco, Mantâneo, Veriano e Rogato, cujas sedes são desconhecidas, bem como Mônulo de Girba (sent. episc. 10), na Tripolitana, são mencionados somente aqui. Nicomédes de Segermes (sent. episc. 9), na Bizacena, Luciano de Rucuma (sent. episc. 43) e Sátio de Sicilibba (sent. episc. 39), sedes da Proconsular, também participam dos concílios de que resultam as ep. 67 e 70. Vitórico de Thabraca (sent. episc. 25), na Proconsular, e Jambo de Germaniciana (sent. episc. 42), talvez na Bizacena, são cossignatários também da ep. 67. Marrúcio, cuja Sé é desconhecida, Júnio de Neápolis (sent. episc. 86) e Hortensiano de Lares (sent. episc. 21), ambas na Proconsular, e Demétrio de Lepcis Minus (sent. episc. 36), na Bizacena, bem

como os dois Donatos – um deles é Donato de Cibaliana (sent. episc. 55), na Proconsular –, e provavelmente sejam os mesmos, subscrevem também a ep. 70. Para os seguintes personagens, cf. respectivas notas: Liberal, n. 31, p. 192; Caldônio, n. 193, p. 108; Cecílio, Víctor e Tértulo, n. 28, p. 33; Félix, n. 160, p. 241; Sucesso, n. 45, p. 475; Faustino, n. 2, p. 23; Fortunato, n. 6, p. 182; Saturnino, n. 116, p. 384; Rogaciano, n. 14, p. 28; Herculano, n. 335, p. 167; Quinto, n. 83, p. 212; Honorato, n. 322, p. 302; Pompônio, n. 29, p. 33; Policarpo, n. 32, p. 192; Privaciano, n. 160, p. 241.

[168] Referência ao concílio da primavera de 251.

[169] Cf. Mt 7,7.

[170] Cf. Mt 16,19; 18,18. Essas são as medidas concordadas quanto aos lapsos, e reaparecem na ep. 59,6,1.

[171] A iminente perseguição do imperador Treboniano Gallo (251-253) (cf. também abaixo, 5,2 e ep. 61,2,2). Cf. ep. 59.

[172] Cf. 1Ts 4,13-14; Mt 26,40-41.

[173] Cf. 1Sm 16,7.

[174] Cf. Dn 13,42; Sl 7,10.

[175] Mt 10,19-20.

[176] Cf. Mt 19,27; Lc 18,29.

[177] Ez 34,3-6.10.16.

[178] Cf. Rm 14,12.

[179] Thibaris (forma latina), na Proconsular. Esta carta pode ter sido levada por seu bispo, provavelmente presente no concílio anterior (ep. 57) – um daqueles cuja sede não é identificada; mas, em 256, seu bispo é Vicente (sent. episc. 37) –, acompanhando as deliberações do concílio (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 227-228).

[180] Possivelmente por cartas, não conservadas.

[181] Cf. ep. 57,5,1.

[182] Cf. ep. 57,5,2.

[183] 1Jo 2,6.

[184] Rm 8,16-17.

[185] Jo 16,2-4.

[186] Cf. 1Pd 4,12-14.

[187] Lc 18,29-30.

[188] Lc 6,22-23.

[189] Cf. At 7,56.

[190] Cf. Jo 5,22.

[191] Cf. Mt 10,32-33.

[192] Cf. TERTULIANO, Apologeticum 37.

[193] Cf. Lc 14,14.

[194] Cf. De bono patientiae 5.

[195] Cf. Gn 4,8.

[196] Cf. Gn 22,10.

[197] Cf. Dn 3,1-12.

[198] Dn 3,16-18.

[199] Mt 10,19-20.

[200] Cf. Dn 14,4.

[201] Cf. 2Mc 7,1-42.

[202] Cf. 2Mc 6,31.

[203] Cf. Mt 2,16-18.

[204] Jo 15,18-20.

[205] Mt 10,28.

[206] Jo 12,25.

[207] Ap 14,9-11.

[208] Ef 6,12-17.

[209] Cf. Mt 8,11.

[210] 1Cor 2,9.

[211] Rm 8,18.

[212] Cf. Mt 3,12.

[213] Cf. ep. 41-43.

[214] Talvez o leitor das ep. 29 e 32, já promovido a acólito.

[215] Veja-se, abaixo, 9,1.

[216] Cf. Ef 5,25-27.

[217] Não conservada.

[218] Cf. Mt 26,47-50.

[219] Cf. Gn 4,8.

[220] Cf. Gn 32,6-11.

[221] Cf. Gn 37,28.

[222] Cf. Mt 10,36.

[223] Cf. Mt 10,21.

[224] Cf. Mt 26,47-50.

[225] Cf. Hb 9,27.

[226] Hab 2,5.

[227] 1Mc 2,62-63.

[228] Sl 36,35-36.

[229] Is 14,13-14.

[230] Is 14,15-16.

[231] Is 2,12.

[232] Mt 12,34-35.

[233] Cf. Lc 16,19-25.

[234] 1Cor 6,10.

[235] Cf. Mt 5,22.

[236] Dt 17,12-13.

[237] 1Sm 8,7.

[238] Cf. Lc 10,16.

[239] Mt 8,4.

[240] Jo 18,22.

[241] At 23,4.

[242] At 23,5.

[243] Cf. Rm 15,1; 2Tm 3,2.

[244] Mt 10,29.

[245] Cf. Hab 2,4; Rm 1,17; Gl 3,11; Hb 10,38.

[246] Os 8,4.

[247] Os 9,4.

[248] Is 30,1.

[249] Referência para o cálculo do ano de consagração episcopal de Cipriano: 248/249.

[250] Cf. ep. 66,4.

[251] Cf. 2Cor 11,23-28.

[252] Provável referência a um edito cuja causa era uma peste que então assolava a África, no verão de 252 (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 245-247).

[253] Cf. Jo 16,2-4; 2Tm 3,1-5.

[254] Jo 6,67.

[255] Cf. Rm 8,21; Gl 4,31; 5,13.

[256] Cf. Mt 16,18.

[257] Jo 6,68-69.

[258] Cf. Mt 15,13.

[259] Cf. Sl 1,4.

[260] 1Jo 2,19.

[261] Rm 3,3-4; Sl 115,11.

[262] Gl 1,10. Cf., desde 8,1, Decretum Gratiani 1,47,10.

[263] Carta não conservada.

[264] Os outros quatro seriam Gaio, Donato, Novato e Górdio (cf. N. MARINANGELI, op. cit., p. 322, nota 6). Veja-se, ainda, a respeito, acima, ep. 43, e n. 350, p. 173.

[265] As decisões do concílio não se conservaram.

[266] Cf. ep. 41, 42 e 45.

[267] Cf. ep. 44,1,1 e 50,1,1.

[268] Relação não conservada.

[269] Feliciano pode pertencer ao clero romano, enviado para verificar o caso do pseudobispo Fortunato (cf. G. W. CLARKE,op. cit., vol. 3, p. 250). Perseu, provavelmente bispo, de sede desconhecida, é mencionado somente aqui.

[270] Sobre Privato, cf. ep. 36,4,1. Sobre a data de sua excomunhão, cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 251-252.

[271] Predecessores imediatos, Fabiano em Roma, Donato em Cartago.

[272] Talvez númidas (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 253).

[273] Cf. ep. 42. Sutúrnuca, na Proconsular. Reposto parece ter sacrificado

durante a perseguição de Décio, e, em seguida, participou, aderindo ao cisma de Felicíssimo, da ordenação de Fortunato para a sede de Cartago. Sobre os cismas, cf. "Introdução" a Os lapsos, em PatrPaulus 35/1, 2016, p. 77-81.

[274] Cf. o caso, por exemplo, de Trófimo (ep. 55,11).

[275] Por terem-se excluído da barca da Igreja. Cf. ep. 21,2; 52,1; De unitate Ecclesiae 6.

[276] Cf. ep. 41 e 43.

[277] A grave conduta opõe-se não à decisão do bispo, mas de um concílio. Sobre a decisão conciliar, cf. ep. 55,23,4.

[278] Ex 22,20.

[279] Mt 10,33.

[280] Is 57,6.

[281] Cf. ep. 14; 15; 16; 18; 19 (CCL 3C, 357, aparato de notas); 43; 17 e 26 (acrescenta M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, op. cit., p. 270, nota 382).

[282] O da primavera de 251 ou o de 252; cf. ep. 56 e 57.

[283] Além de uma das colinas, em que foi fundada Roma, Capitólio é o templo dedicado a Júpiter, Juno e Minerva, local de sacrifícios. À parte a Cidade Eterna, só as colônias, inicialmente, podiam "reproduzir" capitolia. Cartago (Colonia Iulia Carthago) tinha o seu no monte Birsa (cf. TERTULIANO, Apologeticum 1,1). Para mais exemplos de capitolia, veja-se respectiva voz em Du CANGE.

[284] Cf. Is 29,10.

[285] 2Ts 2,10-12.

[286] Ml 2,1-2.

[287] Cf. ep. 55,8,4.

[288] Cf. ep. 55,9; vejam-se também 48,3 e 73,2,2.

[289] Cf. ep. 48 e De unitate Ecclesiae 4.

[290] Cf. Rm 1,8.

[291] Cf. Rm 14,12.

[292] Mt 5,37.

[293] Cf. Rm 14,12.

[294] Cf. 1Cor 15,33.

[295] Cf. Mt 23,35.

[296] 2Cr 24,20.

[297] 2Tm 2,17.

[298] 1Cor 15,33.

[299] Tt 3,10-11. Cf. TERTULIANO, De praescriptione haereticorum 6.

[300] Pr 16,27.

[301] Cf. Eclo 28,24.

[302] Cf. Pr 17,4.

[303] Cf. ep. 44.

[304] Mt 18,17.

[305] 2Ts 3,6.

[306] Cujo modo de transmissão é desconhecido.

[307] O que lhe custará – Cipriano parece não ter ainda notícia a este respeito –, na ocasião da nova perseguição (cf. 2,2), o exílio em Centeumcellae, onde morrerá.

[308] Cf. ep. 28,2,4.

[309] Cf. Rm 1,8.

[310] Referência à nova perseguição de Treboniano Gallo (251-253).

[311] Cf. 1Tm 3,15.

[312] Cf. Sl 67,7.

[313] Sucessor de Cornélio na Sé de Roma, Lúcio foi eleito em junho de 253,

e logo em seguida foi exilado. Com a ascensão de Valeriano (253-260) (cf. HE 7,10,3), pôde voltar a Roma (2,3). Morreu em março de 254.

[314] Por carta, não conservada.

[315] Cf. Dn 3,49-50.

[316] Cf. Dn 6,16-23.

[317] Cf. Dn 3,16-18.

[318] Provável referência à perseguição de Gallo (251-253), que parece não se ter alastrado para além de Roma.

[319] Cf. 1Cor 10,12.

[320] Cf. Mt 3,11.

[321] Cf. ep. 81,1,1.

[322] Provavelmente todos bispos númidas. Januário pode ser o substituto do deposto Privato (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 280-281), em Lambese (cf. sent. episc. 6). É um dos destinatários também da ep. 70. As sent. episc. registram outros dois Januários, um de Vicus Caesaris (23), localidade não identificada, outro de Muzuca (34), na Bizacena. Um deles subscreve a ep. conciliar 70. Máximo é destinatário igualmente da ep. 70, sua sede é desconhecida. Na comunhão católica, não se identifica, portanto, com outro homônimo, bispo – provavelmente – apoiador do deposto Privato de Lambese e que, após a perseguição de Décio, participou da nomeação de Fortunato como bispo de Cartago (cf. ep. 59,10). Também são desconhecidas as sedes de Próculo, de Modiano e de Nâmpulo, que são destinatários também da ep. 70. Quanto a Víctor, cf. n. 28, p. 33. Nemesiano, bispo de Thubunae (cf. sent. episc. 5), é um dos encarcerados destinatários das ep. 70 e 76 e coautor da resposta a esta última (ep. 77). Foi condenado às minas na perseguição (257-258) de Valeriano (253-260). As sent. episc. (77) registram a participação de Honorato de Tucca, reconhecida como localidade mauritânia, no concílio de 1º de setembro de 256. A localidade de nome mais parecido, que se tende a identificar como númida, e mais próxima de Cartago, é Thucca; mas, em 256, o bispo de Thucca era Saturnino (sent. episc. 52). O cabeçalho da ep. 70 atesta a existência de dois Honoratos, um que subscreve a carta, outro a quem é destinada. Parece ser que ambas as sedes sejam desconhecidas e que o destinatário desta epístola identifica-se com o destinatário também da já citada ep. 70, mas não com o Honorato que a subscreve e que teria estado também nos concílios cartagineses de 253 (ep. 57) e naquele de que resulta a ep. 67.

[323] Carta não conservada. Com a transferência da Legio III Augusta de Lambese para a fronteira norte-europeia do Imperio, berberes, por aquela mantidos afastados, faziam incursões – cada vez mais frequentes a partir de 238 – no território da Numídia e levavam prisioneiros. Em 253, Valeriano envia tropas para guardar a fronteira númida do Império. A esse respeito, veja-se A. PIGANIOL, Histoire de Rome, Paris: PUF (Clio), 1967 [1954⁴], p. 423-425. Cipriano não se demora em apresentar, como já fizera (cf. De opere et eleemosynis 2 e 15), os aspectos salvíficos e sociológicos das boas

obras.

[324] 1Cor 12,26.

[325] 2Cor 11,29.

[326] 1Cor 3,16.

[327] Gl 3,27.

[328] Cf. Mt 7,12.

[329] Cf. ep. 4; De habitu virginum 4; De mortalitate 15. Veja-se também TERTULIANO, De pudicitia 1,14.

[330] Mt 25,36.

[331] Mt 25,36.

[332] Sobre a provável prosperidade da Igreja cartaginesa, veja-se G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 284-285.

[333] Carta escrita no momento de algum concílio?

[334] O elenco de benfeitores, anexo a esta carta, a que se refere Cipriano, não se conservou.

[335] Acerca de Cecílio, veja-se n. 28, p. 33. Quanto à matéria aqui tratada, embora haja outras referências à Eucaristia ao longo do epistolário cipriânico (por exemplo, 1,2; 15,1,2; 16,2,3; 37,1,2; 39,3; 57,3,2; 58,1,2; 62,4,2), esta carta, também intitulada em alguns manuscritos De sacramento Dominici calicis – e variações – (cf. CCL 3C, 389, aparato crítico), é não só o único "tratado" cipriânico a respeito, mas "o único escrito anteniceno exclusivamente dedicado à celebração eucarística" (Quasten, vol. 2, p. 610; tradução nossa). Aqui, vale ressaltar que o simbolismo dos elementos eucarísticos – água e vinho (13,1-4) – não torna a Eucaristia um símbolo. O leitor atento perceberá várias passagens em que o bispo de Cartago acena à realidade objetiva do sacrifício eucarístico.

[336] A decisão de Cipriano pode ter tido origem num comunicado oral – e informal – quanto à matéria tratada, provavelmente ocorrente – difícil dizer em que proporções – na diocese de Cecílio (cf., logo abaixo, n. 339).

[337] Cf. 1Cor 11,22-25. “Que se ofereça misturado com vinho o cálice [...]”: calix [...] mixtus vino, observa M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, op. cit., p. 292, nota 415, era expressão normal, já que se costumava misturar água ao vinho. Mas acrescenta que Cipriano talvez cautelosamente não cite a água para não “armar” os aquarianos (cf., logo abaixo, n. 339).

[338] Jo 15,1.

[339] Os aquarianos, cujas atribuições de origem variam (e que Cipriano desconhece; cf. 11,1), celebravam a Eucaristia com somente água no cálice, sem o vinho. Veja-se, a respeito, F. COCCHINI, “Aquarianos”, em A. di BERARDINO (org.), Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs – doravante DPAC –, Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulus, 2002, p. 140. O(s) caso(s) de aquariano(s) na região pode(m) ter sido a ocasião para esta carta (cf., logo acima, n. 336).

[340] Cf. Gn 9,20-23.

[341] Gn 14,18-19.

[342] Sl 109,3-4.

[343] Cf. Mt 26,26-28.

[344] Cf. Gn 12,2-3.

[345] Cf. Gn 15,6; Gl 3,6.

[346] Gl 3,6-9.

[347] Cf. Mt 3,9.

[348] Lc 19,9.

[349] Pr 9,1-5.

[350] Cf. Gn 49,8-10.

[351] Gn 49,11.

[352] Is 63,2.

[353] Is 43,18-21.

[354] Is 48,21.

[355] Cf. 1Cor 10,4.

[356] Cf. Jo 19,34.

[357] Jo 7,37-38.

[358] Jo 7,39.

[359] Mt 5,6.

[360] Jo 4,13-14.

[361] Mt 26,27-29.

[362] 1Cor 11,23-26.

[363] Gl 1,6-9.

[364] Cf. Sl 22,5.

[365] Cf. Gn 9,21.

[366] Cf. Ef 4,22-23.

[367] Cf. Jo 2,1-11.

[368] Is 5,7.

[369] Ap 17,15.

[370] Cf. 1Pd 2,24. Veja-se também De dominica oratione 8.

[371] Cf., desde o parágrafo 1, Collectio Canonum 3,223.

[372] Cf. parágrafos 3 e 4, Decretum Gratiani 3,2,2.3.

[373] Cf. Jo 6,50-51.59.

[374] Cf. Collectio Canonum 3,223.

[375] Jo 15,14-15.

[376] Mt 17,5.

[377] Is 29,13. Cf. Decretum Gratiani 1,8,9.

[378] Mc 7,9.

[379] Mt 5,19.

[380] Cf. 1Cor 11,25.

[381] Cf. At 2,15.

[382] Mc 8,38.

[383] Gl 1,10.

[384] Cf. Mt 26,20; 1Cor 11,23.

[385] Ex 12,6.

[386] Sl 140,2.

[387] Cf. 1Cor 11,26.

[388] Cf., do final do parágrafo precedente, Decretum Gratiani 3,2,3.

[389] Sl 49,16-18.

[390] Jr 23,28.30.32.

[391] Jr 3,9-10.

[392] Jo 8,12.

[393] Mt 28,18-20.

[394] Concílio de Cartago, ou do outono de 251 ou da primavera de 252. Para as questões de cronologia, consulte-se a bibliografia indicada na introdução deste volume.

[395] Bispo, provavelmente, cuja diocese é desconhecida, talvez na Proconsular e próximo à de Terápio (1,1) (cf., logo abaixo, n. 398). Não volta a figurar neste corpus epistolar.

[396] Não conservada.

[397] Este presbítero Víctor, que aparece somente aqui, perdeu seu estado clerical por ter, provavelmente, realizado o sacrifício durante a perseguição de Décio (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 305). Vejam-se os casos semelhantes de Trófimo (ep. 55,8.11) e de Fortunaciano (ep. 65,3-4).

[398] Considera-se (cf. G. TOSO, op. cit., p. 646; G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 306) que seja o bispo de Bulla Regia (sent. episc. 61), na Proconsular. Sua participação no concílio de 1º de setembro de 256 indica que se manteve na comunhão católica, tendo, portanto, acolhido a repreensão conciliar mediante Fido (1,2).

[399] Cf. ep. 55,17,3.

[400] Cf. Lc 1,59; 2,21. Uma superstição entre os cristãos (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 303-305).

[401] Cf. De lapsis 9.

[402] Lc 9,56.

[403] 2Rs 4,32-37.

[404] Cf. Jo 3,34.

[405] Cf. Dt 1,17; Gl 2,6.

[406] Tt 1,15.

[407] Cf. Mt 28,1.

[408] At 10,28.

[409] Cf. Ef 1,7.

[410] Cf. Sl 50,7.

[411] Cf. Collectio Avellana, ep. 47,9.

[412] Cf. De bono patientiae 12.

[413] Sede episcopal da Proconsular, onde Epicteto é, provavelmente, o bispo sucessor de Fortunaciano (1,1) quando a carta é escrita (entre 251 e 253; cf., respectivamente, G. W. CLARKE, op. cit., vol. 2, p. 316-317; e G. TOSO, op. cit., p. 649). No concílio de 256, o bispo de Assuras será Víctor (cf. sent. episc. 68). Epicteto não reaparece neste corpus epistolar.

[414] Is 57,6.

[415] Ex 22,20.

[416] Is 2,8-9.

[417] Ap 14,9-11.

[418] Cf. Lv 21,17.

[419] Ex 19,22.

[420] Ex 28,43, conforme a LXX; cf. 30,20-21.

[421] Jo 9,31.

[422] Cf. ep. 4,2; De lapsis 15.

[423] Cf. Rm 16,18.

[424] Cf. Decretum Gratiani 2,1,1,70.

[425] Cf. Mt 7,7-8; Lc 11,9-10. Veja-se também ep. 55,6,1.

[426] Ef 5,6-7.

[427] Florêncio Pupiano provavelmente era leigo, de uma rica família de comerciantes de Theveste (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 323-324), na Proconsular; parece ter sido confessor, mas acabou por aderir a um cisma (cf. 2,2), talvez o de Felicíssimo. Escreveu (1,1; 8,1; 10,3; referências – que fazem pensar na reprodução de parte do texto de Florêncio – a uma mesma carta, não conservada) a Cipriano, julgando-o – parece ser – responsável pela dispersão em que se encontrava a Igreja cartaginesa (cf. 8,1). Pode ter sido excomungado (3,1). Não reaparece neste epistolário.

[428] Mt 10,29.

[429] Cf. NOVACIANO, De trinitate 29,34.

[430] Jo 5,31-32.

[431] Cf. Mt 11,29.

[432] Dt 17,12-13.

[433] 1Sm 8,7.

[434] Jo 18,22.

[435] At 23,4-5.

[436] Difícil dizer a que texto se refere Cipriano. É certo, porém, segundo o contexto, que diz respeito ao motivo de ter-se – a contragosto – "retirado" de sua Sé.

[437] Cf. Lc 10,16.

[438] Cf. ep. 49,2. Veja-se também sent. episc. 79 (declaração de Claro de Mascula, na Numídia).

[439] Cipriano recorre à própria experiência como pastor – sem propor-se como testemunha –, e propõe uma referência cronológica, quer para o início de seu episcopado (248/249), quer para a datação da carta (254/255).

[440] Cf. Eclo 28,24.

[441] Cf. Pr 17,4.

[442] Cf. ep. 31.

[443] Cf. Mt 3,12.

[444] Rm 3,3-4.

[445] Jo 6,67-69.

[446] Cf. Mt 16,18.

[447] Cf. Decretum Gratiani 2,7,1,7.

[448] Gn 37,19-20.

EPÍSTOLAS ESCRITAS ENTRE O FINAL DE 254 E O OUTONO DE

[1] Carta subscrita pelos bispos reunidos (1,1) no Concílio de Cartago do outono de 254 (G. TOSO, op. cit., p. 661) ou de 257 (G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 139-140). Para as questões de datação, cf. também bibliografia reportada em n. 6 e 7, p. 10, e n. 26, p. 15. Subscrevem, neste corpus, somente esta carta: Pedro de Hippo Diarrytus (sent. episc. 72), Venâncio de Thinisa (sent. episc. 49), Fausto de Thimida Regia (sent. episc. 58), Vicente de Thibari (sent. episc. 37; cf. também ep. 58 e n. 179, p. 251), Liboso de Vaga (sent. episc. 30), Marcelo de Zama (sent. episc. 53) e Paulo de Obba (sent. episc. 47), titulares de sedes da Proconsular; Tenaz de Horrea Caelia (sent. episc. 67), na Bizacena, e, de localidades não identificadas, Quieto de Buruc (sent. episc. 27) e Adélfio de Thasbalte (sent. episc. 35). Gemínio de Furnos (sent. episc. 59), talvez se devesse excluir a possibilidade de identificá-lo com o Faustino que subscreve a ep. 57, cf. n. 2, p. 23. Para os seguintes personagens, cf. respectivas notas: Cecílio, Víctor e Sedato, n. 28, p. 33; Primo, n. 49, p. 199; Policarpo, n. 32, p. 192; Nicomédes, Luciano, Secundino, Aurélio, Sátio, Jambo e Vitórico, n. 167, p. 244; Sucesso, n. 45, p. 475; Fortunato, n. 6, p. 182; Januário e Honorato, n. 322, p. 302; Pompônio, n. 29, p. 33; Saturnino: n. 116, p. 384; Rogaciano: n. 14, p. 28; Félix, n. 160, p. 241; Quinto, n. 83, p. 212; Lúcio, n. 30, p. 472.

[2] O presbítero Félix pode ser quem encabeça o colégio de presbíteros de Leão-Astorga (Legio-Asturica) e o diácono Hélio, o colégio presbiteral de Mérida (Emerita). Com efeito, os bispos Sabino de Legio-Asturica e Félix de Emerita encontram-se em Cartago (1,1.6,1). Isso explica por que a carta conciliar lhes é endereçada. Para detalhes acerca de ambos, veja-se G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 144-145. Além dos dois Félix que se acaba de mencionar, o presbítero e o bispo, há outro homônimo igualmente hispânico: Félix de Caesaraugusta (Saragoça) (6,1), em cuja carta, juntamente com os testemunhos de Sabino e Félix de Emerita, Cipriano se apoia contra a decisão do bispo de Roma, Estêvão, de restituir Basílides e Marcial às suas sedes. Félix de Caesaraugusta pode ter estado na ordenação de Sabino (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 152) ou tê-la apoiado por

carta (cf. 5,2).

[3] Do presbítero Félix e do diácono Hélio, não conservada.

[4] Basílides é o bispo deposto de Legio-Asturica, substituído por Sabino (5,2); e Marcial, por Félix de Emerita. Sobre Basílides e Marcial, vejam-se, abaixo, o capítulo 6 desta carta, a "Introdução" a Os lapsos, vol. 35/1, e G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 154-155.

[5] Cf. ep. 55,11,3 e 65,1,1.

[6] Ex 19,22.

[7] Ex 28,43, conforme a LXX; cf. 30,20-21.

[8] Cf. Lv 21,17.

[9] Mt 15,8-9; cf. Is 29,13; Mc 7,6.

[10] Mc 7,9.13.

[11] Jo 9,31.

[12] Os 9,4.

[13] Cf. Nm 16,1-24.

[14] Nm 16,26.

[15] Cf. Nm 20,25-26.

[16] At 1,15.

[17] At 6,2.

[18] Os 8,4.

[19] Embora Cipriano, primeiramente, diga que Estêvão foi enganado e que não é, por isso, tão culpado quanto os enganadores (5,4), sugerirá que ele tem a culpa de agir contrariamente ao que fora estabelecido por todos os bispos (6,3).

[20] Gl 6,7.

[21] Tt 1,7.

[22] Cf., logo acima, n. 2, p. 347.

[23] Para a gravidade da blasfêmia, veja-se G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 152-153.

[24] Cf. ep. 55,8 e 72,2.

[25] Cf. Ad Donatum 3-4. Veja-se também TERTULIANO, De spectaculis 5.

[26] Cf. ep. 55,11,3; 64,1,1 e 65,1,1.

[27] Cf. Mt 24,4-31; 2Tm 3,1-9.

[28] Cf. 1Mc 2,24.

[29] Cf. 1Rs 19,10.

[30] Cf. Dn 6,18-28; 14,1-26.

[31] Cf. Dn 3,13-18.

[32] Rm 3,3-4; Sl 115,11.

[33] Possível referência a Estêvão.

[34] Sl 49,17-18.

[35] Rm 1,29-30.32.

[36] Nenhuma das cartas de Faustino, bispo de Lião (Lugdunum, na Gália Lugdunense), chegou até nós. Enquanto tradicionalmente se reconhece uma origem mais antiga para essa diocese, G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 161-162, afirma a probabilidade de que Faustino tenha sido o primeiro bispo de Lião. A não intervenção de Estêvão no conflito suscitado por Marciano de Arles (cf. n. seguinte) leva Faustino a pedir a intercessão de Cipriano, que escreve àquele solicitando que tome as medidas cabíveis.

[37] Esta é a única referência a Marciano, bispo de Arles (Arelatum, na Gália Narbonense), no epistolário cipriânico, que aqui nos dá toda a informação que existe a seu respeito. Ainda que não haja registro de sua excomunhão, é provável que tenha acontecido – mesmo que não se possa dizer por parte de quem, precisamente –, pois seu nome não figura nos elencos episcopais de Arles.

[38] Cf. o tipo de detalhamento solicitado na ep. 59,11.

[39] Cf. ep. 44,1,1.

[40] O Concílio da primavera de 251.

[41] É possível, então, que Marciano tendesse ao rigorismo de Novaciano, a

cujo cisma pode ter aderido logo no início, o que explicaria o tempo de lapsos sem perdão e a quantidade daqueles que assim morreram.

[42] Cf. Lc 10,31-37.

[43] Ez 34,4-6.10.16.

[44] Mt 9,12.

[45] Hab 2,5.

[46] Lc 16,15.

[47] Cf. 2Tm 3,2.4.

[48] Além da argumentação escriturística, Cipriano parece sugerir a Estêvão as figuras de Cornélio e Lúcio não só para serem honradas, mas também como modelo de atuação, do qual Cipriano parece, indiretamente, acusar Estêvão de distanciar-se.

[49] Cf. ep. 55.

[50] Cf. Ef 4,4.

[51] O endereçamento da carta (ao filho) atesta tratar-se de um leigo, do qual não temos mais que o nome. O conteúdo desta epístola atesta que sua formação – ou seu interesse, pelo menos – em tais questões não era superficial.

[52] Por carta (17), não conservada.

[53] O rigorismo de Novaciano havia sido rejeitado – bem como sua contraparte, o laxismo. A resolução, porém, de uma questão – a da readmissão dos lapsos – abre portas a um novo problema a ser afrontado: é válido ou não o batismo administrado por hereges/cismáticos? Deve-se ou não (re)batizar quem por eles fora batizado? A questão, fundamentalmente uma só, de Magno é simples – provavelmente já matéria de discussão –; sua solução, bastante complexa. A posição de Cipriano sobre o (re)batismo (ep. 69-75), reafirmada mais tarde pelo donatismo e jamais acolhida pela Igreja, contém dificuldades intrínsecas – o leitor atento se dará conta. Aqui, contudo, basta dizer que ela é, grosso modo, essencialmente coerente com a concepção cipriânica de Igreja, centrada na unidade, da qual o bispo, ortodoxa e moralmente animado pelo Espírito Santo, é vínculo. A respeito de tudo isso, o leitor encontra, com grande facilidade, ampla bibliografia.

[54] Cf. Decretum Gratiani 2,24,1,31.

[55] Mt 12,30; Lc 11,23.

[56] 1Jo 2,18-19.

[57] Cf. Decretum Gratiani 2,1,1,70.

[58] Mt 18,17.

[59] Isto é, “puros” (kaqaroı), como os seguidores de Novaciano faziam-se chamar (cf. HE 6,41,1).

[60] Cf. De unitate Ecclesiae 3.

[61] Ct 6,9.

[62] Ct 4,12.15.

[63] Cf. De unitate Ecclesiae 4.

[64] 1Pd 3,20-21.

[65] Ef 5,25-26.

[66] Cf. Jo 1,29.36.

[67] Ex 12,46. Cf. De unitate Ecclesiae 8.

[68] Js 2,18-19.

[69] Cf. Tt 3,10-11.

[70] Cf. Decretum Gratiani 2,1,1,70.

[71] Jo 10,30.

[72] Jo 10,16.

[73] Sl 67,7.

[74] 2Rs 17,20-21.

[75] 2Rs 13,1-25. Cf., do ínicio deste capítulo 6, Decretum Gratiani 2,7,1,9.

[76] Cf. Decretum Gratiani 2,1,1,70.

[77] Mt 10,5.

[78] Cf. Decretum Gratiani 2,7,1,9.

[79] Cf. Decretum Gratiani 2,24,1,31.

[80] Nm 17,5.

[81] Cf. ep. 71,3; De unitate Ecclesiae 4 (Primatus Textus, particularmente).

[82] Cf. Decretum Gratiani 2,7,1,9.

[83] Nm 16,26.

[84] Os 9,4.

[85] Cf., de 8,3 a 9,4, Decretum Gratiani 2,1,1,70.

[86] Cf. Decretum Gratiani 2,24,1,31.

[87] Jo 20,21-23.

[88] Cf. Mt 3,13.

[89] Cf. Lc 1,15.

[90] Cf. Decretum Gratiani 2,24,1,31.

[91] Cf. 1Cor 3,16; 2Cor 6,16.

[92] Cf. 1Pd 3,21.

[93] Ez 36,25-26.

[94] Nm 19,8.12-13.

[95] Nm 8,5-7.

[96] Cf. Nm 19,9.

[97] Cf. todo o parágrafo, Decretum Gratiani 3,4,127.

[98] Hipócrates, o mais famoso médico da Antiguidade, contemporâneo de Sócrates, é considerado o pai da medicina. Sorano de Éfeso foi médico conhecido em Roma sob Trajano e Adriano (98-138).

[99] Clínicos: de prostrados no leito (klinŋ). Cipriano parece desconhecer não tanto o termo, a que voltará em 16,2, mas sua relação com tal prática.

[100] Cf. Mt 9,2-7; Mc 2,3-12; Lc 5,18-25; Jo 5,5-9.

[101] Cf. Jo 3,34.

[102] Cf. Mt 5,45.

[103] Cf. Ex 16,15-18.

[104] Cf. Rm 2,11.

[105] Cf. Mt 13,3-8; Mc 4,3-20; Lc 8,5-15. Cf., também, desde o início deste capítulo 14, Decretum Gratiani 3,4,27.

[106] Cf. Mt 20,9-10.

[107] Cf. Ex 14,21-31.

[108] 1Cor 10,1-2.

[109] 1Cor 10,6.

[110] Cf. Mt 12,43-44; Lc 11,24-25.

[111] Cf. Ex 7,13.

[112] Cf., desde 15,1, Decretum Gratiani 3,4,127.

[113] Cf. TERTULIANO, De baptismo 1.

[114] Cf. Lc 10,19.

[115] Rm 14,12-13.

[116] Marcos de Mactaris (sent. episc. 38), na Bizacena, comparece, neste corpus, somente aqui. Quanto a Saturnino, as sent. episc. atestam três homônimos: o de Victoriana (51), localidade não identificada; o de Thucca (52), talvez na Numídia (cf., acima, n. 322, p. 302), e o de Abitinae (64), na Proconsular. Mas o epistolário de Cipriano registra quatro: dois deles, provavelmente númidas (cf. nota seguinte), destinatários desta carta, subscrita igualmente por outros dois Saturninos, provavelmente os mesmos que subscrevem a ep. 67 e que, com um terceiro homônimo, são cossignatários da ep. 57. Para os demais personagens, vejam-se as respectivas notas: Liberal, n. 31, p. 192; Caldônio, n. 193, p. 108; Júnio, Nicomedes, Marrúcio, Luciano, Donato, Demétrio, Hortensiano e Sátio, n. 167, p. 244; Primo, n. 49, p. 199; Cecílio, Víctor, Sedato e Tértulo, n. 28, p. 33; Policarpo, n. 32, p. 192; Félix, n. 160, p. 241; Sucesso, n. 45, p. 475; Januário e Honorato, n. 322, p. 302; Fortunato, n. 6, p. 182; Lúcio, n. 30, p. 742; Herculano, n. 335, p. 167; Pompônio, n. 29, p. 33; Quinto, n. 83, p. 212; Rogaciano, n. 14, p. 28.

[117] Os destinatários parecem ser todos bispos númidas. Sobre Januário, Máximo, Próculo, Modiano, Nâmpulo, Nemesiano e Honorato, cf., acima, n. 322, p. 302; para Saturnino, n. 116, p. 384; Víctor, n. 28, p. 33; Eutiquiano, n. 44, p. 475; Antoniano, n. 79, p. 211; Rogaciano, n. 14, p. 28. Cássio de Macomades (sent. episc. 22), Citino e os Gargílios – os três de sedes desconhecidas – são citados unicamente aqui.

[118] Primavera ou outono de 255. Esta carta conciliar deve ter tido força de lei alhures não só entre os latinos, mas também no Oriente, pois foi traduzida ao grego, ao siríaco e ao armênio.

[119] Não conservada.

[120] Provável referência ao concílio convocado por Agripino (cf. ep. 71,4,1; 73,3,1 e 74,4,1), por volta do ano 220 (G. TOSO, op. cit., p. 690) ou 230 (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 197-198), do qual também os bispos númidas tomaram parte (cf. ep. 71,4,1).

[121] Cf. Ef 4,5.

[122] Jr 2,13.

[123] Pr 9,18, conforme a LXX.

[124] Ez 36,25-26.

[125] Nm 19,22.

[126] Cf. ep. 69,7,2.

[127] Cf. Decretum Gratiani 2,1,1,70.

[128] Sl 140,5.

[129] Jo 9,31.

[130] Cf. TERTULIANO, De baptismo 15.

[131] Lv 19,2.

[132] Cf. Ef 4,4-5.

[133] Cf. Mt 16,18.

[134] Cf. Decretum Gratiani 2,1,1,70.

[135] Mt 12,30; Lc 11,23.

[136] 1Jo 2,18-19.

[137] Sobre Quinto, cf., acima, n. 83, p. 212. Como a precedente, esta carta também se traduziu ao grego, versão da qual foi traduzida também ao armênio.

[138] Desconhecido. Provavelmente presbítero mauritano, enviado por seu bispo, Quinto.

[139] Cf. ep. 70, fruto do concílio da primavera de 255.

[140] Cf. Ef 4,5.

[141] Cf. Jo 1,14.17.

[142] Cf. Eclo 34,25, conforme a LXX.

[143] Cf. Mt 18,12-13; Lc 15,4-5.

[144] Cf. 2Cor 6,14-16.

[145] Cf. Mt 10,2; 16,18.

[146] Cf. Gl 2,2-10; At 15,7-11.

[147] Cf. At 9,4-5.

[148] 1Cor 14,29-30.

[149] Veja-se, logo acima, n. 120, p. 385.

[150] Primavera de 256. Havia 71 bispos participantes (cf. ep. 73,1,2), mas não identificados.

[151] Cf. ep. 69,11,3 e 71,2,2.

[152] Cf. Rm 8,14; Gl 4,5-6.

[153] Jo 3,5.

[154] Cf. At 8,37.

[155] Cf. At 10,44-48.

[156] Respectivamente, ep. 71 e 70.

[157] Cf. Decretum Gratiani 2,1,7,1.

[158] Cf. Lv 21,17.21.

[159] Ex 19,22.

[160] Ex 28,43, conforme a LXX; cf. 30,20-21.

[161] Cf. ep. 57,5,1 e 59,20,2.

[162] Cipriano reafirma existência e conteúdo desta carta em sent. episc. 87, onde indica que Jubaiano era bispo. Em geral, concorda-se que fosse da Mauritânia (E. B. PUSEY, op. cit., p. 244, nota e; G. TOSO, op. cit., p. 696; G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, 221).

[163] Carta não conservada.

[164] Respectivamente, ep. 70 e 71.

[165] Concílio da primavera de 256.

[166] Cf. Ef 4,5.

[167] Cf. HE 7,8.

[168] Cf. Decretum Gratiani 2,1,1,70.

[169] Cf. Ef 4,5.

[170] Cf. Ef 4,5.

[171] E cujo remetente é desconhecido.

[172] Sobre Marcião (4,1) e a lista seguinte de heresias, vejam-se TERTULIANO, Adversus Marcionem; Adversus Praxeam; Adversus Valentinianos; De praescriptione haereticorum 30-34; HE 5,13.28. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 224, observa a estranheza de Cipriano não colocar na lista os montanistas, muito comuns então na África. Sobre estas heresias, cf. respectivos verbetes em A. Di BERARDINO (org.), Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs, São Paulo/Petrópolis: Paulus/Vozes, 2002.

[173] Cf. Ef 4,5.

[174] Mt 28,18-19.

[175] Cf. Mt 1,18-23.

[176] Cf. Jo 1,14.

[177] Cf. 1Pd 2,24.

[178] Jr 15,18.

[179] Cf. Mt 16,18-19.

[180] Jo 20,21-23. Veja-se também De unitate Ecclesiae 3.

[181] Cf. Nm 16,1-39.

[182] Cf. Lv 10,1-2.

[183] Cf. At 8,14-17.

[184] Cf. At 8,5-6.16.

[185] Cf. TERTULIANO, De baptismo 8.

[186] Dt 4,24.

[187] Cf. Nm 25,7-13.

[188] Cf. Gn 2,8-9.

[189] Cf. Mt 3,10; 7,19; Lc 3,9.

[190] Cf. Gn 2,10-14.

[191] Cf. Tt 3,11.

[192] Cf. Jo 7,37-38.

[193] Cf. Mt 16,18-19.

[194] Cf. 1Cor 3,16; 2Cor 6,16.

[195] 1Tm 1,13.

[196] 1Tm 1,13.

[197] Cf., desde “Pode-se perdoar, com efeito [...] (13,1)”, Decretum Gratiani 1,8,8.

[198] Cf. Ef 4,5.

[199] Fl 1,18.

[200] Cf. Fl 1,15-18.

[201] Cf. 2Tm 2,17.

[202] Cf. 2Cor 6,14.

[203] Cf. 1Jo 4,3.

[204] Cf. ep. 74 e 75; HE 7,2.

[205] Mt 7,21.

[206] Mt 24,5; Mc 13,6.

[207] Mc 13,23; Mt 24,25.

[208] Cf. Decretum Gratiani 2,1,1,70.

[209] Cf. Jo 8,41-42.

[210] Jo 14,6.

[211] Jo 17,3.

[212] Cf. 1Cor 10,2.

[213] At 2,38-39.

[214] Cf. Mt 28,19.

[215] Cf. Mt 10,33.

[216] Cf. Jo 14,28.

[217] Cf. Jo 17,1.5.

[218] Cf. Mt 26,39; Mc 14,36; Lc 22,42.

[219] Cf. 1Jo 2,23.

[220] Jo 6,65.

[221] Mt 15,13.

[222] Lc 16,8.

[223] Ex 20,12.

[224] Mt 15,4.

[225] Cf. Mc 3,29.

[226] Cf. 1Cor 13,3.

[227] Cf. De unitate Ecclesiae 8.

[228] Cf. Jr 7,11; Mt 21,13.

[229] Cf. ep. 72.

[230] Jo 3,5.

[231] Cf. Lc 12,50.

[232] Cf. Lc 23,43.

[233] Cf. At 19,3-5.

[234] Cf. Decretum Gratiani 2,7,1,8.

[235] Cf. Lc 7,28.

[236] Cf. Lc 1,15.

[237] Cf. Mt 11,14.

[238] Cf. Jo 1,29-30.

[239] Cf. Mt 3,13-16.

[240] Cf. Gn 27,30-40.

[241] Cf. ep. 72; mas também ep. 74,1.

[242] 1Cor 11,16.

[243] De bono patientiae.

[244] Cf., sobre Pompeu, acima, n. 6, p. 182.

[245] Essa carta de Estêvão, porém, não se conservou. E, dado o fato de Pompeu tê-la pedido, pode-se presumir que Cipriano não a tenha feito circular. Quanto às outras cartas enviadas a Pompeu, é possível que se trate de todas as precedentes sobre a matéria (ep. 69-73).

[246] Cf. ep. 75,17,1.

[247] Cf., abaixo, 2,1-4; ep. 30,8 e 43,3,2. Veja-se também HE 7,3 e 7,5,4, que contrasta com a ep. 75,24,2.

[248] Cf. Ef 4,5.

[249] Js 1,8.

[250] Cf. Mt 28,19-20.

[251] Cf. ep. 75,5,2.

[252] Cf. Tt 3,10-11.

[253] Cf. TERTULIANO, Adversus Marcionem 1,1,3-5; e 4,7,4, por exemplo.

[254] Bispo de Roma, ca. 138-142. Veja-se HE 4,11,1.

[255] Cf. Ef 4,5.

[256] Is 29,13.

[257] Mc 7,9.

[258] Cf. 1Tm 6,3-4.11.

[259] Cf. 1Cor 3,16; 2Cor 6,16.

[260] Cf. Ef 4,23-24.

[261] Gl 3,27.

[262] Cf. Tt 3,5.

[263] Cf. Ef 4,22-24.

[264] Tt 3,5.

[265] Ef 5,25-26.

[266] Cf. Gn 2,7.

[267] Cf. De unitate Ecclesiae 6; TERTULIANO, De oratione, 6.

[268] Ml 2,1-2.

[269] Lc 18,8.

[270] Cf. TERTULIANO, De virginibus velandis 1.

[271] Cf., do início deste parágrafo, Decretum Gratiani 1,8,8.

[272] 1Esd 4,38-40, conforme a LXX.

[273] Jo 14,6.

[274] Cf. 1Tm 3,2-3; 2Tm 2,24.

[275] Cf. 1Cor 14,30.

[276] Cf. Ef 4,4-6.

[277] Ct 4,12.15.13.

[278] 1Pd 3,20-21.

[279] Cf. Jo 10,16.

[280] Bispo de Cesareia da Capadócia. Estando nas informações dadas por Eusébio, conheceu Orígenes, foi opositor das teses de Novaciano, morreu em 268 (HE 6,27 e 6,43,3; 7,28,1-2). Figura no santoral, celebrado em 28 de outubro. Esta carta pode ter sido escrita em grego e traduzida ao latim (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 251-252), talvez pelo próprio Cipriano (N. MARINANGELI, op. cit., p. 492, nota 1), ou por alguém próximo, sendo por Cipriano depois corrigida (cf. CCL 3C, 581, aparato de notas). Quanto às invectivas de Firmiliano ao bispo de Roma, N. Marinangeli (loc. cit.), que cita ulterior bibliografia, não exclui que possam dever-se a certo ressentimento pela severidade de Roma para com seu mestre Orígenes e a certo desconforto pelas interferências de Roma numa região que desconhecia o centralismo hierárquico.

[281] Rogaciano deve pertencer ao clero cartaginês. Firmiliano refere-se a

seu desejo de retornar logo para Cartago em 5,1 e 13,1.

[282] Esta carta de Cipriano a Firmiliano (cf. também, abaixo, 4,1.5,1.13,1) não se conservou.

[283] Cf. 2Mc 9,20.

[284] Cf. 1Cor 5,3-4.

[285] Cf. Sl 67,7.

[286] Cf. 1Pd 2,5.

[287] Is 2,2.

[288] Cf. Sl 26,4.

[289] Cf. 2Cor 8,11.

[290] Sl 132,1.

[291] Cf. 1Tm 4,3.

[292] Cf. Lc 15,7.10.

[293] Cf. Fl 3,20.

[294] Cf. Rm 10,12.

[295] Cf. 2Cor 2,9.

[296] Cf. Mt 26,14-16.

[297] A carta de Cipriano, a que Firmiliano responde, devia comentar acerca do passado concílio de setembro de 256, do qual deve ter enviado as atas (sent. episc.) (cf., abaixo, 22,1 e 25,1.4) e, se Firmiliano não teve acesso aos textos de Estêvão, informado da posição do bispo de Roma. É possível que um conjunto maior de textos tenha seguido como anexo (como as ep. 69,

73 e 47, segundo G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 248 e 254).

[298] Cf. Cl 3,14.

[299] Cf. Ez 14,14.20.

[300] Cf. Sl 18,5.

[301] Cf. Sl 147,15.

[302] Sl 72,27.

[303] Cf. Jo 17,21.

[304] Cf. Jó 11,6.

[305] Cf. 1Cor 14,30.

[306] Cf. Lv 5,4.

[307] Cf. ep. 74,2,4.

[308] Sobre tais hereges/heresias, cf. ep. 73 e 74 e, igualmente logo acima, indicações à n. 172.

[309] Cf. Tt 3,11.

[310] Cf. Rm 2,1-2.

[311] Veja-se, a respeito, HE 5,23,3.

[312] Cf. Tt 3,10-11; 2Pd 3,17.

[313] Cf. ep. 74,1,2.4,1,

[314] Cf. Dt 13,1-5.

[315] Isto é, os montanistas, acerca dos quais Cipriano calara nas ep. 73,4,2 e 74,7,3.

[316] Cf. 1Jo 4,6.

[317] Cf. TERTULIANO, Apologeticum 39,5.

[318] Concílio celebrado por volta de 230 (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 249). Veja-se também HE 7,7,5.

[319] Cf. TERTULIANO, Adversus Praxeam 1,1-7.

[320] Cf. De dominica oratione 17 e 23; De zelo et livore 13-15.

[321] Cf. At 19,1-6.

[322] Cf. 1Cor 2,6.

[323] Cf. Mt 7,21.

[324] Mt 24,5; Mc 13,6.

[325] Alexandre Severo (222-235). Esta carta, portanto, situa-se por volta de 256. Sobre outra perseguição, em seguida, cf. HE 7,28.

[326] Talvez de origem hispânica (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 265).

[327] Houve, no tempo de Máximo o Trácio (235-238), uma perseguição na Capadócia e no Ponto, quando os cristãos foram acusados de causadores de uma série de desastres naturais. Acusações semelhantes eram conhecidas por Cipriano (cf. Ad Demetrianum) e, antes dele, Tertuliano (cf. Apologeticum 40). A esse respeito, veja-se também HE 9,7,8.

[328] G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 268, defende tratar-se da conjunção de duas questões: o batismo administrado por um demônio e por um demônio mediante uma mulher. A primeira parece bastante evidente; quanto à segunda, vale recordar que às mulheres não era permitido administrar o batismo (cf. TERTULIANO, De baptismo 17,2; De praescriptione haereticorum 41,5).

[329] Cf. Gl 1,20.

[330] Gl 3,27.

[331] Cf. Jo 3,5-6.

[332] 2Cor 11,2.

[333] Sl 44,11-12.

[334] Cf. Ct 4,8.

[335] Ct 5,1.

[336] Mt 12,30; Lc 11,23.

[337] Ct 4,12-13. Cf., também, ep. 74,11,2.

[338] Cf. Gn 2,8.

[339] Cf. 1Pd 3,21.

[340] Cf. Gn 7,23.

[341] Cf. Mt 16,18.

[342] Mt 16,19.

[343] Jo 20,22-23.

[344] Cf. Nm 16,1-40.

[345] Cf. Rm 10,2-3.

[346] Cf. Ef 4,22.

[347] Cf. ep. 71,3.

[348] Fl 1,18. Cf. ep. 73,14.

[349] Cf. De lapsis 25.

[350] 1Cor 11,27.

[351] Pr 9,18, conforme a LXX.

[352] Cf. Ct 4,12.

[353] Pr 19,5.9.

[354] Cf. Gn 9,5.

[355] Cf. Mt 25,42.

[356] Pr 29,22.

[357] Ef 4,1-6.

[358] Cf. Ef 4,2.

[359] Cf. HE 7,5,4.

[360] Ef 4,3.

[361] Cf. Ef 4,4.

[362] Ef 4,5-6.

[363] Cf. Mt 24,24.

ÚLTIMAS EPÍSTOLAS - OUTONO DE 258

[1] Todos vítimas da perseguição de Valeriano. Cipriano é informado, ou supõe, que todos foram condenados às minas em Sigus (cf. ep. 79, cabeçalho, e sua n. 41), na Numídia. Seguindo o endereçamento único, G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 279, parece endossar o cabeçalho de Cipriano. As três respostas a esta carta (ep. 77-79), porém, podem indicar que os prisioneiros estivessem em três localidades distintas (cf., logo abaixo, n. 21 e 30); ou, se nas minas de Sigus, em distintas detenções e sem comunicação, o que parece pouco provável. Quanto aos destinatários Nemesiano, Dativo, Félix e Víctor, veja-se, logo abaixo, n. 21. Acerca de Lúcio, cf., abaixo, n. 30. Sobre Jáder e Poliano, cf., abaixo, n. 40. Liteu de Gemellae (sent. episc. 82), na Numídia, não reaparecerá nos cabeçalhos das respostas (ep. 77-79); pode ter morrido no cárcere.

[2] Cipriano foi detido e exilado após comparecer diante do procônsul no final de agosto de 258, sob Valeriano e Galieno (cf. Acta Cypriani 1,1.4).

[3] Cf. 1Cor 5,3.

[4] Cf. 2Tm 2,20.

[5] Cf. 1Cor 3,16; 2Cor 6,16.

[6] Dt 8,3.

[7] Cf. Gl 3,27.

[8] Cf. 1Cor 11,3.

[9] Fl 3,21.

[10] Sl 50,19.

[11] Rm 12,1-2.

[12] Sl 115,12-13.15.

[13] Mt 10,19-20.

[14] Lc 21,14-15.

[15] Cf. Mt 10,32-33.

[16] Mt 5,19.

[17] Cf. Mt 13,8. Veja-se também De habitu virginum 21.

[18] Rm 8,18.

[19] Cf. De dominica oratione 3; 5; 8; 27; De unitate Ecclesiae 8; 12.

[20] Cf. Ef 4,3.

[21] Sobre Nemesiano, cf. n. 322, p. 302. Para Félix, n. 160, p. 241. Víctor, n. 28, p. 33. Dativo é bispo de Badias (sent. episc. 15), na Numídia. Talvez se encontrassem em um cárcere distinto, mas não nas minas de Sigus, pois,

embora o caráter religioso não pareça supor espaço para descrições, não há acenos que permitam pensar que estivessem aí.

[22] Parece que Cipriano foi o primeiro bispo africano a ser processado, e que cópias das Atas Proconsulares (cf. 2,2) devem ter logo circulado (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 287-288).

[23] Cf. Mt 13,8.

[24] Vejam-se, abaixo, ep. 81,1-1 e sua n. 55.

[25] Cf. ep. 78,1,2.

[26] Cf. ep. 76,2,1.2.4

[27] Embora a obra Testimonia ad Quirinum seja geralmente considerada dúbia, G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 280, considera-a autenticamente cipriânica, e que o Quirino aqui mencionado, bem como na ep. 78,3,1, seja seu dedicatário. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 290-291, considera ainda que o subdiácono Hereniano é o mesmo presente nas Atas de Montano e Lúcio. Em todo caso, o subdiácono Hereniano e os acólitos Lucano, Máximo e Amâncio parecem dispor de livre circulação, podendo visitar os cristãos encarcerados e prestar-lhes auxílio em suas necessidades, bem como possibilitar a correspondência entre eles (ep. 78,1,1 e 79,1, onde Amâncio,

por razão desconhecida, não é citado).

[28] Cf. ep. 78,1,1.

[29] Cf. ep. 76,7,3.

[30] Lúcio, redator desta resposta à ep. 76, pode ser o bispo de Castra Galbae (sent. episc. 7), que se tende – embora sem segurança – a identificar como localidade númida. Além dele, porém, há outros dois Lúcios registrados nas sent. episc.: de Membresa (62), na Proconsular, e de Ausafa (73), localidade não identificada. Lúcio pode ter sido o único bispo em seu cárcere, pois, genericamente, escreve em nome de "todos os irmãos que com ele estão". Nem o cabeçalho, nem o conteúdo da carta aludem a que estivessem nas minas.

[31] Sobre tais personagens, cf., logo acima, n. 27.

[32] Cf. ep. 77,2,2. Veja-se, logo acima, n. 22, sobre a difusão da notícia da confissão de Cipriano. Note-se que Cipriano não indica saber se é ou não o primeiro. Além disso, Cipriano não é encarcerado ou condenado às minas devido a seu status: honestior (cf. "Introdução geral: vida", vol. 35/1) (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 278-279).

[33] Cf. 1Cor 9,24.

[34] Cf. Ef 4,3.

[35] Cf. ep. 76,7,3.

[36] Cf. Lc 6,38.

[37] Cf. ep. 76,2,4; 76,4.7,2.

[38] Cf. ep. 77,3,2.

[39] Cf. Gn 8,20-21.

[40] Sobre Félix, cf. n. 160, p. 241. Poliano é bispo de Mileum (sent. episc. 13), e Jader, de Midili (sent. episc. 45), ambas na Numídia.

[41] De Sigus. Cf., acima, ep. 76, cabeçalho, e sua n. 1.

[42] Sobre os personagens, cf., acima, n. 27, p. 471.

[43] Cf. ep. 76.

[44] Cf. ep. 70, cabeçalho, e 71. Eutiquiano, provavelmente, é um dos bispos númidas destinatários da ep. conciliar 70. Não esteve no concílio de 1º de setembro de 256. Sua sede é desconhecida. Poderia estar encarcerado com Cipriano, ou por perto (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 296). Talvez tivesse sido uma espécie de pai espiritual para Poliano.

[45] Sucesso de Abbir Germaniciana (sent. episc. 16), presente nos concílios de 252/253 (ep. 57), de 254 (ep. 67) e de 255 (ep. 70). Pode ter sido martirizado em janeiro de 259 (cf. Martyrologium Hieronymi, 14 Kal. Febr.), citado nas Atas de Montano e Lúcio (21,8), martirizados em maio de 259. Sucesso, e outros (2), em nome dos quais pode ter escrito, talvez desconhecesse o que se tinha determinado em Roma (1,1).

[46] Em resposta a uma carta não conservada ou por iniciativa própria?

[47] Os emissários de Cipriano podem ter trazido a informação do martírio de Sisto II, sucessor de Estêvão. Acerca desse serviço de informação, veja-se G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 300-301.

[48] Cf. Ad Demetrianum 12. Veja-se também TERTULIANO, Scorpiace

1,11.

[49] Da casa de César: funcionários e oficiais do palácio e do Império. Sobre a penetração do cristianismo já então nas diversas classes sociais, cf. HE 7,10,3.

[50] Cujo conteúdo Cipriano acabara de reproduzir (1,2).

[51] Isto é, no cemitério de Calisto, na Via Ápia, o bispo de Roma foi martirizado em 6 de agosto de 258, tendo ocupado por quase um ano a Sé de Pedro. Estêvão morrera em 2 de agosto de 257. Sisto assumiu no final desse mês. Cipriano, porém, não descreve Sisto como mártir. Talvez as relações com Roma não fossem as melhores, como nos tempos de Cornélio (cf. G. W. CLARKE, op. cit., p. 307).

[52] A última carta conservada dirigida a toda a comunidade é a ep. 43, escrita durante a perseguição de Décio, na primavera de 251. Outras cartas, porém, devem ter sido enviadas de seu exílio em Corubis (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 311).

[53] A cerca de 30 km ao norte de Cartago, e onde deveria estar instituído o tribunal do procônsul (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 313). Cipriano esperava confessar em Cartago, e teve de aguardar o procônsul (1,3).

[54] Refere-se a sua propriedade, vendida depois de sua conversão (cf. Introdução 35/1), talvez adquirida por algum cristão (cf. G. W. CLARKE, op. cit., vol. 3, p. 314-315).

[55] Uma fuga provisória, justificada pelo fato – Cipriano explica-o em seguida – de o bispo dever confessar em sua sede, Cartago. Sobre o bispo e sua sede, cf. ep. 66,8,3.

[56] Cf. Mt 10,19-20; 21,26-27.30.

[57] Cf. ep. 61,4; Ad Fortunatum 4.

[58] O conteúdo da esperada carta que acompanhava o edito imperial (cf. ep. 80,1,3) parece não ter sido divulgado.

[59] Cf. ep. 13,4,3; 14,2,2.